



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

LUCIMAR BEZERRA DANTAS DA SILVA

**CARTA-CRÔNICA: UMA TRADIÇÃO DISCURSIVA NO JORNALISMO
POTIGUAR**

FORTALEZA-CE

2012

LUCIMAR BEZERRA DANTAS DA SILVA

**CARTA-CRÔNICA: UMA TRADIÇÃO DISCURSIVA NO JORNALISMO
POTIGUAR**

Tese apresentada ao doutorado em Linguística do Departamento de Letras da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Linguística. Área de concentração: Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Júlio César Araújo

FORTALEZA-CE

2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

-
- S581c Silva, Lucimar Bezerra Dantas da.
Carta-crônica : uma tradição discursiva no jornalismo potiguar / Lucimar Bezerra Dantas da Silva – 2012.
216 f. : il. color., enc. ; 30 cm.
- Tese(doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2012.
Área de Concentração: Linguística.
Orientação: Prof. Dr. Júlio César Rosa de Araújo.
- 1.Cartas. 2.Análise do discurso. 3.Memória autobiográfica. 4.Jornalismo – Rio Grande do Norte – 1914-2010. 5.Jornais brasileiros – Rio Grande do Norte – 1914-2010. I.Título.

LUCIMAR BEZERRA DANTAS DA SILVA

**CARTA-CRÔNICA: UMA TRADIÇÃO DISCURSIVA NO JORNALISMO
POTIGUAR**

Tese apresentada ao doutorado em Linguística do Departamento de Letras da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Linguística. Área de concentração: Linguística.

Aprovada em: 21/12/2012.

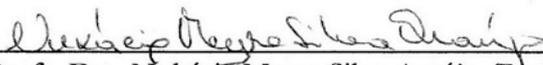
BANCA EXAMINADORA



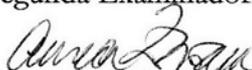
Prof. Dr. Júlio César Rosa de Araújo (PPGL/UFC)
Presidente-Orientador



Prof. Dr. Orlando Vian Júnior (PPGeL/UFRN)
Primeiro Examinador



Prof. Dra. Nukácia Meyre Silva Araújo (PosLa/UECE)
Segunda Examinadora



Prof. Dra. Áurea Suely Zavam (PPGL/UFC)
Terceira Examinadora



Prof. Dra. Maria Margarete Fernandes de Souza (PPGL/UFC)
Quarta Examinadora

À professora Dra. Bernardete Biasi-Rodrigues
que permanecerá para sempre na lembrança e
nos corações daqueles que mereceram sua
amizade e que tiveram a oportunidade de tê-la
como parceira intelectual.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Júlio Araújo, em especial, por ter me acolhido como sua orientanda quando a Profa. Dra. Bernardete Biasi-Rodrigues ficou impossibilitada de me acompanhar nesta empreitada; pela sabedoria com que nos orienta; pela capacidade que tem de apontar os melhores caminhos; pela relação de amizade que consegue estabelecer com os orientandos; e, finalmente, pelo imenso respeito que dispensa aos seres humanos;

À Profa. Dra. Nukácia pelas valiosas sugestões para melhorar minha pesquisa durante as duas qualificações (você não imagina quantos ensinamentos tirei das suas críticas e como suas observações foram decisivas para eu encontrar o caminho, depois de trilhar por tantos atalhos);

À Profa. Dra. Áurea que sempre esteve presente ao meu lado ao longo desta jornada e com seu olhar crítico apontou soluções para os problemas da tese na primeira qualificação;

Aos professores Dr. Orlando Vian e Dra. Maria Margarete Fernandes por aceitarem compor a banca de examinadores desta tese;

Ao Prof. Dr. José Roberto, pela elaboração da versão do resumo para o inglês;

Ao Prof. Dr. Leontino Filho, meu querido colega da UERN, por ter me falado sobre as cartas de Paulo Bezerra que deram origem às primeiras ideias para a tese e por ter me emprestado livros que fundamentaram esta pesquisa;

Ao Prof. Dr. Antônio Távora por ter me apresentado à Bernardete Biasi-Rodrigues durante o Siget de Tubarão-SC, pois esse encontro foi decisivo para nossa parceria no doutorado;

À minha querida amiga Fábica Lúcia por ter me hospedado em Fortaleza durante os três anos do doutorado e por ter me acompanhando em muitas viagens Mossoró-Fortaleza-Mossoró;

Ao Claudinho Montenegro por ter dividido comigo seu espaço durante três anos;

Às amigas de todas as horas Danísia, Fábica e Seyssa por me darem força e por compreenderem que minhas ausências e meus esquecimentos eram justificáveis;

Ao jornalista Woden Madruga por ter facilitado meu acesso ao Arquivo do Jornal Tribuna do Norte e por ter feito a ponte entre mim e Paulo Bezerra;

Ao escritor Paulo Bezerra pelo envio do livro Outras Cartas do Sertão do Seridó;

Ao jornalista e cronista Vicente Serejo pela valiosa conversa sobre o universo de Eloy de Souza;

À Profa. Dra. Socorro Aragão pelos momentos prazerosos que passamos durante o curso de doutorado;

À Profa. Dra. Mônica Magalhães, sempre atenciosa e disposta a resolver os problemas dos alunos enquanto exerceu o cargo de coordenadora do PPGL;

À Profa. Dra. Isabel Magalhães que nos conscientizou sobre a importância do método para a pesquisa;

À Profa. Dra. Emília Farias pela valiosa contribuição ao meu artigo de qualificação;

Aos companheiros do Tradice, pelas fecundas discussões na área da linguística histórica;

Aos funcionários do PPGL, especialmente Antônia e Eduardo, pela atenção e prontidão em ajudar;

Aos colegas com quem cursei disciplinas e partilhei conhecimentos nos três anos de curso;

Aos colegas professores do DLV/UERN que contribuíram para minha liberação das atividades de sala de aula;

Ao meu filho Erasmo que durante minhas ausências substituiu-me na tarefa diária de cuidar dos irmãos;

Ao Erasmo, meu companheiro de 30 anos, pelo incentivo e por acreditar que eu poderia sempre ir mais longe;

Aos meus pais pelo orgulho que sentem de mim;

Aos meus filhos Matheus e Maria Luísa por compreenderem minhas ausências durante o período do doutorado.

RESUMO

O objetivo geral desta pesquisa foi o de descrever e caracterizar a carta-crônica como um gênero discursivo, numa perspectiva sincrônica, e como uma tradição discursiva (TD), numa perspectiva diacrônica. O referencial teórico no qual nos apoiamos para descrever esse gênero foi a teoria enunciativa de Bakhtin (2010, 2003, 1988, 1976), especialmente os conceitos de transmutação e hibridismo; a teoria dos gêneros com base em Bhatia (2009, 2004, 2001, 1990; Swales (2009, 2004, 1990); Bazerman (2005, 1994) e Maingueneau (2011, 2006). Para caracterizar a carta como uma TD tomamos como referência Coseriu (1979, 1980, 2007); Schlieben-Lange(1983); Kabatek (2004a,b) e Koch (2008). A metodologia utilizada baseou-se no modelo proposto por Zavam (2009) para a análise diacrônica de gêneros. A aplicação dessa metodologia permitiu que constituíssemos um *corpus* de 75 cartas-crônica, coletadas nos jornais do Rio Grande do Norte, *A República*, *Diário de Natal* (Propriedade do “Centro da igreja Catholica”) e *Tribuna do Norte* , no período de 1914 a 2010. Para conhecer a trajetória da carta-crônica e identificar as transformações pelas quais elas foram afetadas ao longo do tempo, dividimos os *corpus* em três fases, com uma amostra de 25 cartas em cada fase. A análise dos dados nos autoriza a afirmar que a carta-crônica é uma tradição discursiva no jornalismo potiguar. Os resultados mostram que a tradição discursiva carta-crônica se caracteriza pela evocação ao passado. Portanto, a narrativa de histórias passadas evocadas pela memória é o traço definidor dessa TD.

Palavras-chave: Carta-crônica. Gênero discursivo. Tradição discursiva. Memória.

ABSTRACT

As main objective of this research we describe and characterize the chronicle-letter as a discursive genre, in a synchronic perspective, and as a discursive tradition (DT), from a diachronic perspective. The theoretical reference which we based on to describe this genre was the discursive theory by Bakhtin (2010, 2003, 1988, 1976), specially the concepts of transmutation and hybridism; genre theory, based on Bhatia (2009, 2004, 2001, 1990); Swales (2009, 2004, 1990); Bazerman (2005, 1994) and Maingueneau (2011, 2006). To characterize the letter as a Discourse Tradition we have taken into account Coseriu (1979, 1980, 2007); Schlieben-Lange (1983); Kabatek (2004a,b) and Koch (2008). The methodology was based on the model proposed by Zavan (2009) to analyze genre diachronically. Through this methodology we constituted a corpus composed of 75 chronicle letters, collected in the following newspapers from Rio Grande do Norte, Brazil: *A República*, *Diário de Natal*, (a Catholic Church Center Newspaper), and *Tribuna do Norte*, from Rio Grande do Norte, in the period from 1914 to 2010. In order to analyze the route of the chronicle letter and to identify the transformations that affected them along time, we approached them in three phases, with a sample of 25 letters in each one. The data analysis allows us to affirm that the chronicle letter is a discursive tradition in Rio Grande do Norte journalism. The results show that a chronicle letter discursive tradition is characterized by past evocation. Thus, the narrative of evoked past histories through memories is a defining feature in this discursive tradition.

Keywords: Chronicle-letter. Discursive genre. Discursive tradition. Memory.

RESUMÉ

L'objectif général de cette recherche a été ce de décrire e caractériser la lettre-chronique comme un genre discursif, dans une perspective synchronique, et comme une tradition discursive (TD), dans une perspective diachronique. Le rapport théorique dont nous avons pris appui pour décrire ce genre a été la théorie énonciative de Bakhtine (2010, 2003, 1988, 1986), spécialement les concepts de transmutation et hybridisme; la théorie des genres basée en Bhatia (2009, 2004, 2001, 1990); Bazerman (2005, 1994) et Maingueneau (2011, 2006). Pour caractériser la lettre comme une tradition discursive nous avons pris come rapport Coseriu (1979, 1980, 2007); Schlieben-Lange (1983); Kabatek (2004a,b) e Koch (2008). La méthodologie utilisée est basée au modèle proposé par Zavam (2009) pour l'analyse diachronique des genres. L'application de cette méthodologie a permis la constitution d'un corpus de 75 lettres-chroniques, pris des journaux du Rio Grande do Norte, *A República*, *Diario de Natal* (Propriété du Centre de l'église Catholique) e *Tribuna do Norte* de 1914 a 2010. Pour connaître la trajectoire de la lettre-chronique et identifier les transformations qui les ont affecté au fil du temps, nous avons partagé les corpus en trois phases, avec un échantillon de 25 lettres à chaque phase. L'analyse du matériel nous autorise à affirmer que la lettre-chronique c'est une tadition discursive au journalisme potiguar. Les résultats montrent que la tradition discursive lettre-chronique est caractérisée par l'évocation au passé. Donc, la narration des histoires évoquées pour la memoire c'est la caracteristique qui défini cette tradition discursive.

Mots-clé: Lettre-chronique. Genre discursive. Tradition discursive. Mémoire.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Agrupamentos de cartas por domínios discursivos e suas inter-relações.....	48
Figura 2 - O suporte como critério para identificação de gêneros.....	51
Figura 3- Os gêneros carta-crônica e crônica nos suportes jornal e livro.....	52
Figura 4 - Análise de gêneros a partir do texto (ASKEHAVE; SWALES, 2009, p. 239)....	61
Figura 5 - Anúncio de medicamento em forma de atestado médico. Fonte: Jornal <i>A República</i> -Natal-RN, (1914).....	78
Figura 6 - Carta aberta em forma de história em quadrinhos.....	79
Figura 7 - Anúncio da pastilha Valda de 1914.....	80
Figura 8 - Anúncio atual da pastilha Valda.....	80
Figura 9 - Tradições discursivas (KABATEK, 2004a, p. 4).....	96
Figura 10 - Encadernação com as edições de <i>A República</i> de 1915.....	103
Figura 11 - Exemplo do processo de edição das cartas-crônica.....	105
Figura 12 - Proposta teórico-metodológica para análise diacrônica de gêneros (ZAVAM, 2009).....	111
Figura 13 - Categorias teórico-metodológicas para análise diacrônica da tradição (TD) carta-crônica.....	118
Figura 14 - Renda de bilro.....	146
Figura 15 – Renda de labirinto.....	146
Figura 16 - Açude Gargalheira, município de Acari-RN.....	159
Figura 17 - Vaqueiros do Seridó com típicos trajes de couro.....	160
Figura 18 - Cerca de pedra em “Barra da Espingarda”, município de Caicó-RN	161
Figura 19 - Abecedário com tipos de letras usados nos ferros de ferrar gado.....	167
Figura 20 – Texto introdutório nas cartas-crônica da 3ª fase.....	199
Figura 21 - Título de cartas-crônica da 1ª fase (1914).....	199
Figura 22 - Título de cartas-crônica da 1ª fase (1926).....	200
Figura 23 - Título de cartas-crônica da 1ª fase (1926).....	200
Figura 24 - Título de cartas-crônica da 1ª fase (1938).....	200
Figura 25 - Título numerado com algarismo romano.....	201
Figura 26 -Título numerado com algarismo arábico.....	201
Figura 27 - Variação do título das “Cartas da Praia”.....	201
Figura 28 - Carta-crônica da 2ª fase com título e subtítulo.....	202
Figura 29 - Título de uma carta-crônica da 3ª Fase.....	202

Figura 30 - Indicação de local e data no final do texto em carta-crônica da 1ª fase.....	205
Figura 31 - Local e data no início do texto em carta-crônica da 3ª fase.....	205
Figura 32 – Local e data no final do texto em carta-crônica da 3ª fase.....	205

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Variedade de gêneros de cartas por instituições e domínios discursivos.....	47
Quadro 2 - Caracterização de três gêneros de cartas que circulam no jornal.....	60
Quadro 3 - Níveis da linguagem segundo Coseriu (1980).....	93
Quadro 4 - Níveis e domínios linguísticos, segundo Koch (1997).....	95
Quadro 5 - Total de cartas-crônica fotografadas para a constituição do <i>corpus</i>	104
Quadro 6 - Divisão do <i>corpus</i> em fases, considerando tempo e espaço.....	109
Quadro 7 - Divisão do corpus por fases e total da amostra.....	110
Quadro 8 - Termos de saudação inicial identificados nas três fases.....	195
Quadro 9 - Termos de fechamento identificados nas três fases.....	196
Quadro 10 - Assinaturas identificadas nas três fases.....	197
Quadro 11 - Títulos identificados nas três fases.....	203

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	A HISTÓRIA DA EPISTOLOGRAFIA: DAS CARTAS MANUSCRITAS ÀS CARTAS PUBLICADAS NO JORNAL	22
2.1	Cartas e suas relações com outros gêneros.....	22
2.2	A carta na sociedade burguesa do século XVIII.....	24
2.3	As cartas e notícias.....	25
2.4	Os serviços de posta e a regularização da correspondência.....	26
2.5	O jornal e a diversificação das cartas.....	28
3	ATIVIDADES MEDIADAS POR CARTAS EM DIFERENTES DOMÍNIOS DISCURSIVOS	30
3.1	As noções de gênero e subgênero na constituição de agrupamentos.....	38
3.2	Agrupamentos de cartas por domínios discursivos.....	40
3.3	Cartas que circulam nos domínios cotidiano, literário e jornalístico.....	44
3.4	Interrelações entre cartas dos domínios cotidiano, literário e jornalístico.....	48
3.5	O papel do suporte na identificação de gêneros discursivos: a carta-crônica no jornal e no livro.....	49
3.6	Jornal: um suporte para várias cartas.....	53
3.7	Três gêneros de carta prototípicos do jornal.....	54
4	GÊNERO DISCURSIVO, TRANSMUTAÇÃO E HIBRIDIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DE BAKHTIN	64
4.1	A construção do conceito de gêneros do discurso em Bakhtin.....	65
4.1.1	<i>A concepção dialógica da linguagem, enunciado e gêneros discursivos</i>	65
4.1.2	<i>O caráter dinâmico e adaptativo dos gêneros</i>	67
4.2	Os fenômenos da transmutação e da hibridização na constituição dos gêneros discursivos.....	70
4.3	Revedo a ampliação do conceito de transmutação e a relação entre transmutação e hibridização.....	75
4.4	A construção híbrida da carta-crônica: entre o jornalismo, a literatura e os temas cotidianos.....	85
4.4.1	<i>Sobre a crônica</i>	86
4.4.2	<i>Carta-crônica: um gênero transmutante</i>	88

5	O CONCEITO DE TRADIÇÃO DISCURSIVA E A HISTORICIDADE DOS TEXTOS.....	92
5.1	Os três níveis da linguagem conforme Coseriu e o conceito de TD.....	93
5.2	A duplicação do nível histórico da linguagem e o conceito de TD.....	94
5.3	A distinção entre TD e gênero discursivo.....	97
5.4	Carta-crônica: uma TD no jornalismo potiguar.....	99
6	PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....	102
6.1	A constituição do <i>corpus</i> e a coleta dos dados.....	102
6.1.1	<i>Normas para a edição das cartas-crônica.....</i>	106
6.1.2	<i>Divisão do corpus em fases e seleção da amostra.....</i>	106
6.2	Categorias conceituais e metodológicas: analisando o contexto e o texto.....	111
6.2.1	<i>A análise do contexto.....</i>	113
6.2.2	<i>A análise do texto.....</i>	115
7	ANÁLISE DA TRADIÇÃO DISCURSIVA CARTA-CRÔNICA.....	120
7.1	A dimensão do contexto: a história social revelada nas cartas-crônica.....	120
7.1.1	<i>História do jornalismo potiguar: sobre os jornais em que as cartas-crônica foram/são publicadas.....</i>	121
7.1.2	<i>A história social de sertanejos e pescadores: sobre costumes e tradições no sertão e no litoral potiguar.....</i>	124
	<i>7.1.2.1 A história social nas cartas-crônica da primeira fase (1914-1938).....</i>	124
	<i>7.1.2.2 A história social nas cartas-crônica da segunda fase (1967-1980).....</i>	143
	<i>7.1.2.3 A história social nas cartas-crônica da terceira fase (1985-2010).....</i>	153
7.2	A dimensão do texto: evocação ao passado e as lembranças guardadas na memória.....	171
7.2.1	<i>Evocação ao passado nas cartas-crônicas da 1ª fase.....</i>	174
7.2.2	<i>A evocação ao passado nas cartas-crônicas da 2ª fase.....</i>	181
7.2.3	<i>A evocação ao passado nas cartas-crônicas da 3ª fase.....</i>	186
7.3	A norma e a forma: as regularidades do discurso e a historicidade dos textos..	194
7.4	Elementos recorrentes da norma e da forma.....	195
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	207
	REFERÊNCIAS.....	213

1 INTRODUÇÃO

“Se as cartas não fossem cartas, muitas vezes escreveria a V. M. como desejo; mas porque o são, o não ousou de fazer, pois as não leva o vento, como palavras e prumas, antes se guardam tão bem, que a todo o tempo se pode pedir razão de como se escreveram e porque as escreveram”.

(Garcia de Rezende)

Esta pesquisa, vinculada ao Grupo Tradice¹, tem por objetivo geral estudar **cartas-crônicas** publicadas em jornais do Rio Grande do Norte ao longo do século XX e primeira década do século atual como gênero discursivo, numa perspectiva sincrônica, e como tradição discursiva, numa perspectiva diacrônica.

Antes de apresentarmos a justificativa e os demais objetivos desta pesquisa, é importante esclarecer que o gênero e a tradição discursiva que estamos denominando de carta-crônica - crônicas estruturadas em forma de carta e remetidas ao redator do jornal – foram/são publicadas com o rótulo “carta”, mas em face da natureza desta pesquisa, a atribuição de um nome para nosso objeto de estudo mostrou-se imprescindível.

A decisão de propor uma denominação para esse gênero de carta tem caráter teórico e metodológico e amparou-se em duas questões: a primeira é que por serem cartas publicadas em jornal, espaço em que também circulam outros gêneros epistolares (carta do leitor, carta aberta, carta do editor, carta-pergunta, carta-manifesto etc.), era preciso distingui-la desses outros gêneros; a segunda é que, em face da diversidade de gêneros epistolares existentes nas diversas práticas discursivas, o termo “carta”, especificamente no contexto da teoria dos gêneros, não remete necessariamente a um gênero, mas a uma forma textual que se caracteriza pela presença de elementos prototípicos: local e data, saudação inicial (abertura), conteúdo, saudação final (fechamento) e assinatura.

Com relação ao caminho teórico-metodológico traçado, em se tratando de um gênero ainda não descrito e, considerando que um dos objetivos é conhecer sua trajetória ao longo da história, optamos por adotar duas perspectivas de análise: uma sincrônica e outra diacrônica. Na perspectiva sincrônica, o objetivo foi descrever a carta-crônica, diferenciando-a de outros gêneros epistolares que circulam no jornal, mostrando as relações que ela estabelece com

¹ O grupo de pesquisa Tradições Discursivas do Ceará (Tradice), cadastrado na Plataforma 5.0 do CNPq, foi criado em 2004, tendo como uma de suas co-fundadoras a Profa. Dra. Bernadete Biasi-Rodrigues. O grupo é vinculado ao PPGL/UFC e integra o grupo de pesquisa para a História do Português Brasileiro (PHPB). Seu principal objetivo é estudar a história dos gêneros textuais no escopo dos estudos sobre a história do português brasileiro.

gêneros do domínio literário e cotidiano. Para tanto, tomamos como referência a teoria enunciativa de Bakhtin (2010, 2003, 1988, 1976), especialmente os conceitos de transmutação e hibridismo; a teoria dos gêneros (BAZERMAN, 2005, 1994; BHATIA, 2009, 2004, 2001, 1999; SWALES, 2009, 2004, 1990) e os estudos de Maingueneau (2011, 2006), para embasar as reflexões acerca da carta-crônica como um gênero jornalístico.

Na perspectiva diacrônica, nosso objetivo foi caracterizar a carta-crônica como uma tradição discursiva (TD) e traçar sua trajetória no jornalismo do Rio Grande do Norte, ao longo de quase um século. Analisamos seu percurso histórico e as transformações pelas quais os textos foram afetados nesse percurso.

Esta perspectiva de análise fundamentou-se nos pressupostos da linguística histórica e da linguística de texto, no conceito de historicidade (COSERIU, 1979, 1980, 2007; KABATEK, 2004b; SCHLIEBEN-LANGE, 1983;) e no conceito de tradição discursiva (KABATEK, 2004a; KOCH, 2008).

É inegável que os variados gêneros de carta que organizam práticas discursivas nos contextos profissional, social e acadêmico, onde atendem a propósitos comunicativos próprios de cada campo de atividade, vêm de muito tempo sendo estudados por diversas áreas do conhecimento. Entre os gêneros de carta, a carta pessoal (carta familiar, carta íntima, carta particular) e as cartas que circulam no domínio jornalístico (carta do leitor, carta ao leitor, carta-pergunta, carta do editor, carta aberta etc.) têm interessado sobremaneira às pesquisas em linguística, literatura, comunicação social e história. O que se vê, no entanto, é que esses estudos têm privilegiado a visão puramente sincrônica.

Sobre a predominância da perspectiva sincrônica na análise de gêneros, é preciso esclarecer que foi impulsionada pela avalanche de pesquisas sobre a temática que começou no Brasil na década de 80 do século passado, quando a teoria enunciativa de Bakhtin, principalmente, mudou os rumos das pesquisas sobre textos. A diacrônica na análise de gêneros, por sua vez, é uma vertente recente que tomou corpo quando as ideias desenvolvidas por linguistas da romanística alemã, especialmente o conceito de Tradição Discursiva (TD), começaram a ser incorporadas nas pesquisas sobre mudança linguística e filologia textual pelo grupo Para a História do Português Brasileiro (PHPB). O conceito de TD evidenciou que, ao produzir um texto, o homem se baseia na história da língua e nas formas recorrentes consolidadas pela tradição. Em outras palavras, a historicidade particular das línguas está atrelada à historicidade do homem como ser social, que se comunica por meio de textos.

Nesse contexto, as cartas têm se mostrado um gênero bastante produtivo porque a riqueza temática e a linguagem espontânea, próxima da oralidade, de certo modo facilitam a

identificação de fatos linguísticos em processos de mudança. O certo é que as cartas são presença obrigatória na composição de *corpora* para pesquisas diacrônicas da língua e dos textos.

Além do interesse linguístico, as cartas também são objeto de estudo de outras áreas do conhecimento. Na literatura, os estudos sobre epistolografia procuram enfatizar o caráter estético do texto e seu valor literário, mas também há interesse em analisar de que forma os aspectos da vida particular evidenciados nas cartas influenciam a produção literária de um escritor. Não é à toa que estudiosos da literatura, biógrafos e críticos literários têm dado preferência às cartas pessoais, principalmente à produção epistolar de personalidades conhecidas.

A respeito dessa questão é digno de nota um livro organizado por Galvão e Gotlib (2000) que traz uma coletânea de mais de trinta artigos que tratam da correspondência pessoal de personalidades. Há estudos sobre as cartas de escritores modernistas brasileiros, como Mario de Andrade, Oswald de Andrade, Pedro Nava, Graciliano Ramos, Monteiro Lobato etc.; de figuras da política nacional, como D. Pedro I, D. Pedro II e Getúlio Vargas; e, de personalidades conhecidas mundialmente como Oscar Wilde, Freud e Marx.

As cartas pessoais analisadas são tomadas como fonte de informação autobiográfica e como depoimento histórico. Com base na correspondência trocada entre escritores brasileiros é possível reconstruir os caminhos trilhados para a consolidação de uma literatura nacional (AMARAL, 2001; LOPEZ, 2000; MORAES, 2010, 2000;). Além disso, as cartas pessoais alimentam a curiosidades dos leitores, na medida em que revelam fatos da vida íntima que vêm à tona por meio das cartas.

Os historiadores também estudam cartas particulares porque esses textos são considerados fonte documental, a partir da qual é possível compreender fatos históricos, resgatar e preservar a memória cultural de uma época e de um lugar. A correspondência particular trocada entre Mário de Andrade e o folclorista potiguar Câmara Cascudo entre os anos de 1924 a 1944, por exemplo, tem sido alvo de estudos de historiadores e críticos literários (SOUZA 2000, 2010). Gomes (2001) mostrou a importância da epistolografia para a literatura brasileira a partir de revelações encontradas na vasta correspondência trocada entre esses dois escritores. Para o folclorista potiguar as cartas eram também um meio de manter-se informado sobre as novidades do mundo das letras e da cultura. Byington (2000), na área da história, estudou a correspondência entre os dois para discutir temas comuns que fascinavam ambos: a cultura popular, a literatura e o folclore brasileiro.

No campo da comunicação social, Melo (1985) inclui as cartas como integrantes do jornalismo opinativo, mas não descreve nem faz referências aos diferentes gêneros de carta que circulam no jornal. Sobre essa questão, Bonini (2003) aponta que as tipologias para classificar os gêneros que compõem o jornal no âmbito da Comunicação Social dão conta de inventaria-los, mas há defasagem teórica sobre a noção de gêneros como prática discursiva convencionada e institucionalizada.

Na área da linguística, como já aludimos anteriormente, os gêneros epistolares têm interessado tanto a pesquisadores que estudam fenômenos linguísticos, principalmente ligados à mudança linguística, quanto àqueles que visam à análise e descrição de gêneros. Várias pesquisas na área da linguística histórica atreladas a grandes projetos como o PHPB, o PHPP (Projeto de História do Português Paulista) e o PROHPOR (Programa para a História da Língua Portuguesa) entre outros têm se dedicado à constituição de *corpora* de cartas manuscritas dos séculos XVII, XVIII e XIX, entre as quais se destacam cartas da administração pública e da administração privada, cartas pessoais, cartas de leitores e outros gêneros de carta que circulam na esfera jornalística desde o surgimento da imprensa no Brasil, no início do século XIX.

A análise de cartas manuscritas tem possibilitado aos linguistas reconstruírem e compreenderem aspectos que marcaram o processo evolutivo pelo qual a língua brasileira passou e também definir metodologias de pesquisa. Nessa vertente destacamos os estudos de Brandão e Andrade (2009), Kewitz e Simões (2009); Lopes (2012); Rodrigues, Lima-Hernandes e Spaziani (2009); Simões (2006); Simões e Kewitz (2009, 2006).

A análise diacrônica de textos, com vistas a reconstruir a trajetória de uma tradição discursiva ao longo do tempo e que tem suas raízes no âmbito de filologia alemã, está começando a se fortalecer no Brasil, principalmente entre os pesquisadores que se inserem na interface das áreas da linguística histórica e da linguística textual. Entre alguns estudos já publicados que utilizam *corpus* de cartas, cuja análise toma como referência o conceito de TD, destacamos os de Brandão e Andrade (2009) e Andrade (2008a, 2008b). As primeiras usam como *corpus* cartas da administração privada e cartas particulares dos séculos XVIII para identificar as tradições discursivas que constituem o sistema discursivo das práticas sociais, principalmente aquelas que mostram as marcas de envolvimento e as relações de poder entre os interlocutores. A segunda investiga, em cartas de leitores publicadas em jornais paulistas no final do século XIX, a interação social observada no uso das formas de tratamento e analisa, a partir da imbricação entre o linguístico-discursivo e o histórico, aspectos da história social do português paulista. Embora as autoras citadas abordem o

conceito de TD, o foco recai sobre a análise de aspectos da língua e não sobre a análise da história dos textos.

Na área da linguística textual, a pesquisa de Silva (2002) traz importantes contribuições para aqueles que buscam investigar os gêneros epistolares. O objetivo central da autora foi analisar o funcionamento sociocomunicativo no gênero carta pessoal relacionando-a com outros gêneros de carta que integram a constelação² de gêneros epistolares. A comparação entre a carta pessoal e outros gêneros de carta da esfera pública (ofício, memorando, carta aberta, carta comercial e carta à redação) tem como finalidade salientar a tipicidade da carta pessoal. As considerações feitas pela autora foram úteis para caracterizar a carta-crônica como gênero discursivo, pois também recorreremos a comparações com outros gêneros de cartas que circulam no jornal a fim de definir seu *status* genérico.

Essa breve referência a estudos nas áreas da literatura, da história, da comunicação social e da linguística que utilizam *corpus* de cartas revela que há uma grande carência de estudos com ênfase na diacronia dos textos. Ainda é grande a diferença numérica entre pesquisas que abordam fenômenos puramente linguísticos daquelas que tratam da trajetória evolutiva dos textos, muito embora já possamos mencionar a atuação do Grupo *Tradice* na consolidação dessa perspectiva. Um dos trabalhos pioneiros nessa linha é a pesquisa de Zavam (2009). A autora propôs um modelo teórico-metodológico para a análise diacrônica de gêneros, com o intuito preencher uma lacuna e minimizar as dificuldades no desenvolvimento de pesquisas sobre a diacronia dos gêneros. O referido modelo parte do conceito de transmutação como arquicategoria, a partir do qual os elementos do contexto e do texto, as duas categorias teóricas, podem ser analisados.

Seguindo essa vertente, Biasi-Rodrigues (2010) estudou a história de anúncios publicados em jornais cearenses do século XIX ao século XX. A análise desses anúncios revelou as mudanças que afetaram o gênero ao longo do tempo e os traços que permaneceram como marcas recorrentes da tradição discursiva. A autora utilizou como critérios de análise aspectos do contexto, aspectos pragmáticos e funcionais discursivos que determinaram o tipo de anúncio e o propósito comunicativo e inaugurou uma vertente diacrônica de análise de gêneros.

Ainda nessa perspectiva, Rodrigues (2011) tomou como objeto de investigação anúncios de carros publicados no Brasil e aliou o conceito de tradição discursiva ao de multimodalidade (KRESS; VAN LEEUWEN, 1996), trazendo um olhar inovador para os

² Sobre o conceito de constelação conferir Araújo (2004; 2006)

estudos diacrônicos de gêneros ao acrescentar outras semioses à análise de aspectos verbais dos textos. A autora constatou que os recursos multimodais incorporados aos anúncios de automóveis modificaram a estrutura textual discursiva dos anúncios e serviram como estratégia discursiva para atender o propósito do gênero – vender um produto. A conclusão foi que os recursos multimodais são uma tradição discursiva do gênero anúncio.

Em face da pouca demanda de pesquisas que tratam da história dos gêneros e considerando que essa perspectiva viabiliza a reflexão sobre a relação entre mudança nos textos e mudança na língua, justificamos a importância da pesquisa que estamos propondo. Em concordância com Kabatek (2004a), também acreditamos que o conhecimento da história da língua passa pela história dos textos, por isso é importante empreender esforços para desenvolver estudos que resgatem exemplares antigos, manuscritos e/ou impressos com o intuito de conhecer a história das tradições discursivas. Não custa nada lembrar que em um país como o nosso, onde não há o cuidado adequado com a guarda de papeis, o trabalho filológico é imprescindível para promover a preservação da memória da língua e das tradições discursivas.

O estudo de cartas-crônica publicadas em jornais do Rio Grande do Norte desde o início do século XX até os dias atuais visa a construir, com base na teoria dos gêneros e no conceito de TD, conhecimentos sobre a história evolutiva desse gênero no domínio jornalístico. Acreditamos que o estudo da história evolutiva dessa tradição discursiva revelará aspectos importantes sobre sua constituição como gênero e sobre a história social e cultural do Rio Grande do Norte. Não podemos esquecer que os textos refletem a época em que foram produzidos e também exercem influência sobre os textos que são produzidos hoje. Conforme Biasi-Rodrigues (2010, p. 17), “[...] os gêneros textuais que se praticam hoje carregam, necessariamente, a sua história e revelam tanto traços que nos permitem reconhecer individualmente suas peculiaridades e funções sociais quanto aspectos que nos levam a recuperar a sua origem e evolução”.

Defendemos, portanto, que a investigação da história dos textos e das tradições discursivas que constituem o sistema discursivo das práticas sociais em contextos situados historicamente carece de mais estudos no Brasil. Vale reforçar que, embora exista uma grande quantidade de pesquisas que analisam *corpus* de cartas, não identificamos nenhuma com foco na análise diacrônica. Como já destacamos, na área da linguística histórica, a maior parte das pesquisas volta-se para a investigação de fenômenos como variação e mudança linguística.

Para alcançar os objetivos propostos para esta pesquisa: descrever e caracterizar o gênero carta-crônica no domínio jornalístico e analisá-lo numa perspectiva diacrônica como

tradição discursiva no jornalismo potiguar, foi constituído um *corpus* de 75 cartas-crônica publicadas em três jornais do Rio Grande do Norte: *A República*³, *Diario de Natal (Propriedade do “Centro da igreja Catholica)”*⁴ e *Tribuna do Norte*⁵. As cartas que constituíram o *corpus* foram divididas em três fases, com uma mostra de 25 cartas em cada fase⁶.

Esta pesquisa visa responder às seguintes questões:

- a) Como se dá a constituição da carta crônica?
- b) Que relações a carta-crônica mantém com outros gêneros epistolares que circulam nos domínios literário e cotidiano?
- c) Em que aspectos a carta-crônica se diferencia de outros gêneros epistolares do domínio jornalístico?
- d) Que gêneros são transmutados pela carta-crônica?
- e) O que as cartas-crônica revelam sobre a história social do contexto onde foram produzidas e circulam?
- f) Que traços recorrentes caracterizam a carta-crônica como uma tradição discursiva?

Para alcançar os objetivos propostos e responder às questões apresentadas acima, o escopo teórico-metodológico mobilizado considerou que uma análise diacrônica de gêneros requer um olhar que vai além do texto. Assim, com base modelo teórico-metodológico proposto por Zavam (2009), mas feitas as adaptações suscitadas pelo objeto de estudo desta pesquisa, a análise baseou-se nas categorias teóricas texto e contexto. Na categoria contexto fizemos uma descrição dos aspectos sócio-históricos que situam as cartas-crônica no tempo e no espaço em que foram produzidas e na categoria texto, analisamos os aspectos de natureza linguístico-discursiva recorrentes no gênero.

Esta pesquisa, portanto, está organizada em duas partes. Na primeira parte, composta de três capítulos, desenvolvemos reflexões embasadas pela teoria dos gêneros e pela teoria enunciativa a fim de descrever e caracterizar a carta-crônica como um gênero discursivo. No capítulo 2, revelamos dados sobre a história das cartas, como, por exemplo, de que forma o

³ O jornal *A República* foi fundado em 1º de julho de 1889 por Pedro Velho de Albuquerque Maranhão, para difundir e defender os ideais do Partido Republicano. Inicialmente, pertenceu ao Órgão do Partido Republicano Federal e depois a órgão oficial do Estado do Rio Grande do Norte. Deixou de circular no ano de 1987.

⁴ O *Diario de Natal – Propriedade do “Centro da Igreja Catholica”*, foi fundado em 1924. Não conseguimos saber até que ano ele circulou. As edições de 1926, das quais fotografamos as “Cartas de um Sertanejo”, estão encadernadas em um único volume bastante deteriorado.

⁵ A *Tribuna do Norte* foi fundada na cidade de Natal em 1950 por Aluísio Alves (1921-2006). Jornalista e político influente, ele foi o maior representante da oligarquia “Alves” no estado do Rio Grande do Norte.

⁶ O detalhamento desse procedimento está descrito no capítulo teórico- metodológico.

advento da imprensa foi decisivo para o surgimento de vários gêneros epistolares. No capítulo 3, apresentamos reflexões sobre a importância dos agrupamentos de gêneros para a compreensão do funcionamento dos gêneros e propomos um agrupamento de cartas por domínios discursivos, com ênfase nas cartas que circulam nos domínios literário, jornalístico e cotidiano, para mostrar que a constituição da carta-crônica resulta das relações estabelecidas entre esses três domínios discursivos. No capítulo 4, retomamos os conceitos de transmutação e hibridização, conforme foram abordados por Araújo (2006, 2012) e Zavam (2009, 2012) e, com base na observação da trajetória de certos gêneros e na constituição da carta-crônica, apresentamos uma proposta de redefinição do fenômeno da transmutação, considerando que transmutação implica mescla de gêneros.

Na segunda parte, tratamos de caracterizar a carta-crônica como uma TD. No capítulo 5, apresentamos o conceito de tradição discursiva delineado pela romanística alemã, especialmente pelos escritos de Kabatek (2004) que tem buscado esclarecer esse novo conceito.

No capítulo 6, descrevemos os procedimentos teórico-metodológicos da pesquisa e as categorias de análise, como base no modelo desenvolvido por Zavam (2009) para a análise diacrônica de gêneros.

No capítulo 7, analisamos o *corpus* composto por 75 cartas-crônica, a fim de caracterizar essa TD no jornalismo potiguar. A análise do contexto mostrou que as cartas-crônica são uma fonte significativa da história social do povo potiguar. Muitos aspectos relativos à cultura popular, hábitos, costumes e crenças são mencionados. A análise do texto revelou que a tradição discursiva (TD) carta-crônica se caracteriza pela evocação ao passado, por meio da memória individual e coletiva (HALBWACHS, 2006; LE GOFF, 2003). Por fim, a análise da norma e da forma mostrou que, dos elementos constitutivos da carta-crônica, o título é a marca recorrente dessa tradição discursiva (TD).

Nas considerações finais, sinalizamos para outras perspectivas de pesquisa que poderão ser realizadas com base no *corpus* analisado.

2 A HISTÓRIA DA EPISTOLOGRAFIA: DAS CARTAS MANUSCRITAS ÀS CARTAS PUBLICADAS NO JORNAL

Livre e codificada, íntima e pública, tensão entre segredo e sociabilidade, a carta, melhor que qualquer outra expressão, associa o laço social e a subjetividade. Cada grupo vive e formula à sua maneira esse problemático equilíbrio entre o eu íntimo e os outros. Reconhecer esses diversos modos de manejar a aptidão para a correspondência é sem dúvida melhor compreender o que faz que uma comunidade exista, consolidada pela partilha dos mesmos usos, das mesmas normas, dos mesmos sonhos.

(Chartier)

O objetivo deste capítulo é resgatar alguns aspectos da história das cartas, gênero bastante flexível e com grande capacidade de adaptação a diversas situações de interação para mostrar que, ao longo da história, as cartas foram passando por repetidos processos de reelaboração a fim de corresponder aos propósitos comunicativos específicos dos domínios discursivos em que são produzidas e circulam.

É importante frisar que, para reconstruir a história das cartas, seria necessário percorrer um longo percurso, pois a carta parece ser uma das primeiras formas de comunicação escritas de que se tem notícia. Porém, o nosso propósito não é exaurir a questão, mas apenas mostrar que a versatilidade e a tendência do gênero à diversificação e à inovação estão diretamente ligadas à necessidade humana de comunicação, seja para fechar negócios, para tomar decisões, para firmar acordos ou simplesmente para trocar notícias etc.

Conscientes de que a correspondência implica uma travessia e um correio⁷, também abordaremos algumas questões sobre a criação dos correios na Europa e no Brasil, uma vez que a criação de postagens regulares foi, segundo Rizzini (1977), o que determinou a periodicidade jornalística. Para o autor, “o que a informação precisava para atingir o seu fim não era ser escrita desta ou daquela maneira, mas ser regularmente transmitida do redator ao leitor” (p. 40).

2.1 Cartas e suas relações com outros gêneros

Desde o início de sua história, a carta corresponde a uma necessidade profunda do ser humano: a comunicação. Os estudiosos da epistolografia sempre procuraram destacar o

⁷ Etimologicamente o vocábulo correio originou-se do espanhol *correo* (1492) que significa 'o que tem por ofício levar a correspondência'. Assim, antes da aceção de local de entrega e recebimento de correspondências, correio é sinônimo de carteiro, mensageiro (HAUAISS - on-line).

fascínio que as cartas exercem sobre os homens. Tudo leva a crer que a carta está na origem da comunicação escrita, ou seja, quando a escrita passou a fazer parte das práticas discursivas, a carta foi o gênero usado para firmar acordos políticos, publicar leis, enfim, possibilitar a comunicação entre pessoas de uma mesma comunidade ou de comunidades distantes.

As cartas fascinam porque, além dos inúmeros propósitos a que se destinam, contêm ainda o princípio da inviolabilidade. Por causa disso, ao longo da história, muitos sujeitos delas se serviram para tratar de assuntos secretos, quer ligados à política e/ou economia ou a assuntos familiares e amorosos. As cartas permitem tratar de temas os mais variados em praticamente todos os domínios discursivos da atividade humana.

É preciso destacar que as cartas foram um meio de comunicação importante na divulgação de notícias entre os povos, tanto pela facilidade de circulação quanto pela diversidade de temas abordados. Mesmo quando as primeiras gazetas impressas começaram a circular e os temas de interesse social passaram a ser noticiados por elas, a troca de notícias por meio de cartas permaneceu. Ao tratar da estreita relação entre a forma epistolar e as primeiras gazetas, Rizzini (1977, p. 60) afirma que “as cartas particulares dos séculos XVI, XVII e XVIII possuíam maior conteúdo jornalístico, no sentido informativo, do que a maioria das folhas a mão”, pois as cartas davam conta de tudo: novidades políticas, fofocas da corte, notícias de alta roda, informações comerciais e financeiras etc. e essa forma de atualizar e fazer circular as notícias foi sendo incorporada pelos jornais modernos. O papel das cartas foi de tal forma importante como veículo de comunicação e de divulgação de notícias que “determinadas coleções de cartas são tidas como melhor repositório de fatos e de opiniões do seu tempo, tão preciosas, se não mais, quanto as posteriores coleções de jornais” (RIZZINI, 1977, p. 65). Nesse sentido, por um longo tempo, a carta como veículo de transmissão de notícias parece ter preenchido a função que depois viria a ser ocupada pelos jornais impressos.

Bazerman (2005) tomou como referência dois estudos que abordam o surgimento da carta (WHITE, 1982 e STIREWALT, 1993)⁸ para defender a tese de que esse gênero deu origem a muitos outros. Segundo o autor, essa foi a primeira forma escrita usada na Grécia e no Oriente Próximo para tratar de assuntos de Estado – militares, administrativos e políticos. As cartas de cunho oficial traziam a identificação do autor e da audiência, pois geralmente eram destinadas a um grupo e, portanto, lidas em voz alta pelo mensageiro que representava o emissor.

⁸ Os estudos citados por Bazerman são WHITE, J. L. **Studies in Ancient Letter Writing**. Semeia 22. Chico, CA: Scholars Press, 1982 e STIREWALT, M. L. **Studies in Ancient Greek Epistolography**. Atlanta: Scholar's Press, 1993.

Conforme Bazerman (2005), historicamente as primeiras cartas destinaram-se a usos oficiais e comerciais, mas no processo evolutivo passaram a incluir expressões de preocupação pessoal, até se consolidarem como forma de correspondência particular entre dois indivíduos. Numa época em que o homem não contava com outros recursos materiais para se comunicar à distância, a carta foi uma forma eficiente e segura de realizar a conexão entre os povos e de fazer as notícias circularem. Foi ainda um relevante elemento de socialização, uma vez que muitas eram destinadas para a coletividade e lidas em praça pública.

É inegável o papel que as cartas exerceram no surgimento e consolidação da comunicação escrita entre os povos, mas, em alguns lugares e em certas épocas, elas assumiram uma imensa importância social. Rizzini (1977, p. 9) afirma que, na Roma antiga,

as cartas ocupavam então o lugar dos jornais e prestavam os mesmos serviços. Passavam de mão em mão quando continham novidade de interesse. Liam-se, comentavam-se, transcreviam-se as em que os grandes personagens expunham o seu ponto de vista. Era por meio delas que, atacado, defendia-se o político diante das pessoas cuja estima desejava conservar; emudecido o Fórum, como no período de César, era por meio delas que se procurava formar num público restrito uma espécie de opinião geral. Certas cartas afixavam-se nas praças ou corriam em cópias distribuídas pelos destinatários, tornando-se assim públicas.

Porém, o desenvolvimento da informação possibilitado pela troca de cartas durante o Império Romano sofreu um grande declínio na Idade Média. O principal meio de divulgação das novidades voltou a ser a tradição oral por meio dos jograis e dos trovadores. Segundo Rizzini (1977), durante o período da Idade Média a correspondência de notícias e o jornal epistolar quase desapareceram em função de uma série de circunstâncias. A principal delas era o isolamento a que as pessoas foram submetidas pelo sistema feudal. Os feudos eram protegidos por grandes muralhas e a maioria das pessoas passava toda a vida sem cruzar seus muros, sem saber o que se passava no resto do mundo. Além disso, as longas distâncias, a diversidade de idiomas falados, a carência de pessoas letradas e o alto custo do papiro importado do Egito também contribuíram para o declínio da atividade epistolar.

2.2 A carta na sociedade burguesa do século XVIII

A história das cartas tem uma relação direta com o desenvolvimento econômico das nações e com a manutenção do poder nas mãos de poucos privilegiados. Habermas (2003) investiga a esfera pública nas relações da sociedade burguesa e mostra algumas diferenças

entre as cartas que circulavam na esfera privada e as que circulavam na esfera pública. Segundo ele, no final da Idade Média, quando o comércio mercantilista começa o seu franco desenvolvimento, os comerciantes não tinham interesse na publicidade da informação, ou seja, para eles bastava “um sistema de informações reservado às corporações profissionais e às chancelarias urbanas e da corte, um sistema de informações interno” (HABERMAS, 2003, p. 29). Porém, os valores burgueses em torno das ideias de liberdade, amor e formação desenvolvidos na esfera privada familiar precisavam ser reproduzidos como modelo. Como o modelo burguês se baseia na humanidade dos relacionamentos íntimos das pessoas, no abrigo de suas famílias, a troca de correspondência era uma forma de divulgar e fortalecer o modelo implantado pela sociedade burguesa. Essa nova forma de ver o mundo e de se relacionar deu novo impulso à arte epistolar, a forma literária preferida da burguesia.

Habermas (2003 p.65) lembra que não foi por acaso que o século XVIII tornou-se o século das cartas, pois “escrevendo cartas, o indivíduo se desenvolve em sua subjetividade”, embora epístola familiar tenha sido usada, desde o século XVII, para reforçar os laços entre a esposa e o marido e entre pais e filhos. A carta passa a ser considerada como um “escrito da alma” (HABERMAS, 2003).

É também nesse momento histórico de afirmação da burguesia que o diário íntimo assume a forma de carta, endereçada a um emissor. As cartas bem escritas são copiadas e várias correspondências são escritas para serem publicadas. A publicidade das cartas íntimas e dos diários e a valorização da subjetividade vão dar origem a um novo gênero: o romance burguês. No início, o objetivo de muitos autores ao publicar cartas modelares era pedagógico, ou seja, ensinar como escrever cartas. Mas, a nova forma influencia escritores como Rousseau e Goethe que passam a utilizar a estrutura da carta para escrever romances⁹.

2.3 As cartas de notícias

A afeição por notícias fez surgir na Europa, em meados do século XVIII, as cartas-de-notícias que se encarregavam de contar novidades e fofocas e de fazer crítica literária. Nas

⁹ Na literatura universal há exemplos emblemáticos, a partir do século XVII, de romances epistolares, entre os quais citamos: *As Cartas Portuguesas* (1669) de Soror Mariana Alcoforado; *Cartas Persas* (1721) de Charles de Montesquieu; *La Nouvelle Héloïse* (1761) de Rousseau; *Os sofrimentos do jovem Werther* (1774) de Johann Wolfgang von Goethe; *As Ligações Perigosas* (1782) de Choderlos de Laclos; *A cor púrpura* (1982) de Alice Walker; *A caixa Preta* (1987) de Amos Oz etc. Para saber mais sobre o romance epistolar cf. LAJOLO, Mariza. Romance Epistolar: o voyeurismo e a sedução do leitor. **Matraga**, nº 14, jan. dez. 2002 (PDF). Disponível em: www.pgletras.uerj.br/matraga; VALENTIM, Claudia A. **O Romance Epistolar na Literatura Portuguesa da Segunda Metade do Século XX**. Tese (Doutorado em Literatura Portuguesa). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

cartas-de-notícias encontrava-se “[...] tudo o que é digno de atenção e suscetível de recriar os destinatários” (RIZZINI, 1977, p. 83). Outro importante veículo de divulgação de cartas foram as gazetas manuscritas, popularizadas na Europa do século XV ao XVIII. Em Portugal, circulou de 1701 a 1716 a “Gazeta em forma de Carta”. Escrita por um literato, membro da Academia Real de História, tinha como objetivo noticiar fatos e contar as novidades da família real portuguesa e de personalidades lisboetas (RIZZINI, 1977). Esses fatos legitimam a afirmação de que a origem da imprensa jornalística está diretamente associada à carta como prática discursiva, como bem frisou Bazerman (2005).

A comunicação propiciada pelas cartas mantém-se até hoje porque, além da forma tradicional da entrega de cartas pelo correio, os gêneros adaptaram-se muito bem às novas tecnologias, como a internet (YATES, 2000). A título de ilustração, atualmente a maioria das cartas de leitor que chega à redação de jornais e revistas é enviada por e-mail.

Bazerman (2005) afirma que a flexibilidade é inerente à forma carta, pois através dela é possível elaborar e estabelecer diversas situações comunicativas. Assim, as cartas pessoais foram dando origem a outros tipos de transações, como as comerciais, administrativas ou diplomáticas. Na escola, durante muito tempo, as cartas ficcionais eram uma forma de exercício, cujos temas iam de romances morais ao erotismo.

Uma das questões mais interessantes sobre a história das cartas diz respeito às formas de recebimento e envio. Sempre houve uma preocupação dos emissores quanto à segurança do transporte das cartas até o destino final. Carta implica viagem, percurso, deslocamento de um ponto em direção a outro e, conseqüentemente, exige alguém que a conduza. Se inicialmente a condução de cartas cabia a mensageiros e viajantes, o crescimento populacional e o aumento de pessoas letradas demandaram a criação e aperfeiçoamento do serviço de posta, sobre o qual discutiremos a seguir.

2.4 A importância dos serviços de postagem na regularização da correspondência

A criação de correios regulares na Europa está diretamente ligada aos interesses do comércio exterior pré-capitalista. A intensa troca de mercadorias entre as nações passava pela troca de informações, que por sua vez necessitava de serviços eficientes e regulares. Sobre isso, Habermas (2003, p. 29) afirma que:

A partir do século XIV, a troca antiga de cartas comerciais foi transformada numa espécie de sistema cooperativo de correspondência. As associações comerciais organizaram, a serviço de seus interesses, os primeiros correios partindo em determinados dias, os assim chamados correios ordinários. As grandes cidades comerciais são, ao mesmo tempo, centros de troca de informações.

A implantação de correios foi então se expandindo por toda a Europa. A cidade de Paris começou a contar com um sistema de correio desde o ano de 1315. Inicialmente, os mensageiros faziam a entrega de cartas a pé, mas em 1464 passou a contar com um serviço de correios a cavalo. Em meados do século XVII, por iniciativa do Cardeal Richelieu, o correio francês passou a ser um serviço público, eficiente, organizado e remunerado.

Conforme Rizzini (1977), para exercer controle sobre a troca de correspondência, em 1520, contrário ao governo francês, D. Manuel, então rei de Portugal, criou o cargo de ofício de correio-mor¹⁰ de terra, que foi ocupado por Luís Homem. A sua missão era promover a troca de correspondência dentro do país, taxar o serviço de posta e proibir que pessoas não autorizadas recebessem e entregassem correspondências, um costume da época.

O cargo de ofício de correio-mor do mar, porém, só foi instituído em 1657 pelo rei Afonso VI, para promover a correspondência de Portugal com suas colônias e com outros países. Cabia ao responsável pelo serviço fixar o preço da carta que era calculado pelo número de folhas¹¹.

No Brasil, durante os primeiros séculos de colonização, o serviço postal se deu de forma precária. As cartas trocadas entre as capitanias demoravam meses para chegar ao destino e as notícias já chegavam caducas. Nesse período, a comunicação entre o Brasil, a Europa e a África era feita por navios à vela e a comunicação interna, entre as Capitanias, por almocreves a pé, em animais de sela ou por marinheiros em canoas. A falta de estradas e as grandes distâncias dificultavam a comunicação entre o Governo Central e as Províncias, entre uma Província e outra de forma que decisões políticas importantes não chegavam ao conhecimento de todos ao mesmo tempo (RIZZINI, 1977).

Durante mais de três séculos, o precário serviço postal no Brasil foi monopólio de Portugal. Além dos interesses econômicos, pois a remessa de correspondência era um serviço caro, a centralização dos serviços nas mãos dos portugueses era uma forma de controle político, numa época em que muitos interesses estavam em jogo. No final do século XVIII, com o aumento da demanda de correspondências decorrente das crescentes relações comerciais, diplomáticas e industriais de Portugal, foi criado o Serviço Público de Correios no Rio de Janeiro com o objetivo de melhorar os meios de comunicação, tornando-os mais regulares, seguros e ágeis (BARROS NETO, 2004)

Além disso, os serviços de posta implantados pelos portugueses sofreram muita resistência da população que preferia continuar enviando cartas por mensageiros de confiança.

¹⁰ Título do cidadão a que era concedido o direito de explorar os serviços postais em Portugal no século XVI.

¹¹ Conforme Rizzini (1977, p. 53), por uma carta de 4 folhas, cobrava-se um vintém.

Conforme Rizzini (1977), muito do que sabemos sobre os serviços de posta do Brasil colonial deve-se aos relatos escritos deixados pelos jesuítas. Há relatos sobre o quanto era perigoso e difícil o trabalho dos mensageiros nos primeiros tempos da colonização. As longas distâncias, os perigosos deslocamentos pelo mar e por rios de águas caudalosas, a mata fechada repleta de animais selvagens e índios pouco amistosos eram obstáculos que tinham de ser vencidos pelos mensageiros. Somente no final do século XVIII, os correios regulares começaram a ser criados, ligando, inicialmente, o Rio de Janeiro a São Paulo. Porém, o desenvolvimento de serviços postais eficientes no Brasil só ocorreu mesmo com a vinda da família real em 1808.

Rizzini (1977) afirma que a implantação de serviços de posta no mundo moderno teve uma importância ímpar, uma vez que não só possibilitou a regularidade da correspondência, mas também a troca regular de cartas antecipou duas características típicas do jornalismo: a divulgação da notícia e a periodicidade.

2.5 O jornal e a diversificação das cartas

Desde os gregos com as cartas administrativas, passando pelas gazetas manuscritas em forma de cartas difundidas pela Europa nos séculos XVI, XVII e XVIII até novos gêneros que surgiram com o desenvolvimento do jornal e com a chegada da internet, a prática social da escrita de cartas passou por inúmeras etapas, se reinventou e se transformou. Não há como negar que, embora possamos encontrar cartas em domínios mais tradicionais, como o administrativo, o comercial, o religioso e o jurídico, o advento da imprensa foi decisivo para a popularização das cartas e para o surgimento de diversos outros gêneros. Sobre essa questão, Bazerman (2005) afirma que o jornal, a revista científica e o romance, três tipos de escrita que floresceram com a cultura impressa, parecem ter alguma conexão com a carta.

O advento da cultura impressa tornou possível a cópia de cartas, o que possibilitou uma maior divulgação, pois elas podiam ser enviadas e lidas por várias pessoas individualmente ou em grupos em espaços públicos. Assim, o ato de escrever cartas pode abarcar uma infinidade de propósitos comunicativos: divulgar notícias, solicitar favores, reafirmar laços, divulgar ideias literárias, científicas, religiosas etc., firmar acordos, ensinar, avisar, divulgar produtos, conceder bens, conceder patentes, firmar contratos, documentar decisões importantes, atestar, entre outros. A variedade de usos e finalidades que acompanham essa prática discursiva ao longo do tempo possibilitou que fossem criados diferentes gêneros para cada tipo de transação comunicativa.

A carta, portanto, encaixa-se perfeitamente na concepção de fluidez e plasticidade com que muitos estudiosos concebem os gêneros. Mesmo considerando que compartilham algumas características formais que funcionam como pistas para que os usuários possam identifica-los como tal, os diversos gêneros de carta foram, ao longo do tempo, sendo adaptados e reformulados para atender novos propósitos. Assim, conforme o domínio discursivo (cotidiano, jurídico, jornalístico, comercial, administrativo, institucional, comercial, religioso etc.) a que estejam atreladas, as cartas vão se definindo como gêneros distintos uns dos outros. Por isso, hoje é bem aceita a categorização de gêneros discursivos com base na noção de agrupamento.

No capítulo 3 a seguir, discutiremos alguns conceitos de agrupamentos de gêneros (; BAZERMAN, 1994; BHATIA, 2004; DEVITT, 1991; ORLIKOWSKI e YATES, 1994; SPINUZZI, 2004; SWALES, 2004) e apresentaremos uma proposta de agrupamentos de cartas com base nos domínios discursivos em que são produzidas e circulam. Além disso, vamos situar a carta-crônica no domínio jornalístico e refletir sobre as relações que ela mantém com as cartas que circulam nos domínios cotidiano e literário.

3 ATIVIDADES MEDIADAS POR CARTAS EM DIFERENTES DOMÍNIOS DISCURSIVOS

Depois das visitas e da conversação, o laço social mais extenso e variado é a comunicação epistolar. Admirável invento que aproxima os ausentes, encurta as distâncias, mitiga as saudades, adoça o dissabor da separação, estreita os vínculos da amizade, nutre n' alma o fogo da esperança, e ainda depois da morte conserva um monumento perdurável de afeição e ternura com que dois corações se amaram.

(Pe. José Inacio Roquette)¹²

O objetivo deste capítulo é mostrar a diversidade de gêneros de cartas e a possibilidade de agrupá-los tomando como referência os domínios discursivos onde são produzidos e circulam.

Consideramos importante fazer esse corte sincrônico antes de partirmos para a análise diacrônica, para diferenciar a carta-crônica de outros gêneros de cartas que circulam no jornal e para compreender as relações que esse gênero mantém com outros gêneros epistolares que circulam nos domínios literário e cotidiano.

Além disso, alguns analistas têm dado ênfase aos agrupamentos de gêneros, considerando que só podemos encontrar explicações adequadas sobre como funcionam em contextos reais quando levamos em conta as relações que eles estabelecem entre si são levadas em conta. Conforme observou Bezerra (2011), no mundo real, os gêneros discursivos não atuam sozinhos, mas inter-relacionados com outros.

Bhatia (2009) adverte que, embora os estudos de gêneros hoje sigam embasamentos teóricos e metodológicos distintos, as descrições feitas apontam, pelo menos, três traços comuns. O primeiro relaciona-se ao conhecimento convencionalizado. Portanto, a definição do status genérico de um texto leva em conta os contextos comunicativos convencionalizados, os propósitos comunicativos e o estabelecimento de formas estruturais relativamente estáveis. O segundo traço diz respeito à versatilidade dos gêneros, por isso, para dar conta dessa versatilidade, os modelos de análise procuram detalhar como se dá o relacionamento entre texto e contexto e entre a língua e a cultura. Por fim, o terceiro traço diz respeito à tendência dos gêneros para a inovação. Esse último aspecto explica o caráter dinâmico dos gêneros que, manipulados por membros experientes das comunidades discursivas, se abrem cada vez mais

¹²O Pe. José Inácio de Roquette publicou em 1860 o livro **O novo secretário português ou código epistolar** que foi reeditado no Brasil por SCHWARCZ, Lilia K. Moritz; ROQUETTE, J. I. **Código do bom tom**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. O trecho citado está no capítulo dedicado à escrita epistolar.

a inovações e a hibridizações e reforça a necessidade de estudar os gêneros considerando que nas práticas comunicativas, os gêneros não funcionam isoladamente.

Araújo (2012) defende que a elaboração de categorias que visam ao agrupamento de gêneros é uma estratégia de estudo que auxilia o pesquisador a entender melhor a complexidade das práticas de linguagem. Embora amparados por critérios de agrupamentos distintos (como veremos a seguir), os pesquisadores que estudam os gêneros em conjunto buscam por um lado identificar as especificidades de cada gênero e por outro compreender como se relacionam com outros gêneros tanto no interior do agrupamento quanto fora dele.

Na literatura atual sobre descrição de gêneros, podemos encontrar vários modelos de agrupamentos que recebem diferentes denominações em função das especificidades dos gêneros agrupados e das relações que podem ser estabelecidas entre eles. Dentre esses agrupamentos destacam-se: conjunto, sistema, cadeia, colônia, hierarquias, repertórios, redes, ecologias e constelação de gêneros. É importante destacar que constelação e agrupamento são empregados como termos sinônimos. Bhatia (2004)¹³ e Swales (2004), por exemplo, usam o termo constelação quando se referem aos tipos de agrupamentos por eles estudados. Araújo (2006; 2012) também adota a metáfora da constelação para estudar os variados tipos de *chats*. Ao comparar os vários conceitos de agrupamentos, Bezerra (2011) mostra que há entre essas abordagens semelhanças e diferenças. Portanto, a escolha por um ou outro conceito deve tomar como parâmetros o propósito do estudo e a natureza do objeto a ser investigado.

Com o intuito de mostrar como cada tipo de agrupamento está configurado e os diversos caminhos teórico-metodológicos através dos quais os gêneros podem ser investigados, apresentamos a seguir, de forma resumida, algumas propostas de agrupamentos existentes na literatura sobre análise de gêneros e os conceitos que emergem de cada modelo.

a) Conjunto de gêneros

A noção de conjunto de gêneros, desenvolvida por Devitt (1991), é um dos estudos pioneiros sobre agrupamento de gêneros. Um conjunto de gêneros compreende todos os gêneros orais e/ou escritos que um indivíduo produziu ou virá a produzir no exercício de sua função profissional ou acadêmica. No estudo citado, a autora analisou treze gêneros

¹³Bezerra (2007) esclarece que os termos “constelação” e “colônia de gêneros” são usados alternativamente por Bhatia (Cf. BHATIA, V. Genre-mixing in academic introductions. **English for Specific Purposes**. v. 16, n. 3, 1997, p. 181-195 e BHATIA, V. Genre analyses today. **Revue Belge de Philologie et d’Histoire**. v. 75, n. 3, 1997, p. 629-652). Já em **Worlds of written discourse**, publicado em 2004, o autor indiano faz uma escolha terminológica pelo termo “colônia de gêneros” e dedica um capítulo inteiro para esclarecer o conceito desse agrupamento. Apesar disso, o termo constelação continua a ser usado pelo autor.

produzidos na comunidade discursiva dos contadores fiscais americanos. A conclusão é a de que esse conjunto de gêneros forma uma complexa rede de interação, um estruturado conjunto de relações através do qual os gêneros se conectam entre si numa cadeia sequencial de ações. Um texto se insere em outro texto e nenhum texto funciona sozinho, pois cada gênero produzido corresponde a uma atividade que irá originar outra e assim sucessivamente.

b) Sistema de gêneros

O conceito de sistema de gêneros foi desenvolvido por Bazerman (1994) como uma ampliação do conceito de conjunto de gêneros de Devitt (1991). Para ele, um sistema de gêneros compõe-se de gêneros inter-relacionados que interagem uns com os outros em contextos específicos. Para conceituar sistema de gêneros, o autor analisou documentos que compõem o sistema de patentes nos Estados Unidos. Assim, um sistema de gêneros seria formado por todos os gêneros que instanciam um evento completo.

No caso do pedido de patente, o sistema compõe-se das cartas do cliente e para o cliente, do governo e para o governo, do contador e para o contador. Há entre os conceitos de conjunto e sistema de gêneros muito mais semelhanças que diferenças. Porém, a principal diferença entre os dois modelos é que, enquanto o conjunto de gêneros apresenta uma perspectiva individualista, ou seja, os gêneros são produzidos por um único indivíduo, o sistema de gêneros se organiza numa perspectiva comunitária em que todos os envolvidos no processo interagem por meio de gêneros que formam um sistema completo de ações.

c) Repertório de gêneros

O conceito de repertório de gêneros foi desenvolvido por Orlikowski e Yates (1994) ao tratarem de gêneros que fazem parte da estruturação de práticas comunicativas em organizações. Ao contrário dos dois agrupamentos já referidos, nos quais os gêneros se organizam em sequência, em um repertório de gêneros há ao mesmo tempo sobreposição e sequência de ações comunicativas. As autoras defendem que, quando os membros de uma comunidade produzem certos gêneros, eles vão constituindo o repertório de textos dessa comunidade. A produção de gêneros não apenas reafirma o papel dos membros da comunidade, mas também possibilita a reprodução de aspectos importantes da identidade dessa comunidade e de seu processo de organização.

Dois aspectos são importantes em um repertório de gêneros: o primeiro é a sua composição, ou seja, todo repertório é formado por um conjunto de gêneros. O segundo diz respeito à frequência com que os membros da comunidade fazem uso deles. Portanto, a composição de um repertório de gêneros revela tanto o tipo de atividade comunicativa que os membros da comunidade praticam quanto o uso de um repertório indica com que frequência e quais gêneros são produzidos em diferentes fases da interação comunicativa. Portanto, cada campo de atividade possui seu repertório de textos que caracteriza as atividades realizadas pelos seus integrantes. Para as autoras, conhecer o repertório de gêneros produzidos por integrantes de uma determinada comunidade é uma forma obter informações sobre como os membros se comunicam e sobre a natureza das interações e das atividades desenvolvidas, pois os textos produzidos refletem aspectos da organização dessa comunidade.

d) Ecologia de gêneros

O conceito de ecologia de gêneros foi desenvolvido por Spinuzzi (2004) para ampliar a noção de repertório de gêneros. Para o autor, embora o conceito de repertório de gêneros conceba os gêneros como entidades que se sobrepõem, apresenta limitações, pois dá ênfase apenas os gêneros oficiais. Conforme a noção de ecologia os gêneros – oficiais e não oficiais relacionam-se uns com os outros em intrincadas teias de entrelaçamento. Nessas teias ou camadas sobrepostas, os gêneros não apresentam necessariamente uma relação sequencial, nem se sobrepõem, no sentido concebido por Orlikowsky e Yates (1994), mas podem ser utilizados e conectados de maneiras bastante diferentes, uma vez que a ênfase recai sobre o dinamismo e a capacidade de adaptação dos gêneros às novas exigências que vão surgindo.

Os gêneros da ecologia são vistos como entidades dinâmicas e adaptativas que se transformam em consonância com as mudanças que ocorrem nas atividades mediadas. Os gêneros não são apenas produzidos e comunicados, mas representam o pensamento de uma comunidade. Nesse sentido, o conceito de ecologia não incide nem no indivíduo nem na comunidade, mas na atividade. A atividade, por sua vez, é constitutiva e constituída pelo gênero. Para Spinuzzi (2004, p. 6), “As ecologias de gêneros constantemente importam, hibridizam e desenvolvem os gêneros (e ocasionalmente os descartam) e essas mudanças dinâmicas na ecologia de gêneros tendem a mudar toda a atividade”¹⁴. É importante destacar que esse dinamismo é contrabalanceado por uma relativa estabilidade, especialmente em

¹⁴No original: “genre ecologies are constantly importing, hybridizing, and evolving genres (and occasionally discarding them), and these dynamics changes in a genre ecology tend to change the entire activity”.

atividades mais tradicionais, nas quais os gêneros desenvolvem conexões relativamente estáveis com outros gêneros.

e) Constelações por hierarquias, cadeias, grupos e redes de gêneros

Swales (2004) observou que os gêneros produzidos em um determinado domínio discursivo, como o acadêmico, apresentam vários tipos de relações. De acordo com as diferentes relações, propôs uma tipologia de constelações de gêneros que podem se agrupar de quatro modos diferentes: por hierarquia, em cadeias, grupos ou redes.

Para construir o conceito de **hierarquia de gêneros**, ele partiu da constatação de que as comunidades científicas elegem entre os gêneros que produzem aquele que é mais importante e que dá mais notoriedade aos seus membros. Comparando os gêneros produzidos em duas áreas disciplinares, a Linguística e a Botânica, ele verificou que o artigo científico é o gênero mais valorizado pelos linguistas e que na área de Botânica o lugar mais alto na hierarquia dos gêneros é ocupado pela monografia. Isso significa que o processo de hierarquização de gêneros é relativo e depende das convenções que são adotadas pelos profissionais de cada área do conhecimento.

Portanto, quando um analista de gêneros agrupa gêneros que são produzidos em determinada área disciplinar na qual há atribuição de um valor maior para determinado gênero, considerado o gênero de prestígio, tem-se uma constelação organizada com base no critério da hierarquização. Nesse caso, o agrupamento leva em conta uma hierarquia de valores, convencionada pelos membros da área disciplinar.

A noção de **cadeia** foi usada por Swales (2004)¹⁵ para explicar uma situação comunicativa em que um gênero gera outros gêneros, numa sucessão cronológica. Para exemplificar essa noção, ele elenca os gêneros que são gerados quando uma instituição promove um evento científico. Uma cadeia de gêneros que integra um evento científico pode ser construída mais ou menos da seguinte maneira: primeiro os coordenadores do evento divulgam a chamada de trabalho; – os interessados em participar do evento enviam o resumo do trabalho; – a equipe científica do evento realiza a avaliação dos resumos; – pode haver solicitação da comissão para que o participante revise o resumo; – caso o resumo seja aprovado, a comissão envia a carta de aceite; – são divulgadas as normas para a publicação do artigo – os participantes enviam os artigos para submissão; – os participantes fazem a

¹⁵Para saber mais sobre cadeias de gêneros consultar Fairclough (2003).

comunicação oral de seus trabalhos no evento – após a comunicação, o apresentador recebe um certificado; por fim, os artigos são publicados nos anais do evento. Como podemos ver, os gêneros vão surgindo numa sequência cronológica em que o gênero seguinte só pode acontecer em decorrência do anterior.

Ao refletir sobre o propósito comunicativo como pressuposto de uma cadeia de gêneros, Nobre; Biasi-Rodrigues (2011) propõem distinguir dois tipos de cadeia, ampliando o conceito de Swales. Segundo os autores, uma cadeia pode ser simples, quando são produzidas no âmbito de um mesmo domínio institucional ou complexa, quando as relações entre os gêneros ultrapassam as fronteiras de uma dada instituição. Os autores defendem ainda que “[...] qualquer cadeia de gêneros demanda a existência de uma cadeia de práticas”, mas enfatizam que nem toda prática social se concretiza através de um gênero (NOBRE; BIASI-RODRIGUES, 2011, p. 222).

O conceito de **grupo de gêneros** baseia-se na noção de conjunto de gêneros desenvolvida por Devitt (1991) sobre o qual já falamos. Para exemplificar essa noção, Swales (2004) cita como exemplo os gêneros que são produzidos por alunos de graduação ao longo do curso. Segundo ele, esses gêneros podem ser agrupados, considerando-se a ideia de progressão e de hierarquia, uma vez que haverá no grupo gêneros mais relevantes que outros. Assim, situações típicas de produção de textos orais e escritos na academia como, por exemplo, a apresentação de um seminário pode se transformar em uma aula e numa etapa posterior em uma conferência para ser apresentada em um encontro de pesquisa.

Quanto aos gêneros escritos, o grupo de gêneros pode se expandir e se diversificar à medida que os alunos escrevem trabalhos nas disciplinas cursadas, escrevem artigos, elaboram pôsteres, desenvolvem uma apresentação para um congresso e, numa etapa posterior, escrevem uma dissertação.

Para tentar diferenciar a constelação formada por um grupo de gêneros dos demais tipos, Swales (2004) defende que esse tipo só pode ser formado quando envolve um grupo de sujeitos que buscam compreender e dominar determinados gêneros específicos de um domínio discursivo. No caso do domínio acadêmico citado pelo autor, fica claro que os gêneros orais e escritos que constituem um grupo são aqueles que normalmente fazem parte da rotina de atividades orais e escritas exigidas para a formação acadêmica dos alunos: seminário, aula, conferência, artigo, pôster, artigo, monografia, dissertação etc.

Por fim, a noção de **redes de gêneros** faz referência às relações intertextuais que podem ocorrer entre os gêneros produzidos no âmbito da academia, especialmente no campo da pesquisa. O que caracteriza uma rede de gêneros é a fluidez das relações que se estabelecem

entre os gêneros. Para exemplificar a noção, Swales (2004) afirma que uma apresentação oral em um evento científico pode evoluir para um artigo, assim como um artigo pode ser adaptado para uma comunicação oral. Um artigo pode anteceder ou suceder uma tese, assim como um capítulo de tese pode ser transformado em artigo e publicado numa revista ou em um livro, juntamente com outros artigos etc. Numa rede, portanto, os gêneros vão sendo alterados e adaptados para servirem a novos propósitos.

f) Colônia de gêneros

A noção de **colônia de gêneros** foi desenvolvida por Bhatia (2004) e está associada à ideia de colonizar com o sentido de invadir, ocupar dominar. Ao observar a complexidade das relações entre os gêneros e a versatilidade e flexibilidade com os produtores vão adaptando os gêneros a novos propósitos, ele esclarece que isso ocorre por um processo de colonização. Em outras palavras, Bhatia observou que os gêneros vão se transformando e se hibridizando ao longo do tempo e nessa trajetória alguns gêneros invadem a integridade de outro por um processo de mescla ou de encaixamento. Quando isso ocorre, geralmente o gênero criado corresponde a uma forma híbrida que pode compartilhar algumas das características do gênero que foi colonizado. Isso prova que há uma inter-relação entre os domínios discursivos e que as fronteiras genéticas entre os domínios e fora deles não são claramente delimitadas.

A noção de colônia permite estudar gêneros que mantêm uma inter-relação dentro de um domínio discursivo e através de domínios discursivos distintos. Para Bhatia (2004), o conceito é produtivo porque pode ser tomado em dois sentidos. O primeiro considera que um agrupamento é formado por gêneros intimamente relacionados e que em grande parte compartilham os mesmos propósitos comunicativos, mas que se distinguem principalmente em função da filiação disciplinar, do contexto de uso, do relacionamento entre os participantes e do público a que se destina. O segundo sentido relaciona-se ao processo de colonização, ou seja, para se transformarem os gêneros podem invadir a integridade de outro gênero ou convenção de gênero, criando formas híbridas. Em suma, o conceito de colônia considera a versatilidade dos gêneros e permite analisá-los em diversos níveis de generalização. Com base nas observações feitas sobre os gêneros que se agrupam numa colônia, Bhatia (2004) apresenta as seguintes conclusões:

- os gêneros mantêm uma relação recíproca dentro e através de diferentes domínios discursivos;

- gêneros pertencentes a um ou mais domínios discursivos, profissionais ou acadêmicos podem ser agrupados;
- um gênero especificamente identificado pode ser relacionado a aspectos do contexto sócio-histórico mais amplo;
- os gêneros partilham, em grande parte, propósitos comunicativos comuns;
- a diferenciação entre os gêneros pode basear-se em aspectos como filiação disciplinar, contexto de uso, relacionamento entre os participantes e/ou restrições determinadas pelo público alvo;
- um gênero pode invadir a integridade de outro gênero, levando frequentemente à criação de formas híbridas.

Reconhecemos que esse modelo é versátil e produtivo, pois permite agrupar gêneros de diferentes domínios e estruturados de formas bem diferenciadas, como o autor propôs com o agrupamento de gêneros promocionais no qual se inserem a carta de apresentação, o anúncio, a resenha de filme etc. Porém, é preciso destacar que esse modelo sustenta a noção de subgêneros, com a qual não concordamos, pois implica hierarquia de valores. O conceito de subgêneros atribuído por Bhatia (2004) aos vários tipos de anúncios inseridos na constelação de gêneros promocionais não se aplica aos gêneros de cartas que constituem os três agrupamentos que iremos propor logo a seguir. Mesmo reconhecendo que a noção de subgêneros mostra-se coerente com modelo bhatiano, pois busca explicar as mudanças sutis dos propósitos comunicativos (subpropósitos) que diferenciam os diversos tipos de anúncios (de computadores, de livros, de cosméticos, de companhias aéreas, de automóveis, de imóveis etc.), esse critério não se presta a todos os tipos de agrupamentos, já que nem sempre será possível observar mudanças sutis no propósito de um mesmo gênero. Além disso, como adverte Araújo (2006), a noção de subgêneros implica hierarquia e subordinação. Portanto, admitir a existência de subgêneros é considerar que há gêneros mais importantes e mais relevantes para uma determinada comunidade discursiva.

Ao observamos os diversos gêneros de carta que circulam no domínio jornalístico (carta do leitor, carta do redator, carta aberta, carta-pergunta, carta-resposta, carta-crônica etc.), podemos verificar que, apesar de ocuparem páginas diferentes, o que poderia supor uma hierarquia, pois as primeiras páginas são mais valorizadas, não há subordinação. Cada gênero de carta citado apresenta propósitos comunicativos definidos, por isso a publicação de cada gênero de carta em particular independe da ocorrência dos outros. Uma exceção é carta-resposta, pois ela depende da existência prévia de uma carta-pergunta.

Como vimos, são muitas as propostas de agrupamento de gêneros e, diante disso, é preciso definir critérios para agrupá-los. Araújo (2012a) apresenta uma oportuna reflexão sobre essa questão. Para ele, duas condições devem ser observadas a fim de agrupar gêneros em torno de uma constelação: a primeira condição para irmanar os gêneros é identificar o traço comum da esfera que os ambienta; a segunda condição é considerar que mesmo agrupados por um traço comum, os gêneros conservam as características que lhes são próprias e que lhes concedem uma identidade genérica.

A noção de constelação apresentada por Araújo (2004, 2006) para agrupar os *chats* incorpora o conceito de transmutação através do qual é possível mostrar as diferenças e semelhanças existentes entre os gêneros agrupados. Como bem destacou o autor, o conceito de transmutação é fundamental para os estudos dos gêneros numa perspectiva histórica. Em função disso, para ele, uma constelação de gêneros deve apresentar as seguintes características: possuir pelo menos uma característica comum à esfera de comunicação que os congrega, partilhar do mesmo fenômeno formativo e atender a propósitos comunicativos distintos. Assim, conceitua constelação de gêneros como:

um agrupamento de situações sociocomunicativas que se organizam por meio de pelo menos uma característica comum à esfera de comunicação que os congrega, partilhando do mesmo fenômeno formativo e atendendo a propósitos comunicativos distintos (ARAÚJO, 2006, p.74)

Apesar de estudar um gênero que circula em um único domínio, o domínio digital, Araújo (2006)¹⁶ reconhece que as constelações de gêneros são muitas e que, por isso, os gêneros que as compõem podem estar em esferas distintas. As cartas, pela versatilidade e flexibilidade de usos sociocomunicativos estão presentes em praticamente todos os domínios discursivos. Assim, a elaboração de um agrupamento de cartas deve considerar que elas circulam efetivamente em diversos domínios discursivos.

3.1 As noções de gênero e subgênero na constituição de agrupamentos

A natureza constelar das cartas, já mencionada por alguns estudiosos (ARAÚJO, 2006; MARCUSCHI, 2002; SILVA, 1997), será aqui considerada, pois defendemos que a compreensão da carta-crônica implica saber como esse gênero se relaciona com outros

¹⁶É importante destacar que em publicações posteriores, Araújo (2008; 2010) rejeita a ideia de que a web seja um domínio discursivo e passa a entendê-la como um espaço complexo de comunicação que transmuta para si vários domínios discursivos e, em função disso, diversos gêneros. Assim, os chats são gêneros que pertencem a vários domínios discursivos (jornalístico, pedagógico, cotidiano, etc).

gêneros epistolares do domínio jornalístico e dos domínios literário e cotidiano. Além disso, como a carta-crônica se forma por um processo de hibridização através do qual a crônica ganha forma de carta, é preciso verificar como se dá a relação entre crônica e carta-crônica no domínio discursivo em que circulam.

Para agrupar cartas, a primeira decisão teórico-metodológica é descartar a noção de subgêneros defendida em alguns estudos (ver BHATIA, 2004; SILVA, 1997). Compreendemos que a vocação das cartas para a diversificação pode ter levado alguns pesquisadores a tratar determinados gêneros de cartas como subgêneros. Isso se deve ao fato de os diversos gêneros de cartas compartilharem os mesmos elementos formais e estruturais. Silva (1997, p. 121) defende a existência de subgêneros de cartas e, ao definir a carta como “uma unidade funcional da língua, empregada em situações características – ausência de contato imediato entre emissor e destinatário”, centra essa definição no traço comum a todos os gêneros de carta: ausência de contato imediato entre os interlocutores. A partir disso, defende que as diferenças existentes entre os diversos tipos de carta geram subgêneros.

Para Silva (1997), o rótulo **carta** é abrangente e pouco esclarecedor, pois, por meio de cartas, é possível estabelecer uma infinidade de tipos de comunicação, entre os quais destaca: mostrar ao consumidor as vantagens de um determinado cartão de crédito (no campo da atividade da propaganda); repassar informes sobre o condomínio (no campo da atividade comercial) e receber notícias de um amigo (no campo da correspondência pessoal). As três situações remetem ao papel da carta na interação social e determinam se a atividade diz respeito aos negócios, à burocracia ou às relações sociais cotidianas. Nesse sentido, a autora considera que os três tipos de cartas (carta promocional, carta circular e carta pessoal) podem ser tratados como **subgêneros** do gênero carta.

Quanto a essa questão, nos posicionamos ao lado de autores que desconsideram a categorização de subgêneros (ARAÚJO, 2006; LOPES, 2008; SOUSA, 2005), pois também defendemos que há nessa noção implicações de caráter valorativo. A nosso ver, os três exemplos citados por Silva (1997) são gêneros e não subgêneros, pois possuem função social reconhecida, apresentam propósitos comunicativos distintos relativos aos domínios discursivos em que circulam e os usuários os reconhecem como gêneros distintos.

Segundo Bazerman (2005) há uma explicação histórica para a expansão e a diversificação dos diversos gêneros de cartas. Ao longo do tempo, as sociedades letradas usaram a carta para diversos fins e quanto mais temas e transações foram se inserindo nelas, mais o gênero foi se expandindo e se especializando. Nesse processo, as mudanças adotadas para atender a novos propósitos foram se estabilizando e os “tipos distintos de cartas se

tornaram reconhecíveis e passaram a ser tratados diferentemente” (BAZERMAN, 2005, p. 88).

Entendemos que esse tratar diferentemente significa que cartas produzidas em domínios discursivos diferentes, com propósitos bem definidos – organizar o trabalho numa instituição ou empresa, legalizar ações, cobrar dívidas, contar histórias, mandar notícias, pedir conselho etc. – resultam em gêneros distintos. Mas, como as cartas possuem características que as irmanam, para estudá-las, é preciso considerar as interrelações e para tanto é preciso agrupá-las.

3.2 Agrupamentos de cartas por domínios discursivos

Até agora, apresentamos e discutimos a respeito de modelos de agrupamentos disponíveis na literatura especializada. A maior parte dos modelos se organiza em torno de gêneros oficiais, produzidos conforme uma sequência de ações, ou seja, a produção de um gênero depende do anterior. Podemos incluir nesta perspectiva o modelo de Devitt (1991), denominado de **conjunto de gêneros**; o de Bazerman (1994), denominado de **sistema de gêneros** e o de Orlikowski e Yates (1994), o **repertório de gêneros**. Esses modelos também analisam as interrelações que ocorrem entre os gêneros.

O modelo de **ecologia de gêneros** (SPINUZZI, 2004) é mais complexo e formado por gêneros oficiais e não oficiais que se relacionam uns com os outros em intrincadas teias de entrelaçamento. Os quatro modelos de constelação (**hierarquia, cadeia grupo e rede de gêneros**) propostos por Swales (2004) referem-se aos gêneros acadêmicos, embora possam ser estendidos a outros domínios.

Por fim, a noção de agrupamento por **colônia de gêneros** proposta por Bhatia (2004) parte da complexidade das relações existentes entre os gêneros de diferentes domínios. Esses gêneros de filiações distintas podem ser agrupados em torno de um propósito comunicativo comum e leva em conta a versatilidade e flexibilidade com que os produtores vão adaptando os gêneros a novos propósitos. Assim, gêneros de domínios distintos podem ser agrupados em torno de um propósito comunicativo comum.

Consideramos que alguns dos modelos que acabamos de mencionar, principalmente aqueles constituídos em torno de gêneros oficiais e de gêneros do domínio acadêmico não são apropriados para o agrupamento que iremos propor.

O modelo de Bhatia (2001; 2004) traz muitas contribuições, porque propõe que gêneros de domínios discursivos diferentes podem estabelecer relações e que alguns gêneros se

hibridizam para atenderem a novos propósitos comunicativos. Porém, com base no critério do propósito comunicativo geral comum: “promover um produto ou um serviço para um cliente potencial” (BHATIA, 2001, p. 165) ele agrupa gêneros tão distintos como o anúncio, a carta de apresentação, a resenha de livro e a inscrição para empregos¹⁷. O autor justifica que apesar das diferenças são todos gêneros promocionais e, portanto, compartilham do mesmo propósito comunicativo.

Apesar das possibilidades de análise que o modelo proposto por Bhatia (2001; 2004) proporciona, pois considera a versatilidade e a capacidade dos gêneros para a inovação, entendemos que tomar o propósito comunicativo como critério privilegiado para agrupar gêneros não se adequa à grande família composta pelos diversos gêneros de carta.

Defendemos que para analisar os gêneros de cartas, considerando a variedade de gêneros existentes, o caminho mais adequado é usar o critério do domínio discursivo em que são produzidas e circulam. Nesse sentido, a proposta de agrupamento de cartas que será desenvolvida aqui toma como referência as reflexões de Araújo (2006; 2012). O autor defende que uma alternativa viável para agrupar gêneros é tomar como ponto de partida o domínio discursivo em que os gêneros são produzidos e circulam. Sua proposta de constelação de *chats* se organiza a partir de três eixos temáticos: a) os gêneros devem possuir pelo menos uma característica comum à esfera de comunicação que os congrega; b) devem partilhar do mesmo fenômeno formativo; e, c) devem atender a propósitos comunicativos distintos.

Embora nosso propósito seja agrupar as cartas que circulam nos domínios jornalístico, literário e cotidiano, pois as cartas que constituem esses três domínios mantêm interrelações entre si, consideramos que seria interessante mostrar a imensa variedade de cartas que organizam as atividades comunicativas em alguns domínios discursivos. Não se trata de uma lista acabada. Certamente uma pesquisa mais cuidadosa descobrirá a existência de outros gêneros de cartas que não citamos aqui, porém nosso propósito é apenas mostrar que as cartas estão presentes em praticamente todos os campos de atividade que lidam com a escrita. Também é válido mencionar que alguns gêneros de carta podem circular em mais de um domínio.

¹⁷Uma crítica a esse posicionamento teórico-metodológico foi feita por Araújo (2006).

a) Cartas que circulam no domínio jurídico

O domínio jurídico é o local da jurisprudência, ou seja, Ciência das normas obrigatórias que disciplinam as relações dos homens em sociedade. Vários gêneros de carta circulam nesse domínio, entre as quais destacamos: *carta-testamento*, *carta de intimação*, *carta testemunhável*, *carta rogatória*, *carta precatória*, *carta de ordem*, *carta de patente*¹⁸ etc.

b) Cartas que circulam no domínio acadêmico

O domínio acadêmico abrange as instituições de ensino superior, públicos e privados, onde são ofertados cursos de graduação e pós-graduação. As cartas que representam as atividades comunicativas desse domínio são: *carta-convite*, *carta de aceite*, *carta de apresentação*, *carta de recomendação* etc.

c) Cartas que circulam no domínio religioso

O domínio religioso compreende um campo de atividade em que estão inseridas instituições que professam a fé religiosa. Nesse domínio podem ser encontradas as seguintes cartas: *carta invitatória*, *carta dimissória*, *encíclica papal* etc.;

d) Cartas que circulam no domínio político

O domínio político diz respeito às instituições que compõem os poderes Executivo e Legislativo. O quadro político de uma nação é composto pelos partidos políticos que se aliam ou governo ou que fazem oposição a este. Os gêneros de carta presentes nesse domínio se destinam a propagar os ideais dos partidos: *carta-manifesto*, *carta ao eleitor*, *carta-programa* etc.

e) Cartas que circulam no domínio administrativo

O domínio administrativo diz respeito à gestão de negócios públicos e privados. Esse domínio é bastante abrangente, pois compreende todo o conjunto de princípios, normas e funções que objetivam ordenar os fatores de produção e controlar a sua produtividade e eficiências com vistas a obter determinados resultados. Fazem parte das práticas desse domínio: *carta de demissão*, *carta de privilégio*, *carta diplomática*, *carta régia*, *carta de apresentação*, *carta-convite* etc.

¹⁸ Para saber mais sobre o conteúdo e a finalidade de gêneros de cartas típicos do domínio judiciário, consultar o portal www.direitonet.com.br.

f) Cartas que circulam no domínio comercial

O domínio comercial engloba o mundo dos negócios, a compra, venda e troca de mercadorias em todos os setores da sociedade. Nesse domínio podemos citar as seguintes cartas: *carta de cobrança, carta de crédito, carta de fiança, carta de arrematação etc.*;

g) Cartas que circulam no domínio promocional

O domínio promocional envolve as agências de propaganda e demais formas de estratégias usadas com a finalidade de promover a venda de produtos, serviços ou ideias. Podemos citar como exemplos de cartas que circulam nesse domínio: *carta de promoção de vendas, carta de referência, carta de solicitação de emprego, carta para angariar fundos*¹⁹ etc.

h) Cartas que circulam no domínio cotidiano

O domínio cotidiano compreende práticas comunicativas não oficiais que ajudam a fortalecer os vínculos sociais e afetivos das pessoas. Nesse domínio encontram-se as cartas trocadas entre familiares, amigos, amantes etc. São exemplos: *carta pessoal, carta de amor, carta anônima, carta confissão etc.*

i) Cartas que circulam no domínio jornalístico

O domínio jornalístico está relacionado à imprensa periódica, à divulgação de notícias que podem ser veiculadas por jornais, revistas, rádio, TV e internet. Nesse domínio podem ser encontradas as seguintes cartas: *carta do leitor, carta ao leitor/carta do redator, carta-pergunta/carta-resposta, carta aberta, carta-crônica etc.*

j) Cartas que circulam no domínio literário

O domínio literário envolve todo o conjunto de obras literárias, em verso ou em prosa, produzidas em um país em uma determinada época. A literatura pressupõe o trabalho estético da linguagem. As cartas que circulam nesse domínio são: *carta literária; carta-romance/romance epistolar, carta-crônica etc.*

¹⁹ Esses gêneros de cartas integram a constelação de gêneros promocionais proposta por Bhatia (1999).

3.3 Agrupando cartas que circulam nos domínios cotidiano, literário e jornalístico

Um agrupamento que toma como critério o domínio discursivo em que os gêneros são produzidos e circulam parte da constatação de que é no interior de cada domínio discursivo que a carta adquire status genérico. Ao longo do tempo as cartas foram se diversificando para atender variados propósitos comunicativos que, por sua vez são definidos pelas especificidades de cada domínio discursivo.

A estabilização dos diversos gêneros de carta foi ocorrendo à medida que mais usuários passaram a produzi-los com vistas a diferentes propósitos comunicativos. Nesse processo de estabilização as cartas conservaram as características da epistolaridade, mas incorporaram outros elementos que servem de pistas para sua identificação. Essas pistas ajudam os usuários a não ter dificuldades em diferenciar, por exemplo, uma carta pessoal de uma carta de cobrança ou uma carta de intimação de uma carta-convite.

Assim como Araújo (2006), também acreditamos que as cartas que constituem cada domínio discursivo compartilham o propósito que caracteriza o domínio. As cartas que fazem parte das atividades de linguagem em diversos domínios discursivos assumem funções sociais distintas, possuem propósitos comunicativos definidos e devem, portanto, ser tomadas como gêneros diferentes.

Entendemos que o complexo dinamismo que envolve as práticas discursivas mediadas pelas cartas em contextos sociais, profissionais e acadêmicos demanda uma investigação que considere as relações que esses gêneros estabelecem entre si. Nesse sentido, nosso percurso é investigar primeiramente a carta-crônica em relação com outros gêneros para depois estudá-la como gênero e como tradição discursiva do jornalismo potiguar.

Para definir os critérios que constituirão o agrupamento de cartas nos domínios jornalístico, literário e cotidiano partimos da constatação de que os gêneros de cartas que constituem os sete primeiros agrupamentos citados adotam modelos padronizados, cuja estruturação e conteúdo seguem as convenções definidas pelas práticas discursivas desses domínios. São gêneros que não se prestam a manifestações do estilo individual, e as mudanças estão sujeitas muito mais às contingências sociais do que à vontade individual dos produtores. Esses gêneros correspondem ao que conhecemos por correspondência oficial. Na correspondência oficial os elementos retóricos (formas de abertura e fechamento, expressões de tratamento etc.) são determinados pelas características de cada domínio, pelos papéis sociais desempenhados pelos interlocutores e pelas finalidades comunicativas que visam atender.

Considerando que nosso objeto de estudo é a carta-crônica, que constitui o agrupamento do domínio jornalístico, mas mantém inter-relações com os gêneros de carta que circulam nos domínios literário e cotidiano, e que analisar todos esses agrupamentos foge aos objetivos desta pesquisa, iremos nos concentrar nos três últimos agrupamentos, observando, principalmente as relações estabelecidas entre as cartas desses três domínios.

A constituição dos três agrupamentos de cartas tomou como referência os três critérios sugeridos por Araújo (2006; 2012) para constelar gêneros discursivos: um traço comum ao domínio, o mesmo processo formativo e um propósito comunicativo específico de cada gênero do agrupamento.

a) Os gêneros devem apresentar um traço comum ao domínio discursivo

O primeiro critério é considerar a existência de pelo menos uma característica comum ao domínio discursivo que os congrega. As cartas agrupadas no domínio do cotidiano apresentam um traço comum: a simulação de uma conversação face a face. As cartas produzidas nesse domínio possibilitam que sujeitos localizados em espaços distintos simulem uma conversa. Essa simulação se caracteriza pelo uso de linguagem coloquial, pelo emprego de pronomes e expressões de tratamento que definem o grau de intimidade entre os interlocutores e por perguntas que serão respondidas com outra carta. O traço comum às cartas que circulam no domínio jornalístico é a publicização do conteúdo, pois a intenção de quem envia uma carta para jornais e revistas é compartilhar seu conteúdo com o maior número de leitores possível. No domínio literário, o traço que irmana os gêneros é a preocupação dos produtores com o acabamento estético da linguagem, uma vez que a linguagem literária é a característica mais visível nos gêneros que circulam nesse domínio.

b) Os gêneros devem compartilhar do mesmo fenômeno formativo

O segundo critério considera que os gêneros agrupados devem partilhar do mesmo fenômeno formativo. Os gêneros de cartas que constituem o domínio cotidiano originam-se da conversação face a face, uma vez que o conteúdo da carta e o estilo linguístico tentam reproduzir uma interação face a face. As cartas que circulam no domínio jornalístico tomam como modelo a carta pessoal, mas como se destinam à publicação, seus produtores apresentam maior preocupação com a norma culta da língua. As expressões de tratamento usadas levam em conta tanto o papel social do destinatário quanto o nível de distanciamento

entre os interlocutores. Por fim, as cartas que circulam no domínio literário parecem originar-se nas narrativas orais de caráter literário.

c) Cada gênero do agrupamento deve atender a um propósito comunicativo distinto

O último critério deve atentar para o fato de que mesmo agrupadas as cartas devem atender a propósitos comunicativos distintos. Portanto, os gêneros que constituem um agrupamento devem se diferenciar uns dos outros pelos propósitos que atendem. Nós defendemos que os diversos gêneros de cartas que constituem os três domínios apresentam características próprias a partir das quais os usuários podem diferenciá-los. Embora as cartas do domínio cotidiano – carta pessoal, carta de amor, carta anônima e carta-confissão – apresentem muitas similaridades do ponto de vista da organização retórica, a relação entre os interlocutores e o conteúdo aliado aos propósitos comunicativos, respectivamente, mandar notícias, declarar amor, ameaçar e confessar algo orientam os usuários a diferenciar cada uma delas.

As cartas que circulam no domínio jornalístico, além de atenderem a propósitos distintos, também podem ser identificadas com base no espaço que ocupam no jornal e nos títulos que podem receber. Uma **carta aberta** vem sempre nomeada, pois não possui seção definida no jornal e destina-se ou a um sujeito específico ou a uma instituição, cujo destinatário é nomeado no início da carta. A **carta do leitor**, dirigida ao redator, ocupa uma seção fixa que norteia os usuários na sua identificação. É preciso esclarecer que, embora o destinatário das **cartas-crônica** também seja o redator, elas não se confundem com a carta do leitor, pois não passam por editoria, são publicadas sem corte, não possuem seção fixa no jornal, não fazem parte das práticas cotidianas do jornal e apresentam estilo semelhante ao do gênero crônica.

O quadro a seguir ilustra as características dos três agrupamentos, conforme os critérios estabelecidos para sua constituição:

Quadro 1 - Caracterização dos três agrupamentos de cartas por domínios discursivos

AGRUPAMENTOS	TRAÇO COMUM AO DOMÍNIO	FENÔMENO FORMATIVO	GÊNEROS DE CARTAS	PROPÓSITOS COMUNICATIVOS ²⁰
Domínio discursivo Cotidiano	Simulação de uma conversação face a face	Conversação face a face	Carta pessoal	Mandar e pedir notícias, aconselhar, orientar etc.
			Carta de amor	Declarar sentimentos, estreitar laços etc.
			Carta anônima	Chantagear, atemorizar, ameaçar etc.
			Carta-confissão	Confessar ou revelar algo
			Carta-convite	Formalizar um convite na esfera social
Domínio discursivo Literário	Acabamento estético da linguagem	Narrativa oral	Carta literária Carta-romance/ romance epistolar	Narrar histórias
Domínio discursivo Jornalístico	Publicização do conteúdo	Carta pessoal	Carta do leitor/ carta ao redator	Comentar, criticar, denunciar, elogiar, questionar, discutir temas atuais etc.
			Carta ao leitor/ Carta do redator	Dialogar com o público-alvo, incentivar a leitura, apresentar e comentar o conteúdo da edição etc.
			Carta aberta	Defender-se de acusações, esclarecer mal-entendidos etc.
			Carta-pergunta/carta resposta	Perguntar, solicitar esclarecimentos etc./ esclarecer dúvidas, aconselhar etc.
			Carta-crônica	Relatar experiências vividas situadas no tempo e no espaço.

Fonte: Autora (2012).

Como podemos observar no quadro acima, as cartas agrupadas em domínios discursivos conservam um traço comum que o caracteriza e se originam de um mesmo fenômeno formativo, mas apresentam propósitos comunicativos distintos. Todos esses elementos juntos contribuem para que o termo “carta” passe a ser entendido como a forma da epistolaridade (um remetente escreve para um destinatário com um propósito comunicativo definido) sobre a qual muitos gêneros se constroem.

²⁰ A identificação dos propósitos comunicativos de cada gênero de carta citado implicaria numa exaustiva verificação empírica, assim vamos nos limitar a informar os propósitos mais visíveis da cada gênero, uma vez que a carta pessoal pode atender a diversos propósitos.

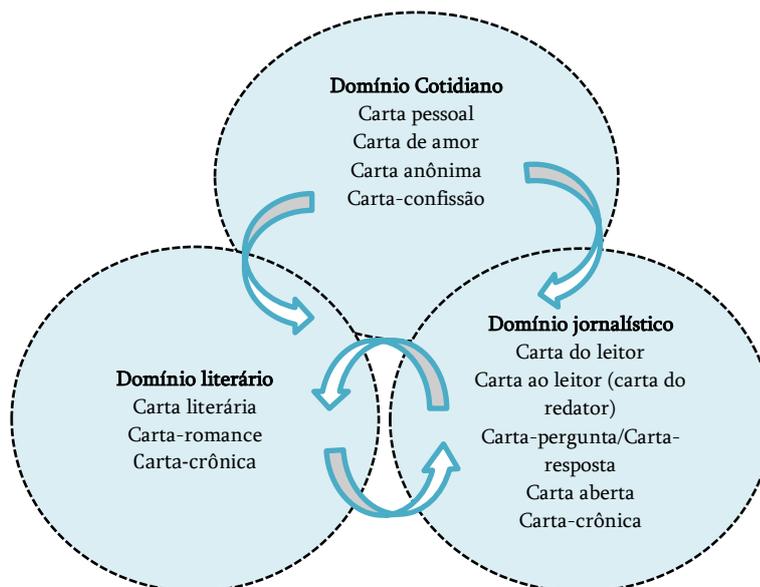
3.4 Interrelações entre cartas dos domínios cotidiano, literário e jornalístico

As cartas que constituem os três agrupamentos, apresentados na seção anterior, apesar de apresentarem as características específicas do domínio em que se situam, estabelecem relações entre si. Ao observar como essas cartas funcionam nas práticas comunicativas que engendram, percebemos que os limites entre os domínios onde circulam não são rígidos. Isso significa que as cartas produzidas no domínio cotidiano podem migrar²¹ tanto para o domínio literário, quanto para o domínio jornalístico. Uma carta pessoal escrita a um amigo, por exemplo, pode ser publicada em jornal, ou toda a correspondência trocada entre dois sujeitos pode, posteriormente, ser reunida e publicada em livro. Podemos ilustrar essa afirmação citando a vasta correspondência que Mario de Andrade manteve com outros escritores e intelectuais e que hoje se encontra quase totalmente publicada em livros.

A falta de rigidez das fronteiras entre esses três domínios é mais perceptível entre os domínios literário e jornalístico, ou seja, as cartas que neles circulam podem passar de um para o outro, sem que essa passagem resulte necessariamente em mudança na organização retórica ou em alteração do nome do gênero.

As relações entre as cartas agrupadas em torno dos três domínios discursivos podem ser ilustradas com base na **figura** a seguir:

Figura 1 - Agrupamentos de cartas por domínios discursivos e suas inter-relações



Fonte: Autora (2012).

²¹ Essa possibilidade pode ser observada quando cartas pessoais de escritores ou pessoas ilustres são reunidas e publicadas em livro.

A figura 1, mostrada na página anterior, ilustra como se dá migração dos gêneros nesses três domínios, ou seja, as cartas que se originaram no domínio cotidiano, em que predominam as relações pessoais e de caráter privado, podem migrar para os outros dois domínios, em que as relações passam a ser públicas. É importante destacar ainda que cartas do domínio jornalístico podem migrar para o literário e vice-versa, porém as cartas do domínio cotidiano, quando migram para outros domínios perdem sua referência com a realidade em que foram produzidas e, assumem novos propósitos comunicativos. Todas essas questões apontam para a importância do suporte na identificação dos gêneros, tema que abordaremos na próxima seção.

3.5 O papel do suporte na identificação de gêneros discursivos: a carta-crônica no jornal e no livro

Alguns estudiosos, em ter os quais destacamos Bezerra, 2007; Marcuschi, 2003 e Távora, 2012, defendem que, na análise de gêneros, não podemos negligenciar o suporte²², pois há casos em que é o suporte que define o *status* genérico de um texto. Maingueneau (2011, p. 68) afirma que “Uma modificação do suporte material de um texto modifica radicalmente um gênero de discurso [...], pois todo texto é inseparável de seu modo de existência material”.

Concordamos com o autor, pois essa afirmação é relevante quando nos referimos aos gêneros de carta, pois o suporte em que uma carta é escrita – se em uma folha de papel manuscrita ou em uma folha de papel ofício timbrado, ou em uma página de livro ou de um jornal - é relevante para a identificação de seu *status* genérico.

A influência do suporte na identificação de certos gêneros é algo inquestionável e segundo Marcuschi (2003), em muitas situações, a mudança de suporte implica mudança de gênero. Para confirmar essa afirmação, o autor apresenta o seguinte exemplo:

*Paulo, te amo, me ligue o mais rápido que puder.
Te espero no fone 55 44 33 22. Verônica.* (MARCUSCHI, 2003, p. 10)

²² Nossas reflexões restringem-se aos suportes de papel de textos escritos, pois as questões em torno dos suportes dos gêneros orais, dos gêneros digitais na tela do computador ou dos gêneros no rádio e na televisão, por sua complexidade mereceriam longas discussões que fogem aos objetivos desse estudo. Sobre isso recomendamos a leitura de Bonini (2011).

Conforme o autor, o texto acima pode ser identificado de quatro modos diferentes, considerando-se o suporte em que esteja fixado. Escrito numa folha de papel sobre a mesa de Paulo, será um **bilhete**; se for repassado pela secretária eletrônica será um **recado**; se for remetido pelos correios em formulário próprio, um **telegrama**; se for fixado num *outdoor* pode ser uma **declaração de amor**. Há ainda outras possibilidades não mencionadas por Marcuschi que acrescentamos aqui. Tratar-se-á de um **e-mail**, caso seja enviado pelo correio eletrônico ou de um **torpedo**, se enviado pelo celular.

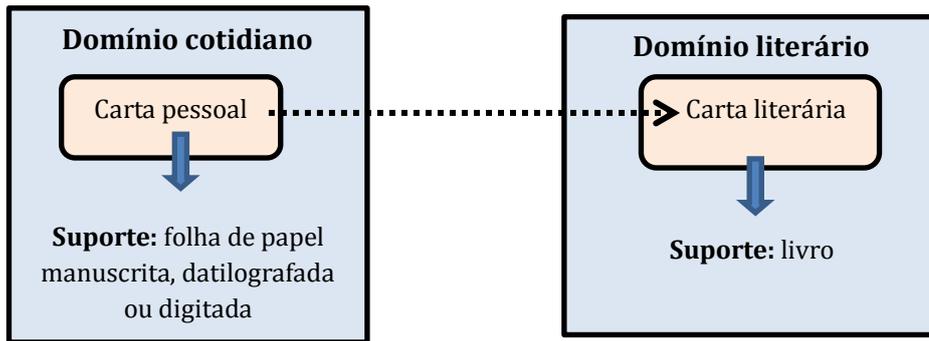
Como o domínio jornalístico opera com vários suportes (jornal diário, revista semanal ou mensal, rádio, televisão, web²³ etc.) nos quais as cartas podem circular, é importante verificar as interferências e influências desses suportes na identificação dos gêneros de carta que neles se fixam.

Não podemos esquecer que enquanto alguns gêneros de cartas são publicados indistintamente em revistas e jornais (carta do leitor), outros são específicos de revistas (carta-pergunta/carta-resposta). Uma explicação provável para que as cartas-pergunta e as respectivas cartas-resposta só circulem em revistas mensais é que a elaboração da resposta demanda tempo para que o(a) profissional responsável pela seção elabore uma resposta satisfatória para o leitor. Já a carta aberta e a carta-crônica são tradicionalmente publicadas em jornais.

Esses exemplos mostram que o suporte pode ser um elemento importante na identificação da carta-crônica, considerando que esse gênero, semelhante ao que ocorre com a crônica, é publicado primeiramente em jornais e posteriormente em livros. No caso específico da carta-crônica, a mudança de suporte interfere na identificação do gênero? Para responder a essa questão, iniciaremos nossas reflexões com base num exemplo citado por Marcuschi (2003) a respeito do gênero carta pessoal. Segundo ele, quando cartas pessoais migram para o livro passam a integrar o domínio discursivo literário. Essa mudança de domínio discursivo faz com que as cartas pessoais, principalmente quando os produtores são escritores famosos, passem a ser consideradas como carta literária. A figura 2 a seguir ilustra essa situação:

²³ Embora Marcuschi (2003) inclua o rádio e a televisão como suportes (o rádio é suporte para gêneros orais e a televisão alia som e imagem), ele diz que sua definição é complexa, pois podem ser considerados ainda como meio ou sistema.

Figura 2 - O suporte como critério para identificação de gêneros



Fonte: Autora (2012).

No caso da carta pessoal, as mudanças de suporte e de domínio discursivo alteram o *status* genérico. Ao migrar para o livro, a carta pessoal perde a função original, adquire novos propósitos e, conseqüentemente, transforma-se em outro gênero.

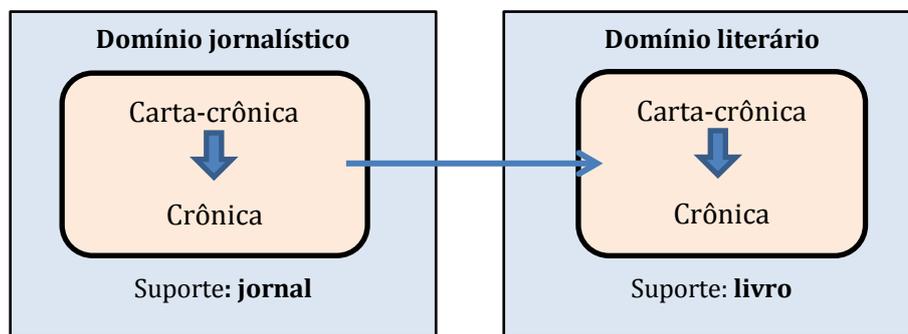
Quando tratou dos gêneros primários e secundários, Bakhtin (2003) exemplificou com a carta pessoal. Segundo o autor russo, uma carta pessoal pode ser transmutada para um romance, mas quando isso acontece ela passa a integrar a “realidade concreta apenas através do conjunto do romance, ou seja, como acontecimento artístico-literário e não da vida cotidiana” (BAKHTIN, 2003 p. 264).

Cartas pessoais também podem ser inseridas em teses e dissertações como objeto de estudo. Além disso, a produção epistolar de um sujeito ou de vários sujeitos de uma geração pode ser reunida e publicada em livro, a exemplo do que fizeram Rocha (1965) que compilou epístolas escritas por personalidades portuguesas entre os séculos XIV e XX e Moraes (2010) que resgatou a correspondência trocada entre Câmara Cascudo e Mário de Andrade. Em todos esses casos, as cartas pessoais perdem a relação com a realidade original e podem adquirir valor literário e até de documento histórico.

Portanto, cartas pessoais manuscritas, digitadas ou datilografadas em folhas de papel avulso ao passarem a compor uma coletânea de cartas para ser publicada em livro agregam valor literário. O texto da carta será o mesmo nos dois suportes – na folha manuscrita, digitada ou datilografada e no livro, porém o suporte folha de papel avulso, envelopado e postado (estamos aqui nos referindo somente à forma tradicional de correspondência e isso não inclui a correspondência eletrônica via internet). No livro as cartas passam por um processo de editoração e isso vai de certo interferir na relação que os leitores manterão com essas cartas. Não podemos esquecer que ao serem publicadas, cartas pessoais que eram restritas ao domínio privado, passam a ser de domínio público.

Porém, como no estudo dos gêneros as afirmações não podem ser generalizadas, nem sempre mudança de suporte resulta em mudança de gênero. No caso específico das cartas-crônicas, não há mudança de denominação quando migram do jornal para o livro²⁴. não altera a denominação do gênero, apenas deixam de ser vistas como texto jornalístico e passam a ser vistas como texto literário. O comportamento da carta-crônica é semelhante ao da crônica que não sofre alteração em seu *status* genérico ao migrar do jornal para o livro. Esse caso pode ser visualizado na figura a seguir:

Figura 3 - Os gêneros carta-crônica e crônica nos suportes jornal e livro



Fonte: Autora (2012).

Essa constatação é mais uma prova da complexidade que envolve a análise de gêneros e suscita outra questão sobre a relação entre gênero e suporte. Se tomarmos como verdadeira a afirmação feita por Marcuschi (2003, p. 13) de que “o suporte não é neutro e o gênero não fica indiferente a ele”, então teremos que verificar de que forma a mudança de suporte e de domínio discursivo afetam o gênero carta-crônica. Marcuschi (2003), com base em observações feitas por Possenti (2002), declara que o suporte pode mudar a relação que o leitor estabelece com o texto. Ele cita como exemplo o caso de uma mesma notícia que é veiculada sem alteração do conteúdo em dois jornais, sendo um deles de grande circulação e o outro de circulação local. O que se observa é que a repercussão entre os leitores de um jornal e de outro será diferente, pois no jornal de grande circulação o valor de verdade da notícia será maior, já que passa mais credibilidade. Assim, mesmo que a mudança de suporte não afete o *status* do gênero, ela exercerá influência sobre os processos de textualização, pois o gênero é o mesmo, mas o valor que os leitores atribuem a ele poderá ser diferente.

²⁴A maior parte das cartas-crônicas que compõe o corpus desta pesquisa foi reunida e publicada em livros (BEZERRA, 2000, 2004, 2009; GALVÃO, 2006; SOUZA, 1983, 1969).

No caso das cartas-crônica a mudança para o livro não altera o texto original nem o propósito comunicativo, por isso o gênero permanece o mesmo. No entanto, o livro parece conferir às cartas um caráter atemporal. No jornal sua validade é curta, pois coincide com o tempo do jornal. No livro, podem ser mais bem conservadas e, na condição de texto literário, também perdem o vínculo com a realidade imediata que é uma das principais características das cartas e também das crônicas.

As relações que se estabelecem entre as cartas-crônica que circulam no jornal ou no livro, circunscritas respectivamente aos domínios jornalístico e literário, são uma prova de que só podemos fazer certas generalizações sobre os gêneros após observarmos seu funcionamento nos domínios discursivos onde atuam. Certamente o fato de alguns gêneros circularem livremente entre os domínios literário e jornalístico possibilita que alguns deles, como a crônica e a carta-crônica, conservem sua identidade genérica, mesmo migrando de suporte e também de esfera de atividade.

Essa especificidade pode ser explicada a partir da própria história da imprensa escrita. Quando os primeiros jornais passaram a circular, muitos escritores viram nesse novo suporte de circulação diária uma excelente alternativa de divulgação de seus escritos. Além da viabilidade financeira, já que publicar em livro era muito caro, os textos publicados em jornal tinham a garantia de um grande público leitor. Segundo Rizzini (1977), a popularização da imprensa levou os escritores a descobrirem a força do jornal como novo espaço público.

Portanto, o desenvolvimento da imprensa e a adoção do jornal como fonte de leitura diária pela população que se reunia em praças públicas, cafés etc. para compartilharem a leitura fez surgir um interesse mútuo entre as empresas jornalísticas e os escritores. Se por um lado os donos de jornais perceberam que a publicação de crônicas e de romances em forma de folhetins aumentava a venda dos jornais, por outro lado os escritores que tinham seus textos publicados em jornais ganhavam notoriedade. Como o jornal impresso esteve, desde o início, aberto aos textos literários é justificável que alguns gêneros, como a carta-crônica e a crônica, transitem por esses dois domínios discursivos com o mesmo nome.

3.6 Jornal: um suporte para várias cartas

As cartas publicadas em jornais são dirigidas ao público leitor, embora algumas sejam remetidas ao redator, que representa o conjunto de leitores. De forma geral as cartas enviadas à redação do jornal são formas estabilizadas e reconhecidas pelos leitores, tanto pela identificação que recebem (carta do leitor, carta aberta, carta pergunta, carta do redator), como

pelo lócus que ocupam na página. Porém, as cartas objeto de estudo desta pesquisa são denominadas apenas de “carta”. Nesse sentido, resolvemos descrevê-la para justificar a adoção do nome “carta-crônica” que lhe foi atribuída e diferenciá-la, especificamente, de dois gêneros de carta: a carta do leitor e a carta aberta²⁵. Para refletir sobre a constituição da carta-crônica nos baseamos na noção de transmutação (esse conceito será retomado no capítulo III), pois ele explica as várias possibilidades de mescla e de hibridização que afetam os gêneros e possibilitam a diversificação.

A variedade de gêneros epistolares com propósitos comunicativos específicos que circula no jornal só se explica se considerarmos a natureza absorviva das cartas e sua versatilidade para se fundir com outros gêneros.

Não podemos esquecer que a função sociocomunicativa mais evidente da carta, possibilitar a interação entre pessoas que se encontram em tempo e espaços distintos, ajuda a explicar a variedade de propósitos comunicativos que as cartas visam atender em todos os domínios discursivos onde circulam. No caso específico do gênero que estamos estudando, é preciso ressaltar que ele conserva características dos domínios jornalístico e literário, portanto é importante abordar a relação entre jornalismo e literatura.

3.7 Três gêneros de carta prototípicos do jornal

É fato que a carta está na origem jornal e que as primeiras gazetas de notícias tinham forma epistolar, porém, com o passar do tempo, o jornal passou a publicar outros tipos de cartas que se consolidaram como tradição discursiva no jornalismo: carta do editor, carta do leitor, carta aberta, carta-pergunta. Essa troca de correspondência entre a empresa jornalística e os leitores deu origem a uma nova modalidade de interação através da qual tanto a empresa tornava público certos posicionamentos políticos, principalmente por meio da carta do editor quanto os leitores passaram a expor questões pessoais ou de interesse da comunidade por meio da carta aberta e da carta do leitor.

Habermas (2003) menciona que a burguesia europeia emergente do início do século XVIII que se reunia nos cafés para ler e discutir sobre as publicações fez surgir uma nova profissão, a dos árbitros de arte. O julgamento que os leitores faziam sobre as várias manifestações artísticas que aconteciam era enviado por meio de cartas às redações: foi nesses

²⁵Para estabelecer a comparação entre a carta-crônica com outros gêneros epistolares que circulam no jornal, nos limitamos à carta do leitor e à carta aberta. A carta-pergunta/carta-resposta e carta do redator/editor são gêneros típicos de revistas. Conforme Zavam (2009), nos jornais atuais a carta do redator foi substituída pelo editorial. Esse recorte se justifica tendo em vista que nosso foco são as cartas publicadas apenas em jornais.

moldes que começaram a surgir as primeiras cartas de leitores. Além de assuntos da coletividade, nessas cartas também se incluíam assuntos privados. Habermas (2003) comenta que essa exposição de intimidade não incomodava à burguesia, ávida por participar ativamente da vida da comunidade.

a) Carta do leitor

A história da carta do leitor no Brasil coincide com chegada da imprensa no século XIX. Nesses primeiros tempos as cartas de leitores também serviam para mandar notícias a parentes distantes e pedir conselhos. (Para saber mais sobre as cartas de leitor do século XIX, conferir os *corpora* PHPB²⁶).

Como podemos verificar no exemplo abaixo, as primeiras cartas de leitores apresentavam algumas características que não são mais observadas hoje, principalmente referentes à extensão do texto. Além disso, nesse período histórico, a carta do leitor não passava por revisão nem era submetida a cortes.

Ex.01

Duas regras

Senhor redactor.

Ha muito tempo que andava com ganas de dar uma pennada na imprensa de voçuncê; mas entonces como não sei retorica, tinha scismas que voñuncê havia-se pôr com partes. Mas já hoje vi no seu pharol annunciada uma descomponenda de nha Amalia, cosinheira que foi do defundo senhor conego meu padrinho, que Deus haja, e isso me pissui de animo para botar nas folhas umas regras.

Eu conheço voçuncê de outras eras; voçuncê é que não se lembra de mim; eu estava alugada na casa do seu bispo Dom Matheus, no tempo em que voçuncê foi lá botar a Chrisma em voçuncê mesmo. Eu bem me lembro disso.

Mas saiba voçuncê, que eu sempre fui muito faceira e gostei de me aceiar, quando veio a lei da gente varrer a sua testada eu varria a minha á missa das armas, e quando os homens da carroça passavão no meu bequinho já achavam a lixarada n'uma montoeira.

Vai agora apparece um dia destes um velhote com uma espada grande e pistola na mão e manda que eu metta a montoeira para dentro. Isto, senhor redactor,

não se faz a uma viuva honrada. (...)

Nas suas folhas argumente em meu beneficio, e eu fico rezando por sua alma ao

Senhor São João no meu rosario, que me deixou minha avó.

Se lá apparecer a nha Amalia voçuncê dê-lhe lembranças minhas.

Uma sua serva.

Nicota Gertrudes.

Fonte: *Correio Paulistano*. 24 jun.1865.

A carta do leitor no século XIX podia até cumprir o papel da carta pessoal. Como os jornais eram lidos em praça pública, as cidades eram pouco povoadas e as notícias lidas corriam de boca em boca, em certas situações era preferível mandar a carta para o redator do

²⁶Disponível em: <http://sites.google.com/site/corporaphpb/>

que remetê-la pelo correio. Segundo Andrade (2008b), alguns propósitos comunicativos como pedir favores e informações sobre pessoas desaparecidas e mandar notícias para parentes distantes, faziam parte das práticas comunicativas propiciadas pelo gênero carta do leitor.

Atualmente a tendência dos leitores é opinar sobre temas de interesse da coletividade que foram destaque na mídia ou comentar (com elogios ou críticas) matérias publicadas no jornal. Mandar notícias para parentes distantes ou pedir favores são propósitos não previstos nas cartas de leitor nos dias de hoje.

Ao longo do tempo, as cartas dos leitores foram diminuindo de tamanho e, atualmente, para adequarem-se à política do jornal, as cartas enviadas para a seção dos leitores passam por uma avaliação da redação, que seleciona aquelas que serão publicadas. Além de passarem por uma seleção, o texto pode ser resumido e sofrer correções na escrita, de modo a adequá-lo ao padrão culto da língua.

Conforme Wahl Jorgensen (2002), as cartas de leitores publicadas hoje nos jornais passam por filtros e são submetidas a quatro regras: a) **relevância** – essa regra determina quais conteúdos são de interesse do jornal, por isso os temas devem coincidir com aqueles previamente estabelecidos na agenda midiática; b) **brevidade** – as cartas devem ser curtas e concisas; c) **temática** – os temas sobre entretenimento, polêmicas ou que tratem de questões de interesse social chamam mais a atenção dos leitores; d) **autoridade** – há clara preferência em publicar cartas bem escritas e as envidas por pessoas conhecidas e que se destacam socialmente.

Atualmente as cartas dos leitores são publicadas em seções fixas, tanto em jornais quanto em revistas. A seção vem identificada por títulos como: *Cartas*, *Carta à Redação*, *Cartas do Leitor*, *Painel do Leitor*, *Leitor* etc. Trata-se de um gênero de domínio público, de caráter aberto cujo objetivo é divulgar seu conteúdo e possibilitar uma interação com os leitores do jornal ou revista. Especificamente em revistas, as cartas de leitores são um importante meio de avaliação da qualidade da publicação, pois os leitores costumam opinar sobre o conteúdo da revista, criticando ou elogiando.

Um elemento da carta do leitor que se conservou ao longo do tempo foi o título, que tem por objetivo antecipar o tema da carta. Além do título, outros elementos como assinatura, identificação do lugar também se conservaram. Depois da internet, a maioria das cartas é enviada por e-mail e geralmente isso é informado na final da carta.

O exemplo abaixo mostra as características textuais e discursivas de uma carta de leitor atual: título, conteúdo e e-mail do remetente. A presença do e-mail cumpre duas funções: informa o meio usado para envio e o nome do autor.

Ex. 02***Energia solar***

Esta é uma matéria que dá prazer ao leitor, principalmente se ele tem interesse em reduzir os custos da energia consumida por sua residência. Aguardo ansioso a homologação da Aneel. izaquegregorio@gmail.com

Fonte: *Tribuna do Norte*: Seção “Cartas” - Natal, Ano 68, nº 008, p. 2, 03 de abril de 2012.

b) Carta aberta

A carta aberta também tem por finalidade a publicização de um conteúdo, seja para promover, seja para difamar uma pessoa, uma instituição ou uma ideia.

A carta-aberta é uma estratégia discursiva usada por empresas estatais ou privadas, por organizações sociais ou por pessoas que se encontram ameaçadas ou que precisam esclarecer um episódio ou para contar outra versão dos fatos. Uma carta aberta pode ser de interesse coletivo quando seu conteúdo tratar de problemas de consenso geral. Nesse sentido, a carta aberta pode ser usada como forma de conscientização da população (cartas que alertam sobre a destruição da floresta amazônica, cartas que conscientizam sobre os perigos da energia nuclear etc.) e geralmente são assinadas por representantes de entidades, governamentais ou não.

Durante o século XIX e até as primeiras décadas do século XX, as cartas abertas tinham uma circulação maior nos jornais do que hoje²⁷. Outro dado interessante é que, se hoje, as cartas abertas destinam-se geralmente para abordar temas de interesse coletivo, no passado elas serviam para resolver conflitos pessoais. Em alguns casos, a pessoa que se sentia ofendida, mesmo que se tratasse de uma questão de foro íntimo, escolhia a carta aberta para tornar pública sua versão dos fatos ou se defender das acusações. Essa finalidade pode ser comprovada no exemplo a seguir:

Ex. 03**CARTA ABERTA**

(Em resposta ao sr. Antonio Martins, contador da “Sanbra” em Recife)

Mestre: - Li ha dias o que escreveu a meu respeito no “jornal do Commercio” do Recife, de 19-1-38.

O amigo refere-se tarabalhos (sic) que examinou, quando de uma estadia aqui, distinguindo, dentre elles, o “Contabilidade sem Diario”.

Recorde-se bem, colega, que ao mostrar-lhe este trabalho, preveni-o que se tratava simplesmente de uma inovação, e que presentemente não podia ter nenhuma acceitação, em virtude de não se enquadrar ás nossas leis commerciais em vigor. Por signal que até lhe mostrei uma nota explicativa que se acha no começo da monographia em apreço, e lhe disse mais que podia se classificar de “contabilidade futurista”, no que voce achou até muita graça.

²⁷Atualmente, prefere-se a internet para divulgar cartas abertas, o que se justifica pelo poder de abrangência que a Rede Mundial de Computadores possui.

Entretanto, verifico agora que o collega, além de errar, foi um tanto leviano, quando em seu artigo fez menção ao meu pequeno trabalho, empregando um certo tom de mófa, de ironia... O collega certamente se recordará também que jamais lhe pedi parecer por escripto acerca de nenhum dos meus trabalhos que, a seu pedido lhe mostrei, em particular advertindo-o sobretudo, que isso é cousa muito séria ... e que ainda não era tempo de fazer isto. Todavia devo dizer ao amigo que se poderá fazer escriptas sem o Diario e escriptas sem o Razão.

O nosso Codigo de Commercio vae ser em breve substituido; outras leis também commerciais tendem a ser modificadas e, destarte, é bem possível que a Contabilidade seja aceita em uma dessas modalidades, e o collega, um dia, poderá maldizer de ter feito commentarios desta natureza.

O que precisamos é mudar, como disse o amigo, a feição da contabilidade de antanho, dando-lhe um valor ainda mais efficiente, dentro da moderna procurando um caminho mais curto, em que se gaste menos tempo e menos trabalho ante o grande vulto que, dia a dia, tomam as operações commerciais.

O seu gesto não deixou de ser uma deslealdade e falta de cavalheirismo, procurando de algum modo rebaixar a idoneidade profissional de um collega que nunca lhe fez mal nenhum, – ao contrario o considera e enaltece, - e que cerca de 15 annos trabalha na Contabilidade, conhecendo-a bem em todos os seus ramos, procurando, como já disse, aperfeiçoal-a á força de grandes meditações sobre o assumpto, dentro de um periodo de 15 longos annos de estudos theoreticos e praticos.

Portanto o amigo não diga que taes inovações só poderão ser utilizadas em um futuro mui ... remoto (?) eu diria, antes, mui distante, porque eu mesmo, nos casos em que é dispensável o Diario, já me utilizo dellas ha muito tempo.

Mas uma vez assevero ao collega que tenho um outro trabalho em preparação, já não sendo, agora, “Escurturação sem o Diario”, e sim “Contabilidade sem razão”. Venha ver. Tenho por habito jogar com a Contabilidade em todos os sentidos, penetrando muitas vezes em seus meandros, afim de um dia, contemplar a belleza em que, mais tarde, a temos de ver transformada.

Appareça. E disponha.

Do collega e amigo

MANOEL JANUARIO.

(Da contabilidade da firma João Camara & Irmãos).

Fonte: *A República* – Seção “A Pedidos”. Natal-RN, 09 fev. 1938.

Quanto à organização retórica, a carta aberta acima apresenta os seguintes elementos: nomeação do gênero (Carta aberta); finalidade da carta (é uma resposta ao Senhor Antônio Martins); forma de tratamento (Mestre); conteúdo (o assunto da carta); fechamento (Do colega e amigo); assinatura (Manuel Januario) e local (Da Contabilidade da firma João Camara & Irmãos).

Uma carta aberta pode ser redigida por um indivíduo, por uma organização social, por uma empresa etc. e pode ser destinada a um único indivíduo (como a carta do exemplo acima), a um grupo (carta aberta aos professores) ou uma nação (carta aberta aos brasileiros) etc.

A carta aberta é uma estratégia discursiva usada quando seu autor quer dar maior visibilidade ao assunto apresentado na carta. Atualmente é um instrumento muito usado com fins políticos, seja para conscientizar a população sobre temas de interesse coletivo (destruição de florestas, preservação de recursos hídricos etc.) seja para promover um candidato a um cargo eletivo no governo.

c) Carta-crônica

Ao longo deste estudo temos dado ênfase à natureza absorviva do gênero carta. Além de transmutar diversos gêneros, ela também se une a outros gêneros já consolidados, para criar novos gêneros epistolares – o romance epistolar, a carta-testamento, a carta-manifesto, a carta-convite, a carta-artigo, a carta-pergunta, carta-crônica etc. Em todos esses gêneros, há traços linguísticos característicos da epistolaridade.

Na carta-crônica podemos encontrar os seguintes elementos retóricos que são característicos dos gêneros epistolares: forma de tratamento para identificar o destinatário (Senhor Redator, Senhor editor, Caro amigo etc.), saudação, assinatura, despedida, local e data. Podemos afirmar que, em jornais do Rio Grande do Norte, os primeiros exemplares do gênero foram publicados em *A República* (Natal), no ano de 1914. Diferentemente da carta do leitor, cuja produção é uma prerrogativa concedida a todos os leitores do jornal, a carta-crônica, pelo seu caráter literário, é produzida por escritores e/ou jornalistas.

Como ocorre com todas as cartas que circulam em jornais e revistas, o objetivo dos produtores é atingir o maior número de leitores possível. À semelhança da carta do leitor, a carta-crônica também é remetida ao “Senhor Redator”, apresenta título, local e data. No entanto, podemos apontar especificidades que diferenciam um gênero do outro, quanto aos seguintes aspectos:

- **Temática** - a carta do leitor aborda um tema único e a carta-crônica pode abordar vários temas numa mesma carta;
- **Extensão** - enquanto a carta do leitor é objetiva e curta, a carta-crônica é extensa, podendo conter até duas laudas;
- **Submissão** – antes de serem publicadas as cartas de leitores são submetidas a uma revisão e só são publicadas que atendam aos critérios definidos pelo jornal. Como as cartas-crônica são produzidas por jornalistas e/ou escritores, não passam por avaliação do editor e são publicadas sem cortes;
- **Lócus** - as cartas de leitor possuem um *lócus* próprio no jornal, já as cartas-crônica, ao longo do tempo, foram publicadas na primeira página, no encarte do jornal, na página de anúncios ou em coluna de opinião.
- **Propósito comunicativo** – a carta do leitor é um gênero opinativo e, de modo geral, tem por finalidade opinar ou tecer comentários sobre determinados assuntos ou fatos. A carta-crônica é um gênero jornalístico-literário, portanto sua função é contar histórias para divertir os leitores;

- **Tipo textual predominante** – na carta do leitor predomina o tipo textual argumentativo; na carta-crônica o tipo narrativo;
- **Centralidade da função do gênero no jornal** - a carta do leitor é um gênero central, pois está ligada à organização e aos objetivos sociais e comunicacionais do jornal. A carta-crônica é um gênero periférico, pois se relaciona a propósitos sociais e comunicacionais que incidem sobre o jornal: promover produtos e pessoas, educar, divertir etc.;
- **Periodicidade** – a carta do leitor é publicada diariamente; a carta-crônica não segue uma periodicidade determinada;
- **Produtores** – a produção de cartas do leitor é permitida a todos os leitores do jornal; a produção da carta-crônica é restrita a escritores e jornalistas.

Feitas essas considerações sobre a carta-crônica, já é possível compará-la com a carta do leitor e a carta aberta a fim de verificarmos semelhanças e diferenças quanto ao(s) produtor(es), ao(s) propósito(s) comunicativo(s), organização retórica, relação entre os interlocutores e formas de tratamento, estilo linguístico e *lôcus* no jornal. As semelhanças e diferenças estão resumidas no quadro a seguir:

Quadro 2 - Caracterização de três gêneros de cartas que circulam no jornal

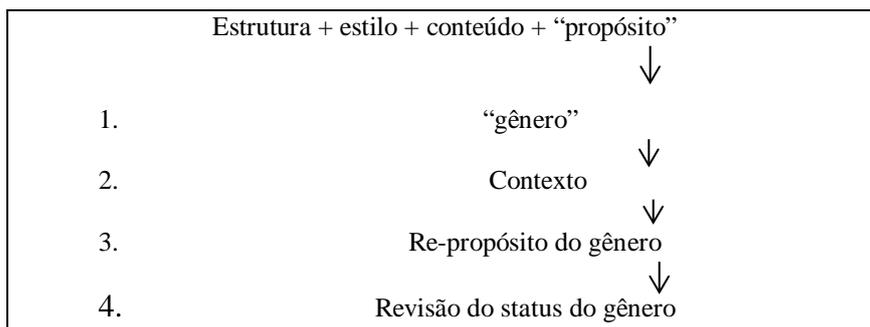
CRITÉRIOS	CARTA DO LEITOR	CARTA ABERTA	CARTA-CRÔNICA
Produtores	os leitores	um indivíduo, instituição, empresa, uma organização social etc.	escritores e jornalistas
Propósito(s) comunicativo(s)	elogiar, opinar, denunciar, criticar, reivindicar, comentar etc.	defender-se de acusações; divulgar uma ideia; promover uma causa etc.	registrar costumes e tradições do povo potiguar
Organização retórica	título, conteúdo centrado em um só tópico, local e assinatura	há título identificando o gênero (Carta aberta), abertura, conteúdo geralmente centrado em um único tópico, local e data, fechamento e assinatura	título, abertura, variedade tópica, local e data, fechamento, assinatura
Relação entre os interlocutores/ formas de tratamento	distante, tratamento formal	horizontal - a expressão de tratamento depende da relação entre os interlocutores	Varia entre distante: “senhor redator” ou próxima: “caro amigo jornalista”
Tipo textual predominante	argumentativo	Argumentativo	narrativo
Lôcus de publicação no jornal	seção fixa, identificada por um título	não possui seção fixa	não possui seção fixa

Fonte: Autora (2012).

As características apontadas nos três gêneros mostram que os critérios mais significativos na diferenciação do *status* genérico da carta-crônica são o propósito comunicativo e o tipo textual predominante. Enquanto na carta do leitor e na carta aberta o tipo argumentativo predomina, na carta-crônica é o tipo narrativo.

Sobre a definição do propósito comunicativo, algumas considerações são necessárias. Para tanto, tomaremos como referência as reflexões de Askehave e Swales (2009). Embora os autores reconheçam as dificuldades com a operacionalização do conceito de propósito comunicativo, considerado por Swales (1990) como um **critério privilegiado** na identificação dos gêneros, passam a admitir que “seria prudente abandonar o propósito comunicativo como método imediato e rápido de classificar os discursos em categorias genéricas, embora o analista possa e deva conservar o conceito como um valioso – talvez inevitável – resultado final da análise”. (ASKEHAVE; SWALES, 2009, p. 239). Eles propõem a adoção de procedimentos mais rigorosos de análise com base em cinco passos. O primeiro passo consiste em analisar a estrutura + estilo + conteúdo + propósito. No segundo passo chegar-se-ia à definição ou não do gênero. Em caso de não definição, parte-se para o terceiro passo: analisar o contexto. O contexto pode sugerir a necessidade de um quarto passo: analisar o re-propósito do gênero. Esse quarto passo levaria, finalmente, ao último passo: a revisão do *status* do gênero. De forma esquemática, os cinco passos podem ser mais bem compreendidos na figura abaixo:

Figura 4 - Análise de gêneros a partir do texto



Fonte: Askehave e Swales(2009), p. 239.

Temos consciência da complexidade que é definir o propósito comunicativo de um gênero. Certamente, se submetêssemos a carta-crônica a uma etnografia rigorosa, muitos outros propósitos poderiam ser apontados. Mas, em face do objetivo pretendido aqui, que é diferenciar o gênero carta-crônica da carta do leitor e da carta aberta, a definição do propósito comunicativo da carta-crônica (registrar costumes e tradições do povo potiguar), conforme

declara um dos produtores (cf. exemplo abaixo) é suficiente para resolver a diferenciação que pretendemos.

(01)

Sr. Redactor: // Nesta nova série de cartas, o meu | fim é unicamente, como já fiz de ou- | tras vezes, registrar usanças, factos, | costumes e tradições, que aproveitem | aos que desejam estudar o meio nor- | destino. (C.C 020 - 15 de fevereiro de 1938)

Esta opção não impede que outros re-propósitos possam ser identificados, como, por exemplo, contar histórias, divertir os leitores, resgatar o passado etc.

Ao longo deste capítulo as reflexões feitas sobre agrupamentos encaminham para a compreensão de que os critérios de agrupamento de gêneros são variados, pois são determinados com base nas especificidades dos gêneros que o compõem. Assim, os critérios podem privilegiar gêneros produzidos por um único indivíduo na sua atividade profissional, como no modelo proposto por Devitt (1991), ou gêneros produzidos por um grupo de pessoas envolvidas em uma determinada atividade, como no modelo de Bazerman (1994). Os critérios também podem ser selecionados com base na organização das ações comunicativas, ou seja, se há entre os gêneros relação de sequencialidade, de sobreposição ou de hierarquia. A perspectiva do autor pode ser mais restrita, quando privilegia um modelo centrado no indivíduo ou mais abrangente, quando privilegia um modelo centrado na atividade e na mediação, como no caso da ecologia de gêneros (SPINUZZI, 2004). Além disso, pode-se tomar como critério agrupar gêneros oficiais (profissionais ou acadêmicos) ou agrupar gêneros muito diversos, como sugere Bhatia (2004) com o modelo de colônia de gêneros no qual se encontram agrupados gêneros de vários domínios discursivos que partilham os mesmos propósitos comunicativos.

Também não há dúvidas sobre as interrelações existentes entre as cartas que circulam nos domínios cotidiano, literário e jornalístico. As cartas do domínio cotidiano podem migrar para os domínios jornalístico e literário em três situações: a) transformando-se em um novo gênero, pois passam a atender propósitos comunicativos próprios do domínio (a carta do leitor e a carta aberta se originam da carta pessoal); b) sendo transmutadas para outros gêneros (uma carta pessoal inserida em um romance, em um conto ou em uma carta-crônica etc.); c) um gênero circula em dois domínios discursivos sem mudar seu *status* genérico (a carta-crônica no domínio jornalístico e no domínio literário). As cartas publicadas em jornal não se encaixam nos modelos de agrupamento de gêneros que apresentam relações de sequencialidade e de hierarquia, uma vez que são independentes umas das outras.

Feitas essas considerações, no próximo capítulo refletiremos sobre dois conceitos considerados relevantes na constituição da carta-crônica: a transmutação e a hibridização. Nosso propósito é mostrar que a carta-crônica, além de ser um gênero que transmuta outros gêneros, também resulta de um processo de mescla de gêneros.

4 GÊNERO DISCURSIVO, TRANSMUTAÇÃO E HIBRIDIZAÇÃO NA PERSPECTIVA DE BAKHTIN

“Todas as palavras evocam uma profissão, um gênero, uma tendência, um partido, uma obra determinada, uma pessoa definida, uma geração, uma idade, um dia, uma hora. Cada palavra evoca um contexto ou contextos, nos quais ela vive sua vida socialmente tensa; todas as palavras e formas são povoadas de intenções”.

(Mikhail Bakhtin)

No capítulo anterior, tratamos das relações que a carta-crônica, situada no domínio jornalístico²⁸, estabelece com outros gêneros de cartas em seu próprio domínio e também nos domínios cotidiano e literário. Neste capítulo, vamos apresentar o conceito de gênero na perspectiva de Bakhtin (1976, 1988, 2003, 2010) a partir do qual refletiremos sobre as noções de transmutação²⁹ e de hibridização. Primeiramente, mencionaremos duas propostas de caracterização desses dois fenômenos, desenvolvidas por Araújo (2006)³⁰ e Zavam (2009, 2012). Essas duas pesquisas são o ponto de partida para as reflexões que iremos apresentar, respectivamente, sobre a relação entre transmutação e hibridização e sobre a categorização do fenômeno da transmutação. Defendemos que a compreensão desses dois fenômenos é imprescindível para estudar a carta-crônica numa perspectiva diacrônica.

Além disso, partimos do pressuposto de que a análise de gêneros deve priorizar perspectivas que possibilitem explicar os vários aspectos de natureza linguístico-discursiva, sociocultural e histórica que estão envolvidos na produção e circulação dos gêneros discursivos ao longo do tempo, por isso nossas reflexões também serão embasadas por outras abordagens sociodiscursivas, cujos aportes teóricos são a análise do discurso, a teoria do texto e as teorias enunciativas, nos quais se inserem os estudos de Bronckart (1999) e Mainueneau (2006; 2011). Nessa conjuntura teórica, também nos interessam os pressupostos da nova retórica, principalmente os estudos de Bazerman (1994, 2005), Bhatia (2001; 2004; 2009),

²⁸Estamos situando a carta-crônica no domínio jornalístico, mas temos que lembrar que a carta-crônica pode ser incluída entre os gêneros jornalístico-literários, como crônicas, folhetins, artigos, editoriais, romance-reportagem etc., produzidos por escritores renomados e publicados nos jornais (PENA, 2008). A principal característica desses gêneros é a substituição da efemeridade pela permanência.

²⁹Embora na tradução feita por Paulo Bezerra da obra **Estética da Criação Verbal** (edição de 2003) o tradutor tenha substituído o termo transmutação por reelaboração e embora alguns pesquisadores já tenham passado a adotar esse termo, como aconteceu com Costa (2010) e Costa; Araújo (2011) que considerou o termo **reelaboração** mais feliz, pois contém a ideia do trabalho, da ação do sujeito sobre a linguagem, optamos por empregar o termo transmutação por ser a forma mais usual nas pesquisas linguísticas. Por entendermos que não há incoerência teórica entre os dois vocábulos, nesta pesquisa eles serão tomados como sinônimos.

³⁰Esse posicionamento foi revisto em um artigo recentemente publicado (LIMA-NETO; ARAÚJO, 2012).

Miller (1994) e Swales (1990, 2009), pois todos eles trazem contribuições teóricas e propostas de modelos de análise que contribuem decisivamente para o estudo dos gêneros hoje.

4.1 A construção do conceito de gêneros do discurso em Bakhtin

Os estudos de análise de gêneros do discurso desenvolveram-se tanto que hoje os pesquisadores da área dos estudos linguísticos podem contar com várias abordagens teóricas que auxiliam na compreensão e na classificação dos fenômenos que envolvem a materialização de textos em gêneros. A noção de gêneros nos estudos linguísticos ganhou tanta importância que hoje há consenso de que a própria definição de linguagem passa obrigatoriamente pela definição de gênero.

A incorporação das teorias desenvolvidas pelo Círculo de Bakhtin³¹ e por seu principal expoente Mikhail Bakhtin nas pesquisas das Ciências Humanas, desde que suas ideias começaram a ser difundidas no ocidente, prova o caráter de atualidade das formulações desenvolvidas por ele. As noções, conceitos e categorias pontuadas ao longo de toda a obra de Bakhtin e dos integrantes do círculo inauguram uma nova maneira de conceber a linguagem e, conseqüentemente, o sujeito. A linguagem centrada no sujeito que só se define a partir do outro é a base para o dialogismo, um dos conceitos centrais do pensamento bakhtiniano. O princípio dialógico da linguagem é a ideia que unifica todo o percurso teórico do pensador russo. Portanto, para entender a noção de gêneros em Bakhtin, é preciso traçar um percurso teórico no qual devem estar inseridos os conceitos de linguagem, enunciado, dialogismo e polifonia.

4.1.1 A concepção dialógica da linguagem, enunciado e gêneros discursivos

A concepção de linguagem desenvolvida pelo Círculo e presente nas publicações do grupo é, segundo Faraco (2006), o núcleo a partir do qual todas as outras ideias se articulam. Segundo o autor, três coordenadas estão na base da concepção de linguagem do Círculo: a perspectiva da refração avaliativa de nossas relações com o mundo; a relação eu/outro; e o destaque à unicidade dos eventos do mundo da vida. A primeira coordenada está relacionada à multiplicidade de vozes ou línguas sociais; a segunda está na origem dos conceitos de dialogismo, polifonia e discurso citado; a terceira diz respeito às práticas de linguagem do

³¹O Círculo de Bakhtin é a denominação atribuída ao grupo de intelectuais russos e seus escritos publicados entre os anos de 1919 a 1975 (RODRIGUES, 2005).

cotidiano e àquelas das diferentes esferas da criação ideológica e se relaciona diretamente à definição de gêneros do discurso.

Machado (1999) afirma que, embora Bakhtin não seja um teórico do texto, sua concepção de linguagem como sistema dialógico dos signos eleva o texto à categoria de objeto privilegiado dos estudos da linguagem e das Ciências Humanas. Ao tomar o texto como objeto privilegiado, Bakhtin (2003) desenvolveu o conceito de enunciado como o ponto de partida para a compreensão da noção de gêneros discursivos.

O enunciado é concebido por Bakhtin (2003) como uma unidade elementar através do qual a língua se efetua numa circunstância de interação verbal. Se as noções de enunciado e enunciação têm destacado papel na construção da concepção de linguagem do autor russo é justamente porque para ele a linguagem é, ao mesmo tempo, histórica, social e cultural. Assim, a análise e a compreensão dos enunciados devem estar baseadas em três elementos: a comunicação efetiva, os sujeitos e os discursos (BRAIT; MELO, 2005).

A compreensão dos discursos e dos enunciados em Bakhtin somente se dá na interação homem x mundo, pois há um vínculo indissociável entre a utilização da linguagem e as várias formas de atividade humana. Consequentemente, a elaboração do conceito de gênero do discurso surge da relação entre campos de atividade e usos da linguagem. O emprego da língua, portanto, efetua-se em forma de enunciados que irão refletir as condições e as finalidades próprias a cada campo de atividade. Essas condições, por sua vez, não dizem respeito apenas ao conteúdo temático e ao estilo linguístico, mas também à construção composicional. São, portanto, esses três elementos – conteúdo temático, estilo e construção composicional – que se unem ao todo do enunciado. Bakhtin reforça que a determinação desses três elementos está diretamente ligada ao campo de atividade em que se insere. Enunciado e gênero são equivalentes, pois, embora cada enunciado particular seja individual, “[...] cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos de *gêneros do discurso*” (BAKHTIN, 2003, p, 262 – itálicos do autor).

Os gêneros do discurso são heterogêneos porque são vinculados aos campos de atividade humana e são dinâmicos porque acompanham as mudanças que acontecem nos diversos campos ao longo do tempo. Em outras palavras, à medida que as atividades se transformam e vão se tornando mais complexas, os gêneros também vão sendo reelaborados, tornando-se mais complexos.

Marcuschi (2002) lembra que o surgimento de muitos gêneros decorre do desenvolvimento de novas tecnologias que, além de modificarem as formas tradicionais de

comunicação interpessoal e de instaurarem novos suportes ou novas mídias, conforme Bonini (2011), por onde os gêneros passaram a circular, também são responsáveis pela inserção de novas formas de configurações como imagem, som, movimento etc. em textos que eram predominantemente verbais, como se pode ver comparando os anúncios de antes com os de hoje, que são veiculados na TV ou Internet. Como produto da atividade humana, os textos acompanham a dinâmica social e isso propicia que o conjunto de produções verbais se amplie continuamente e incessantemente. Assim, enquanto novos gêneros emergem, outros se transformam e outros podem até desaparecer (MARCUSCHI, 2002).

Fica claro que o dinâmico processo de mudança nos campos de atividade afetam diretamente os gêneros. A forma como isso ocorre demonstra o caráter flexível e adaptativo dos gêneros para incorporar novas linguagens, descartar certos usos linguísticos e até resgatar formas já existentes no arquivo discursivo que haviam caído em desuso e por algum motivo voltam a fazer parte das práticas linguísticas. Um exemplo disso é o caso das abreviaturas. O largo emprego de abreviaturas durante os séculos XVIII e XIX, nos mais variados gêneros escritos, desapareceu quase completamente ao longo do século XX, até ser resgatado e incorporado aos gêneros textuais digitais (ARAÚJO; BIASI-RODRIGUES 2007).

4.1.2 Sobre o caráter dinâmico e adaptativo dos gêneros

Ao conceituar gêneros como tipos relativamente estáveis de enunciados, elaborados no interior dos diversos campos da atividade humana, Bakhtin (2003) deixa claro que a flexibilidade e a capacidade de adaptação são características que definem os gêneros. Essa relativa estabilidade dos gêneros se explicaria, por um lado, pela sua historicidade e, por outro, pela imprecisão de suas características e fronteiras.

Para Faraco (2006), o relevo dado à historicidade dos gêneros prova que os textos não são definidos para sempre. Os gêneros não reúnem apenas propriedades sincrônicas fixas, ao contrário carregam em sua trajetória contínuas transformações, por isso são maleáveis, plásticos porque refletem o dinamismo das atividades humanas que também estão em constante mudança. Os gêneros discursivos são fenômenos históricos, por isso, submetidos a análises diacrônicas, mostram a constante tensão entre a permanência e a mudança.

A visão bakhtiniana de gêneros discursivos ampliou o horizonte de possibilidades analíticas para o estudo dos textos na área dos estudos linguísticos na medida em que rompeu com a teoria clássica dos gêneros da tradição aristotélica e propôs uma definição de gêneros discursivos atrelada às variadas formas de atividade humana, ou seja, “todos os diversos

campos³² da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem” (BAKHTIN, 2003, p. 261).

Nesse sentido, para estudar os gêneros do discurso, os pesquisadores têm procurado refletir sobre a complexidade que envolve a produção e a interpretação de textos nas diversas práticas sociodiscursivas. O sucesso das interações comunicativas implica saber como os gêneros são constituídos, como funcionam e como dão forma às atividades comunicativas. Essa visão exigiu dos pesquisadores o desenvolvimento de metodologias que possibilitassem descrever e caracterizar os gêneros sem reducionismos. Conforme Bhatia (2009), as abordagens teórico-metodológicas para o estudo dos gêneros devem considerar a versatilidade dos gêneros, o relacionamento entre texto e contexto, língua e a cultura e a tendência dos gêneros para a inovação. Portanto, a análise de gêneros hoje pode enveredar por caminhos teóricos que ajudam na compreensão desse fenômeno histórico que não pode ser estudado desvinculado da sociedade em que circula e é produzido.

Os gêneros organizam nossas ações discursivas, e como essas ações acontecem em circunstâncias diversas e em interações com diferentes sujeitos, eles “evidenciam aspectos constitutivos da sociedade a que pertencem” (TODOROV, 1980, p. 50). Dessa forma, precisam ser flexíveis para se adaptarem às novas situações que envolvem o uso da linguagem. O caráter adaptativo e flexível dos gêneros se confirma pela observação do percurso histórico, ou seja, ao longo do tempo, à medida que as sociedades se tornam mais complexas e letradas, todos os gêneros são afetados por mudanças.

Bakhtin (2003), portanto, atrela o conceito de gêneros às diversas formas de atividade humana como uma saída para explicar a relativa estabilidade dos gêneros entre permanência e transformação. Não há como negar que os textos mudam, mas é preciso compreender em que medida e como essas mudanças ocorrem.

Ao tratar dessa questão, Swales (1990) afirma que certamente as mudanças que afetam os gêneros não se dão por uma decisão individual. Como são entidades sócio-históricas, as mudanças precisam ser compartilhadas pelos membros da comunidade discursiva³³ em que os textos são produzidos e circulam. As mudanças nos gêneros são coletivas e ocorrem de forma lenta e gradativa e muitas vezes podem sofrer resistência por parte de membros de uma

³²Em edições anteriores deste livro a expressão “campo de atividade” foi traduzida por “esfera de atividade”. Consideramos as duas expressões como sinônimas.

³³O conceito de comunidade discursiva aqui adotado foi desenvolvido por Swales (1990). Para ele uma comunidade discursiva é formada por um grupo de pessoas que regularmente trabalham juntas e que têm uma noção estável, embora em evolução, dos objetivos propostos pelo seu grupo. É importante destacar que a noção de comunidade discursiva vem sendo reformulada em outros trabalhos de Swales, os quais podem ser conferidos pela bibliografia citada e discutida por Biasi-Rodrigues, Hemais e Araújo (2009).

comunidade discursiva. Não podemos deixar de mencionar que os gêneros dividem-se entre a permanência e a inovação, por isso, mesmo afetados por mudanças conservam traços de estabilidade que ajudam os usuários a reconhecê-los como tal.

Para serem capazes de responder às novidades e às mudanças a que estão submetidos como produtos da interação entre o homem e o mundo, os gêneros estão sempre abertos a reelaborações. Nesse contínuo movimento de mudança, os gêneros olham para o futuro e para o passado, como assegura Bakhtin (2010), ao se referir aos gêneros literários:

Por sua natureza mesma, o gênero literário reflete as tendências mais estáveis, “perenes” da evolução da literatura. O gênero sempre conserva os elementos imorredouros da *archaica*³⁴. É verdade que nela essa *archaica* só se conserva graças a sua permanente *renovação*, vale dizer, graças à atualização. O gênero sempre é e não é o mesmo, sempre é novo e velho ao mesmo tempo. O gênero renasce e se renova em cada nova etapa do desenvolvimento da literatura e em cada obra individual de um dado gênero. Nisso consiste a vida do gênero. Por isso, não é morta a *archaica* que se conserva no gênero; ela é eternamente viva, ou seja, é uma *archaica* com capacidade de renovar-se. O gênero vive do seu presente, mas sempre *recorda* o seu passado, o seu começo. É o representante da memória criativa no processo de desenvolvimento literário. É precisamente por isso que tem a capacidade de assegurar a *unidade* e a *continuidade* desse desenvolvimento. (BAKHTIN, 2010, p. 121 – grifos do autor)

Na citação acima, fica clara a natureza complexa e profunda do enunciado que Bakhtin tanto realça. Os gêneros têm a capacidade de, simultaneamente, atualizar-se e se conservar, pois mesmo mudando os traços que lhe dão a relativa estabilidade são preservados. Ao compararmos um anúncio de venda de remédios do início do século XX com um anúncio atual (ver figuras 7 e 8) são muitas as mudanças, embora o gênero seja o mesmo.

Sobre o surgimento dos gêneros, é importante frisar que todo gênero que surge toma como modelo um gênero já existente. Gêneros estabilizados vão servindo de modelos para outros que reconfigurados, adaptam-se para atender a novos propósitos. Isso explica a heterogeneidade e a grande quantidade de gêneros existentes. Apesar disso, Bakhtin (2003) adverte que a heterogeneidade e a grande quantidade de gêneros não inviabilizam seu estudo e propõe uma ampla classificação dos gêneros em primários (simples) e secundários (complexos).

Faraco (2006) reconhece que essa classificação é extremamente condizente com a perspectiva adotada, porque dessa forma Bakhtin “[...] não se propõe a fixar o que se move, a estancar o que flui, nem a estabelecer limites claros para aquilo que é necessariamente

³⁴Em nota, o tradutor explica que *archaica* deve ser entendida aqui no sentido etimológico grego como antiguidade ou traços característicos e distintos dos tempos antigos.

impreciso” (FARACO, 2006, p. 114), pois os gêneros estão submetidos às contingências das atividades humanas.

Na perspectiva bakhtiniana, seriam considerados gêneros primários aqueles enunciados que se originam em situações cotidianas de comunicação, geralmente ligados à modalidade oral, e gêneros secundários aqueles que “[...] surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente mais desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) – artístico, científico, sociopolítico etc.” (BAKHTIN, (2003, p. 263). Porém, Bakhtin mostra que, por serem entidades fluidas, os gêneros passam por processos de reelaboração, através dos quais dois gêneros podem se fundir para criar um novo gênero ou podem se misturar como estratégia de renovação. A mistura de gêneros pode ser explicada a partir de dois fenômenos: transmutação e hibridização, dos quais trataremos a seguir.

4.2 Os fenômenos da transmutação e da hibridização na constituição dos gêneros discursivos

Bakhtin (1988) tratou da mistura de gêneros no artigo “O Discurso no Romance³⁵” e considerou que essa mistura é uma das formas de introdução do plurilinguismo no romance. O plurilinguismo compõe-se de unidades estilísticas heterogêneas inseridas no romance pelo discurso do autor, dos narradores, das personagens e dos gêneros intercalados. O estilo do romance, portanto, constrói-se pela incorporação dos vários estilos.

O que Bakhtin chama de gêneros intercalados são gêneros literários ou não que entram na estrutura do romance para introduzir e organizar o plurilinguismo. Ele acrescenta que quase todos os gêneros podem ser incorporados pelo romance (novenas, poemas, cartas, diários, relatos de viagem, biografia, peças líricas etc.). Esse processo de incorporação é denominado por Bakhtin de transmutação. O fenômeno ocorre quando os gêneros secundários, mais complexos, (BAKHTIN, 2003), incorporam e transmutam (reelaboram) outros gêneros que se formaram nas condições de comunicação discursiva imediata. Para explicar o fenômeno da transmutação, o autor russo escolheu o romance, um gênero secundário com enorme poder absorvivo, como fica claro no seguinte comentário: “Em princípio, qualquer gênero pode ser introduzido na estrutura do romance, e de fato é muito difícil encontrar um gênero que não tenha sido alguma vez incluído num romance por algum autor” (BAKHTIN, 1988, p. 124).

³⁵Este artigo, escrito entre os anos de 1934 e 1935 está inserido no livro *Questões de Literatura e de Estética*, editado no Brasil em 1988.

De fato, a escolha do romance para explicar o fenômeno da transmutação é produtiva, já que o romance se reporta a diferentes tradições culturais e, conforme adverte Machado (2005, p. 153), “surge como um gênero de possibilidades combinatórias não apenas de discursos como também de gêneros”. No romance, vozes de sujeitos oriundos de diferentes lugares, classes sociais, crenças e ideologias se misturam às vozes do autor e do narrador. Portanto, o estilo do romance é construído pelo autor e também pelas personagens, que nele imprimem suas falas cotidianas através dos diálogos dos personagens e da incorporação de diversos gêneros.

Decorrente do plurilinguismo, Bakhtin (1988) introduz a noção construção híbrida, explicada com base nas formas de introdução e organização das várias vozes que ele identificou no romance humorístico inglês. Especificamente nesta variedade de romance, ele observou “uma evocação humorístico-paródica de quase todas as camadas da linguagem literária escrita e falada de seu tempo” (BAKHTIN, 1988, p. 107). O estilo parlamentar e jurídico, a linguagem mercantil, a linguagem cotidiana dos mexeriqueiros, a linguagem científica pedante, a linguagem bíblica etc. eram parodiadas e estilizadas. Portanto, uma construção híbrida deve ser entendida como um enunciado que pertence a um único falante, mas nele “estão confundidos dois enunciados, dois modos de falar, dois estilos, duas “linguagens” (aspas do original), duas perspectivas semânticas e axiológicas” (BAKHTIN, 1988, p. 110).

Hoje, os conceitos de transmutação e de hibridização passaram por reavaliações que explicam como os novos gêneros que surgiram a partir do desenvolvimento de tecnologias de ponta, como a televisão, os aparelhos de celular e a Internet se constituem. Observa-se que as novas tecnologias possibilitam a ocorrência de semioses entre escrita, oralidade, som e imagem e, conseqüentemente, os gêneros que são produzidos para circular em nesses ambientes virtuais apresentam composições mais complexas e sofisticadas. Dessa forma, é preciso repensar os conceitos de transmutação e hibridização.

O conceito de hibridização desenvolvido por Bakhtin (1988) está diretamente relacionado à mistura de discursos presentes no romance. O romance, portanto, foi classificado como um gênero híbrido, porque em sua construção várias vozes se manifestam, sem que haja entre elas nenhuma fronteira formal, composicional e sintática. Na perspectiva bakhtiniana, o que torna um gênero híbrido é a presença de vários tons pelos quais é possível perceber pontos de vistas diferentes, sujeitos diferentes, oriundos de classes sociais diferentes, ou seja, vozes que destoam umas das outras.

Hoje, porém, além dessa perspectiva, o conceito de hibridização também se presta para explicar as misturas de gêneros. Segundo Lima-Neto e Araújo (2012), as reflexões e propostas de revisão de conceitos como o de intergenericidade e de hibridismo vêm despertando o interesse de muitos estudiosos que se depararam com processos interdiscursivos e intertextuais cada vez mais complexos e sofisticados, entre os quais se destacam Bentes; Cavalcante e Koch, 2007; Fix, 2006; Gomes, 2003; Koch e Elias, 2006; Marcuschi, 2002, 2008; Pagano, 2001 e Paiva, 2009.

O conceito de transmutação bakhtiniano, por meio do qual são explicadas as mudanças que afetam os gêneros, também tem passado por revisões e hoje não pode mais ser tomado como um fenômeno unilateral em que apenas os gêneros secundários podem transmutar outros gêneros, uma vez que os gêneros primários também possuem capacidade absorptiva, ou seja, também podem transmutar.

A respeito disso, Araújo (2006) e Zavam (2009, 2012) apresentaram propostas de ampliação e revisão dos conceitos de transmutação e hibridização. O primeiro buscou compreender como o fenômeno da transmutação atua na constituição dos diversos gêneros de *chats* que formam uma constelação de gêneros textuais digitais; a segunda tomou o conceito de transmutação como ponto de partida para estudar os processos de estabilidade e mudança no gênero editorial. Como as duas pesquisas focalizam gêneros bem distintos, o *chat*, um gênero emergente do meio digital, e o editorial, um gênero jornalístico estabilizado, é de se esperar que pontos de vista diferentes sobre os fenômenos tenham surgido.

O fenômeno da transmutação, tomado com muita produtividade para explicar os processos envolvidos no surgimento dos gêneros digitais, foi estudado por Araújo (2006)³⁶ com o objetivo de compreender o surgimento dos gêneros *chats*. Para o autor, a transmutação envolve todos os gêneros, independentemente de serem primários ou secundários, pois os gêneros são transmutados, mas também são transmutantes. Assim, para explicar a transmutação no *chat*, introduz as noções de gênero transmutante (gênero em formação ou que tenha se formado de outro) e gênero transmutado (gênero absorvido e reinterpretado por outro). O autor compreende que o conceito de transmutação mobiliza três processos:

a) o gênero transmutado passa a ser um componente do transmutado pelo processo de aglutinação: um gênero no outro (ex: a carta no romance);

³⁶Embora Lima-Neto e Araújo (2012) tenham, em estudos mais recentes, revisto e ampliado os conceitos de intergenericidade e de hibridização, optamos por citar Araújo (2006) porque as discussões que ele apresentou em sua tese são o ponto de partida para as reflexões que faremos neste capítulo.

b) ao ser incorporado a outro gênero, o gênero transmutado adquire uma característica particular, ou seja, passa a pertencer a uma outra esfera e distancia-se de suas realidades anteriores;

c) a mudança de esfera pode resultar (mas não necessariamente) em mudança de gênero.

Como já dissemos, a proposta de Araújo (2006) amplia o conceito bakhtiniano ao defender que a transmutação não ocorre apenas quando um gênero primário é inserido em um gênero secundário. Há transmutação entre gêneros secundários, entre gêneros primários, entre gêneros secundários e primários. O *chat*, um gênero secundário, além das conversas cotidianas, reinterpreta a aula, um gênero secundário, para alcançar novos propósitos comunicativos (ARAÚJO, 2006).

O fato de os gêneros serem eventos linguísticos adaptáveis a atualizações e misturas, como a que ocorre quando um gênero transmuta outro, não descarta a existência de critérios para que as transformações possam ocorrer. Nesse sentido, Araújo (2006) assume que o fenômeno da transmutação depende de certas condições entre as quais está a mudança de esfera. Ou seja, só haverá transmutação quando o gênero transmutado mudar de uma esfera para outra. Mas, por reconhecer que pode haver cruzamento entre gêneros pertencentes a uma mesma esfera, propõe que se faça a distinção entre transmutação e hibridização.

Para desenvolver os argumentos que distinguem hibridização de transmutação, o autor parte da seguinte questão: “Será que a hibridização é uma consequência direta do fenômeno da transmutação?” (ARAÚJO, 2006, p. 108). Como o autor defende que só há transmutação quando houver mudança de esfera, mantém-se coerente em não aceitar que a hibridização decorra diretamente da transmutação e conclui que: “quando houver misturas de gêneros da mesma esfera, é possível falar somente em hibridização, mas ao capturar gêneros de esferas distintas se imbricando, teremos como abordar os dois fenômenos simultaneamente” (ARAÚJO, 2006, p.108).

Portanto, para o autor a ocorrência do fenômeno da transmutação restringe-se a gêneros que estão situados em esferas distintas e somente neste caso os dois fenômenos ocorrem juntos. Quanto ao fenômeno da hibridização, toda mistura de gêneros resulta em um gênero híbrido.

Zavam (2009, 2012), por sua vez, privilegiou o fenômeno da transmutação como categoria teórico-metodológica para estudar a história do gênero editorial, pois considera que a transmutação é inerente aos gêneros, ou seja, é responsável pelas mudanças que afetam os gêneros em sua trajetória, quer essas mudanças sejam decorrentes ou não da incorporação de

um gênero por outro. Para defender esse posicionamento, a autora amplia a noção de transmutação bakhtiniana. A proposta de ampliação do conceito mostra que ela compreende transmutação não apenas como o processo pelo qual um gênero transmuta outro, ou seja, um gênero incorpora outro à sua estrutura composicional (o anúncio transmuta a carta), mas também como um processo de renovação e de atualização do gênero. Ao analisar o percurso do gênero editorial em jornais cearenses ao longo dos séculos XIX, XX e início do século XXI, ela concluiu que as mudanças pelas quais o gênero foi afetado em seu percurso são resultantes do fenômeno da transmutação.

Conforme Zavam (2012, 2009), o fenômeno da transmutação ocorre independentemente de os gêneros serem primários ou secundários, ou de estarem situados numa mesma esfera ou em esferas distintas. Os gêneros estão sempre abertos a mudanças, quer seja para se atualizar quer seja para gerar um novo gênero. Nesse sentido, a autora discorda da proposição de Araújo (2006) de que só há transmutação quando há mudança de esfera de atividade. Ela reconhece que o posicionamento desse autor decorre de um olhar voltado apenas para os *chats* (gênero que ele estudou) e propõe uma nova configuração para explicar como a transmutação afeta os gêneros. Essa nova configuração se explica da seguinte forma:

- 1º) o gênero incorporado (ou transmutado) é agregado à estrutura composicional do gênero incorporante (ou transmutante);
- 2º) o gênero incorporante transmuta e é transmutado;
- 3º) o gênero incorporado e o gênero incorporante podem fazer parte tanto de esferas diferentes quanto de uma mesma esfera (ZAVAM, 2009, p. 54- 55).

Comparando os pontos de vista dos dois pesquisadores, podemos constatar que a discordância se dá na observância da relação entre transmutação e esfera de atividade. Para Araújo (2006) todo gênero que é transmutado por outro muda de esfera, como acontece com a carta (esfera do cotidiano) que transmutada pelo romance, distancia-se de suas realidades anteriores e passa a fazer parte da esfera literária. Zavam (2009), por sua vez, afirma que a transmutação também pode ocorrer entre gêneros de uma mesma esfera. Para sustentar seus argumentos, apresenta numa primeira instância a duplicação da noção de transmutação em **transmutação criadora** e **transmutação inovadora**.

Para a autora, a transmutação criadora ocorre quando um gênero surge a partir de outro já existente, por exemplo, o *chat* educacional surge da aula. Portanto, esse processo resulta sempre no surgimento de um novo gênero³⁷. A transmutação inovadora ocorre por um

³⁷A afirmação de que toda transmutação criadora gera um novo gênero é contestada por Costa (2010) ao analisar vídeos que migraram da televisão para a internet. (COSTA, 2010).

processo de renovação e de atualização que provocam mudanças nos gêneros ao longo do tempo, sem que isso provoque o surgimento de um novo gênero. Em outras palavras, as mudanças estilísticas e estruturais que afetam os gêneros no seu percurso histórico não alteram seu *status* genérico – o gênero se renova, mas continua o mesmo. A transmutação inovadora, portanto, pode ser flagrada observando-se as mudanças que afetam um determinado gênero ao longo do tempo ou observando a mistura de gêneros como a que ocorre quando um gênero incorpora outro, – um anúncio incorpora uma carta - mas continua sendo anúncio.

Partindo da hipótese de que todo gênero possui a capacidade de renovar-se, de recriar-se com ou sem a incorporação de outro gênero, Zavam (2009) defende que a transmutação ocorre sem que seja necessário haver mistura de gêneros e para explicar esse ponto de vista propõe a reduplicação da transmutação inovadora em **transmutação inovadora interna** e **transmutação inovadora externa**. Conforme esse ponto de vista, quando houver inserção de um gênero em outro, ou seja, quando um gênero X incorpora a forma do gênero Y, como um anúncio que toma a forma de cartão postal ou um artigo de opinião escrito em versos, ocorrerá o fenômeno da transmutação inovadora externa ou transmutação intergenérica e, conseqüentemente, o gênero se hibridiza. Mas, “quando as transformações operadas dentro do gênero não resultam da inserção de um outro gênero, mas de fatores que condicionam e impulsionam essa transformação” (ZAVAM, 2009, p. 60) ocorrerá o processo de transmutação inovadora interna ou transmutação intragenérica.

A autora assume, portanto, que a transmutação é um fenômeno inerente aos gêneros (todos os gêneros, mesmo os mais inflexíveis estão submetidos ao processo de transmutação) e, portanto, é responsável por qualquer tipo de mudança que afete um gênero em seu desenvolvimento, independente de haver ou não incorporação de gêneros.

Sobre os posicionamentos assumidos por Araújo (2006) e Zavam (2009) refletiremos, respectivamente sobre duas questões: a hibridização é consequência direta da transmutação? É possível falar em transmutação sem que haja mistura de gêneros?

4.3 Revendo a ampliação do conceito de transmutação e a relação entre transmutação e hibridização

Para responder às duas questões formuladas no final da última seção, vamos retomar as proposições defendidas pelos dois autores:

- Para Araújo (2006), o fenômeno da hibridização não é uma consequência direta da transmutação, pois só é possível abordar os dois fenômenos simultaneamente

quando a mistura ocorre entre gêneros de esferas distintas. A mistura entre gêneros de uma mesma esfera resulta apenas em hibridização.

- Para Zavam (2009), a transmutação é responsável pelas transformações que afetam os gêneros primários e secundários, tanto na absorção de um gênero por outro (sejam pertencentes à mesma esfera ou a esferas distintas) quanto na adaptação a novas contingências (históricas, sociais, culturais, políticas etc.). Assim, qualquer mudança que afete o gênero é resultante do fenômeno da transmutação.

Primeiramente vamos refletir sobre as condições apontadas por Araújo (2006) para a ocorrência simultânea da transmutação e da hibridização. O autor defende que a transmutação e a hibridização só ocorrem simultaneamente quando os gêneros transmutados pertencerem a diferentes esferas de atividade. Por exemplo, no *chat* educacional, os dois fenômenos ocorrem simultaneamente, pois, ao transmutar gêneros de outras esferas de comunicação – a aula e o diálogo cotidiano –, o *chat* educacional também se hibridiza. Porém, quando uma carta pessoal (do domínio cotidiano) incorpora diálogos cotidianos e mexericos (gêneros que também pertencem ao domínio do cotidiano), é possível falar apenas em hibridização, já que, segundo o autor, só há transmutação quando há mudança de esfera.

Essa distinção proposta por Araújo (2006) pode ser contestada se considerarmos que o fenômeno da transmutação não é limitado pelos domínios discursivos em que os gêneros são produzidos e circulam. Sobre isso estamos de acordo com aqueles que defendem a transmutação como uma característica inerente aos gêneros. Nessa perspectiva é coerente a afirmação de que se as misturas de gêneros não obedecem aos limites dos domínios discursivos e que todo gênero formado pelo processo de transmutação (mistura de gêneros) é também híbrido.

Portanto, compreendemos que a hibridização é uma decorrência direta da transmutação, ou seja, sempre que houver transmutação – entendida como mistura de gêneros – haverá também hibridização. Essa compreensão encontra eco nas conclusões que Bakhtin (1988) apresentou a respeito do gênero romance. Quando mencionou a natureza absorviva do gênero romance – os gêneros transmutados pelo romance trazem “linguagens e perspectivas ideológico-verbais multiformes – de gêneros, de profissões, de grupos sociais (a linguagem do nobre, do fazendeiro, do comerciante, do camponês) – linguagens orientadas e familiares (...)” (BAKHTIN, 1988, p. 116), o autor deixa claro que é essa profusão de vozes que entram no romance que lhe conferem uma natureza altamente híbrida.

Para Bakhtin (1988, p. 110), um enunciado é híbrido quando pertence a um único falante, mas se constrói de “dois enunciados, dois modos de falar, dois estilos, duas linguagens, duas perspectivas semânticas e axiológicas”. Essa mistura de discursos e estilos de que Bakhtin fala pode ser consequência da mistura de gêneros. Nesse sentido, um gênero é considerado híbrido quando fica nítida a presença de estilos de dois ou mais gêneros. Dependendo do gênero, a mistura de gêneros e de estilos é uma forma intencional do produtor de violar os cânones para subverter o modelo global de um gênero, como afirma Marcuschi (2002).

Em trabalho recente, já mencionado anteriormente, sobre a composição de gêneros híbridos, Lima-Neto e Araújo (2012) defendem que a hibridização ultrapassa as variáveis forma e função, pois outros elementos como o suporte e o estilo não podem ser esquecidos. Assim, aceitar o fenômeno da hibridização apenas como mescla de forma e função é desconsiderar que o estilo, o suporte e o propósito comunicativo podem ser determinantes para a compreensão de mesclas intergenéricas.

Nos estudos sobre hibridização e transmutação citados há uma tendência a aceitar esses dois fenômenos como inerentes aos gêneros. Mas uma questão se impõe: como esses dois fenômenos se relacionam na constituição dos gêneros? São independentes? Ou seja, um pode ocorrer sem o outro?

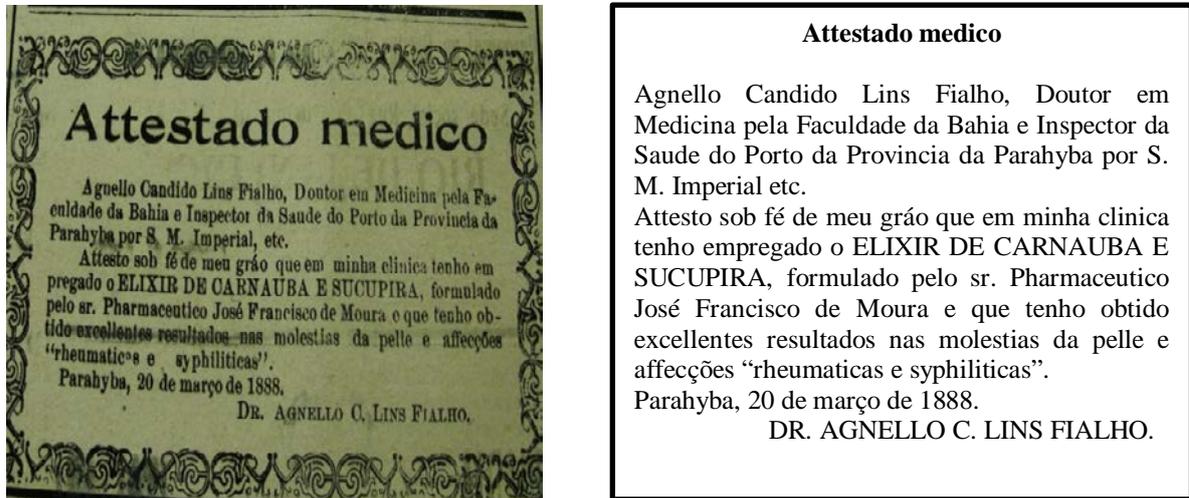
Começemos esta reflexão retomando os estudos de Bakhtin (2003, 2010) sobre o romance. Ao analisar o discurso romanescos, o autor russo constatou que o romance transmuta gêneros de vários domínios discursivos e que esse processo envolve a hibridização. Isso parece responder em parte às questões acima, pois a hibridização decorre da transmutação. Vejamos alguns exemplos: uma reportagem pode transmutar a entrevista, a nota, a declaração, o gráfico estatístico etc.; a carta-crônica pode transmutar a carta pessoal, a reza, o repente, o provérbio, a receita etc.; o anúncio pode transmutar a carta pessoal, o cartão postal, a história em quadrinhos, a declaração, o atestado médico etc. Em todos esses casos há a ocorrência dos dois fenômenos.

Em face disso, defendemos que a hibridização é uma consequência direta da transmutação, uma vez que podemos encontrar gêneros híbridos tanto entre aqueles que transmutam outros gêneros do mesmo domínio quanto de domínios distintos, a exemplo dos gêneros romance, carta-crônica, reportagem e anúncio.

À semelhança do romance, as cartas, a reportagem, o anúncio etc. possuem grande poder de absorver outros gêneros, daí a grande ocorrência de construções híbridas nesses

gêneros, como podemos ver no anúncio em forma de atestado médico (figura 5) e na carta aberta em forma de história em quadrinhos, (figura 6) que mostraremos a seguir:

Figura 5 - Anúncio em forma de atestado médico.



Fonte: *Jornal A República*-Natal-RN, 1914 .

O anúncio de medicamento acima incorporou a forma do atestado médico, mas não deixou de ser um anúncio, pois o propósito é vender um produto. A opção pela forma de um gênero típico da atividade médica – o atestado - que só pode ser produzido por um profissional habilitado para tal é uma estratégia discursiva usada pelo produtor para dar mais credibilidade ao produto anunciado. De forma geral um atestado é um documento e tem caráter oficial e só pode ser expedido por quem reúne poder convencionalizado socialmente para tal, por isso nesse anúncio é o médico toma para si a autoria do enunciado.

Ao transmutar o atestado médico, o anúncio de venda de medicamentos adota também a sua estrutura formal. O emprego dos elementos retóricos que caracterizam o gênero atestado (o título, um sujeito que atesta algo, o enunciado performativo “atesto”, local, data e assinatura) mostra que o atestado exerce um papel estrutural importante no gênero anúncio. A fusão entre forma e função é tanta que, a identidade do gênero anúncio só é recuperada tomando-se como critério o propósito comunicativo: atestar a eficácia do medicamento com a finalidade promover sua venda.

Essa mistura de gêneros resultante do fenômeno da transmutação também é responsável pela construção híbrida do anúncio, pois há aqui, conforme Bakhtin (1988, p. 110), pelo menos, “[...] dois enunciados, dois modos de falar, dois estilos, duas linguagens, duas perspectivas semânticas e axiológicas”.

Figura 6 - Carta aberta em forma de história em quadrinhos.



- QUERIDO QUINO:
- Olá
- Vou escrever uma série de cartas abertas nesta página.
- E queria começar escrevendo a você.
- Porque a verdade é que me tornei um leitor graças aos seus livros.
- Leitor de todos os tipos de livros, não apenas em quadrinhos.
- Minha primeira lembrança com um livro na mão é com Mafalda. Foi a porta que se abriu a centenas de universos.
- O mesmo aconteceu com muitos de minha geração e adiante.
- Também me lembro de pensar! (Ui... O nariz é uma bolinha).
- E eu pude desenhar uma bolinha.
- E o melhor é que eu pude me tornar um desenhista. (Rasga)
- Vou ter que praticar bastante.
- De modo que apenas ...
- Obrigado por me fazer leitor.
- Obrigado por fazer muitos leitores.
- Saudações.
- POST DATA:** A timidez que me domina quando nos cruzamos impede que eu lhe diga essas coisas pessoalmente. Desculpas públicas.
- Liners

Fonte: *Playboy*, ago. (2011), p. 202.

A carta aberta mostrada na figura 6 conserva todos os elementos retóricos que caracterizam os gêneros de carta – remetente, destinatário, saudação inicial, conteúdo temático e despedida – mas se estrutura em forma de história em quadrinhos. Nesse caso, são os elementos retóricos e a própria menção do enunciador - *vou escrever uma série de cartas abertas nesta página* - que contribuem para a identificação do gênero.

Os dois exemplos (figuras 5 e 6) escolhidos para fundamentar nossa argumentação mostram que o anúncio e a carta aberta ao transmutarem outros gêneros apresentam uma construção altamente híbrida. Se o anúncio que transmuta o atestado médico e a carta aberta que transmuta a história em quadrinhos são também gêneros híbridos, então podemos afirmar que sempre que houver transmutação externa, conforme Zavam (2009), haverá hibridização e, portanto, a transmutação externa implica necessariamente transmutação e hibridização.

Essas constatações nos levaram a repensar a reduplicação do conceito de **transmutação inovadora** proposto por Zavam (2009). Para a autora, a transmutação é um fenômeno inerente ao gênero e por isso pode ocorrer sem mescla de gêneros. Ou seja, qualquer tipo de mudança que afete os gêneros ao longo de seu percurso histórico é, conforme a autora, decorrente da transmutação. Assim, ela propõe a reduplicação da transmutação inovadora em **interna e**

externa. Com base nessa reduplicação, o fenômeno da transmutação existirá, mesmo que um gênero não incorpore outro.

Para explicar a distinção que a autora propõe entre a transmutação inovadora interna e a externa, vamos comparar os dois anúncios de medicamentos (ver figuras 7 e 8) para, em seguida, apresentarmos uma redefinição dessa classificação.

Figura 7 - Anúncio antigo da pastilha Valda



Cuidado com os Micróbios!!!
A ANTISEPSIA VOLÁTIL
Pastilhas VALDA
Esteriliza, Desinfeta, Purifica o ar respirado

*Destroi os micróbios
Evita as doenças que determinam*

CURAE
Constipações, Defluxos,
Rouquidões,
Doenças da Garganta,
Bronchites, Catarrhos,
Asma, Gripe,
Influenza, Emphysema,
etc. etc.

**PELO EMPREGO DAS
PASTILHAS
VALDA**

Agente Geraes
FERREIRA NEWKIRK & C.
Rua 25
RIO DE JANEIRO

Revista Careta (RJ) - 16 5 1914

Cuidado com os Micróbios!!!
A ANTISEPSIA VOLÁTIL
Pastilhas VALDA
Esteriliza, desinfeta, purifica o ar respirado.
Destroi os micróbios
Evita as doenças que determinam

CURA
Constipações, Defluxos,
Rouquidões,
Doenças da garganta,
Bronchites, Catarros,
Asma, Gripe,
Influenza, Enfizema
etc. etc.

**PELO EMPREGO DAS
PASTILHAS
VALDA**
(Ilegível)

Rio de Janeiro

Fonte: <http://www.valda.com.br/historia.html>. Acesso em: 10 out. 2012.

Figura 8 - Anúncio atual da Pastilha Valda



produtos

Linha Classic
 Pastilha Valda Classic
 Tablete Valda

Linha sem adição de açúcar
 Pastilha Valda diet
 Tablete Valda diet com Xilitol
 Bala Valda Fibras

Valda Friends
 Valda Friends Gum

A Pastilha Valda é a mesma nessas diversas apresentações, e são encontradas em todas as farmácias e drogarias.

- Apenas 2,6 kcal por Pastilha
- O Mentol, o Eucalipto e o Timol, ingredientes naturais presentes nas Pastilhas Valda, purificam o hálito, perfumam e refrescam naturalmente a garganta.
- Fabricadas à base de goma acácia: mais natural, rica em fibras solúveis, com textura mais firme e muito mais refrescante!
- A Pastilha Valda também é vendida em displays de 12 sachês e de 12 cartuchos.
- Valor Calórico: 2,6 kcal por Pastilha.
- Prazo de Validade: 2 anos após a data de fabricação.
- Peso Líquido: 1 g por Pastilha.

Fonte: <http://www.valda.com.br/historia.html>. Acesso em: 10 out. 2012.

Há entre esses dois anúncios de um mesmo produto – a pastilha Valda - várias diferenças que situam cada um deles em um momento histórico. O anúncio da **figura 7** reflete

as condições da sociedade brasileira no início do século XX, quando não havia controle rígido sobre a propaganda de remédios. Os anunciantes tinham total liberdade para enaltecer as qualidades do produto e sua abrangência terapêutica, sem comprovação científica. Assim, pastilhas eram anunciadas como remédio para curar “constipações, defluxos, rouquidões, doenças da garganta, bronquites, catarros, asma, gripe, influenza, enfisema”, como comprovam o texto do anúncio.

Isso era possível, pois naquela época (início do século XX) não havia políticas públicas nem legislação para regulamentar a propaganda enganosa. De modo geral os remédios prometiam a cura de doenças sem comprovação científica.

Na atualidade, o anúncio da pastilha Valda veiculado na mídia já reflete outra realidade, pois a venda de medicamentos no Brasil foi normatizada e passou a ser regulada pela Agência de Vigilância Sanitária (ANVISA)³⁸. Conforme as normas vigentes, a divulgação e a comercialização de medicamentos só podem ser feitas após testes rigorosos em laboratório (primeiro testados em animais e depois em humanos) para comprovar a eficácia das substâncias ativas e prevenir os usuários de possíveis efeitos colaterais. Nesse cenário, os anúncios de medicamentos foram obrigados a mudar para se adequarem às exigências legais.

As necessidades de adequação a que os gêneros são submetidos incluem também o suporte. Conforme regulamento da ANVISA, somente os remédios que podem ser comprados livremente, sem apresentação de receituário médico, podem ser veiculados na televisão, no rádio nas revistas e na internet, como é o caso do anúncio de pastilhas citado; os de venda controlada só podem ser anunciados em revistas especializadas e voltadas para a classe médica.

Comparando os dois anúncios (figuras 7 e 8) podemos ver que ocorreram mudanças significativas entre eles. Essas mudanças visam à adequação às normas vigentes, pois, como já frisamos, não é mais permitido fazer promessas de cura de doenças sem comprovação científica. Em vez da lista de doenças que poderiam ser curadas pelo uso da pastilha, o anúncio atual traz informações sobre ingredientes (mentol, eucalipto e timol), sobre o número de calorias, prazo de validade e peso da unidade. A única promessa é de purificar o hálito, perfumar e refrescar a garganta.

As mudanças que afetaram esses dois os anúncios ao longo do tempo são, principalmente, conjunturais, pois refletem a necessidade de adequação às novas regras

³⁸A propaganda de medicamento no Brasil foi regulamentada pela Agência de Vigilância Sanitária (ANVISA), através da resolução-RDC nº 96, de 17 de dezembro de 2008 que dispõe sobre a propaganda, publicidade, informação e outras práticas cujo objetivo seja a divulgação ou promoção comercial de medicamentos.

impostas pela legislação vigente. Como a publicidade de medicamentos envolve questões éticas e de saúde pública, ela é obrigada a se submeter a regras que protejam os consumidores.

Em face disso, fica claro que os gêneros também mudam porque precisam se adequar a novas realidades que regem o funcionamento das instituições. Embora a atualização linguística seja o elemento mais visível nessa mudança, há imposições oriundas da própria dinâmica social, por meio de novas regras para o funcionamento das instituições, da incorporação de novas tecnologias, das descobertas científicas etc. É importante frisar que esses fatores não atuam de forma isolada, mas conjuntamente para que os gêneros assumam novas configurações.

Sobre as mudanças decorrentes da atualização linguística, podemos afirmar que elas têm relação com o que Bakhtin (2003) denominou de estilo funcional e estilo individual. Mudanças no estilo do gênero promovem mudanças no gênero. As mudanças no estilo funcional resultam das especificidades da esfera de comunicação onde cada gênero é produzido e circula. O estilo é considerado por Bakhtin (2003) um elemento constitutivo do gênero, mas os estilos – individual e funcional – se manifestam de formas diferentes, como fica claro na afirmação abaixo:

Todo enunciado (...) é individual e por isso pode refletir a individualidade do falante (ou de quem escreve), isto é, pode ter estilo individual. Entretanto, nem todos os gêneros são igualmente propícios a tal reflexo da individualidade do falante na linguagem do enunciado, ou seja, ao estilo individual. (...). Na imensa maioria dos gêneros discursivos (exceto nos artístico-literários), o estilo individual não faz parte do plano do enunciado, não serve como um objetivo seu mas é, por assim dizer, um epifenômeno do enunciado, seu produto complementar. (BAKHTIN, 2003, p. 265-266)

As mudanças na linguagem do enunciado decorrem tanto da interferência do estilo de quem produz o enunciado oral ou escrito, o estilo individual, quanto do estilo funcional que é determinado pelas especificidades do campo de atividade, que se transforma à medida que o tempo passa. O estilo individual pode se manifestar para transgredir e para romper com o cânone estabelecido (FIX, 2006), mas também para marcar discursivamente as diferentes vozes que podem entrar na composição de diversos gêneros literários (romance, conto, crônica etc.) e jornalísticos (reportagem, notícia, entrevista, etc.).

Não há dúvidas de que os gêneros sofrem mudanças em sua trajetória, mas será correto afirmar que todas as mudanças são decorrentes do fenômeno da transmutação? Se

considerarmos que o fenômeno da transmutação pressupõe mistura de gêneros, então a resposta para essa pergunta será não.

Para esclarecer essa questão voltemos às mudanças que apontamos nos anúncios das figuras 7 e 8. Comparando esses dois anúncios produzidos em diferentes momentos históricos, percebemos algumas mudanças, porém essas mudanças não foram ocasionadas por mescla de gêneros, mas decorrentes de contingências sociais que visam à adequação do anúncio a uma nova realidade, ou seja, o gênero se renova para atender a certas exigências.

Ao defendermos que os gêneros se renovam sem que haja necessariamente mescla de gêneros, estamos indo de encontro ao conceito amplo de transmutação defendido por Zavam (2009). Reconhecemos que os gêneros não se originam do nada, pois todo gênero nasce de outro (TODOROV, 1980), mas é certo que os gêneros depois de criados se estabilizam. Quando defendemos que os gêneros podem se renovar sem mescla, ou seja, sem transmutar outros gêneros, estamos nos referindo a um processo posterior ao ato de criação dos gêneros, que nem sempre pode ser flagrado. Posterior aqui deve ser entendido como a etapa em que um determinado exemplar de gênero passa a ser reconhecido como tal nas práticas discursivas.

Não podemos deixar de mencionar que um mesmo gênero, o anúncio, por exemplo, pode transformar-se no seu percurso histórico por meio de mescla ou não. Quando há mescla, temos um exemplar de gênero com características híbridas, como já exemplificamos com os gêneros das figuras 5 e 6.

A questão que se apresenta é a seguinte: como devemos tratar um gênero que, comparado a outros da mesma espécie, se renova sem mesclar-se com outro(s)? Se transmutação implica mistura de gêneros e, conseqüentemente, hibridização, como definir o fenômeno da renovação que ocorre sem mescla de gêneros? Se esses dois fenômenos não ocorressem, então seria correto afirmar que todo exemplar de gênero com que nos deparamos é híbrido. Será que todos os gêneros que circulam nas diversas práticas discursivas são híbridos?

Temos plena consciência de que essas questões merecem mais reflexões, mas conscientes de que a hibridização decorre da transmutação e a transmutação implica mistura de gêneros, apresentamos uma proposta de reclassificação para o conceito de transmutação inovadora interna, conforme Zavam (2009). Assim, todo gênero, ao longo de sua trajetória, pode sofrer mudanças ocasionadas por três fenômenos distintos:

- a) **Transmutação criadora** – esse fenômeno implica sempre mistura de gêneros a partir da qual surge um novo gênero. O novo gênero será híbrido, pois resulta de mescla de gêneros;
- b) **Transmutação inovadora** – esse fenômeno também inclui mistura de gêneros, mas a mescla não interfere no *status* genérico, ou seja, o gênero transmuta outros gêneros, hibridiza-se, mas permanece o mesmo, como acontece com a carta aberta que transmuta a história em quadrinhos (**figura 6**), mas se conserva gênero carta aberta, ou o anúncio que transmuta o atestado, sem deixar de ser anúncio.
- c) **Renovação sem hibridização** – esse fenômeno não inclui mistura de gêneros. As mudanças são, sobretudo, de natureza estilística e conjuntural. As mudanças estilísticas resultam do estilo individual do produtor e são permitidas pelo gênero. No processo de renovação, as mudanças levam tempo e acompanham as modificações do contexto sociocultural em que os gêneros são produzidos e circulam. Um exemplar de gênero com essas características não apresenta elementos característicos de outro(s) gênero(s).

Defendemos, portanto, que os gêneros não mudam apenas pela incorporação ou mescla de outros gêneros. Os três fenômenos descritos acima – transmutação inovadora, transmutação criadora e renovação sem mescla de gêneros – podem explicar toda a complexidade que envolve as mudanças pelas quais os gêneros passam ao longo do tempo, pois se nem toda mudança resulta da mistura de gêneros, todos os gêneros se renovam. Além disso, nem todos os exemplares de gêneros são híbridos. Esses três fenômenos estão, portanto, presentes nos processos que marcam a evolução dos gêneros historicamente.

Essas reflexões nos encaminham para as seguintes conclusões:

- a) As mudanças que afetam os gêneros ao longo do tempo para adequá-los a novas contingências (históricas, sociais, culturais, políticas etc.) e que não incluem a mistura de gêneros devem ser vistas como um processo que denominamos de **renovação sem hibridização**;
- b) A hibridização decorre diretamente da transmutação, pois sempre que um gênero transmuta outro, seja para gerar um novo gênero (transmutação criadora), seja para se renovar (transmutação inovadora), essa mistura resulta em um gênero de composição híbrida;

- c) Os fenômenos da transmutação e da hibridização não podem ser vistos separadamente, pois todas as vezes que um gênero se reelabora a partir da incorporação de outro, podemos observar a ocorrência dos dois fenômenos;
- d) Toda mudança promovida pela mescla de gêneros produz um gênero híbrido.

As mudanças decorrentes da renovação sem mescla de gêneros ocorrem para que os gêneros possam adequar-se a novas realidades a que são submetidos no seu percurso histórico. Concordamos com Zavam (2009) apenas quanto à duplicação do fenômeno da transmutação em transmutação criadora e transmutação inovadora, pois ambas envolvem a intergenericidade ou mistura de gêneros, quer seja para criar um novo gênero a partir de outro já existente, quer seja para diversificar e enriquecer as possibilidades enunciativas permitidas por alguns gêneros.

As reflexões feitas neste capítulo são importantes para a compreensão do gênero em estudo, porque a carta-crônica constitui-se da mescla de dois gêneros - a carta e a crônica - e, portanto, é uma forma híbrida. Além disso, a carta-crônica também transmuta outros gêneros, como mostraremos na seção a seguir.

4.4 A construção híbrida da carta-crônica: entre o jornalismo, a literatura e os temas cotidianos

De acordo com Meyer (1992), a tradição de escrever crônicas em forma de carta³⁹ é antiga e no Brasil vem desde as primeiras décadas do século XIX, quando o jornalismo começou a se desenvolver por aqui e os folhetins⁴⁰ tornaram-se o espaço privilegiado de entretenimento no jornal. O folhetim ocupava o rodapé da primeira página dos jornais e nele se publicavam romances traduzidos, romances nacionais, crônicas, cartas, resenhas, folhetins literários etc. Nesse contexto, algumas figuras foram importantes na popularização do folhetim.

Dentre essas figuras, Meyer (1992) destaca um ex-livreiro francês chamado Pierre Plancher que, exilado de seu país por suas ideias liberais, foi um revolucionário do jornalismo brasileiro. Fundou o *Jornal do Comércio* em 1827, onde trabalhou como editor e conseguiu a

³⁹ É bem provável que as crônicas em forma de carta, citadas por Meyer, sejam semelhantes às cartas-crônica publicadas em jornais do RN e possam ser consideradas os primeiros exemplares do gênero. Entendemos, porém, que, qualquer afirmação nesse sentido requer uma investigação empírica a fim de compará-las com o gênero em estudo nesta tese.

⁴⁰ Conforme Meyer (1992, p. 96) “De início – começos do século XIX – *le feuilleton* designa um lugar preciso do jornal: o *rez-de-chaussée* – rés-do-chão, rodapé, geralmente da primeira página. Tem uma finalidade precisa: é um espaço vazio destinado ao entretenimento”.

proeza de publicar romances franceses traduzidos, quase ao mesmo tempo em que esses eram publicados na França. Também fundou neste mesmo ano um jornal destinado às mulheres, *O Espelho Diamantino*. Nesse jornal escrevia crônicas para tratar de amenidades, mas quando o assunto era mais sério e exigia um posicionamento crítico do enunciador, a crônica era substituída pela carta. Essas cartas eram ficticiamente dirigidas ao redator. Tudo leva a crer que a mistura de carta e crônica, ou seja, crônicas em formato de cartas (cartas-crônica) já era uma forma textual praticada no Brasil quando o jornalismo impresso começou.

A carta-crônica, à semelhança da crônica literária/jornalística é produzida por escritores ou jornalistas e nasceu, como os folhetins, na primeira página do jornal. Conserva as formas retóricas típicas do gênero epistolar: saudação inicial, local e data, despedida e assinatura e ficticiamente remetida ao Redator, mas o tom despretensioso, o estilo e os temas são típicos da crônica.

Como já destacamos no capítulo 2 desta tese, para atender a funções distintas, as cartas foram, ao longo do tempo, conforme a duplicação de transmutação proposta por Zavam (2009) misturando-se a outros gêneros tanto pelos processos de transmutação criadora (a fusão resulta na criação de um gênero novo), quanto pelo processo de transmutação inovadora (a mistura de gêneros reelabora e renova o gênero, mas não interfere na sua identidade genérica). As cartas-crônicas, no processo de constituição são submetidas ao processo de transmutação criadora e também transmutam outros gêneros que entram na sua composição, por isso é um gênero híbrido.

Defendemos, portanto, que a mistura de gêneros seja para gerar um novo gênero ou não sempre originará um gênero híbrido, o que reforça a ideia de que os fenômenos da transmutação e da hibridização ocorrem juntos. A carta-crônica transmuta a crônica que também é considerado um gênero híbrido, pois oscila entre a notícia, gênero jornalístico e o conto, gênero literário. A crônica é parte integrante do gênero que estamos estudando, por isso faz-se necessário apresentar outras reflexões que nos ajudem a entender quão complexos podem ser os processos envolvidos na constituição dos gêneros.

4.4.1 Sobre a crônica

A crônica transita livremente entre o jornalismo e a literatura. Essa dupla filiação está na origem do jornalismo brasileiro, quando a crônica dividiu o espaço do rodapé do jornal com gêneros tipicamente literários: o romance e o conto. Andrade (2004, p. 267), falando dessa dupla filiação, afirma que a crônica “tem do jornal a concisão e a pressa e da literatura,

a magia e a poeticidade que recriam o cotidiano. Nela se podem apresentar pequenos contos, artigos, ensaios ou poemas em prosa, ou seja, tudo aquilo que informe o leitor sobre os acontecimentos diários”.

A autora sugere que a crônica, assim como outros gêneros dos domínios literário e jornalístico (o romance, o conto, a reportagem etc.), também pode transmutar outros gêneros. O fato de a crônica já ser um gênero híbrido, a mistura entre ela e a carta resulta numa composição altamente híbrida, em que os elementos da epistolaridade se unem aos temas cotidianos típicos da crônica.

Cândido (1992) descreve a crônica como um gênero “menor”, um gênero “ao rés do chão”. O adjetivo menor, porém, não deve ser tomado em sentido pejorativo. É menor porque a crônica é despretensiosa, é humana e se ocupa das trivialidades do dia-a-dia. A crônica “elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural” (CÂNDIDO, 1992, p. 13). Por se abrigar no jornal, um suporte que tem a durabilidade de um dia, as crônicas assim como as notícias têm vida breve.

De gênero menor, despretensioso e noticioso do cotidiano, a crônica jornalística ganhou status de gênero literário no Brasil. Quando os jornais do século XIX passaram a dedicar espaço para a publicação de crônicas e de romances, muitos nomes consagrados da literatura nacional, como Machado de Assis, passaram a escrevê-las. As crônicas foram conquistando os leitores e passaram a ser também publicadas em livro, numa tentativa de imortalizá-las, pois no jornal tinham vida curta⁴¹.

Melo (1985) considera que no Brasil a crônica adquiriu características bem peculiares que a afastaram da concepção de crônica como relato cronológico, à semelhança das conhecidas crônicas de viagem. Conforme Rosseti e Vargas (2006), a crônica brasileira aborda assuntos da atualidade sem desprezar os elementos poéticos e ficcionais e dessa forma pode “refletir de maneira poética, e às vezes irônica, o imaginário coletivo presente no cotidiano de nossas vidas” (p. 7).

As várias definições de crônica são um reflexo da sua fluidez, de sua abrangência temática e também das misturas de gêneros que nela se operam. Todas as definições de crônica esbarram em um complexo jogo entre ser e não ser, como sugere Martins (1984, p. 74) ao tentar definir crônica como um gênero que pode:

[...] guardar-se em livro, mesmo feita para o jornal. Apresentar-se como coloquial e até popular, e ser mesmo artística sem perder a naturalidade. Ser o oral no escrito. O

⁴¹Para saber mais sobre essa questão ver RESENDE, B. Rio de Janeiro, cidade da crônica. In: RESENDE, B. (Org.). **Cronistas do Rio**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

diálogo no monólogo. Fazer do leitor, ator. Encerrar uma sábia lição, sem desviar-se do comum. Pode fazer pensar, em tom de brincadeira. Pode valer para sempre, embora nascida do agora. Pode restar eterna, ainda que circunstancial. Ser brasileira, sem deixar de existir fora. Pode ser um texto de classe e permanecer como antologia. Pode fazer-se poesia e estar escrita em prosa. Avizinhar-se do conto, sem deixar de ser crônica. Pode até ser tema de tese, sem perder o popular.

A crônica brasileira, ao longo do tempo, enveredou para o divertimento. Segundo Cândido (1992), ela substituiu a informação e o comentário, que foram absorvidas por outros gêneros jornalísticos, pelo prazer de divertir os leitores. Tornou-se crônica lírico-humorística. Para isso, “a linguagem se tornou mais leve, mais descompromissada e (fato decisivo) se afastou da lógica argumentativa ou da crítica política, para penetrar poesia adentro” (p. 15).

Como vamos verificar na análise (ver capítulo 5), todos esses elementos que definem a crônica foram conservados pela carta-crônica.

4.4.2 Carta-crônica: um gênero transmutante

Quando tratou do plurilinguismo no romance, Bakhtin (1988) deu ênfase ao poder absorptivo desse gênero. Ele também observou que alguns gêneros introduzidos pelo romance podem ou não interferir em sua estrutura. Se uma carta introduzida no romance mantiver sua própria estrutura e originalidade linguísticas, passa a compor o todo do enunciado do romance e será identificada como carta, pois não interferirá na nomeação do romance. Será uma carta no romance. Porém, se a carta exercer um papel relevante na determinação da estrutura do romance, ou seja, se o romance é escrito em forma de carta, essa mistura dará origem a uma variante particular de romance: o romance epistolar⁴².

Refletindo sobre a composição da carta-crônica, é possível pensá-la nos mesmos termos do romance epistolar. Ao ser transmutada pela carta, a crônica se mistura à forma epistolar e passa a fazer parte do todo enunciativo da carta. O formato da carta, portanto, determina a nomeação do gênero: carta-crônica.

Os processos de hibridização e transmutação que deram origem à carta-crônica são complexos em virtude da própria plasticidade da carta e da sua adaptabilidade aos variados usos nos diversos domínios discursivos, como já destacamos no Capítulo II. A carta normalmente é um gênero reelaborado por outros gêneros (romances, contos, anúncios etc.), mas também permite que diversos gêneros passem a integrá-la. As cartas-crônica

⁴² Para saber mais sobre as várias possibilidades da introdução de outros traços/gêneros na composição de um gênero híbrido, que ultrapassam o binômio forma x função, consultar Lima-Neto e Araújo (2012)

incorporaram ao seu conteúdo vários gêneros, como podemos verificar pelos exemplos a seguir:

a) Carta familiar

(02)

Tio CANELLA // Si vosmicê nos tivesse ouvido, nem | eu nem Felinto tínhamos concordado | com a publicação de nossas cartas. // P'ra que contar aos outros os segre- | dos do coração? ... Penso que o passa- | do e o presente dos que se querem | bem só a elles pertencem. // As palavras de duas almas enfeitiça- | das só ellas entendem. // Antes do casamento, disse a Felinto | muitas cousas; e depois que nos casá- | mos tenho lhe dito tantas outras pala- | vras saídas do coração, que não as po- | deríamos contar. Sei, meu tio, que não | estou dizendo novidade. Todas as mu- | lheres são assim; todas nasceram p'ra | serem felizes, quando a sorte consente | fazerem a felicidade do homem de | quem gostam. // Uma cousa, porém, é certa: as con- | versas que maginamos, e ficam em pen- | samento, são as mais bonitas. // Quando Felinto está longe e minha | saudade o acompanha, é quando mais | converso com elle e o meu coração lhe | diz tudo que o bem querer nos ensina. (...) Vosmicê póde hoje querer negar, | mas eu sei, porque o coração assusta- | do me disse, muitas vezes, que Vosmi- | cê não gostou do nosso casamento. // Mas eu gostava era delle e não do | outro que estava no seu pensamento; | e me teria levado p'ra longe e me se- | parado da terra onde nasci, que era me- | tade de minha vida, si eu podesse divi- | dir o que já era de Felinto. // Agora, tenho certeza de que é seu | amigo, porque sabe que elle é bom, | trabalhador, corajoso e constante na | amizades. Tudo isso o coração me dis- | se antes do casamento, mas se não me | tivesse dito nada, ou dito o contrário, | não tinha me casado com outro. Elle | era o meu destino. // Mais forte do que minha vontade e | o poder de todo mundo, eu não podia | ser d'outro sinão delle. // Nossa Senhora teve pena de mim e | deu-me uma bôa sorte. Feliz no meu | sertão, d'elle não quero sahir; nelle cri- | arei os meus filhos, nelle terei os meus | sete palmos de tera. // Venha passar, em nossa casa, este in- | verno. A qui se fala tanto em seu nome | que os dois pequenos mais velhinhos | perguntam todos os dias, quando che- | ga o tio Canella. // Abençoe a todos, a mim, a Felinto e | a ninhada. // Fazenda Quixaba, fevereiro de 1926. // JOANNINHA // N. B. – Traga um maracá p'ra minha | caçula, mas que não seja muito gran- | de por que ella agora é que está co- | meçando a se arrastar. // A MESMA //

(C. C 014 - 04 de março de 1926)

b) Repente⁴³

(03)

(...)Minha familia está bôa // Meus filhos minha mulhé // O mais doente sou eu // Assim mesmo ando de pé. // (...) Tenho Anna e tenho José // Que viu honte a luz do dia // E tenho a caseira velha // Minha santa companhia. [...]

(C.C 020- 05 de janeiro de 1938)

c) Anedota

(04)

O bicho, dizia elle, chamava-se Dou- | rado. Era de bom tamanho, pisunho e | cotó. No tempo em que o melhor ca- | chorro não valia um bodête do disimo, | elle, boticário honrado, eleitor e juiz | de facto o comprára a seu dono por | cem mil reis. A primeira vez que o sol- | tou no piso de um veado, foi na aba | da serra do Cabugy, n'uma sexta-feira | de agosto, ao pender do sol. Dourado | sahiu num galopinho de trez pés, fereja | aqui, fareja acolá, a principio calado, o | fucinho ora rasteiro com o chão, si as | veredas e o carrasco consentiam, ora | levantado p'ra sorver no ar a direcção | da caça e, de atalho em atalho, encon- | trar de novo a batida. De repente, pa- | rou; farejou com a cabeça mais alta, | deu um ganido impaciente e partiu | como uma bala. Ainda lhe ouvi o latido | trez ou quatro vezes e depois fechou-se | o mundo p'ra mim, que nunca mais o | alcancei. Cheguei em casa já com escu- | ro, triste por ter perdido Dourado; e | mais triste do que eu ficou a mulher | p'ra quem um cachorro de cem mil reis | valia quase um chiqueiro de cabras. A | noite passou-se sem novas nem manda- | das do cadello, e da mesma forma o | dia seguinte, até que á primeira canta- | da do gallo de domingo p'ra segunda- | feira, acordei com as arranhaduras de | um bicho na porta da frente e a voz | alvoroçada de

⁴³Tipo de verso feito de improviso para ser cantado com acompanhamento de viola, típico da cultura nordestina. Aquele que canta repente é chamado de repentista.

Felismina a bradar: corre, | marido, que é Dourado. Levantei-me | num sufragante e mal abri a porta, o | cachorro esbaforido, a lingua de fóra e | a baba a escorrer em fios dos cantos da | bocca, começou a festejar-me, ganindo | de contentamento, as pernas deanteiras | alçadas até onde me podiam alcançar, | mordendo-me de vez em quando, com | brandura, a perna de ceroula, n'um mo- | vimento de quem queria mostrar-me, no | terreiro, alguma cousa que houvesse tra- | zido. || - Já sabemos, gritatram os ouvintes, | Dourado trouxe o bicho esquartejado. || - Estão vocês muito mal enganados, | respondeu o boticário: como o peso do | veado morto fosse grande, o que elle | trouxe foi o couro espichado. ||

(C.C 013 - 21 de fevereiro de 1926)

d) Causo⁴⁴

(05)

[...] uma morena | muito respeitada, mas em cuja casa não | havia instalação sanitária foi recatada- | mente por trás de uma moita satisfazer | uma necessidade fisiológica, mas o encon- | tro-de-ouro cantava: EU VI, EU VI. Ela | mudava de posição, se escondia mais e o | bichinho repetindo: EU VI, VI. Até que | ela voltou para a casa indignada com o | pássaro indiscreto, dizendo: que bicho | sem vergonha, se eu pudesse tinha dado | um tiro.

(C.C 048 - 15 de abril de 1967)

e) Dedicatória

(06)

“A sua | sempre amiga e sympathica Maria do Amor Divino como | prova de sympathia e verdadeira amisade q. lhe consagra oferece | Olindina Ernestina da Costa Pereira. Acary, 12 de julho de 1884”.

(C.C 076 - 03 de junho de 2001)

f) Reza forte⁴⁵

(07)

[...] “Mal que comeis / A Deus não louvais / E nessa bicheira / Não comerás mais / Há de cair / De 10 em 10 / De 9 em 9 / De 8 em 8 / De 7 em 7 / De 6 em 6 / De 5 em 5 / De 4 em 4 / De 3 em 3 / De 2 em 2 / de 1 em 1 / E nessa bicheira / Não ficará nenhum. / Essa bicheira há de ficar sã Como sã ficaram as 5 chagas de / Nosso Senhor Jesus Cristo, Amém.” [...] **(C.C 069 - 16 de abril de 2006)**

g) Poema

(08)

(13) [...] Findo esta carta com a sexti- | lha não sei de quem: || “Há entre o tem- | po e o homem / Contradições bem fatais: / O tempo faz e não diz / O homem diz e | não faz. / O homem traz e não le- | va / O tempo leva e não trás” [...] **(C.C 088 - 25 de maio de 2008)**

h) Ditado popular

(09)

1. Quem não baixa a cabeça é ca- | beçote de cangalha. || 2. Cangalha nova em cavalo ve- | lho é pisadura na certa. || 3. Em seca tirana os bichos co- | mem até esteira de cangalha. || 4. Quando eu disser que o burro | morreu pode tocar fogo na cangalha. || 5. Quem não dá pra | sela dá pra cangalha. || 6. Segure-se nos cabeçotes. || 7. Agora você vai ver com quan- | tos paus se faz uma cangalha.

(C.C 087 - 07 de outubro de 2007)

i) Notícia

⁴⁴Narrativa falada, relativamente curta, que trata de um acontecimento real; caso, história, conto. (Dicionário Hauaiss de Língua Portuguesa On line)

⁴⁵Reza para curar bicheira do gado, proferida por rezadeiras que possuíam o dom da cura.

(10)

A notícia chega, rápida: hoje, dia de São Sebas- / tião, duas moças morreram afogadas ao atravessar, / de Surubajá para Malembá, o antigo “Boqueirão” / que unia as lagoas do Papeba e Guarairas, local ho- / je perigoso para as frágeis canoas em virtude de / escavações que o Departamento Nacional de Obras / de Saneamento efetuou para vedar a comunicação / do mar com o fértil vale do Capió. Duas barragens / foram construídas, consumindo somas consideráveis, / mas a fôrça das águas vem desafiando a perícia dos / técnicos e duas vezes foram as barragens destruídas. || Chega rápida a notícia da morte das duas mo- / ças que, com outras pessoas iam a Malembá. (C.C 036, 10 de março de 1967)

Em face de todas essas considerações, podemos afirmar que a carta-crônica é um gênero transmutante (os gêneros inseridos pertencem às esferas cotidiana, literária e religiosa e entram no texto para reforçar aspectos culturais do povo potiguar) e híbrido, pois, além das marcas de epistolaridade, apresenta características da crônica, como a focalização de temas cotidianos, o tom irônico, o humor e a linguagem coloquial.

Neste capítulo fizemos reflexões sobre os gêneros e especificamente sobre a carta-crônica numa perspectiva sincrônica. No capítulo 4 vamos apresentar e discutir o conceito de TD, conforme desenvolvido pela linguística românica alemã que será tomado como referência para a caracterização da carta-crônica como uma TD no jornalismo potiguar.

5 O CONCEITO DE TRADIÇÃO DISCURSIVA E A HISTORICIDADE DOS TEXTOS

“Uma tradição discursiva é mais do que um simples enunciado; é um ato linguístico que relaciona um texto com uma realidade, uma situação etc., mas também relaciona esse texto com outros textos da mesma tradição”.

(Kabatek)

Nos capítulos 3 e 4 abordamos a carta-crônica numa perspectiva sincrônica, por entendermos que seria importante descrevê-la para diferenciá-la de outros gêneros epistolares que também circulam em jornais. Procuramos mostrar que a carta-crônica apresenta particularidades que justificam a atribuição do nome “carta-crônica”. Para reforçar a particularidade desse gênero, apresentamos uma proposta de constelação de cartas por domínios discursivos, a partir da qual foi possível refletir sobre as características que diferenciam os diversos gêneros de cartas que circulam no jornal e sobre as estreitas relações que a carta-crônica mantém com outros gêneros de carta que circulam nos domínios cotidiano e literário.

Neste capítulo nossas reflexões têm por objetivo caracterizar a carta-crônica como uma tradição discursiva, a partir de agora (TD), no jornalismo potiguar. Entendemos que, embora a mistura da forma epistolar com a crônica não seja uma novidade na imprensa brasileira, as cartas-crônica publicadas em jornais do Rio Grande do Norte constituem uma TD, tanto pela recorrência aos temas culturais, especialmente com vistas à preservação de aspectos da cultura local, quanto pela evocação ao passado. O passado, considerado melhor que o presente, precisa ser resgatado para que os leitores atuais e futuros conheçam tradições antigas que poderiam se perder no tempo.

Para defendermos a carta-crônica como uma TD, tentaremos refletir sobre as seguintes questões: o que diferencia gênero discursivo de TD? O que caracteriza uma TD? Uma TD precisa ser compartilhada com o maior número possível de falantes de uma língua? Para responder às questões, tomamos como referência Kabatek (2004a; 2004b) e outros estudos que se apoiam no conceito de TD, conforme foi delineado no âmbito da romanística alemã a partir dos estudos de Coseriu (1979, 1980)⁴⁶.

⁴⁶As obras aqui citadas são as traduzidas para o português, mas as reflexões de Coseriu sobre essa questão começaram, conforme Kabatek (2004a), na década de 50 do século passado.

5.1 Os três níveis da linguagem de conforme Coseriu e o conceito de TD

Quando o conceito de TD foi proposto, uma das preocupações do grupo de romanística alemã, conforme declara Kabatek (2004a), foi deixar claro que as tradições discursivas não devem ser confundidas com as línguas históricas particulares e que gênero discursivo e TD não são a mesma coisa, embora em certas circunstâncias os dois conceitos possam ser equivalentes.

O conceito de TD foi desenvolvido no final dos anos 90 do século passado no âmbito da linguística românica alemã com base na teoria da linguagem de Coseriu (1979; 1980). A divisão coseriana entre os três níveis do falar foi o ponto de partida para que Koch (1997), influenciado pelas reflexões de Schlieben-Lange (1983), desenvolvesse o conceito de TD.

No enfoque dado à teoria da linguagem, Coseriu (1979⁴⁷; 1980) defende que a linguagem se organiza em três níveis: o nível universal, o nível histórico e o nível individual. O nível **universal** considera a linguagem uma atividade comum a todos os homens capazes geneticamente de falar em geral. O nível universal está, portanto, relacionado com o saber elocucional. O nível **histórico** diz respeito à língua concreta, porque ao falar emprega-se obrigatoriamente uma língua natural – o português, o inglês, o espanhol etc. Nesse nível desenvolve-se, portanto, o saber idiomático. O nível **individual** diz respeito à competência de cada indivíduo em particular possui para elaborar textos em uma determinada situação. O nível individual opera o saber expressivo. Esquemáticamente, os níveis de linguagem, segundo Coseriu, podem ser representados da seguinte forma:

Quadro 3 - Níveis da linguagem

NÍVEIS	ATIVIDADE	TIPO DE SABER	PRODUTO
Universal	Atividade do falar em geral	saber elocucional	Totalidade do falado
Histórico	língua histórica particular	saber idiomático	(língua abstrata)
Atual/individual	Discurso	saber expressivo	“texto”

Fonte: Coseriu (1980, p. 93)

Coseriu (1980) afirma que os três níveis, embora atuem conjuntamente, possuem uma certa autonomia, pois apresentam regras próprias. Segundo ele, no nível histórico a linguagem é historicamente determinada como língua (português, francês, espanhol, inglês etc.). Nesse sentido, todo falar é falar uma língua. É no nível histórico que se dá o reconhecimento de que

⁴⁷A versão em espanhol *Teoría del lenguaje y lingüística general* é de 1973.

a fala de alguém corresponde à língua “x” e não “y” e é o saber idiomático que permite fazer essa identificação.

A teoria da linguagem coseriana apresenta pontos essenciais que podem ser resumidos da seguinte forma:

- a) Os três níveis de linguagem seguem regras próprias, mas são interdependentes;
- b) O nível individual não é mera realização de uma historicidade determinada, pois, enquanto há políglotas que realizam diferentes tradições históricas, não há nenhum indivíduo que realize essa ou aquela língua (tradição histórica) em sua totalidade;
- c) Um texto não corresponde a uma só historicidade, pois pode apresentar elementos de várias tradições linguísticas.

A teoria linguística desenvolvida por Coseriu (1979, 1980), portanto, bem como a diferenciação entre os três níveis do falar são considerados aspectos essenciais para qualquer questão relativa ao estudo da linguagem e foram, por isso, a base para o surgimento do conceito de TD, sobre o qual discorreremos a seguir.

5.2 A duplicação do nível histórico da linguagem e o conceito de TD

O conceito de TD surgiu a partir de questionamentos feitos quanto ao funcionamento do nível individual da linguagem proposto por Coseriu (1979; 1980). Conforme Koch (2008), foi Schlieben-Lange (1983) quem identificou problemas na classificação proposta por Coseriu. Para ela não era válido atribuir ao nível individual um tipo de saber. Seu principal argumento é que, sendo o discurso o lugar da aplicação do saber linguístico e como cada discurso é único e o saber permite a possibilidade de reprodução, saber e discurso são incompatíveis. Sobre essa questão, Koch (1997) lembra que Brigitte Schlieben-Lange já havia provado que as tradições históricas da configuração de textos ou discursos são independentes das tradições das línguas particulares. Assim, para resolver esse problema, Koch (1997) viu a necessidade de modificar o esquema coseriano, para de evitar dúvidas entre o nível individual e o saber expressivo e entre o saber idiomático e o expressivo. Assim, para que não se confunda o nível individual com o saber expressivo, nem o saber idiomático com o saber expressivo, o autor propõe uma ampliação do nível histórico, conforme quadro a seguir:

Quadro 4 - Níveis e domínios linguísticos, segundo Koch

NÍVEL	DOMÍNIO	TIPO DE REGRAS
universal	atividade do falar	regras elocucionais
histórico	língua histórica particular	regras idiomáticas
	tradição discursiva	regras discursivas
atual/ individual	discurso	

Fonte: Koch (1997, p. 45)

Em artigo mais recente, Peter Koch (2008) explica que os dois domínios – o das línguas históricas particulares e o da configuração de textos e discursos – apesar de ocuparem o mesmo nível não estão submetidos às mesmas regras e justifica dizendo que a tradição discursiva editorial, por exemplo, pode ser praticado em diferentes línguas.

Ao relacionar as regras aos domínios da linguagem, Koch (2008) defende que a definição dos tipos de regras contribui sobremaneira para a compreensão da natureza do discurso. Assim, ao domínio da atividade de falar correspondem as regras elocucionais; ao domínio da língua histórica particular correspondem as regras idiomáticas e ao domínio das tradições discursivas correspondem as regras discursivas. Quanto ao domínio do discurso, o autor discorda de Coseriu (1979, 1980) e argumenta que não é possível haver um tipo de regra específico para o nível do discurso, pois nele os falantes fazem uso ao mesmo tempo de regras elocucionais, idiomáticas e discursivas.

Uma das principais contribuições de Koch (1997, 2008) ao duplicar o nível histórico foi constatar que a historicidade das tradições discursivas é diferente da historicidade das línguas históricas. Para explicar essa diferença ele afirma que, se por um lado são as línguas históricas que definem as comunidades linguísticas por outro, são as comunidades linguísticas (profissionais, religiosas, literárias) que definem as tradições discursivas. Ou melhor, as tradições discursivas se consolidam em grupos profissionais ou religiosos, correntes literárias, movimentos políticos entre outros. Já os grupos constitutivos das línguas históricas são as comunidades linguísticas. Portanto, tanto as línguas históricas quanto as tradições discursivas são tradições do falar.

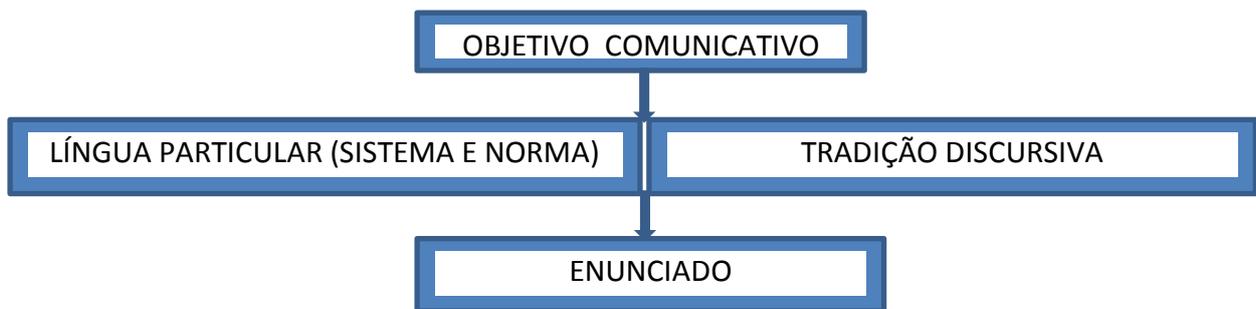
Conforme Koch (2008), como cada TD corresponde a um conjunto histórico de discursos individuais, não é correto dizer que o saber expressivo está situado no discurso individual. Para o autor, levando em conta a definição de discurso como o ato linguístico de um determinado indivíduo em uma situação específica, não há contradição em dizer que o discurso seja o lugar onde falantes e ouvintes seguem regras históricas (discursivas), pois eles

não criam novas regras para sua língua. Assim, mesmo que inovem no nível do discurso transgredindo regras idiomáticas, há uma obediência às regras elocucionais.

Ao refletir sobre a duplicação do nível histórico proposta por Koch (1997), Kabatek (2004b) defende que ela possibilita ver a língua como sistema gramatical e lexical e como tradição discursiva. Isso significa que todo ato de fala ou enunciado que apresente uma finalidade comunicativa concreta passa por dois filtros antes de se concretizar em forma de enunciado: o da língua, enquanto sistema e norma, e o das tradições discursivas. Em decorrência disso, é possível afirmar que as tradições discursivas compartilham a mesma historicidade das línguas.

O esquema na figura abaixo mostra mais claramente como esses dois filtros funcionam:

Figura 9 - Tradições discursivas



Fonte: Kabatek, 2004b, p. 161, trad. José Simões.

Portanto, definida a finalidade da comunicação, a concretização dessa finalidade por meio de um enunciado passaria por dois filtros: o da historicidade da língua e o da historicidade das TD. Kabatek (2004b) esclarece que há diferenças entre a historicidade das línguas e a historicidade das TD. A primeira coincide com a historicidade do ser humano, ou seja, a existência do homem está condicionada à historicidade da língua. “O indivíduo falante incorpora na aquisição da linguagem uma língua particular e ele a recria dentro de si como *técnica* aberta, a qual lhe permite a ação linguística criativa” (KABATEK, 2004b, p. 162 – grifo do autor). A historicidade das TD, por sua vez, está diretamente relacionada à história dos textos e à história cultural dos povos, pois uma não existe sem a outra.

Todo texto estabelece uma relação de tradição com outros textos. Essa relação pode se dar pela repetição de uma determinada finalidade textual ou de um determinado conteúdo, ou pela repetição de traços formais (KABATEK, 2004b). Isso significa que a produção de um enunciado - um ato de fala fundamental como a saudação, por exemplo - requer, ao mesmo

tempo, conhecimento linguístico e conhecimento sobre a TD de saudar em determinada cultura.

Outra questão de suma importância para a compreensão de TD é fazer a distinção entre TD e gênero discursivo. Kabatek (2004a) argumenta que pensar TD como sendo um gênero discursivo é negar a existência de tradições discursivas nas diversas línguas, embora o autor reconheça que as formas fixadas como gênero são TD, mas nem toda TD pode ser tomado como gênero.

5.3 A distinção entre TD e gênero discursivo

Como vimos na seção anterior, o conceito de TD, desenvolvido por linguistas do grupo de linguística românica alemã na Universidade de Tübingen, foi inserido no nível histórico que no modelo coseriano é o nível onde estão inseridas as línguas como sistemas de significação. Como vimos na figura 11, tanto a língua como sistema e norma e as TD funcionam como filtros entre o querer dizer de um falante (a finalidade) e o enunciado.

É importante frisar que as pesquisas desenvolvidas pelo grupo de romanística alemã, especialmente os trabalhos de Koch, (1997) e de Oesterreicher, (1997), com o propósito de estudar a gênese e a diversificação de idiomas de origem latina – o italiano, o castelhano, o francês e o português – procuraram embasamento na história das sociedades onde essas línguas eram faladas. Esses dois aspectos juntos foram, conforme Kabatek (2004), definindo as bases do conceito de TD.

A adoção desse conceito nas pesquisas linguísticas no Brasil é recente e ainda suscinta dúvidas, principalmente quanto a especificidades existentes entre os conceitos de TD e de gênero discursivo. No âmbito do PHPB o conceito embasa pesquisas que tratam da história do português brasileiro, especialmente aquelas que abordam o fenômeno da mudança linguística. Mas, como muitos linguistas defendem que a compreensão do fenômeno da mudança linguística passa pelo conhecimento da história dos textos, há um crescente número de pesquisadores interessados em estudar a história dos textos e nessas pesquisas o conceito de TD também tem se mostrado bastante produtivo, como nos estudos de Biasi-Rodrigues, 2010; Brandão, Andrade e Aquino, 2009; Costa, 2009; Rodrigues, 2011; Zavam, 2009.

Sobre o emprego do conceito de TD nas pesquisas linguísticas, Kabatek (2004a) adverte que todo conceito novo pode gerar dúvidas, por isso ele tem se preocupado em divulgar e esclarecer o conceito, a fim de que os linguistas possam utilizá-lo de forma adequada. Nesse sentido, o autor apresenta dois critérios que podem ser tomados como ponto de partida para a

definição de uma TD: **a repetição e a evocação**. A repetição é considerada um traço definidor de uma tradição discursiva, pois mostra “a relação de um texto em um momento determinado da história com outro texto anterior: uma relação temporal com *repetição* de algo” (KABATEK, 2004a, p. 5 – grifo do autor). No entanto, ele adverte que é preciso definir esse “algo” que é repetido para que se tenha uma tradição discursiva. Em primeiro lugar a repetição deve ser discursiva, portanto, são excluídas as repetições não linguísticas, como por exemplo, os objetos da cultura não linguística (a pintura cubista, estilo de dança, modelos arquitetônicos etc.). Em segundo lugar, nem toda repetição linguística dá origem a uma tradição discursiva, pois o fato de uma palavra qualquer da língua ser empregada repetidamente em milhares de textos não se constitui uma tradição discursiva.

O segundo traço definidor de uma tradição discursiva é a **evocação** que se refere ao conteúdo dos textos, ou seja, a evocação implica repetição da comunicação de um conteúdo, de uma forma textual ou de uma combinação particular de elementos que são evocados. A evocação relaciona o texto a uma dada situação e a outros textos da mesma tradição. Um exemplo seria a expressão “Era uma vez” que antecede as histórias infantis. Essas considerações conduzem à definição de TD, entendida como:

a repetição de um texto ou de uma forma textual ou de uma maneira particular de escrever ou falar que adquire valor de signo próprio (portanto é significável). Pode-se formar em relação a qualquer finalidade de expressão ou qualquer elemento de conteúdo, cuja repetição estabelece uma relação de união entre atualização e tradição; qualquer relação que se pode estabelecer semioticamente entre dois elementos de tradição (atos de enunciação ou elementos referenciais) que evocam uma determinada forma textual ou determinados elementos linguísticos empregados. (KABATEK, 2004a, p. 7)

Para conceber um gênero como uma TD, é preciso identificar marcas recorrentes, quer seja em relação ao tema, ao estilo ou a uma forma textual que se mantenha constante nas práticas comunicativas orais e/ou escritas de um povo ao longo da história e determinados culturalmente. TD são, por exemplo, as formas cristalizadas que abrem as cartas pessoais e que se diferenciam apenas em função do destinatário: “Querido filho”, “Meu amor”, “Meu caro amigo”, “Amiga querida” etc., ou as várias formas de saudação “Olá!”, “Bom dia!”, “Tudo bem?”, “Como vai a senhora?” etc. Nesse sentido, para conceber um enunciado como uma TD a análise deve considerar, além dos aspectos da historicidade linguística - sistema e norma – aspectos da cultura e das tradições de falar que caracterizam os falantes de uma determinada comunidade. É, portanto, com base nessa visão que, na próxima seção descreveremos a carta-crônica como uma TD no jornalismo do Rio Grande do Norte.

5.4 Carta-crônica: uma TD no jornalismo potiguar

Se o conceito de TD refere-se à repetição de um texto ou de uma forma textual ou de um modo particular de escrever ou de falar que adquire valor de signo (KABATEK, 2004a), então é legítimo afirmar que as cartas-crônica publicadas há quase um século em jornais do Rio Grande do Norte constituem uma genuína TD.

Como vimos no capítulo III, a carta-crônica constitui-se a pela mistura da carta e da crônica. Os elementos que caracterizam os gêneros epistolares se mostram nas formas de abertura (Senhor Redator, Senhor Editor, Caro Jornalista etc.), nas formas de fechamento (Constante leitor etc.), na indicação do local e data em que a carta foi produzida, colocada geralmente no final do texto (Fazenda Quixaba, abril de 1926) e na denominação do gênero feita pelos produtores, conforme atestam as seguintes passagens:

(11)

*Perdôe a extensão desta **carta** em | honra a um cantador de nossa terra, | que foi muito grande e muito infeliz. (C.C 020 - 05 de janeiro de 1938)*

(12)

O cerco que João Bilro mandou fa- | zer a uma egua e que contei na mi- | nha carta passada recordo-me agora | ter ouvido daquelle mesmo amigo, | relatado de uma outra maneira, que | para aqui traslado, me parecendo tra- | tar-se de um facto novo que deu lo- | gar a um novo repente, ainda mais | apreciável do que o já referido. (C.C 022 - 18 de janeiro de 1938)

(13)

Relatou-me muitos outros casos da | vida desse potentado, que não repro- | duzo afim de não dar a esta carta um | comprimento de légua e meia. (C.C 023 - 25 de janeiro de 1938)

(14)

Noutras cartas que lhe mandarei daqui da minha praia, | irei contando o que for ouvindo e observando. (C.C 031 - 25 de janeiro de 1967)

Quanto aos elementos característicos da crônica, eles estão presentes no emprego da linguagem coloquial e na descrição de fatos do cotidiano, conforme as duas passagens abaixo:

(15)

O povo daqui não é de | briga. Lugar pequeno, ati- | vidades econômicas obri- | gando a frequentes inter-| relações, os casamentos en-| trelaçando famílias, gente | mansa. Os desentendimen- | tos, aliás frequentes, resol-| vem-se na troca de algu-| mas expressões de relativo | poder ofensivo, pondo ên-| fase em defeitos físicos, ou | carregando nos apelidos e | apôdos: || - cachorro, || - baiacu, || - amarelo safado, || - cambado, || - pé de quenga, || - velhaco, || - traiçoeiro, || - cabra semvergonho, || - muleque atrevido, || - descarado, || - metido, || - cabra de peia, || - tuberculoso. || Tudo não passa de amea- | ças: || - Saia pra

fora, || - venha, || - se for homem repita a | palavra, || - não sei onde estou que | não lhe dou um tabefe, || - eu sou é homem, || - você é lá homem. || São dêste teor os diálo-| gos. O resto o tempo apa-| ga. || Se as coisas esquentam, | então é a gritaria, a corre- | ria dos que querem ver, dos | parentes, dos deixa-disso. | Os contendores se atracam, | um vai às bitacas do outro, | o mais ousado abeca o mais | fraco, um bota o outro no | chão, o de baixo passa pra | cima, vão rolando, se le- | vantam, vão de sassanga, | batem nas paredes, nas es- | tacas, pra- lá-prá-cá, de ro- | geiro. E o diálogo muda: || - cabra conheça homem, || - solte minhas guelas. || Vem logo o julgamento | dos outros. Fulano não tem | razão. Foi bulir com Cicra- | no que estava quieto em | casa. Se há sangue, vem a | fórmula jurídica da voz de | prisão: || - esteje preso à ordem do | delegado. (C.C 053, 10 de fevereiro de 1968)

(16)

Certa feita, madrugada ainda, no ar o cheiro de terra molhada | e no céu a lua muito clara fazendo sombra no chão, um portador vindo | de distante, obra de umas três léguas, trazia uma nova. Chegou-se à casa | e gritou: “Cumpadi Sirvino... ô cumpadir Sirvino ... é nutiça de Penden- | ga... a cumadi discansô u’a minina feme ... mi dê as arvissa ... vai tudo | im paz...” Sono maneiro, cutucou sua mulher dizendo: “É a fala de com- | padre Deodoro” e levantou-se, acendeu o candeeiro e lhe abriu a porta. (C.C 081 -08 de setembro de 2002)

É exatamente essa forma textual, surgida da mistura de dois gêneros, que é evocada pelos quatro produtores das cartas-crônica, selecionadas para análise.

Quanto aos produtores das cartas-crônica, consideramos importante mencionar que o fato de tratar-se de um gênero cuja produção restringe-se a um pequeno grupo de escritores/jornalistas (as cartas-crônica que compõem o *corpus* desta pesquisa foram produzidas por 03 sujeitos) não invalida tomar esse gênero como uma TD.

Como argumento, vamos mencionar um exemplo dado por Kabatek (2004a). Embora o autor deixe claro que nem toda variação linguística é TD, argumenta que há casos em que uma variedade linguística pode ser tomada como TD. Segundo ele, a variedade linguística diafásica que inclui o imperfeito do subjuntivo francês falada pelos “Enarcas” - membros do parlamento francês que estudaram juntos na mesma escola - é uma TD. Isso significa que uma TD pode estar restrita a um pequeno grupo e, portanto, não é a quantidade de falantes que determina uma TD, mas a repetição da forma linguística usada sempre por estes parlamentares franceses quando estão reunidos. Em outras palavras, o saber que os falantes demonstram sobre o uso de certas variedades é transmitido pelas TD.

Assim, o grupo de escritores que adotou e manteve a tradição de escrever crônicas em forma de carta (tradição inaugurada no Brasil desde o início do século XIX, quando a imprensa jornalística começou a se desenvolver) aliando esse formato a temas voltados para questões culturais com a finalidade de resgatar costumes e hábitos tradicionais que estão se perdendo no tempo, consolidou essa TD no jornalismo potiguar.

É importante destacar que a TD carta-crônica não surgiu no jornal. Durante as grandes navegações no século XVI, os escrivães enviavam notícias sobre as terras descobertas através de crônicas epistolares ou cartas-crônica. Um exemplo disso é a *Carta* de Pero Vaz de Caminha ao El Rei D. Manuel, contanto sobre a chegada da frota portuguesa ao Brasil. O texto de Caminha contém elementos de crônica, mas é fiel à forma epistolar em conformidade com a finalidade pretendida: mandar notícias.

Portanto, como vimos ao longo deste capítulo, a origem do conceito de TD encontra-se na teoria coseriana de linguagem, composta de três atividades: a atividade universal - a língua é uma atividade comum a todos os homens; a atividade histórica - quem fala, fala com base em uma língua histórica; e, a atividade individual - a linguagem se concretiza em textos e em discursos contextualmente situados. É no nível histórico da língua que as TD se originam. As TD e a língua enquanto sistema e norma funcionam como filtros entre a finalidade comunicativa do falante e o enunciado.

Para entender o conceito de TD é preciso considerar os dois traços fundamentais: a **repetição** e a **evocação** (KABATEK, 2004a). A repetição diz respeito a certos traços linguísticos e/ou discursivos pelos quais os textos estabelecem relações com outros textos em um dado momento da história. Assim, as formas repetidas - uma expressão ou uma forma textual - reforçam e alimentam as TD entre os falantes. O traço da evocação está relacionado à repetição de formas textuais de conteúdos temáticos e que são tratados nos textos e contribuem para a especificação de cada gênero discursivo.

Com base nessas considerações, podemos afirmar que as cartas-crônica apresentam características que se repetem ao longo de sua trajetória, entre os quais se destacam a presença de títulos, as marcas da oralidade na fala de personagens inseridos nas cartas; os temas coloquiais e, principalmente, a valorização do passado revelado pela memória. Em outras palavras, as cartas-crônica evocam, ao mesmo tempo, a composição epistolar e os conteúdos temáticos que alimentam a crônica: o cotidiano das pessoas, os costumes e hábitos e a cultura que caracterizam um povo ao longo de sua história.

No próximo capítulo apresentaremos o modelo teórico-metodológico que norteará a análise das cartas-crônica como uma TD no jornalismo potiguar.

6 PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Este capítulo tem por objetivo apresentar o quadro teórico-metodológico com base no qual a análise dos dados foi realizada. Primeiramente descrevemos a constituição do *corpus*, a metodologia de coleta dos dados e por fim apresentamos as categorias analíticas originadas no contexto, no texto e na norma/forma da TD objeto de estudo desta pesquisa.

6.1 A constituição do *corpus* e a coleta dos dados

O *corpus* desta pesquisa compõe-se de cartas-crônica publicadas em jornais do Rio Grande do Norte ao longo do século XX e primeira década do século atual. As primeiras, de autoria do jornalista Eloy de Souza⁴⁸, foram publicadas no jornal *A República* nos anos de 1914 e 1915 e constituem uma série intitulada **Cartas de um Desconhecido**⁴⁹. No ano de 1926, no *Diário de Natal* (Propriedade do “Centro da Imprensa Catholica”), Eloy de Souza publicou outra série, intitulada de **Cartas de um Sertanejo**. A sua última série, intitulada **Cartas Sertanejas**, foram publicadas em *A República* no ano de 1938.

Nas décadas de 60, 70 e 80, Helio Galvão⁵⁰ publicou no jornal *Tribuna do Norte* três séries de cartas-crônica, que ele denominou de **Cartas da Praia**. Por fim, desde 1985, até os dias atuais, Paulo Bezerra⁵¹ vem publicando cartas-crônica na *Tribuna do Norte*. Diferentemente dos dois autores citados, cada carta-crônica de Paulo Bezerra traz um título que geralmente faz referência à temática abordada.

A coleta das cartas que constituíram *corpus* foi realizada durante os meses de maio e junho de 2011 em três arquivos localizados em Natal-RN: Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Norte, Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e arquivo do jornal *Tribuna do Norte*.

⁴⁸Eloy de Souza (1873-1959), natural de Macaíba-RN, bacharelou-se em Ciências Sociais e dedicou grande parte de sua vida à política (foi deputado estadual, deputado federal e senador da República pelo RN), mas sua grande paixão foi o jornalismo. No jornal *A República* assumiu o cargo de redator-chefe por vários anos (SOUZA, 2008).

⁴⁹O título “Cartas de um desconhecido” dado à primeira 1ª série pode ser explicado pelo fato de Eloy de Souza ter usado o pseudônimo Jacintho Canella de Ferro para assinar as cartas. Eloy de Souza continuou usando esse mesmo pseudônimo nas outras cartas que publicou.

⁵⁰Hélio Galvão (1916-1981) nasceu em Tibau do Sul. Formou-se em Direito, mas exerceu também a profissão de professor. Com base no método etnográfico estudou a história do Rio Grande do Norte (BENEVIDES, 2007).

⁵¹Paulo Bezerra (1938) nasceu em Acari-RN, distante a 230 km de Natal. É médico e membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

A técnica de coleta escolhida foi a fotografia⁵², estratégia metodológica mais viável para obtenção de textos de jornais não digitalizados, cujo manuseio requer muito cuidado em função da fragilidade do papel e do precário estado de conservação de exemplares mais antigos. Além disso, em função da natureza da análise – todas as cartas passaram pelo processo de digitação e editoração, conforme as normas do PHPB para transcrição de documentos manuscritos e impressos (as regras sobre transcrição serão apresentadas na subseção 5.1.1) - a fotografia possibilita que todos os elementos a serem considerados em uma análise diacrônica de textos sejam visualizados. Em outras palavras, qualquer estudo que objetive descrever a trajetória de uma tradição discursiva publicada em jornal deve priorizar todas as informações contextuais – a diagramação do texto, a página do jornal em que o texto se insere, o de tipo de letra usado, os destaques dados aos títulos, as imagens, o tipo de grafia da época pesquisada etc. que podem constituir-se em pistas relevantes para o analista.

A coleta do *corpus* foi dividida em três etapas. Na primeira etapa, no Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Norte, só conseguimos coletar as cartas-crônica publicadas no jornal *A República* de 1914. As edições de 1915, onde também havia exemplares da 1ª série das “Cartas de um desconhecido”, não apresentavam condições de manuseio devido ao estado de desgaste da encadernação (figura 11). Assim, neste arquivo só conseguimos fotografar 15 cartas-crônica completas publicadas em 1914.

Figura 10 - Encadernação com as edições de *A República* de 1915



Fonte: Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Norte.

Consideramos importante comentar sobre essa imagem, pois ela traduz a realidade de muitos arquivos públicos que guardam documentos da nossa história. Nesse cenário, é preciso destacar a importância de pesquisas que buscam resgatar e preservar a história com base em

⁵²As fotografias, feitas em máquina digital, foram posteriormente salvas no computador a fim de possibilitar o trabalho de edição.

documentos antigos (jornais, revistas, manuscritos etc.), pois em face da fragilidade do papel usado e da falta de condições de arquivamento, em breve muito do que ainda existe poderá estar irremediavelmente perdido.

A segunda etapa da coleta ocorreu no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, onde localizamos as edições do *Diario de Natal* (Propriedade do “Centro da Imprensa Catholica”) de 1926, contendo a segunda série de cartas-crônica de Eloy de Souza, intituladas “Cartas de um Sertanejo” e as edições de *A República* de 1938, onde foi publicada a terceira série de mesmo autor, intitulada de “Cartas Sertanejas”. Nessa etapa foram fotografados 09 textos no *Diario de Natal* (o tomo contendo as edições de 1926 estava bastante danificado e várias cartas-crônica não puderam ser fotografadas) e 16 textos da série “Cartas Sertanejas”, no jornal *A República*.

A terceira etapa ocorreu no arquivo do Jornal *Tribuna do Norte*⁵³, onde fotografamos as cartas-crônica publicadas por Helio Galvão e Paulo Bezerra. O primeiro publicou três séries intituladas *Cartas da Praia*, durante as décadas de 60, 70 e 80; o segundo vem publicando desde 1985 até hoje⁵⁴ na coluna “Jornal de W. M”.

Nesse arquivo, localizamos e fotografamos 50 cartas-crônica de Helio Galvão e 100 cartas de Paulo Bezerra. Todas as fotografias foram salvas em arquivo de computador.

Finalizada a coleta nos três arquivos, contabilizamos o total de 190 cartas-crônica, distribuídas conforme quadro abaixo:

Quadro 5 - Total de cartas-crônica fotografadas para a constituição do *corpus*.

Jornal	Autor	Cartas-crônica fotografadas
<i>A República</i>	Eloy de Souza	31
<i>Diario de Natal</i>	Eloy de Souza	09
<i>Tribuna do Norte</i>	Helio Galvão	50
<i>Tribuna do Norte</i>	Paulo Bezerra	100
Total		190

Fonte: Autora (2012)

Como se tratam de textos extensos (algumas cartas-crônica possuem três laudas) optamos por fazer uma pré-seleção a fim de limitarmos o número de textos a serem editados. É importante destacar que dedicamos os meses de junho, julho, agosto e setembro para o

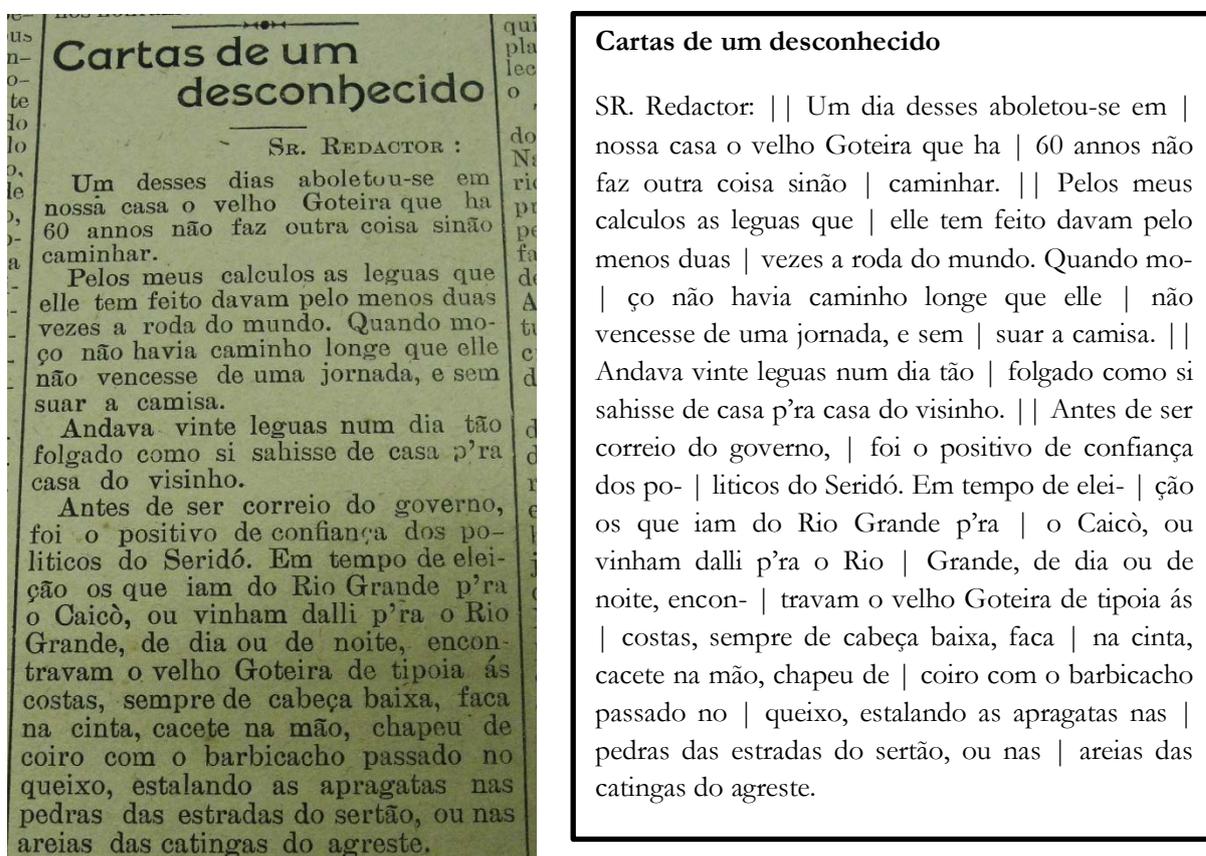
⁵³O arquivo da Tribuna do Norte possui jornais bem conservados, o que facilitou o trabalho de coleta.

⁵⁴Diferentemente das demais cartas-crônica coletadas, as cartas-crônica de Paulo Bezerra apresentam títulos individuais.

trabalho de digitação e edição. O trabalho consumiu bastante tempo principalmente em função da edição das cartas do início do século, cuja grafia difere da atual. Para esta pré-seleção, elegemos como critério a temática das cartas. Nesse sentido, priorizando textos com temas relativos à cultura e aos hábitos e costumes de sertanejos e pescadores. Após essa triagem, foram editadas 38 cartas de Eloy de Souza; 30 cartas de Helio Galvão e 47 cartas de Paulo Bezerra, totalizando 75 cartas.

As cartas foram digitadas e editadas uma a uma, de acordo com as normas adotadas pelo PHPB. A figura abaixo exemplifica o processo de edição:

Figura 11 - Exemplo do processo de edição das cartas-crônica.



Fonte: *A República* (21 fev. 1914).

Os trechos das cartas-crônica que exemplificaram a análise, ao longo desta pesquisa, foram destacados em itálico e numerados (números cardinais entre parênteses). Além disso, cada trecho foi identificado com o número de carta-crônica (C.C) e a data de publicação no jornal, conforme exemplo a seguir:

(01)

Sr. Redactor: // Nesta nova série de cartas, o meu | fim é unicamente, como já fiz de ou- | tras vezes, registrar usanças, factos, | costumes e tradições, que aproveitem | aos que desejam estudar o meio nor- | destino. (C.C 020 - 15 de fevereiro de 1938)

As normas de edição seguiram o modelo adotado pelos pesquisadores de PHPB as quais serão detalhadas na próxima seção.

6.1.1 Normas para a edição das cartas-crônica

A edição das cartas foi feita em conformidade com as normas de transcrição de documentos manuscritos e impressos, adotadas nas pesquisas do PHPB (**Anexo A**). Trata-se de uma transcrição conservadora na qual o editor evita intervir no texto, mantendo conforme o original a forma escrita e demais aspectos gráficos como destaques em negrito e itálico, emprego de iniciais maiúsculas e caixa-alta e acentuação gráfica.

Para marcar a distribuição do texto na página do jornal, a mudança de linha encontra-se marcada por uma barra vertical simples (|) e a mudança de parágrafo está indicada por barra dupla (||).

Quanto à parte da escrita, não foi feita nenhuma atualização da grafia vigente na época (início do XX). Assim, foram mantidos os acentos gráfico em *bôa, éra, déssa, cêdo* etc.; ou a ausência de acentos em *musica, proximo, machina* etc. e em *propria, Ovidio, principio* etc. Também foram mantidas a grafia de palavras com **ph** (*pharmacia, photographia, symphatia* etc.), com **th** (*homeopathas*), com consoantes dobradas (*cavallo, anno, communiquei, vacca, attento, Felipe, secca*, etc.), com acréscimos das consoantes **g** e **c** depois de vogal (*augmentar, contacto, luctanto, actual, afflicto* etc), com **h** antes da vogal **i** do hiato (*sahida, distrahir*), além de grafias como *caza, visinho, cançado, estrangeira, paizes, enchada, paes, quasi* etc.

Os raros equívocos de digitação que comprometiam o entendimento do texto foram comentados em nota de rodapé.

6.1.2 Divisão do corpus em fases e seleção da amostra

Terminado o trabalho de edição, passamos para a etapa de seleção da amostra que constituirão o *corpus* para análise. Antes disso, porém, foi necessário estabelecer os critérios para a divisão do corpus em fases geracionais.

Sobre a divisão do *corpus* em fases, é importante mencionar que, em uma análise diacrônica textual que se propõe a estudar a trajetória de um determinado gênero, um dos caminhos metodológicos é estabelecer comparações para mostrar as transformações pelas quais o gênero foi passando ao longo do tempo. Conforme discussão feita no capítulo III, os gêneros se renovam e se atualizam por contingências sociais, para acompanhar a dinâmica da sociedade ou para atender a novos propósitos comunicativos. Para identificar as mudanças que afetam os gêneros é necessário destacar as características que eles apresentam em diferentes etapas do seu percurso e é por isso que muitas pesquisas diacrônicas inseridas no PHPB vêm adotando como metodologia de análise a divisão do *corpus* em fases geracionais por séculos, ou seja, cada século é dividido em três fases para fins de comparação (BARBOSA e LOPES, 2006; ZAVAM, 2009).

No caso específico do gênero carta-crônica, nosso objeto de estudo, esta metodologia precisou ser adaptada, uma vez que os textos a serem analisados cobrem pouco menos de 100 anos (de 1914 a 2010), recorte de tempo que inviabiliza seguir esse modelo. No entanto, mesmo que as cartas-crônica não cubram um período de tempo longo, mas considerando que numa perspectiva diacrônica é importante proceder a uma a divisão do *corpus* em fases, metodologia que possibilita observar em que momentos da trajetória o gênero sofre mudanças e em que medida essas mudanças afetam o gênero, foi necessário, como já mencionamos, adaptar o modelo.

Em face disso, o critério para a divisão geracional do *corpus* baseou-se no tempo e no espaço. São três tempos cronológicos, muito embora a divisão não seja proporcionalmente igual, pois leva em conta a produção de cartas-crônica dos três autores e o período de tempo em que foram publicadas. Assim, a divisão contemplará, na 1ª fase, a 2ª, a 3ª e a 4ª décadas do século XX; na 2ª fase o final da década de 60 e início da década de 80; e, na 3ª fase, as duas últimas décadas do século XX e primeira década do século XXI.

Os espaços dos acontecimentos narrados nas cartas-crônica da 1ª fase são as fazendas sertanejas e as cidades de Natal e de Macaíba⁵⁵; nas cartas-crônica da 2ª fase, a praia de Tibau do Sul⁵⁶ e nas da 3ª fase a região do Seridó e a cidade de Acari⁵⁷.

As noções de tempo e espaço a que nos referimos está relacionada ao conceito de cronotopo desenvolvido por Bakhtin (1988). Nas cartas-crônica a relação tempo-espaço é fundamental para a construção da visão de mundo que nos é repassada. A afirmação de

⁵⁵Cidade distante a 14 km de Natal.

⁵⁶Cidade distante 72 km de Natal.

⁵⁷Cidade distante 201 km de Natal.

Bakhtin (1988, p. 211) de que “os índices de tempo transparecem no espaço, e o espaço reveste-se de sentido e é medido com o tempo” nos ajudam a compreender o modo de vida, as crenças, os hábitos e costumes do homem potiguar no sertão e no litoral.

Segundo Amorim (2006), o conceito de cronotopo em Bakhtin está ligado à produção da história. “Designa um lugar coletivo, espécie de matriz espaço-temporal de onde as várias histórias se contam ou se escrevem. Está ligado aos gêneros e a sua trajetória” (p. 105). O gênero crônica prioriza os acontecimentos do presente, mas isso não significa que um cronista não possa falar do passado. As cartas-crônica também tratam do tempo presente, mas se voltam de um modo significativo para o passado. Um passado que não pode ser esquecido e precisa ser resgatado para que as futuras gerações tomem conhecimento de como viveram os antepassados em determinados espaços. Assim como o cronista situa sua crônica em um lugar, os produtores das cartas-crônica também delimitaram lugares específicos – o sertão e a praia – como cenários que ambientam as histórias narradas. Portanto, considerando a trajetória das cartas-crônica no tempo e os espaços (sertão- praia-sertão) que ambientam os relatos, dividimos, para fins de análise, o *corpus* em três fases, conforme descrição a seguir:

- a) **1ª Fase** – constitui-se de cartas-crônica publicadas entre os anos de 1914 e 1938. O contexto dessas cartas são as cidades de Natal e Macaíba do início do século XX e as fazendas de criação de gado do sertão do Rio Grande do Norte. As histórias narradas remetem a um tempo em que as pessoas ainda não desfrutavam dos benefícios do conhecimento científico, principalmente nas áreas da medicina e da agricultura. É um tempo em que a grande maioria dos adultos da zona rural era analfabeta, em que os recém-nascidos morriam de diarreia e as doenças eram curadas em casa com mezinhas⁵⁸. É o tempo das viagens no lombo de cavalos de sela, dos bondes elétricos em Natal, do cangaço amedrontando o povo do sertão, da riqueza do algodão, do martírio das secas. O homem que vive nesse espaço/tempo conserva os costumes da tradição, se alimenta do que planta e colhe, teme os castigos divinos e se mostra cético às inovações científicas.
- b) **2ª Fase** – constitui-se de cartas-crônica publicadas entre os anos de 1967 e 1980⁵⁹. O espaço dessas cartas é o mar da praia de Tibau do Sul. As histórias ambientadas

⁵⁸Remédios caseiros, preparados à base de ervas medicinais.

⁵⁹O hiato de quase três décadas existente entre a 1ª e a 2ª fase se explica, pois não encontramos cartas-crônica publicadas nesse período. Como estamos analisando a produção de três autores, o *corpus* se restringe à produção desses autores.

neste cenário tratam da vida dos pescadores, das técnicas e instrumentos de pesca, das espécies de peixes, do artesanato feminino, das frutas colhidas na mata nativa etc. O tempo é de transformações, pois as facilidades modernas começam a chegar à praia para mudar os costumes tradicionais dos pescadores passados de geração para geração. Nesse cenário de transformações, o homem começa a sentir saudade do passado e a lamentar o desaparecimento de costumes e hábitos que fazem parte da tradição, mas começam a ser substituídos e esquecidos. As cartas revelam um tempo de oscilação e incertezas entre manter a tradição repassada pelos mais velhos ou aderir às novidades provenientes do desenvolvimento científico e tecnológico.

- c) **3ª Fase** – constitui-se de cartas-crônica publicadas desde 1985 até 2010. O espaço das cartas é a cidade de Acari na região do Seridó, no sertão do Rio Grande do Norte. As histórias nos remetem às fazendas de criação de gado, às feiras livres, aos currais e às cercas de pedra. O tempo é o passado que não volta e é resgatado pela memória do escritor. Pela memória, muitas pessoas, hábitos e costumes antigos que se perderam no tempo são lembrados. É tempo de recordar a construção dos açudes, as mezinhas, o pilão de pilar paçoca, a lamparina, a louça de barro, o ferro de brasa, as cercas de pedra, as cacimbas nos leitos dos rios, o ferro de ferrar gado, a reza forte, as secas, o xique-xique que alimenta o gado, a água carregada no lombo de jumento. É um tempo que precisa ser escrito para que as tradições não se percam.

A divisão do *corpus* nas três fases pode ser visualizada no quadro a seguir:

Quadro 6 - Divisão do *corpus* em fases, considerando tempo e espaço.

Fases	Tempo	Espaço
1ª FASE	1914 a 1938	Sertão
2ª FASE	1967 a 1980	Praia
3ª FASE	1985 a 2010	Sertão

Fonte: Autora (2012).

A divisão das cartas que constituirão o *corpus* em três fases é metodologicamente produtiva, porque, além de revelar, a partir das temáticas desenvolvidas, a trajetória de aspectos muito particulares da cultura local, também possibilitará desenvolver a análise com base nas categorias teórico-metodológicas propostas pelo modelo que apresentaremos a seguir, na seção 6.2.

Quanto ao recorte do *corpus*, como a análise dos dados segue os pressupostos da abordagem qualitativa de pesquisa, optamos por selecionar apenas 25 cartas para cada fase.

Nossa hipótese é a de que, em face do recorte temporal feito, ou seja, as cartas-crônica a serem analisadas estão situadas em uma faixa de tempo inferior a um século, os textos não apresentarão mudanças muito grandes, até porque os estudos diacrônicos têm mostrado que as mudanças na língua e nos textos não ocorrem de uma hora para outra. Além disso, sabemos que, mesmo considerando o fato de que todos os gêneros podem ser afetados por mudanças, quer seja pela transmutação (quando o gênero se forma pela mescla de gêneros ou quando ele transmuta outros gêneros), quer seja pela atualização (quando os gêneros mudam para atender a exigências contingenciais), eles conservam ao longo do tempo traços prototípicos – formais, estilísticos e temáticos – responsáveis pela sua relativa estabilização e identificação por parte dos usuários. Em face disso, defendemos que uma amostra de 25 cartas-crônica por fase é suficiente para procedermos à análise com vistas a caracterizar e descrever esse gênero como uma TD no jornalismo potiguar.

As informações relativas à divisão do *corpus* em fases e ao número de cartas-crônica a serem analisados em cada fase podem ser visualizadas no quadro seguinte:

Quadro 7 - Divisão do corpus por fases e total da amostra.

Fases	Período	Autores	Espaço	Recorte por fase
1ª FASE	1914 a 1938	Eloy de Souza	sertão	25
2ª FASE	1967 a 1980	Helio Galvão	praia	25
3ª FASE	1985 a 2010	Paulo Bezerra	sertão	25
Total da amostra				75

Fonte: Autora (2012).

Com vistas à identificação das cartas-crônica, atribuímos antes de cada uma delas um cabeçalho (cf. Anexos, B, C e D) contendo as seguintes informações: numeração de 01 a 75; o estado/cidade de edição e circulação do jornal; o título do jornal; o nome do autor; o título da série ou o título da carta-crônica⁶⁰; a data de publicação e a fonte de coleta.

Nos recortes que exemplificam as categorias analisadas, optamos por usar entre parênteses a seguinte identificação: **(C.C 01 - 03 de fevereiro de 1914)** que corresponde ao número da carta-crônica e à data de publicação no jornal.

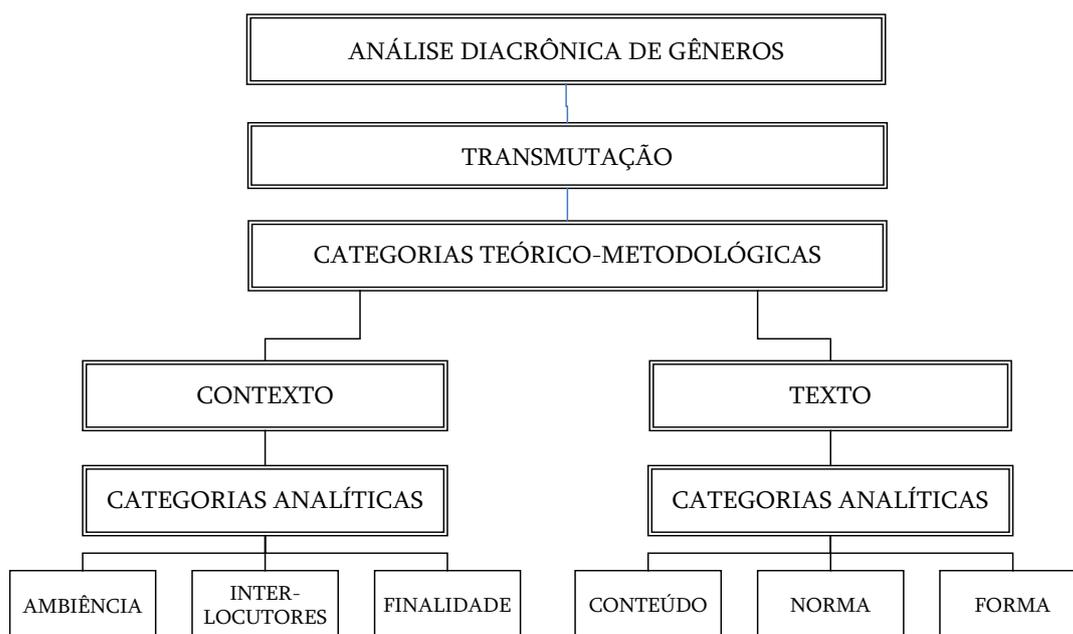
⁶⁰Nas cartas da 1ª e 2ª fases os títulos são atribuídos a cada série. As cartas que compõem a 3ª fase apresentam títulos individuais.

6.2 Categorias conceituais e metodológicas: analisando o contexto e o texto

Uma das grandes dificuldades para pesquisadores que se deparam com novas perspectivas de estudo, como acontece em relação à diacronia dos textos, é a definição de uma metodologia que dê conta de investigar o objeto de estudo nas dimensões linguística, discursiva, histórica e ideológica. Para desenvolver uma pesquisa que dê conta da historicidade dos textos, o pesquisador encontra-se diante de algumas incertezas: que procedimentos teórico-metodológicos e que categorias de análise devem ser usadas para investigar a história de um determinado gênero publicado em jornal ou de cartas manuscritas, por exemplo? Que método seguir para refazer o caminho que esse gênero percorreu ao longo do tempo? Como identificar as mudanças que o afetaram e os traços que permaneceram ao longo do tempo contribuindo para a consolidação do gênero como uma tradição discursiva?

Baseando-se nessas questões, Zavam (2009) propôs um modelo teórico-metodológico para o estudo diacrônico de gêneros. Esse modelo prioriza duas categorias teórico-metodológicas: texto e contexto. Essas categorias partem da transmutação, conceito que possibilita explicar as transformações e reformulações pelas quais os gêneros passam ao longo de sua trajetória. Conforme a autora, esse modelo pode ser adaptado para estudar outros gêneros que se enquadrem na perspectiva diacrônica de análise de gêneros. A proposta teórico-metodológica da autora pode ser entendida a partir do quadro esquemático abaixo:

Figura 12 - Proposta teórico-metodológica para análise diacrônica de gêneros



Fonte: Zavam (2009, p. 113).

Considerando que nosso objetivo também é analisar a trajetória de um gênero publicado em jornal numa perspectiva diacrônica, decidimos que seria produtivo adotar o modelo proposto por Zavam (2009), fazendo as adaptações suscitadas pelo nosso objeto de estudo. A adoção dessa metodologia se justifica, uma vez que para estudar a história dos textos é imprescindível dar conta, tanto de aspectos ligados ao contexto de circulação do gênero quanto à materialidade do texto.

Conforme já antecipamos, foi necessário adaptar o modelo proposto por Zavam (2009) para atender aos objetivos propostos. Nesse sentido, os dados levantados no *curpus* desta pesquisa nos encaminham para uma perspectiva de análise que prioriza categorias da História, como a história social (CASTRO, 1997) e a memória (LE GOFF, 2003; HALBWACHS, 2006).

Outra modificação decorrente da natureza do nosso objeto de estudo foi a inclusão da categoria hibridismo. No caso da carta-crônica o hibridismo é decorrente do fenômeno da transmutação. Entendemos que nesse gênero o fenômeno da hibridização decorre diretamente da transmutação, uma vez que o gênero é constituído pela mescla de dois outros gêneros, a carta e a crônica. Não há dúvidas que se trata de um gênero híbrido, no qual podem ser identificados elementos textuais, discursivos e temáticos desses dois gêneros. Com isto estamos reafirmando a compreensão de que todas as vezes que um gênero transmuta outro, seja para gerar um novo gênero ou para se renovar, ele se hibridiza. Em outras palavras, a hibridização decorre da transmutação.

A mistura de gêneros, como a que ocorre na carta-crônica, deve-se à natureza flexível dos textos que permitem diferentes tipos de reestruturação. Concordamos com Zavam (2009) com o fato de a transmutação ser um processo constitutivo dos gêneros do discurso e, em razão disso, a análise diacrônica de gêneros passa, necessariamente, pela compreensão de que os gêneros, no seu processo de constituição, evocam e incorporam outros gêneros, transformam-se e também são transformados. Porém, compreendemos que sempre que dois gêneros se misturam, eles se hibridizam. A análise da carta-crônica, portanto, parte da adoção desses dois conceitos: transmutação e hibridização. Mas, para entender como a transmutação e a hibridização, de fato, determinam o processo constitutivo da carta-crônica, é preciso analisar as categorias teórico-metodológicas texto e contexto.

6.2.1 *Análise do contexto*

A relação entre linguagem e contexto tem sido enfocada por diversas áreas do conhecimento e, segundo Hanks (2008), estudos em antropologia, linguística, sociologia, pragmática, psicolinguística e filosofia da linguagem têm gerado uma infinidade de modelos em que a língua é moldada pelos contextos sociais e interpessoais em que o discurso ocorre. Observando as características desses modelos, o autor classifica as abordagens sobre contexto em dois tipos: abordagens individualistas e abordagens globais. Essas duas abordagens se opõem na medida em que a primeira toma o contexto como local e efêmero, pois está centrado no enunciado falado, e a segunda considera que o contexto é global e duradouro, pois seus sistemas explicativos de referência são as condições sociais e históricas.

Ainda segundo Hanks (2008), o conceito de contexto é teórico e se baseia em relações, pois “não há contexto que não seja “contexto de”, ou “contexto para” (p. 174). Nesse sentido, o conceito de contexto vai depender da concepção de lingua(gem), discurso, produção e recepção de enunciados, práticas sociais etc. mobilizados. Diante dessa complexidade, há duas questões que parecem consensuais: a primeira é que não há um modelo único de contexto analiticamente suficiente para toda pesquisa e a segunda é que a produção de sentido por meio da linguagem depende fundamentalmente do contexto (HANKS, 2008).

Ao tratar da relação entre contexto e enunciado, Maingueneau (2011)⁶¹ também considera que fora do contexto não é possível falar do sentido de um enunciado. Em suas palavras “o contexto não é necessariamente o ambiente físico, o momento e o lugar da enunciação” (MAINGUENEAU, 2011, p. 26), pois a interpretação de texto requer identificar pistas no contexto linguístico ou cotexto. O autor compreende que o contexto pode apresentar três fontes de informações: a) **o ambiente físico da enunciação, ou contexto situacional** – esse contexto possibilita a interpretação de unidades como os dêiticos de lugar, o presente do verbo e os dêiticos de pessoa; b) **o cotexto** – diz respeito às estratégias de referenciação, ou seja, sequências verbais que são retomadas para a interpretação e atribuição de sentido ao texto; c) **os saberes anteriores à enunciação** – são os saberes que fazem parte do conhecimento de mundo dos leitores – nomes de pessoas, de lugares, o formato do texto etc. e que não se encontram nem no contexto situacional nem no cotexto.

Maingueneau (2011) também insere na configuração do contexto as noções de tempo e espaço e discorre sobre esses dois conceitos quando trata das condições de êxito a que são submetidas as atividades sociais e os gêneros do discurso. Em outras palavras, ele adverte que

⁶¹A edição original do francês **Analyser les textes de communication** é de 1998.

todo gênero do discurso se encontra submetido a cinco condições de êxito: uma finalidade reconhecida, o estatuto de parceiros legítimos, o lugar e o momento legítimos, um suporte material e uma organização textual. Embora todas essas condições tenham a mesma importância para as condições de êxito de um gênero de discurso, vamos focalizar na condição que ele denomina de *o lugar e o momento legítimos*.

Para Maingueneau (2011, p. 66), a categoria tempo e espaço é constitutiva do gênero, ou seja, “todo gênero de discurso implica um certo lugar e um certo momento”. As cartas-crônicas noticiam fatos do cotidiano, da política, do trabalho, revelam dados autobiográficos, mas, sobretudo, evidenciam aspectos que ajudam a recontar a história cultural do povo potiguar em determinados tempo e lugar. São fontes históricas a partir das quais podemos reconstruir a história social dos sertanejos, dos políticos, dos comerciantes, dos pescadores, dos cantadores de viola, dos artesãos etc. Nesse sentido, os missivistas também podem ser considerados historiadores, pois lidam com elementos como mentalidades, sociedade, memória individual e coletiva, eventos etc. que funcionam como personagens de uma narrativa (TEIXEIRA, 2008).

Não podemos esquecer que a carta-crônica, além de pertencer ao domínio jornalístico, também se inscreve como texto literário literatura, uma vez que é crônica, e como relato pessoal, uma vez que é carta. Nas cartas-crônicas identificamos tanto fatos e personagens do mundo real, quanto personagens e acontecimentos fictícios. Mesmo assim, podemos afirmar que a maioria dos fatos provém de recordações guardadas na memória dos enunciadores. São lembranças que foram vivenciados pelos autores ou repassados por outros em conversas. Todo esse apanhado, de certa maneira, revela aspectos importantes da história social do povo potiguar.

O conceito de história social adotado aqui diz respeito a uma dimensão específica da vida em sociedade, na qual todos os níveis de abordagem inscrevem-se no social e se interligam (CASTRO, 1997). Priorizar a história social como uma categoria que nos conduz à compreensão do contexto sócio-histórico em que as cartas-crônicas estão inseridas é aceitar que esse gênero, que transita entre os domínios literário e jornalístico, pode ser tomado como uma fonte que possibilita conhecer a trajetória de vida de potiguares: onde e como vivem, quais as orientações políticas, qual o peso da religião da vida de sertanejos e pescadores, que alimentos consomem e como são preparados, qual a relação com o trabalho, com o artesanato, com a cultura local? Segundo Castro (1997), a história social prioriza a experiência humana e os processos de diferenciação entre comportamentos individuais e identidades coletivas na explicação histórica. Não há dúvidas de que muitos aspectos que contribuem para a

consolidação da identidade do povo potiguar, especificamente o sertanejo que aprendeu a viver em um ambiente de clima adverso e os pescadores, que sobrevivem unicamente do que retiram do mar. São dois espaços distintos, mas que apresentam similaridades, principalmente quanto aos valores e crenças que orientam a vida dessas pessoas ao longo do tempo.

6.2.2 Análise do texto

A categoria teórica **texto** permite a análise de aspectos linguísticos e discursivos ligados ao **conteúdo**, à **norma** e à **forma**. A análise textual da carta-crônica deve considerar que, apesar de se tratar de um gênero publicado em jornal, há uma clara vinculação com a esfera literária. Se a carta-crônica é também um gênero literário, não podemos esquecer que estamos lidando com o discurso literário, que segundo Maingueneau (2006) é um dos lugares privilegiados da manifestação do dialogismo. Além disso, os gêneros literários se abrem a “diferentes possibilidades para a expressão da individualidade da linguagem através de diferentes aspectos da individualidade” (BAKHTIN, 2003, p. 265) e isso se manifesta na utilização de uma variedade de expressões linguísticas que identificam um falar local e definem aspectos peculiares de uma cultura.

Para analisar o conteúdo das cartas, a hipótese inicial foi definir o tópico central de cada texto, porém, embora em algumas cartas seja possível identificar o tópico, na maioria delas não há centração tópica, ou seja, uma mesma carta-crônica aborda vários temas. De modo geral, nelas podem estar contidas histórias, relatos de vida, causos, denúncias, críticas a certos costumes, receitas, reza forte, mezinhas, listas de objetos ou animais, crenças, culinária tradicional, hábitos alimentares, descrição de objetos antigos etc. que fazem referência a aspectos muito particulares da vida no sertão e no litoral.

Em face disso, nossa hipótese inicial foi a de considerar a recorrência de temas ligados à vida cultural de sertanejos e pescadores o traço definidor da TD carta-crônica. Porém, atentamos para o fato esses temas não são inerentes somente à carta-crônica. Muitos outros gêneros tratam de temas relativos à cultura de um povo. Qual seria, então, o traço recorrente dessa TD? Para Kabatek (2004) afirma que uma TD se caracteriza pela repetição de um texto, de uma forma textual ou de uma maneira particular de escrever. Numa TD há o estabelecimento de uma relação entre atualização e tradição que ocorre quando uma determinada forma textual ou determinados elementos linguísticos são evocados.

Com base no conceito, identificamos um fenômeno recorrente: a valorização do passado revelado pela memória. A valorização do passado tem explicação histórica. Segundo Le Goff

(2003), a maior parte das sociedades considera o passado como modelo para ser seguido no presente. Ou seja, o passado é, em muitos aspectos, melhor do que o presente.

Observamos que nas cartas-crônica o passado é retomado com dois propósitos: o primeiro é recordar e lamentar o que ficou no passado que não volta mais; o segundo é comparar o passado com o presente. Para falar do passado são evocadas palavras ou expressões linguísticas como: **saudade, lembrança, recordação, tempo passado, já faz tempo, já faz um bocado de tempo, tempos antigos, passado que não volta, tempo que não volta mais, naquele tempo, guardar na memória, relembrar, me veio a lembrança, etc.**

Quanto a este aspecto, é importante destacar a relação entre memória e passado. Nas cartas-crônica as tradições, os costumes e crenças herança dos antepassados precisam ser registrados para não se perderem no tempo e para que as novas gerações tomem conhecimento da história cultural de seu povo. O passado, portanto, ou é resgatado pela memória coletiva dos grupos sociais – sertanejos e pescadores – ou pela memória individual dos missivistas e dos personagens inseridos na narrativa.

Para Seligmann-Silva (2003), o registro da memória, ao contrário da historiografia linear da visão histórica tradicional, que defende a possibilidade de se reconstruir o passado por inteiro, “é fragmentário, calcado na experiência individual e da comunidade, no apego a locais simbólicos e não tem como meta a tradução integral do passado” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 65).

Halbwachs (2006) considera que embora memória coletiva e memória individual se relacionem, elas não se confundem. Segundo ele, a memória coletiva diz respeito às lembranças de grupos, de uma sociedade, de uma nação. É uma espécie de memória social e na verdade não há limites claramente traçados para distinguir memória coletiva de história, embora diferentemente da história, a memória coletiva tende a esquecer de uma grande quantidade de fatos e personalidades antigas. Conforme Halbwachs (2006, p. 105), quando fatos e pessoas são esquecidos não é por má vontade ou indiferença, mas porque os grupos que guardavam essas lembranças deixaram de existir.

A memória individual, por sua vez, depende de vivências, ou seja, apesar de se apoiar na memória coletiva, um indivíduo só lembra daquilo que vivenciou, por isso a memória individual “está muito estreitamente limitada no espaço e no tempo” (HALBWACHS, 2006, p.72).

Nas cartas-crônica a memória individual também se revela por meio da fala de personagens que contam fatos e dão depoimentos. Não podemos esquecer que o tipo textual⁶² predominante nas cartas-crônica é o narrativo, sequência textual que permite a inserção de outras vozes, seja por meio do discurso direto ou do discurso indireto.

Cabe aqui uma referência a Bakhtin (1976) para quem o discurso citado é um fenômeno linguístico específico da sintaxe, cujo fim é integrar ao enunciado do autor o enunciado de outro. Assim, o discurso citado situa-se fora do seu contexto original, pois é transportado para o contexto do autor que, ao incorporar o enunciado de outro “põe em jogo normas sintáticas, estilísticas e de composição para assimilá-las parcialmente, ou seja, para adaptá-las ao plano sintático, estilístico e de composição” do seu próprio enunciado. (BAKHTIN, 1976, p. 144)

Com relação à análise das categorias textuais **norma** e **forma**, diferentemente do que propôs Zavam (2009) em seu modelo teórico metodológico de análise, optamos por não separar esses dois elementos. Entendemos que na carta-crônica eles são indissociáveis.

O conceito de **norma** que estamos adotando não tem relação com uso prescritivo da língua, ou seja, com o padrão normativo das gramáticas que orienta os usuários a escolherem entre as várias formas de realização da língua, a forma reputada como correta. A norma na visão de Coseriu (1979) é uma realização coletiva, social, por isso existem várias formas de falar uma mesma língua. Assim, as formas de fala que são repetidas pelos usuários de uma comunidade sócio-linguístico-cultural equivalem à norma dessa comunidade de fala. Na condição de realização coletiva, a norma se caracteriza como uma repetição de modelos regulares nos usos dos falantes e é nesse sentido que ela está associada à tradição e à cultura.

Nos gêneros do discurso a norma diz respeito ao que é recorrente, ao acabamento do gênero, ao que é relativamente estável e contribui para a identificação do gênero. Bakhtin (2003) alerta que é o gênero que organiza a manifestação verbal e promove seu acabamento. Assim, para que um texto seja considerado uma carta, ele deverá apresentar certos elementos em sua estrutura composicional – os tópicos de abertura e fechamento (despedida), o conteúdo temático e o local e data e. A norma, portanto, diz respeito ao que é regular e usual em um gênero.

A forma diz respeito à descrição de elementos envolvidos na escritura das cartas-crônica. Esses elementos são denominados por Maingueneau (2011, p 81) de paratexto e se referem ao “conjunto de fragmentos verbais que acompanham o texto propriamente dito”.

⁶²Tipo textual deve ser tomado aqui como “uma espécie de construção teórica definida pela natureza linguística de sua composição”, conforme definição de Marcuschi (2008, p. 154)

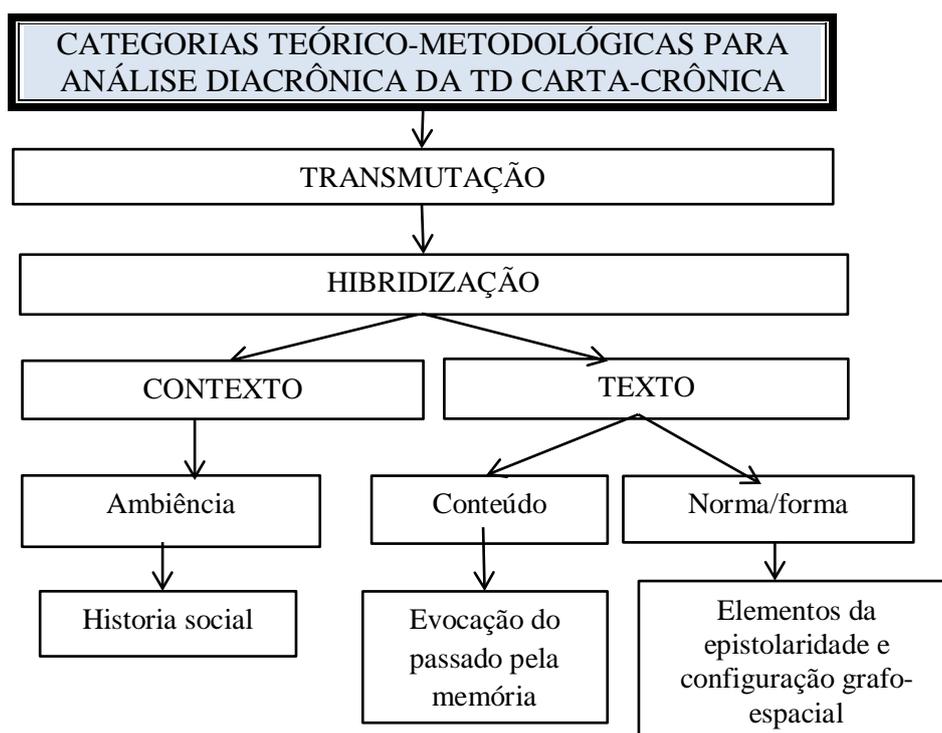
Esses fragmentos, segundo o autor, tanto podem ser unidades mais amplas, como prefácios, ou unidades menores, como um título, uma assinatura, uma data, uma rubrica, notas de rodapé e comentários na margem do texto.

Maingueneau (2011) reforça a importância dos elementos que compõem o paratexto, pois, como o texto escrito ocupa um lugar material, muitos arranjos podem ser feitos em relação à forma como o texto pode ser inserido no suporte. Na página do jornal, por exemplo, o texto pode ser disposto em coluna, ou enquadrado em pequenas seções. Esses arranjos orientam a leitura e ajudam a construir sentidos.

A opção por não separar norma e forma na análise da carta-carta crônica é fruto da constatação de que os elementos prototípicos desse gênero – título, saudação inicial, despedida e local e data dizem respeito à norma de estruturação do gênero e à forma que o texto deve assumir para se enquadrar como gênero epistolar.

As mudanças que afetaram a TD carta-crônica em seu percurso serão analisadas dentro das categorias norma e forma. Sabemos que o período de tempo em que se situam as cartas-crônicas que analisamos não é suficiente para que o gênero passe por mudanças acentuadas. Mas, como os gêneros são entidades dinâmicas e como na carta-crônica a manifestação do estilo individual do produtor é permitida, de certo apontaremos mudanças em seu percurso. O modelo teórico-metodológico para a análise da TD carta-crônica pode ser visualizado na figura a seguir:

Figura 13 - Categorias teórico-metodológicas para análise diacrônica da TD carta-crônica



O quadro teórico-metodológico apresentado acima orientou nossa proposta de pesquisa para o paradigma de pesquisa qualitativa, pois as questões e as hipóteses que gravitam em torno delas permitiram que a análise desenvolvida fosse de natureza interpretativista e compreensiva da realidade estudada. As pesquisas qualitativas, conforme Alves-Mazzotti e Gewandszjadler (2002, p. 131) “partem do pressuposto de que as pessoas agem em função de suas crenças, percepções, sentimentos e valores e que seu comportamento tem sempre um sentido, um significado que não se dá a conhecer de modo imediato, precisando ser desvelado”. Em função disso, uma das características de um estudo qualitativo é a abordagem indutiva que permite ao pesquisador partir de observações mais livres. Nesse sentido, as categorias de análise não devem ser definidas *a priori*, mas devem estar baseadas em evidências do *corpus*.

Para alcançar os objetivos traçados na análise dos dados, nos apoiamos nos pressupostos da pesquisa **descritiva** e **explicativa**, pois buscamos evidências para explicar e caracterizar a carta-crônica como uma TD no jornalismo potiguar.

O enfoque teórico metodológico aqui mobilizado tentará resgatar a história da carta crônica na esfera jornalística do Rio Grande do Norte, primeiro como gênero e depois como TD.

7 ANÁLISE DA TD CARTA-CRÔNICA

“O precioso da História é a documentação para o futuro e não o juízo decisivo e peremptório. Todos os contemporâneos, para o bem e para o mal, são testemunhas de vista, indispensáveis e ricas de notícia. Testemunhas e não juízes ou advogados. Todos testemunhas. O futuro estudará, confrontará e dará sentença. Muita gente pensa que a História é uma velhinha amável e covarde que aceita, por preguiça e senectude, as decisões dos contemporâneos. Todos nós julgamos a História quando apenas escrevemos para a História”.

(Câmara Cascudo)

A análise da TD discursiva carta-crônica foi dividida em 3 partes: a análise do contexto, do texto e da norma/forma. Primeiramente estudamos aspectos ligados ao contexto e resgatamos detalhes significativos sobre a construção da história social do povo potiguar. As cartas-crônicas abordam tanto fatos que caracterizam a vida dos agricultores, como a construção de açudes para amenizar os efeitos das secas, como a vida cultural e social nas cidades, os hábitos e costumes dos pescadores e sertanejos, as tradições culturais, as crenças religiosas etc.

A análise do texto nos remeteu às particularidades linguísticas que caracterizam a TD carta-crônica, ou seja, o resgate do passado pela memória coletiva e individual dos enunciadorees.

Por fim, a análise da forma e da norma mostrou aspectos recorrentes que constituem e caracterizam as cartas-crônicas.

7.1 A dimensão do contexto: a história social revelada nas cartas-crônicas

Não há como atribuir sentido aos textos sem considerar o contexto onde eles foram produzidos e circulam. Assim, nesta primeira dimensão da análise, nosso objetivo é situar as cartas-crônicas no contexto sócio-histórico em que estão inseridas e resgatar a história social de sertanejos e pescadores com base nos relatos presentes nas cartas. Como as cartas-crônicas foram publicadas em jornais, vamos apresentar aspectos da história da imprensa no Rio Grande do Norte, especialmente as informações relativas aos três jornais em que as cartas objeto de nosso estudo foram publicadas.

7.1.1 História do jornalismo potiguar: os jornais em que as cartas-crônica foram/são publicadas

A publicação do primeiro jornal de que se tem notícia no estado do Rio Grande do Norte se deu no ano 1832. O periódico se chamava *O Natalense* e seu fundador foi o Padre Francisco de Brito Guerra. Como na época não existia prelo na Província do Rio Grande do Norte, os primeiros exemplares, de apenas quatro páginas, foram impressos no Maranhão, no Ceará e também em Pernambuco (CASCUDO, 1999).

A maioria dos jornais, periódicos e revistas que circularam no Rio Grande do Norte no século XIX teve vida curta, principalmente em virtude da falta de tipografias, uma realidade comum às províncias da época. Segundo Martins; Luca (2008), muitos estudiosos atribuem as dificuldades encontradas na instalação do periodismo no Brasil a três fatores: o atraso, a censura e o oficialismo. Elas advertem que, embora esses três devam ser considerados, é preciso levar em conta que as primeiras manifestações da imprensa nacional surgiram no seio de uma sociedade complexa e em processo de mudança em que “o periodismo pretendia, também, marcar e ordenar uma cena pública que passava por transformações nas relações de poder que diziam respeito a amplos setores da hierarquia da sociedade, em suas dimensões políticas e sociais” (MARTINS; LUCA, 2008, p. 25).

Os primeiros impressos dividiram espaço com manuscritos de formas variadas - correspondências particulares, cópias de textos, toda sorte de papéis pregados em paredes e muros etc. e foi nesse cenário que a imprensa periódica se instalou no Brasil.

No Rio Grande do Norte, província pobre cuja economia girava em torno da atividade agropecuária – cana de açúcar no litoral e agreste, algodão e pecuária bovina no Seridó – a trajetória para implantação de uma imprensa estável não foi fácil. Seguindo uma tendência nacional, no território potiguar a imprensa periódica surgiu em função dos interesses de grupos políticos que precisavam difundir os ideais dos seus partidos para chegar ao poder e lá se fortalecer. À exemplo disso, o mais antigo jornal em circulação no Estado, *O Mossoroense*, fundado pelo advogado Jeremias da Rocha Nogueira, em 1872 na cidade de Mossoró, tinha como meta defender as ideias do Partido Liberal e fazer oposição ao Partido Conservador.

Cascudo (1999) afirma que a imprensa dependia do grupo político para sobreviver e que 85% dos jornais publicados na cidade de Natal pertenciam à classe dos políticos. A maioria durava o tempo de uma campanha, ou seja, surgiam para defender uma candidatura, mas ao fim da eleição deixavam de circular. Os grupos políticos ligados ao Partido Liberal ou ao Partido Conservador usavam o jornal para defender os ideais do partido, elogiar

correligionários, canonizar os chefes ou atacar os adversários. Segundo Cascudo (1999, p. 319) o interesse pela notícia não era tanto quanto o “sabor de ler as descomposturas saborosamente adubadas e resolvidas com alvoroço” publicadas nas páginas dos jornais.

a) Jornal *A República*

Fundado em 1º de julho de 1889, pelo médico Pedro Velho de Albuquerque Maranhão, o jornal tinha a missão de difundir os ideais do Partido Republicano. O primeiro número foi praticamente todo dedicado ao Partido: um editorial-programa, escrito por Pedro Velho, artigos e notícias políticas encheram as quatro páginas. Logo após a Proclamação da República, Pedro Velho foi escolhido para assumir provisoriamente a chefia política e administrativa do Rio Grande do Norte e o jornal *A República* passa a funcionar como um grande celeiro de futuros políticos.⁶³ *A República* foi o primeiro jornal impresso no Estado comprometido com ideologia partidária, modelo que foi seguido por vários outros jornais que foram surgindo. Assim como no restante do país, a imprensa potiguar teve papel importante na escolha e indicação de nomes para governar o Estado.

Inicialmente voltado para a divulgação e consolidação das ideias republicanas, transformou-se em Diário Oficial do governo. Esse fato aconteceu quando Dr. Jerônimo Américo Raposo da Câmara, que governou o Rio Grande do Norte de fevereiro a março de 1890, amigo de Pedro Velho, propôs que os atos do governo passassem a ser publicados nas páginas daquele jornal. A publicação dos atos administrativos era uma prática do Governo Central que vinha se fortalecendo nas províncias desde que *A Gazeta do Rio de Janeiro* passou a publicar os atos do governo imperial brasileiro. O contrato para a *A República* publicar os atos oficiais do governo foi assinado em 14 de fevereiro de 1890 e, ao tornar-se “Órgão Oficial do Governo”, passou a publicar na primeira página a “Parte Oficial” e os “Atos Oficiais” com seções e colunas específicas (FERNANDES, 2006- grifos do autor).

Porém, somente no ano de 1928, o governador Juvenal Lamartine de Faria assinou um decreto criando a Imprensa Oficial e mantendo *A República* como órgão dos poderes públicos do Estado. O jornal continuou a publicar todos os atos dos três poderes, mas também publicava artigos originais ou traduzidos sobre instrução pública, agricultura, viação, colonização, economia, finanças, comércio, estatística, higiene, ciências, letras e artes e quaisquer outros assuntos de interesse geral que concorressem para o progresso moral e

⁶³O jornalista Carlos Morais denominou o jornal *A República* de “Máquina de imprimir governadores”, pois de 1895 (ano em que Pedro Velho assumiu o governo do Estado) até 1928, onze ex-redatores de *A República* assumiram o cargo de chefe do executivo do Estado. In: Suplemento Nós do RN..., Ano I, nº Zero, Outubro de 2004. Disponível em www.dei.rn.gov.br

material do Estado, excetuados aqueles que a juízo do Diretor, pudessem provocar polêmicas de caráter pessoal (FERNANDES, 2006). Ao longo de sua trajetória, de 1889 até 1938 ano em que deixou de circular, *A República* recebeu vários subtítulos – “Periodico Politico e Noticioso” (1889), “Orgam do Partido Republicano” (1891), “Orgão do Partido Republicano Federal” (1914) e “Órgão Official do Estado” (1938).

Em 1914, *A República* começa a publicar a primeira série de cartas escritas por Eloy de Souza sob o pseudônimo de Jacinto Canela de Ferro, as **Cartas de um Desconhecido**. Em 1938 publica a terceira série, as **Cartas Sertanejas**.

b) Jornal *Diario de Natal* (Propriedade da “Imprensa Catholica”)

O *Diario de Natal* foi fundado em 1924 e circulou até 1932⁶⁴. Nele foi publicada em 1926 a segunda série de cartas escritas por Eloy de Souza, intituladas **Cartas de um Sertanejo**. O impresso de orientação católica voltava-se para a divulgação de assuntos religiosos. As **Cartas de um Sertanejo** eram publicadas na primeira página, onde uma enorme variedade de temas era abordado: carta do redator, coluna social (notas de casamento, aniversário etc.), telegramas, folhetim, avisos, anúncios e seções sobre comércio, moda feminina, objetos perdidos, notícias entre outros.

c) Jornal *Tribuna do Norte*

O jornal *Tribuna do Norte* (Natal), fundado em 1950, nasceu do sonho de Aluísio Alves (1921-2006) de aliar jornalismo e política. Sua primeira edição chegou às ruas no dia 24 de março de 1950, com 12 páginas. O jornal acompanha desde o início a trajetória política da família Alves e, durante o período da ditadura, por defender os ideais democráticos, teve integrantes presos e foi ameaçado de fechar. Na época, Aluísio Alves e seu irmão Agnelo Alves tiveram seus direitos políticos cassados pelo AI5⁶⁵. Seguindo uma tendência do jornalismo impresso no mundo, a *Tribuna do Norte* também é publicada, desde 1999, on-line, pelo portal www.tribunadonorte.com.br.

A *Tribuna do Norte* publicou em 1967 a primeira série de **Cartas da Praia**, escritas por Helio Galvão; em 1968 saiu a segunda série e nos anos posteriores, até 1980 foram de forma dispersa outras cartas e alguns artigos, sempre enfocando a praia de Tibau do Sul. Também saíram nas páginas da *Tribuna do Norte* todas as cartas escritas por Paulo Bezerra,

⁶⁴Em 1933, o *Diario de Natal* – Propriedade da “Imprensa Católica” passou a se chamar *A Ordem*.

⁶⁵O Ato Institucional nº 5 foi decretado pelo Executivo em dezembro de 1968. O ato deu amplos poderes ao presidente Costa e Silva e fortaleceu o aparelho repressivo do Estado.

desde 1985 até os dias atuais. É importante mencionar que as cartas de Paulo Bezerra são publicadas na coluna “Jornal de WM”, assinada pelo jornalista Woden Madruga. Woden integra a equipe de jornalismo da *Tribuna do Norte* desde 1956 e sua coluna diária⁶⁶ surgiu em 1964, como um espaço para falar sobre cultura local, divulgar literatura, analisar e criticar problemas locais, comentar sobre política, denunciar os problemas de Natal e do Estado e especialmente publicar as cartas, os bilhetes e, nos últimos anos os e-mails que recebe.

7.1.2 A história social de sertanejos e pescadores: costumes e tradições no sertão e no litoral potiguar

A análise da história social das cartas-crônicas será dividida em três etapas, conforme as três fases que dividem as cartas que constituem o *corpus*. Na primeira, vamos apresentar aspectos que caracterizaram modo de vida do sertanejo, ambientado no sertão e em fazendas de criação de gado. As cartas-crônica dessa fase também resgatam a história de Natal no final do século XIX e primeiras décadas do século XX.

Na segunda etapa, serão evidenciados aspectos da história de moradores e pescadores de Tibau do Sul, uma pequena cidade localizada no litoral sul do Rio Grande do Norte. Com base nas informações contidas nas cartas é possível traçar um retrato de como viviam os pescadores em pequenas cidades praianas na década de 60 do século passado. Fica evidente nas cartas que, embora as mudanças ocasionadas pelo avanço da ciência tenham afetado o estilo de vida dos moradores, alguns hábitos e costumes tradicionais foram conservados pelos pescadores.

Na análise da história social das cartas da terceira fase, a ênfase recairá sobre as singularidades que caracterizam o modo de vida do sertanejo que habita a região do Seridó do Rio Grande do Norte, especialmente a cidade de Acari e sua zona rural. Essas singularidades também estão relacionadas aos instrumentos de trabalho, à produção artesanal de instrumentos ligados à criação de gado.

7.1.2.1 A história social nas cartas-crônica da 1ª fase (1914-1938)

Com base nas cartas-crônicas escritas por Eloy de Souza, pode-se reconstruir passagens da história social do Rio Grande do Norte, desde meados do século XIX até o final da década de 30 do século XX. Há vários fatos relativos à história de Natal e da vizinha Macaíba, cidade bem menor que Natal, mas com um intenso comércio em função da existência de um porto,

⁶⁶Trata-se da coluna mais antiga do jornalismo impresso do Estado.

local de chegada de mercadorias importadas e de saída do algodão mocó e do açúcar produzidos no estado. Há ainda informações sobre a luta do sertanejo para construir açudes, meios de transporte, saúde pública, algodão, cangaço, feira livre, alimentação, medicina caseira, entre outros.

Na primeira série de cartas-crônica, publicadas em *A República* de 1914, o universo do homem sertanejo e a convivência com a seca são enfocados. A atuação da Inspeção de Obras Contra as Secas (IOCS), órgão criado em 1909 com objetivo de encontrar soluções para amenizar o problema da seca no sertão nordestino, é mencionada. As trágicas consequências dos três anos de seca (de 1877 a 1879) que assolaram quase todos os estados do Nordeste e o norte de Minas Gerais, matando milhares de pessoas de fome e sede, exigiram que o governo começasse a tomar providências. Conforme Silva e Medeiros (2008), a política do IOCS para a construção de açudes, tanto em espaços públicos quanto em terras particulares, objetivava gerar as condições para manter a atividade agrícola, mesmo em períodos de seca, e dar condições para fixar o sertanejo em sua própria terra, diminuindo o movimento migratório do meio rural para o espaço urbano.

a) A Inspeção de Obras Contra as Secas (IOCS) e construção de açudes

O armazenamento de água em açudes era considerado pelos sertanejos a única saída para conviver com a seca. Porém, mesmo recebendo incentivos do governo a construção de açudes era difícil. Numa das cartas-crônica o missivista conta a saga de um fazendeiro que, após ter seu projeto para a construção de um açude particular aprovado pelo governo, é surpreendido com a notícia de que o açude não ia mais ser construído, pois havia erros graves no estudo da bacia hidrográfica feito por quatro jovens engenheiros enviados pelo IOCS, conforme trecho seguinte:

(17)

Nisto chegou o rebate de mudança | de engenheiro-chefe em Natal, e logo | depois a noticia de que a papelada fei- | ta pelos engenheiros que tinham | estado na fazenda do meu compadre não conferia com o terreno, estan- | do a planta toda errada. || O chefe novo tinha descoberto que | o riacho escripto no tal projecto | como estando ao nascente ficava no | poente; a parede estava troncha e o | sangrador mais alto que a parede. || Uma desgraça. ||
(C.C 001 - 03 de fevereiro de 1914)

Havia tanta expectativa por parte dos sertanejos sobre a construção de açudes que, qualquer promessa do governo era comemorada com festa, como fica claro na passagem abaixo:

(18)

No dia em que chegou o positivo | com a carta annunciando que os pape- | is tinham sido confirmados na ca- | pital federal o foguetão estrondou | naquellas covoadas de serra, que não | houve bizerro nem cavallo que fi- | casse pastando naquellas novecen- | tas braças mais proximas, durante | tres dias. || (C.C 001 - 03 de fevereiro de 1914)

b) Modernização da agricultura e da pecuária

Para modernizar a agricultura e a pecuária no estado, o governo criou os campos de demonstração. Esses campos eram locais para pesquisa, onde eram realizados experimentos sobre melhoramento do rebanho e sobre novas técnicas agrícolas. Um campo de demonstração foi instalado no distrito de Jundiáí, Município de Macaíba. Em uma das cartas o narrador conta ter recebido a incumbência de visitar o referido local a fim de analisar as instalações e elaborar um relatório avaliando as condições do empreendimento:

(19)

Depois de me mostrar a casa de mo- | rada bonita e muito bem preparada, | como não tem igual no Rio Grande | fomos ver o sitio e as plan- | tações. Antes nunca tivesse posto os | pés em semelhante lugar, tão triste | fiquei do abandono em que estão as | várzeas da propriedade. Metade das | cercas cahiram e cahidas ficaram. A | lavoura que existe é pouca e esta | mesmo invadida pelo matto e pelo | capim, parecendo não ter visto en- | chada desde que nasceu. A canna não | pode se pior, mal crescida e mal | tratada, com tres nós em cada gomo, | e coberta de piolho do pé à bandeira. || [...] Fui ao chiqueiro dos | porcos, que se chama pocilga, cheio | de lama como o de toda parte. Cau- | sou-me espanto que, raças diferentes | destinadas à reprodução de cada qua- | lidade, estivessem misturadas, deven- | do suceder, segundo meu pensar, | grande atrapalhação na geração. || O galinheiro parece casa de gente | rica. [...] Os porcos cá p'ra mim, | um casal é de furão o outro é de | “bahé” e o terceiro de canastra: na | bocca do doutor, porém, os nomes | das raças a que pertencem são todos | em lingua estrangeira, e todos vie- | ram de outros paizes, comprados a | peso de ouro. O doutor tambem mos- | trou-me um cavallo árabe que cus- | tou quatro mil francos, fóra as des- | pesas da viagem. É um animal bo- | nito, sem falta, mas não serve p'ro | fim que levou o governo a compral- | o por tanto dinheiro. Sertanejo quan- | do apanha um cavallo inteiro tão | frio como elle não se dá ao trabalho | de beneficiar, solta-o no fundo dos | pastos sem receio de que venha apa- | nhar mofo ou rengue. || O doutor, não há duvida, que é li- | do, e dá bem p'ra professor em al- | guma escola de agricultura, onde não | tenha que ensinar coisas que dependam | de andar no sol e na chuva, ma- | nejando os instrumentos de trabalho | da lavoura. || Communiquei essa minha opinião | ao coronel Prudente que ficou muito | admirado dessas informações, pois só | conhecia o Campo de Demonstração | do tempo em que era seu diretor um | doutor italiano, muito brabo com os | empregados e auxiliares, mas amigo | do trabalho e da lavoura que sempre | viveu bem tratada, e todos os ser- | viços em bôa ordem. [...] Deus permitta que es- | se moço que me tratou com tanta | bondade tome coragem e amor ao | officio e passe a trabalhar, ensinan- | do a nós outros sertanejos as novas | maneiras de plantar e criar, das ou- | tras terras. || Arado eu vi muitos; como vi gra- | des, semeiadeiras, capinadeiras e | umas infinidades de machinas, mas | voltei de lá na mesma, porque o a- | mericano que entende do manejo | desses aparelhos estava

adoentado, | e fóra delle no “Campo” não ha | quem o substitua. E é assim que o | governo pretende melhorar a lavou- | ra no nosso paiz. (C.C 004 - 12 de fevereiro de 1914)

De fato os Campos de Demonstração existiam na época e foram criados por iniciativa do governo Federal. Conforme Peixoto (2008), o Decreto nº 8.319, de 20 de outubro de 1910, sancionado pelo Presidente Nilo Peçanha, criou e regulamentou o ensino agrônômico no Brasil. Também estava previsto no decreto a criação de “Campos de Demonstração” cuja finalidade era “divulgar os conhecimentos práticos, adquiridos em experimentações anteriores, tendo em vista o aumento da produção agrícola” (PEIXOTO, 2008, p. 14). No entanto, o tom irônico com que o “Campo” é descrito pelo narrador denuncia o desperdício de dinheiro e o insucesso da experiência no Estado.

c) O atraso de Natal

No final do século XIX, quando o Rio Grande do Norte ainda era uma província, Natal, apesar de ser a sede do governo, não conhecia o progresso, não era urbanizada e o aspecto das ruas de terra não se diferenciava das pequenas cidades e vilas do interior. Para acentuar esse atraso, o missivista faz comparações entre Natal e Macaíba, pequena cidade situada a pouco mais de 20 quilômetros da capital. Enquanto em Natal o comércio era inexpressivo, em Macaíba podia-se encontrar todas as novidades chegadas da Europa. A cidade era favorecida pela existência do porto, através do qual as mercadorias chegavam para abastecer o comércio local. As diferenças entre a capital e sua vizinha são evidenciadas no trecho a seguir:

(20)

Lembro-me de que | então, todas as estradas que vinham | desembocar na cidade, antes do sol | sahir até meio dia, eram entupidas de | comboeiros e as ruas mais perto da | feira duras de povo e cheias de algo- | dão que fazia monte. Desde a ponte | até perto do canal as embarcações | grandes e pequenas fundeavam tão | unidas que não podiam navegar de | velas abertas, sahindo do porto em- | purradas á vara. Natal só era capital | no nome e porque o Presidente e as | principaes autoridades moravam ahi, | mas a riqueza e o commercio estavam | lá. Quem tinha filha p’ra casar man- | dava buscar os cabedaes do enxoval | na Macahyba, de onde tambem vinhão | as bebidas e os queijos p’ros pagodes | dos grandes e a musica p’ras festas | e bailes dos Presidentes. || Nunca teve jornal, mas como os | homens que naquelle tempo repre- | sentavam na politica moravam alli, | primeiro do que em Natal sabia-se as | noticias da Côrte. Agora, passados | quasi trinta annos achei a cidade mui- | to augmentada, mas muito triste, e | muito sem gente, e sem commercio. (C.C 004 - 12 de fevereiro de 1914)

O atraso de Natal em relação à Macaíba não se restringia apenas ao comércio. A maioria das pessoas influentes preferia morar em Macaíba. A sede do governo era em Natal, mas todos os encontros e acordos políticos aconteciam em Macaíba, conforme declara o narrador:

(21)

O Natal | de então (que chamavam Rio Gran- | de) não valia nada. Muitas vezes as | mercadorias ali chegavam e passa- | vam das embarcações para os navios | fundeados perto do mangue. Seu | commercio reduzia-se a duas ou | trez casas de fazendas e molhados | que abastecim apenas os habitantes | da cidade, pois o commercio fóra de | portas era nenhum. || Tudo era em Macahyba. A moda | em vez de vir de Natal ia dessa vil- | la para o Rio Grande. Apesar do | Presidente residir na capital, duran- | te muitos annos, pela importancia | dos homens políticos que moravam na | antiga Coité, era ahi que a Politica | se fazia. || (C.C 025 - 22 de fevereiro de 1938)

Em Cascudo (1999) temos uma opinião contrária a essa apresentada pelo produtor da carta-crônica. Segundo o historiador, havia em Natal, no final do século XIX, um comerciante chamado Fabrício Gomes Pedroza, cujo comércio sobrepujava o de Macaíba, embora reconheça que ali o comércio não era desprezível.

d) Sobre meios de transportes: de montarias a bondes elétricos

No final do século XIX, a população de Natal se concentrava nos bairros da Ribeira, onde ficavam os estabelecimentos comerciais e escritórios, e da Cidade Alta, o centro da cidade. Em 1901 foi criada uma Cidade Nova, onde atualmente se localizam os bairros do Tirol e de Petrópolis. Petrópolis ganhou destaque com a construção da residência oficial do governador. Com o crescimento da cidade e o aumento das distâncias entre os lugares foi preciso investir em transportes públicos. Assim, chegaram os bondes elétricos. Em uma carta-crônica, o narrador conta que, estando em Natal e precisando se deslocar da Ribeira com destino a casa do governador⁶⁷, testemunhou a má qualidade dos serviços prestados pelos bondes⁶⁸.

(22)

Alli por volta de dez horas tomei | o bonde de Petropolis p'ra ir visitar | o governador. A viagem foi um tanto demorada porque o carro sahiu dos | trilhos nada menos de trez vezes, | sendo que na última ficou de verda- | de de roda enterrada na areia. Per- | guntei ao homem que cobrava e ao | outro que tocava a manivela a razão | daqueles estravios e ambos me res- | ponderam que de trez mezes a esta | data viviam de munheca inchada de | levantar bonde virado, mas que | ignoram a causa desses desastres. || Si o bicho fosse vivo, cá p'ra mim era manha, devido á falta de fôlego | que notei em comparação com o | alento que elles tinham no começo, | quando aqui estive. Nesse tempo fa- | ziam menos fraguido, mas não torci- | am carreira, nem havia nos bancos | a tremedeira que obriga o passageiro | a suspender os

⁶⁷O governador referido nesta carta é Ferreira Chaves, cujo mandato de 1914 a 1920 foi conturbado em virtude da Primeira Guerra Mundial, de duas grandes secas – 1915 e 1919 – e do aumento do banditismo no interior do Estado.

⁶⁸A linha de bondes elétricos foi inaurada em Natal em 2 de outubro de 1911. Era administrada pela Empresa de Melhoramentos de Natal, Vale Miranda & Domingos Barros, mas com a precariedade dos serviços prestados a administração passou para a Empresa de Tração Força e Luz (CASCUDO, 1999).

quartos a todo ins- | tante. || Quando aqui voltar, pretendo tra- | zer o meu cavallo p'ra não passar | mais pelo desgosto de pagar dois tos- | tões p'ra andar em bonde cançado | e fraco das mãos. || Assim que me encontrar com o dr. | Hemeterio terei de perguntar-lhe si | tenho direito de cobrar alguma indem- | nisação da companhia, não só pelo | tempo perdido como pela macriação | de comparecer em casa do governa- | dor com as botinas cégas e a bainha | das calças emporcalhadas. (C.C 009 - 17 de abril de 1914)

Em virtude da carência de transportes urbanos, o cavalo era o meio de transporte mais utilizado na época. Cascudo (1999, p. 307) afirma que “quem morava nos arredores, e era a maioria dos menos pobres e afazendados, ostentava cavalo de sela, fiel à tradição dos ricos-homens de Portugal”. Além de transportar pessoas dentro da cidade, usava-se o cavalo nas viagens entre uma cidade e outra. Há nas cartas várias menções aos cavalos de sela, animais apropriados para montaria cujas qualidades são relatadas pelo narrador:

(23)

SR. REDACTOR: Depois da éra de oitenta e cinco, | nunca mais fui a Macahyba, apesar | de ter recebido varios chamados de | compadres e amigos meus. Succedeu, | agora, que chegou-me em casa sab- | bado da semana passada um portador | conduzindo um cavallo arreado com | embaixada do coronel Prudente p'ra | me achar alli, sem falta, naquelle | dia. Manda quem pode e obedece | quem serve. Quasi sem poder com- | migo vindo de quem veio o convite, | montei a cavallo e dei de rédeas em | procura daquela cidade. || O cavallo era acima de meio e bom | inteirado. Quando ganhou a estrada | nem alto nem barroca o detinha, su- | bindo e descendo de marcha emen- | dada puchando na rédea.. (C.C 004 - 12 de fevereiro de 1914)

O autor chega a declarar sua preferência por fazer certas travessias a cavalo, justificando que o ganho de tempo e o conforto que se tinha numa viagem de automóvel não compensavam o prazer de apreciar a paisagem no lombo de um bom cavalo de sela:

(24)

Sr. Redactor: || Cheguei hontem em casa de Joanni- | nha, onde estou tão a gosto como si | estivesse na minha casa. Não quiz vir | de automovel. Sei que nessa conduc-| ção chegaria mais depressa e mais des- | cançado. Eu desejava, porém, que mi- | nha visita fosse tambem uma jornada | de recordações e por isso quiz viajar | devagar, revendo os campos da meni-| nice e da mocidade, parando nas ve- | lhas casas onde descancei e dormi tan- | tas vezes, quando ia passar o inverno | em alguma fazenda de meu avô. || A carreira do automovel não me deixa- | ria ver nada, nem falar ás pessoas d'aquelle tempo que porventura encontrasse na estrada, sem folga sequer para reconhecel-as. Assim, arranjei as coisas, não sem dificuldade, para vir a cavallo, tão vasqueiros dia a dia se vão tornando no sertão os animaes de sela. (C.C 015 - 07 de março de 1926)

As dificuldades dos cavaleiros nas longas travessias feitas em lombos de cavalos e burros, que chegavam a durar cinco dias, também são referidas nas cartas-crônica:

(25)

Sr. Redactor: // [...]Antigamente ir | daqui das Sombras Grandes a Ma- | cahyba era um Deus nos acuda. Ho- | je é um passeio. Levei muitas deze- | nas de annos gastando cinco dias | nessa viagem, acompanhando o passo | dos cargueiros no coice do comboio, | comendo poeira e soffrendo as incle- | mencias da chuva durante o inverno. | Na secca era muito peor, porque o | sol castigava sem piedade, quase o | dia inteiro. O corpo esquentava como | se o christão estivesse com febre; e | a sede não se acabava. Quanto mais | agua de borracha o comboeiro bebia, | mais vontade tinha de beber. // Viajar com esses contratempos, a | roupa encharcada pela chuva ou o | couro pegando fogo no pino do meio | dia, era um verdadeiro tormento. (C.C 025 - 22 de fevereiro de 1938)

Os bons cavalos de sela ficavam expostos em feiras, onde eram vendidos ou trocados. Alguns animais eram até anunciados nos jornais. A posse de uma boa montaria era motivo de orgulho e sinal de prestígio social. A escolha de um cavalo exigia do comprador certos conhecimentos sobre a anatomia do animal para não se deixar enganar pelos vendedores, principalmente os ciganos que andavam no sertão comercializando montarias. Além dos conhecimentos sobre as qualidades do cavalo, o cavaleiro precisava saber montar. A habilidade de montar com elegância e desenvoltura era uma arte, como fica claro no trecho a seguir:

(26)

Eu sempre peguei na rédea | como Deus me ajudava; e todos os | cavallos que tive já os comprei com | as marchas acertadas. O meu amigo, | porém, apesar de enganado de em | vez em quando por ciganos, foi a me- | lhor mão de rédea que conheci. // Nunca pude compreender o dom | de certos cavalleiros, que, sem esfor- | ço, se entendem com o animal em que | montam como se por uma simples | tira de sola passasse uma vontade | que manda e é obedecida. Ha, nesse | manejo, um mysterio que até hoje | não encontrei ninguem que me ex- | plicasse, mesmo porque, qualquer | pessoa, bem ou mal, aprende a tocar | viola, mas ainda não ouvi dizer que | alguem tenha aprendido esse feitiço. | O mestre de cavallo nasce feito ou | nunca será mestre.(C.C 023 - 25 de janeiro de 1938)

Fazendo uma analogia entre as exigências que hoje são feitas na hora de comprar um carro ou uma moto, por exemplo, a compra de uma montaria também exigia do comprador um exame minucioso do animal para constatar suas qualidades. Para saber se o animal resistia a longas viagens, examinava-se o rabo; para saber o estilo da cavalgadura, o exame era nos cascos; e, finalmente, para descobrir a idade do animal, examinavam-se os dentes.

e) Saúde pública, mortandade infantil, veterinários e medicina caseira

No início do século XX, a maioria dos brasileiros ainda padecia com o atraso, com a miséria e, principalmente, com a ignorância. Natal era o retrato desse atraso, pois não possuía ruas calçadas e as condições sanitárias eram precárias. Nesse cenário, as doenças contagiosas

proliferavam rapidamente e matavam muita gente. A população não tinha a quem recorrer, pois havia pouquíssimos médicos. Conforme Cascudo (1999), somente em meados do século XIX, é que os primeiros médicos começaram a atender em Natal. Diante da escassez de médicos e da dificuldade de atendimento hospitalar, só restava à população apelar para os remédios caseiros. Eram chás, emplastros, lambedores⁶⁹ e infusões, sempre acompanhados de rezas, conforme trecho a seguir:

(27)

// Sempre que aparecia alguma mo- | lestia em casa ou nas redondesas o me- | dico era minha mulher. Os remedios | vinham do matto e quando o mal | não era de morte a cura não demo- | rava. Si o doente estava se abra- | zando em febre e tinha muita sede | uma xaropada de quina-quina ou de | raiz de angelica punha-o de pé em | vinte e quatro horas. Nos casos de | dôr violenta debaixo das costellas, uma | purga de bucha, tiradas as sementes, | com aguardente de canna e assucar | branco, aliviava em pouco tempo o | doente que, si não quebrava o res- | guardo, ficava bom dentro de nove | dias. P'ra ramo de ar a purga era | de fructas de pinhão manso torra- | das num caco de barro e depois de | piladas, desmanchado o pó em agua | morna. Antes de beber este remedio | o paciente devia por tres vezes | repetir as palavras: - “Nas ho- | ras de Deus e Virgem Maria, amém”. | Sucedendo alguém receber uma | pancada nos peitos e botar sangue | pela bocca, a tintura de entre-cas- | ca de jucá bastava p'ra fazer | estancar. Certa ocasião, um | visinho , já estava ha tres dias | branco como cal, tais as golffa- | das que lhe saiam e já por tres | veses a velha Vicencinha tinha | tomado sangue de palavra por | meio da oração propria, resando com | toda fé, sem nenhuma melhora do enfer- | mo. Deante da gravidade do mal, nos | mandaram pedir soccorro e logo a | mulher acudiu com aquelle remedio, | salvando- o da morte com cinco doses | apenas. Até mesmo p'ra espinhela | cahida a entre-casca do jucá é santa | meizinha. (C.C 008 -14 de abril de 1914)

Além das mortes ocasionadas pelas pestes (gripe espanhola, febre amarela, varíola, cólera etc.), os índices de mortalidade infantil eram alarmantes. As causas para tantas mortes na primeira infância eram atribuídas à falta de higiene e à inadequação da alimentação dada aos recém-nascidos. Muitas mães substituíam o leite materno pelo leite de vaca e pela papa de farinha de mandioca. A falta de higiene da população⁷⁰ foi tema de dois artigos publicados pelo jornal *A República*, os quais foram mencionados e comentados pelo narrador, conforme passagem abaixo:

(28)

Sr. Redactor: // O seu jornal publicou, ha coisa de | vinte dias, si não me falha a memo- | ria, dois artigos sobre a hygiene de | Natal, promettendo ocupar se oppor- | tunamente com as

⁶⁹Xarope preparado a base de ervas medicianais

⁷⁰Um relatório assinado pelo Dr. Joaquim Tavares da Costa Miranda, datado de 30.11.1878 mostra como era cidade de Natal pelos fins do século XIX: “as ruas estavam pejudadas de lixo; nas praças mais importantes, faziam despejos à noite, e defecavam durante o dia abrigados sob um docel de verdura, que por toda parte pupulavam; lugares havia em que a exalação era tão fétida de modo a incomodar os transeuntes; (...)” (itálicos do original). (CASCUDO, 1999, p. 209-210)

causas mais fre- | quentes da mortalidade ahi verifica- | da. || Até agora a promessa ainda não | foi cumprida talvez por falta dos | elementos cuja carencia o articulista | tanto lamentou naquellas publica- | ções. || Falando com a mão na consciência, | pouco pude compreender a argumen- | tação dos referidos artigos, cheios de | nomes de paizes e autores extran- | geiros e de numerosos escriptos de for- | ma que a minha ignorancia da ari- | thmetica não me permittiu lêr com | conhecimento. || [...] Vi tambem que muito tem aug- | mentado a mortandade da creanças | sobretudo no primeiro anno. Tal pre- | juizo não é somente das grandes cida- | des, mas de toda parte, se bem que | não seja de todos os tempos, pelo | menos aqui nos nossos sertões. || Muito tenho maginado sobre esse | facto e agora assentei na convicção | de que, si as mulheres não traba- | lhassem tanto, durante a gravidez, as | creanças, nascendo mais robustas, não | morreriam em tão grande quantidade. | Além desta circumstancia valiosa | acontece que a saude e o repouso | das mães contribuiriam para ellas | proprias poderam amamentar os fi- | lhos, deixando assim de recorrerem | ao leite de gado, ou de cabra, muito | diferente e sempre prejudicial quando | o animal está comendo caroço de | algodão ou babugem. || Tenho mesmo reparado que é no | começo do inverno a maior mortan- | dade dos meninos que ainda precisam | de tomar leite. A repetição deste facto | sempre na mesma epocha está mos- | trando que o leite de babugem deve | ser evitado, pois aos proprios bezer- | ros elle offende, chegando muitas | vezes a produzir curso tão vi- | olento e constante que acaba por ma- | tar. (C.C 008 - 14 de abril de 1914)

Os temas da mortandade infantil e da alimentação dos recém-nascidos são retomados em uma carta-crônica publicada na série de 1938. O narrador faz referência à atuação do médico sanitarista Valério Konder⁷¹, que trabalhou em Natal e contribuiu para melhorar as condições sanitárias da cidade. Na carta-crônica abaixo, o narrador apresenta seu ponto de vista sobre a relação entre a alimentação das vacas e a diarreia que acometia os recém-nascidos:

(29)

Sr. Redactor: || Tenho lido a discussão a respeito | da mortandade de creanças em Na- | tal. Não entendo do assumpto e so- | bre elle só me arisco a dizer alguma | cousa, porque já meu pae dizia que | toda ignorancia é atrevida. || Esse dr. Konder está prestando um | bom serviço e quando elle aprender | melhor as cousas da nossa vida, que | só a experiência póde ensinar, ficará | doutor de verdade, e muito lucrare- | mos todos com os conselhos da sua sabedoria. || Esta historia de leite da babugem | fazer mal ás creanças, não está bem | contada. Meninos pequenos morrem | no sertão e em toda parte, e conti- | nuarão a morrer em maior ou menor | quantidade, mas acredite que não é | por causa desse alimento, pois o ca- | pim novo não envenena o leite. || Nos povoados, villas e cidades ser- | tanejas do meu conhecimento, a gran- | de mortandade das creanças nasci- | das de pouco tempo, provém da falta | de leite humano ou de vacca, e mê- | mo de cabra ou jumenta. O que aca- | ba com esses tiquinhos de gente é a | papa, muitas vezes com agua de lei- | te e farinha. Não é de hoje que faço | essa observação. Ella já conta mais | de uma vida, tão velho já estou, que | posso, assim, falar de cadeira. || Quando os annos são bons de in- | verno e as vaccas estão dando leite | com fartura que sóbra para os ne- | cessitados, esse flagelo fica muito | diminuído e quase todo menino que | nasce, vinga. Cá no meu fraco modo | de entender a diarrhéa dos bezerras | nada tem a ver com a soltura das | creanças. Esse desarranjo dá em to- | do tempo, e não é

⁷¹Sobre o trabalho do médico sanitarista Valério Konder, ver Silveira e Lima, (2004).

devido ao leite de | babugem, mas ao mormaço do prin- | cipio do inverno. Nas primeiras chu- | vas o calor aumenta. As creanci- | nhas de peito começam a perder o | somno e a vontade de comer, o cho- | ro aumenta e a barriguinha começa | a inchar. O arrote, que é um allivio | para ellas, diminue e acaba desap- | parecendo e em seguida vêm as | evacuações verdes e amiudadas. O | pequeno enfraquece cada vez mais, e | por via da regra, não há chá de er- | va-doce nem dóse de homeopathia | que evite a morte. (C.C 026 - 04 de março de 1938)

Numa das cartas-crônica escritas no final da década de 30, o narrador mostra que alguns hábitos e costumes tradicionais, como o que determinava o tempo de resguardo das parturientes e as proibições a que as mulheres eram submetidas nesse período, vão sendo substituídos. No caso específico das parturientes, à medida que elas começam a ter os filhos em hospitais assistidas por doutores parteiros (ginecologistas), passam a receber novas orientações e os comportamentos antigos viram até motivo de risada, como podemos confirmar no trecho abaixo que relata a conversa entre o narrador e um médico parteiro:

(30)

Outro dia hospedou-se nesta sua | casa, um doutor parteiro, que achou | muita graça quando eu lhe contei | que antigamente as mulheres que da- | vam á luz, tinham um resguardo de | 40 dias, com os ouvidos entupidos | de algodão e touca de lã, para não | se assustarem com barulhos em ca- | as, e nem coçarem a cebça. O quar- | to escolhido para o nascimento da | creança, era o mais escuro da ca- | sa, e nelle só entravam a comadre e os | parentes mais chegados. Nas proximidades do parto a parturiente, sa- | bendo que só podia pentear o cabelo | 40 dias depois para não quebrar o | resguardo, fazia duas tranças, que | só eram desmanchadas depois desse | prazo. Café não tomava, nem banho. | Não comia outra cousa que não fos- | se gallinha cozinhada em panella no- | va, com pirão mexido. Pão torrado | fazia mal, e bem assim doce de | qualquer qualidade. A creança toma- | va o primeiro banho numa cuia, pa- | ra ser feliz. Ainda hoje, diz-se por | aqui, das pessoas que não têm con- | tratempo na vida, que se lavaram | pela primeira vez em agua de cuia. | Todo cheiro de frasco fazia mal; em | compensação queimava-se alfazema | no quarto, todos os dias, pelo menos | duas vezes. Se a parturiente adoecia | ou se tratava com homeopathia ou | se não havia algum homeopata pa- | ra applicar esse tratamento, as me- | zinhas do matto faziam milagres: | raiz de angelica, quina-quina, entre- | casca de joazeiro, herva-cidreira, | hortelã cayanna e arruda, conforme | os symptomas. O apparecimento de | certa dôr, não pouco commum nas | mulheres de menino novo, além do | remedio interno, curava-se tambem | fazendo-se na parte doida uma fo- | mentação com sarro de cachimbo e | cebola branca. O doutor, bem mocinho, aliás, ria- | se muito desses tempos e desses cos- | tumes, e então por sua vez me disse | que hoje as mulheres davam á luz | com as janellas escancaradas, e po- | diam comer tudo, salvo alimentos in- | digestos, sem o menor receio. || Falou-me muito de hygiene e de | preceitos que seria muito longo re- | petir. Tudo isso deve ser verdade e | eu acredito que está certo. Mas uma | cousa tambem é verdade e por el- | la eu juro: o resguardo de outros | tempos conservava a saude das mu- | lheres. (C.C 026 - 04 de março de 1938)

É interessante perceber que os sertanejos não aceitaram com passividade a introdução de novos métodos trazidos pelos veterinários para cuidar dos rebanhos. Assim como as vacinas para humanos geraram desconfiança na população brasileira no início do século XX, as vacinas para prevenir doenças no rebanho não eram vistas com bons olhos. Em uma das cartas-crônica o narrador é irônico ao se referir aos cuidados de higiene que os veterinários tinham na aplicação de injeções. Os sertanejos não compreendiam a necessidade de tais cuidados e isso fica claro na forma como o narrador defende os métodos antigos para curar as doenças dos bichos:

(31)

De vez em quando somos visitados | pelos veterinários, moços delicados, | muito attenciosos e amigos de servir | aos sertanejos. Tratam o gado com | as vaccinas que trazem, e eu reco- | nheço que ellas são boas para pre- | venir aquelles dois males terríveis. || Velho caturra que sou, não deixo, | todavia, de achar muita graça na | questão que elles fazem de ferver a | agulha e a seringa e desinfetarem | com creolina o logar da injecção. | Cá para mim e a esse respeito, bicho | não é gente para andar se infeccio- | nando á atôa. Deus já os fez com | uma resistência muito grande ás in- | fecções. Se não fosse assim, não há- | veria mais nem gado nem criação no | sertão, onde não há bicho que pelo | menos, não se espete uma e mais ve- | zes, todos os dias. Mesmo espinho de | xique-xique que é reimoso como ne- | nhum outro, mata o animal que nel- | le se fére. Se a parte do corpo fe- | rida foi alguma junta da mão ou do | pé, vem a inchação, que muitas vezes, | não desaparece e até aleija o ani- | mal. Porém, matar nunca vi. || O veterinário, entretanto, não es- | tá fazendo caso dessa resistência na- | tural e faz questão de ferver a agu- | lha e a seringa, o mais que póde, | com perda de tempo, que também é | dinheiro. || Não deixei tambem de achar muita | graça em certos remédios que elles | applicam para determinadas moles- | tias. Outro dia vi um dar a um ca- | vallo, que estava soffrendo de catar- | rho , injecção de óleo camphorado. | Nós aqui pelo sertão, em vez desse | remedio que custa muito dinheiro, | resolvemos o caso com um defuma- | dor de pimenta, folha de catingueira | e fumo, que faz o animal espirrar até | botar para fóra grande parte do ca- | tarrho que lhe entope as ventas e os | gorgumilhos. || Os sertanejos, muito mais antigos, | os do tempo da onça, como se cos- | tuma dizer, empregavam um proces- | so que consistia em metter na venta | do cavallo doente, uma certa parte | do corpo humano, secreta e por via | de regra mal assejada, que produzia | a mesma espirradeira e curava do | mesmo modo. Isso era, porém, pu- | ra abusão, que desapareceu na pra- | tica mais ainda existe na tradicção. || Não sou contra os veterinários. | Que Deus os traga, e em grande nu- | mero, com as suas vaccinas e a sua | ambulância de remédios estrangei- | ros. Eu, porém, não dispenso sal | amargo, clyster de semente verde de | carrapateira branca, quando os meus | cavallos apparecem com o sangue | caso em que tambem costume san- | gral-os na veia do pescoço, ou mes- | mo no céu da bocca. || Noto que esta já está mais exten- | sa do que devia, ficando adiada a | minha medicina dos bichos para ou- | tra vez. (C.C 027 - 08 de março de 1938).

O sertanejo considerava que os animais, fortes por natureza, dispensavam certos cuidados e preferia continuar usando os remédios que já conhecia e que não custavam nada, a comprar os remédios receitados pelos veterinários, geralmente caros e só encontrados na

cidade. É quase certo que durante muito tempo as orientações dos veterinários não foram levadas em conta pelo sertanejo para cuidar dos bichos.

f) O ciclo do “ouro branco”: o algodão mocó

A cotonicultura, assim como a cana de açúcar, foi um importante produto agrícola produzido no Rio Grande do Norte. Segundo Trindade (2007), em 1860 a lavoura da cana de açúcar tinha perdido espaço para o algodão, principalmente pelo aumento das áreas plantadas com uma variedade de fibra longa e branca, que se adaptou ao clima semiárido e tinha grande aceitação no mercado internacional, chamada de mocó. Com a guerra da Secessão nos Estados Unidos, o Brasil passou a dominar o mercado de exportação para a Europa e o algodão alcançou cifras astronômicas. Além disso, a implantação de fábricas têxteis em São Paulo, no início da década de 20, aumentou a demanda da matéria-prima. A riqueza proporcionada pelo algodão fortaleceu o sistema coronelístico-oligárquico do Seridó. O algodão fez surgir uma classe rural endinheirada, tema abordado na carta-crônica abaixo:

(32)

Sr. Redactor: // O sertanejo não tira, hoje, o juízo do | algodão. // Na rede, em cima do cavallo, dentro | do automovel, comendo ou bebendo, | bom ou doente, no trabalho ou na va- | diação, só pensa no ouro branco. // Depois que aqui cheguei, fui a um | casamento e lá a conversa foi algodão. | Assisti a um baptisado e no baptisado | não se fallou de outro assumpto. | Acompanhei o enterro de um velho ca- | marada muito bemquisto na redondeza | e na casa do defunto, na igreja, durante | a encommendação e até no cemiterio, | não ouvi conversa differente. // Os presentes a essas cerimonias não | deram attenção á boniteza da moça, | nem ao agasalho hospitaleiro dos donos | da casa. // O baptisado não lhes ocupou a pa- | lavra, nem as qualidades e honra do | morto foram motivo p’ra esquecimento | do negocio. // Tudo era algodão. Roçado de algo- | dão; algodão na folha; em apanha, no | descaroçador; e mais a lagarta rosada, | o cruquerê, o percevejo e tantas outras | pragas que amofinam a planta e des- | animam os agricultores. // A labuta é grande; mas a conversa é | maior e o cuidado apoucado. // O lavrador desta banda sertaneja, fi- | ado na fama do algodão mocó e na | producção do riqueza, especies que se | desafiam em qualidade, pouco ou nada | tem feito p’ra melhorar o seu plantio. (C.C 012 -16 de fevereiro de 1926)

A cultura do algodão também foi responsável pelo desenvolvimento econômico de cidades como Macaíba, pois era pelo porto da cidade que o algodão era embarcado para exportação. Na carta-crônica subsequente o produtor relata as consequências da riqueza proporcionada pelo algodão na vida de alguns sertanejos:

(33)

// No tempo da Guerra dos Estados | Unidos, a villa prosperou muito, por | causa do preço do algodão, que todo | mundo plantou e vendeu a peso de | ouro. // A feira começou a crescer. Den- | tro de pouco tempo, era a maior e a | mais falada, desde a Parahyba até | a pancada do mar nas praias do Sul. // Os negociantes ali estabelecidos na- | quelle tempo, vieram

quase todos de / Pernambuco. Menciono, a particula- / ridade de serem na totalidade natu- / raes de Goyanna ou municípios que / se limitavam com Goyanna. Amigos, / amigos, quando chegava, entretanto, / a hora do negocio cada qual que pi- / casse mais no preço do algodão. // A maioria dos sertanejos daquel- / le tempo virou pachola e desperdi- / çada. Com o dinheiro do algodão / compravam lenços de ramagens, / selas rangideiras vindas do estran- / geiro, bridas, cabeção, estribos e es- / poras de metal branco, que fingia / prata. // O pior de tudo, e até parece / mentira é que acendiam o cigarro / e o charuto com cédulas de 10, 20 e 50\$000 e chegavam á maluquice de / lavar os cavallos com cerveja. Foi / uma verdadeira loucura. Muitos fo- / ram os sertanejos que perderam a / cabeça. Homens de bons costumes / por tradição dos mais velhos, vira- / ram jogadores e no jogo perderam / tudo que ganharam suando em cima / da terra. Outros esqueceram a fa- / milia e ao jogo accrescentaram ou- / tros vícios muito mal afamados. (C.C 025 - 22 de fevereiro de 1938)

O desenvolvimento da cotinocultura no Rio Grande que, segundo Macedo (2012) teve início após a grande seca de 1845 quando a maior parte do rebanho bovino foi dizimada, alcançou o auge com o plantio do algodão mocó, variedade que bem adaptada ao solo do Seridó. A riqueza obtida pelos produtores de algodão fez surgir uma elite agrícola no sertão do Rio Grande do Norte, desbancando a partir de 1905 os senhores de engenho.

g) O fenômeno do cangaço

O fenômeno do cangaço esteve presente no sertão nordestino durante as primeiras décadas do século XX. A atuação dos bandos de cangaceiros era tão efetiva e ameaçadora que o governo organizou Forças Volantes para combatê-los e reprimir suas ações. Nas primeiras décadas do século XX, as Forças Volantes estavam presentes em todo o território do sertão (GASPAN-JASMIN, 2006).

O sertão nordestino assolado pela miséria e pela seca era o cenário de ação dos cangaceiros. Organizados em bandos devastavam e pilhavam cidades, dominavam e impunham sua “lei”. O bando mais conhecido, liderado por Virgulino Lampião, mereceu inúmeros estudos antropológicos e sociológicos. O fim do bando se deu em 28 de julho de 1938, quando Lampião, juntamente com outros integrantes foram presos e decapitados pelas forças da Ordem. Conforme Gaspan-Jasmin (2006), o jagunço, como era conhecido um integrante de um bando de cangaceiros, era um profissional que escolheu a luta armada como modo de vida. A maioria dos autores vê no cangaço uma forma de banditismo de honra, porque muitos entravam no cangaço para vingar a morte de um parente ou para buscar a justiça pelas próprias mãos.

Para combater o cangaço, uma das ações do poder público era recrutar entre a população civil homens dispostos a enfrentar os bandos. Ao serem incorporados às volantes,

esses homens passavam a fazer parte do quadro da polícia, como aconteceu com Manuel Cyrillo, um personagem mencionado pelo autor na carta-crônica abaixo:

(34)

// Foi então que vim a saber que Ma- | nuel Cyrillo, apesar de só ter um ga- | lão, é tenente mas não assiste no Bata- | lhão, vivendo no seu sertão emprega- | do em perseguir os cangaceiros que | costumam encruzilhar daquele lado | da Parahyba até Serra Negra. Pos- | so garantir que pr'a esse serviço o | governo não podia encontrar pessoa | de mais valentia e fiança. | Homem dis- | posto pode haver quem seja tanto | quanto elle e duvido que alguém já | tenha nascido pr'a ser mais, muito | embora, não pareça. [...]. Ha pouco tempo os can- | gaceiros saqueram a povoação de | Espirito Santo onde elle mora e só | não roubaram sua casa, allegando que | não o faziam por estar ausente o do- | no, mas que voltariam logo que ti- | vessem aviso de encontra- o. Quando | chegou, tendo achado a ambaixada dos | cangaceiros, reuniu alguns camaradas | de confiança e foi ao lugar onde elles | estavam acoitados na Parahyba e os | prendeu sem resistência. // Ate mesmo Relampago e Chuva | Grossa dois turunas de tutano nas | canellas e mutrête no cachaço, mal | encararam a carranca de Manuel Cy- | rillo esmoreceram. // Foi depois desta proeza que a sua | fama de homem manso e valente se | firmou de verdade; e dahi os chefes | do Seridó o terem apontado ao go- | verno pr'a commandante da força | encarregada de impedir a entrada de | cangaceiros por aquella banda. (C.C 011 - 24 de abril de 1914)

A historiografia sobre o cangaço no Rio Grande do Norte registra que o único cangaceiro nascido no estado foi Jesuíno Brilhante, natural de Patu⁷². Mesmo assim, bandos de cangaceiros vindos de outros estados ameaçavam a tranquilidade dos moradores. Segundo Faria (2006), o hábito de construir as casas em locais mais altos era uma forma do sertanejo defender-se do calor e do cangaço.

h) A política no início da República

As cartas-crônica também mencionam o comportamento político partidário vigente no período de transição entre o segundo império e a primeira República. A luta pelo poder era acirrada. A proclamação da República não fez desaparecer os simpatizantes do antigo regime e havia monarquistas convictos de que o modelo republicano não representava melhoria para o povo. Conforme costume da época, os seguidores de cada partido deviam manter-se fieis inclusive na derrota. Aquele que traía seu partido em caso de derrota e passava para o lado do vencedor, o chamado “vira casaca”, ficava muito mal visto, conforme relato da carta-crônica abaixo:

(35)

De uma feita estivemos debaixo | catorze annos, e o unico solda- | do que se bandeou em Sant'Ana | do Matos ficou excomungado p'ra | todo mundo, inclusive p'ra minha | comadre

⁷²Município distante 314 km de Natal.

Maria Rosa, sua mãe, | que desde aquelle dia nunca mais | o abençoou. || Tambem justiça se faça, do | outro lado era a mesma coisa. | Conheci conservador, que so | tinha por si a noite e o dia | e preferia comer xiquexique e | palmatoria a votar com o parti- | do Liberal, por emprego ou di- | nheiro. || Todos, de um partido ou de ou- | tro, sustentavam a pisada p'ra | não passar pela vergonha de | ser comparado a cavallo cabeador, | como naquelle tempo se cos- | tumava dizer dos políticos que | viravam casaca. (C.C 019 - 18 de abril de 1926)

Uma prática comum entre os políticos que assumiam o poder era a perseguição severa aos adversários. Quando não era possível demitir o adversário do cargo que este ocupava no governo, o castigo imposto era a transferência. Os cargos do executivo eram ocupados por indicação do poder central e havia um grande rodízio de governantes, mas todos encaravam essa prática com naturalidade, pois fazia parte dos costumes da época. Os costumes políticos da época são revelados numa discussão entre um professor monarquista e um coronel republicano, conforme relato abaixo:

(36)

- Voce não tem razão, professor. | As coisas, na Republica, se | não vão como era p'ra desejar, | ainda não vejo motivo p'ra | que se tenha saudades da sua | Monarchia. Quando um minis- | tério caía na côrte, já se sa- | bia que o presidente da pro- | vincia estava demitido e a no- | va situação não deixava panela | em cima de trempe; tudo ia p'ra | rua, desde o inspetor de quar- | teirão ate o professor. || - Mas ninguem se queixava | adiantou o velho Quirino, por- | que o costume era aquelle e ate, se alguma autoridade era por acaso conservada, pedia demissão p'ra não ser suspeitada de querer trapacear. || Sei muito bem como as | coisas se passavam; e sempre | achei que ellas so eram motivo | p'ra atrazo da provincia, além | de prejudicial aos direitos | alheios, sem falar na hypocrisia, | da qual não nos podemos, até | hoje, libertar. || A regra era o vice-presidente | que tomava conta do governo | fazer a derrubada, emquanto | chegava da Côrte o presidente | nomeado. || Essa combinação tinha por | fim roçar o caminho do novo | representante de sua magestade | imperial que, já encontrando, | desta sorte, os adversários arra- | sados, podia fingir imparciali- | dade. (C.C 019 - 18 de abril de 1926)

Numa época em que não havia concurso público e os cargos para o serviço público, em todas as instâncias, eram por indicação política, a prática da perseguição adotada por quem chegava ao poder, independentemente do partido político, era considerada como algo natural e própria do sistema político vigente.

i) Chuva, previsão de inverno e seca no sertão

A vida do sertanejo sempre girou em torno das duas estações do ano: o inverno, que é como o sertanejo denomina o período das chuvas, e a seca, quando no período esperado não chove. O inverno, sinônimo de fartura, é uma dádiva concedida por Deus. Se o inverno é vida e alegria, a seca é morte e tristeza. Essas duas estações influenciam diretamente no modo de vida e o comportamento do povo sertanejo:

(37)

Sempre reparei que a pro- | pensão das creanças sertanejas acom- | panha as mudanças da natureza. Es- | sas criaturas pelo inverno, quando | os campos e as serras, as verseas e | os cabeços estão cobertos de verdura, | o braseiro da terra aplacado pela | chuva e os rios cheios de barreira | á barreira, são mansas e obedientes | como os cordeirinhos sem mãe e os | pensamentos próprios dessa | idade. | Trepam nas arvores em procura dos | ninhos, correm pelos pateos atraz dos | bezeros velozes, armam arapucas de- | baixo das faveleiras p'ra apanhar | as azas brancas ariscas ou nas verê- | das mais cobertas p'ra pegar os nam- | bús desconfiados e as sestrosas júri- | tys. Muitas vezes assustam os paes | atravessando os rios cheios, tomando | pé no caixão dos açudes, montando | em osso poltros roliços mal esbravejados | ou ficando ate depois do escurecer, | nos serrotes distantes, entretidos em | armar os quixós p'ra encurrular os | mocós assustados, dos ques nenhum | menino, por mais gacheiro que seja, | pode tomar chegada ao alcance | do arco do bodoque certo. || Tôdas essas vadiações, porem, se pas- | sam em paz. || Pela secca, entretanto, não sei | se devido à força do sol, a irritação das | creanças é permanente, sendo raro o | brinquedo que não acaba por briga. || A mesma coisa sucede aos homens. | Pacíficos e cordatos durante o inverno, | ficam resingentos, arengueiros e as- | somados no rigor da secca. Amigos | de muitos annos, muitas vezes, se es- | faqueiam por um simples mal enten- | dido. Ao contrario disto, inimigos | antigos se reconciliam quando as chu- | vas refrescam a terra e enchem de | fartura a casa do sertanejo. (C.C 007 - 24 de março de 1914)

O sertanejo acredita que a chuva e a seca são determinadas por Deus. Como a chuva é um milagre divino, a própria natureza se encarrega de mostrar sinais que, interpretados, revelam se o ano vindouro será de inverno ou não. Os conhecimentos construídos sobre a previsão de inverno ou seca são repassados de geração para geração. Algumas cartas-crônica mencionam esses experimentos:

(38)

Ouçõ falar, desde que me en- | tendo, em certos signaes no céu | e na terra como indicadores de | inverno ou de secca. || Vi algumas coincidências, mas | tenho visto tambem muitos des- | encontros. || Lembro-me que em setenta e | quatro os mariseiros da varzea | do Assú, durante a secca, ama- | nhciam enxutos, e de meio dia | p'ra tarde começavam a pingar | como se tivessem sido molhados | por uma neblina e coincidiu | ser o inverno de setenta e cinco | um dos mais calamitosos. || Muitos teem esse indicio como | infallível, mas é quasi certo | que de outras vezes a coinci- | dencia tenha falhado, e o va- | lor desse signal seja igual | ao de tantos outros, como: | a experiência das doze pedrinhas | de sal feita no dia de Santa | Luzia, correspondendo cada | uma delas ao mês do anno seguinte, | a lua nova aparecer voltada | p'ro norte ou em qualquer | das suas fazes ficar durante | muito tempo envolvida por um | circulo embranquiçado, | o que nós sertanejos costu- | mamos chamar de lua de bo- | landeira; choviscar na hora | da missa do galo; flôr de car- | deiro nascer ao lado do norte, | p'ra só fallar nesses signaes, | tidos como os mais certos ... (C.C 019 - 18 de abril de 1926)

(39)

Um desses pau-darcos era o an- | nunciador seguro do inverno. Obser- | vações do 60 annos áquella data at- | testavam, sem falha, essa proprieda- | de mysteriosa da velha arvore. Quan- | do florava entre outubro e novembro, | contando-se da abertura da primeira | flor, dahi a trez mezes começava o | inverno, bom ou máu, conforme a | quantidade das flores que lhe cobriam | os ramos. || (C.C 023 - 25 de janeiro de 1938)

Segundo Macedo (2012) as experiências de inverno, que resultam de séculos de observação sistemática dos sinais da natureza, alimentam a esperança do sertanejo. O prenúncio de chuva é sinônimo de fartura, o prenúncio de seca, de desolação. O sinal de bom inverno pode ser lido nas nuvens, na floração das árvores, nos formigueiros, no canto das aves, na direção que o joão de barro constroi seu ninho, na posição dos astros, entre outros. A meteorologia tem aceitado essas experiências como aliadas nas previsões meteorológicas de cunho científico.

j) Hábitos alimentares do sertanejo

Por ser uma região com uma pecuária forte, o povo potiguar cultivou o hábito de comer carne de boi e também de conservá-la. A técnica de conservação que consiste em desidratar a carne com sal, a conhecida carne de sol, é bastante praticada no Seridó. O consumo de carne de gado é considerado como fonte de vitalidade. A fortaleza do sertanejo se explica pelo hábito de comer carne em todas as refeições. Além da carne, também fazia parte do cardápio a coalhada adoçada com rapadura e servida na ceia:

(40)

Carne de gado, na opinião | dos mais velhos, nunca fez mal a | ninguém, e só offende a quem | não a pode comer, por falta | de dinheiro. || Antes de setenta e sete⁷³, a | regra do sertão era comer-se | carne trez vezes ao dia, no almoço, | na janta e na ceia, não falando na | coalhada, com muita nata e | rapadura, comida sempre que | aparecia. || Quando a fraqueza começava | a chegar, alli, por volta dos | oitenta, meia tigela de tutano | do corredor da perna esquerda | de novilha vermelha, sem sig- | nal nenhum, uma vez por semana, | bastava p'ra fazer voltar a fortaleza | perdida. (C.C 018 - 11 de abril de 1926)

A elaboração da carne de sol seguia rígidos procedimentos para o produto ser armazenado sem estragar. Como os sertanejos preferem consumir carne de sol em lugar da carne verde (carne fresca) muito machantes se especializaram em seu preparo⁷⁴. A carne de sol é obtida a partir de um processo que consiste em salgar a carne e estender as mantas salgadas ao sol para secar por dois ou três dias. Nesse período, a carne deve ser virada até ficar totalmente seca (sem salmoura). Até hoje, a região do Seridó, localizada no centro sul do RN, é famosa pela excelente qualidade da carne de sol produzida. A preparação de carne de

⁷³O ano aqui referido é 1877.

⁷⁴Sobre os procedimentos para o preparo de carne de sol cf. LAMARTINE, Oswaldo. **Sertões do Seridó**. Brasília: Gráfica do Senado, 1980.

sol era uma atividade predominantemente masculina e sua qualidade também dependia da raça do boi, como podemos conferir com base trecho abaixo:

(41)

Desde que os fazendeiros com o | fim de conseguirem gado mais resis- | tente ás seccas e mais pesado, come- | çaram a castear as raças que os | portugueses nos trouxeram nos seus | barcos com o zebu, nunca mais pro- | vamos carne de sol, verdadeiramente | gostosa. Por outro lado, a fome de | ganhar dinheiro, acabou com essa | especialidade do nosso sertão. Em | outros tempos, o seu preparo era uma | habilidade que todo mundo não tinha. | Havia até homens conhecidos como | tendo bôa mão para salgar as man- | tas, empilha-as e estendel-as nos | caibros armados alto, sobre forqui- | lhas. Muitos não admittiam ajudan- | tes, somente elles despencavam os | quartos trazeiros e dianteiros da rez, | suspensos no alpendre da casa, ou | em outro lugar sombreado. O sal era | pilado muito fino, em pilão de aroei- | ra, por braço de homem e não de mu- | lher, creatura muito da scisma de | alguns fazedores de carne, que quan- | do estavam nesse trabalho, não gos- | tavam que a nossa metade passasse | por perto, e muito menos tocasse | nas mantas abertas ou por abrir. || Estas depois de ficarem du- | rante algum tempo, umas sobre as | outras, para embeber o sal, eram es- | tendidas nos caibros já referidos e | separadas por travessas que evita- | vam o contacto de um banda com | a outra. O cuidado em viral-as, de | modo que o sol beneficiasse igual- | mente os dois lados era vigilante. || A carne para ser chamada bôa, precisava apanhar sereno, pelo me- | nos durante duas noites. Alguns ser- | tanejos mais antigos, e que sabiam | apreciar um pedaço de carne de sol, | davam-se ao trabalho de dobrar as | mantas no devido tempo e guardal- | as em malas de couro crú, que eram, | por assim dizer, a dispensa da carne | de sol. Quando se abria uma dessas | malas, na camarinha mais próxima | da cosinha, o cheiro tresandava no | alpendre e fazia agua na bocca dos | que sentiam esse cheiro muito mais | activo quando o pedaço da gordura | da chã de fóra ou do patinho estava | chiando na brasa. (C.C 027 - 08 de março de 1938)

A culinária tradicional pode ser entendida como elemento de identidade territorial (AZEVEDO, 2011). A carne de sol, alimento típico da culinária potiguar, caracteriza-se pelo minucioso processo de preparação que segue procedimentos que começam pela forma de retalhar os cortes. Tradicionalmente a elaboração da carne de sol no Seridó é uma atividade dominada por homens. A carne de sol se impôs como um dos pratos emblemáticos da culinária local e a que é preparada em Caicó⁷⁵ ganhou fama e sua procedência é marca de qualidade.

1) Mulher sertaneja e trabalho

Em uma época em que predominava o modelo patriarcal, o papel da mulher era limitado aos afazeres domésticos que consistia em cuidar da casa e dos filhos, costurar e bordar. Nas fazendas de criação de gado, a fabricação do queijo era obrigação das mulheres. Nas famílias pobres as mulheres, além de cuidarem da casa e dos filhos, ajudavam o marido na agricultura:

⁷⁵ Cidade seridoense distante 256 km de Natal-RN.

(42)

As mulheres cuidam da casa | e dos filhos, com amor e dedicação. | Não há luxo nas habitações, mas a | casa do sertanejo daquela ribeira é | caiada por dentro e por fora, e o | chão ladrilhado está sempre varrido. | O terreiro é espaçoso e limpo a en- | xada. No quintal, cercado ou mura- | do, não ha um jardim, mas sobre for- | quilhas vêem-se panellas de barro | plantadas com craveiros, angelica, a - | lecrim e a arruda tão infallivel contra | o quebranto e o máo olhado. || Tanto quanto o homem, trabalha a | dona da casa e trabalham os filhos. | Nas familias remediadas ou chamadas | ricas, a ocupação das mulheres é | propriamente caseira, sendo a mais | pesada de todas e a mais trabalhosa o | fabrico do queijo de manteiga. Dia | de queijo é dia perdido p'ra tudo mais. | Afôra esse mister, mãe e filhas cos- | turam, fiam, fazem redes, cuidam da | criação, ou tecem panos grosseiros | de algodão. || As mulheres pobres ajudam mari- | dos e paes na lavoura, trabalhando | de enxada na limpa dos roçados e du- | rante a safra tomando á sua conta o | encargo de apanhar o algodão, de- | bulhar o milho, secar a bater o fei- | jão ou pilar o arroz. As próprias | creanças teem uma tarefa qualquer. | Não vivem vagabundas e travêssas | pelas estradas e povoados, adquirin- | do vicios e se habituando á malan- | drice. (C.C 005 - 21 de fevereiro de 1914)

De forma geral, o trabalho da mulher sertaneja se restringia às tarefas domésticas. A cultura sertaneja, bem mais fechada às inovações, negou às mulheres durante muito tempo o direito de ir à escola. A prioridade era prepará-la para o casamento e isso incluía ser uma boa dona de casa. Criadas isoladas nas fazendas, as mulheres aprendiam que seu papel era o de salvaguardar a família e o marido. Segundo Macedo (2012) nas famílias tradicionais sertanejas, o poder de deliberação das mulheres não ultrapassava os limites do lar.

m) Identidade dos sertanejos

Várias cartas-crônicas da primeira fase trazem descrições que ajudam a construir a identidade do homem sertanejo como homem ético, cumpridor de suas obrigações religiosas e, acima de tudo, trabalhador. Apesar de não terem acesso à instrução escolar os sertanejos possuíam uma sabedoria nata, principalmente para negociar.

(43)

Sr. Redactor, || Povo ladino como o de nossa ter- | ra não creio que exista outro. Não | encontrei na minha viagem um só | sertanejo tôlo ou apoucado. || Analphabetos ainda são quase to- | dos, principalmente os passantes de | vinte cinco annos; mas do maior ao | menor è difficil encontrar algum que | não saiba contar de cabeça, comprar | e vender, trocar um cavallo, ou a- | justar uma empreitada. Recordando | historias que tenho ouvido contar da | bôbice do sertanejo de outras terras, | tenho cà p'ra mim que a razão da | astucia dos nossos patricios do sertão | está na pratica que elles adquiriram | pelas feiras negociando por conta | propria ou com a fiança de algum | patrão liberal. C.C 06 de 21 de março de 1914

A identidade do sertanejo foi construída com base em princípios sólidos. Os valores cultuados pelos chefes de família, a severa criação dos filhos, a honestidade, o respeito pela palavra dada são sempre associados ao homem do sertão.

7.1.2.2 A história social nas cartas-crônica da 2ª fase (1967-1980)

As cartas-crônica da segunda fase revelam aspectos da vida dos pescadores da praia de Tibau do Sul, localizada ao sul de Natal, na década de 60. Nas cartas há relatos sobre as tradições que caracterizam cultura dos pescadores e sobre as mudanças que afetaram as técnicas de trabalho, ocasionadas pela adoção de novos materiais. É uma época de mudanças e a comunidade se divide entre manter a tradição ou aderir às novidades do mundo moderno. Os temas tratados nas cartas resultam de observações, anotações e das longas conversas que o enunciatador mantinha com os pescadores de Tibau do Sul e de Pipa⁷⁶ durante os meses de verão que passava na praia.

a) Os costumes dos pescadores numa sociedade em mudança

A fase de transição pela qual o Brasil passava na década de 60 – o Brasil queria entrar definitivamente na era da modernidade – trouxe mudanças para as comunidades do interior. O produtor, consciente dessas mudanças, relata nos dois fragmentos abaixo como elas interferiram nos hábitos e costumes dos pescadores de Tibau do Sul:

(44)

Sr. Redator. // É bastante difícil escrever sobre os costumes de / uma sociedade em mudança. Antigamente as comunidades / isoladas conservavam por várias gerações seus hábitos, / suas técnicas de cultura material e seus padrões culturais. / Quando, porém, o processo de mudança se inicia, as coi- / sas se misturam e até que se verifique o processo de assi- / milação total, coexistem traços da cultura local ao lado / da cultura invasora, os quais vão sendo imperceptivelmen- / te aceitos. (C.C 031 - 25 de janeiro de 1967)

(45)

Frequentemente um elemento cultural novo suplanta / um antigo, menos eficiente. É o caso do nylon, que está / substituindo o fio de algodão. E nessa substituição muita / coisa vai sendo esquecida pelo desuso o cargo de fazer cor- / da de fio com seus implementos, a coxa e o braço de ro- / dar, a coipuna para assegurar a impermeabilização e dar / maior durabilidade ao fio das rês e tarrafas, extraída da / casca de uma planta nativa dos nossos taboleiros. O fuso / vai também envolvido na substituição. O nylon está assim / irreversivelmente aceito na técnica dos pescadores, exi- / gindo em vez de coipuna uma lavagem com sabão. // A jangada está praticamente desaparecida como veí- / culo de pesca. Nas praias mais próximas de mim (Tibau / do Sul, Pipa e Baía Formosa) não existe nenhuma feita de / pau-de-jangada. Vi outro dia chegar uma para ser vendi- / da, mas de tábua. O bote-de-vela tomou-lhe o lugar o bote / motorizado, com motor a óleo Diesel vai gradativamente / substituindo o de vela. Para a pesca costeira persiste o / chamado “botinho”, pequena jangada sem vela, de propul- / são a remo, que pesca coró, ariacó, pescada, cururuca, sa- / nhoá, etc. E no botinho coexistem dois tipos de remo se- / parados

⁷⁶ Localizada a 80 km de Natal, Pipa, que significa “entre duas águas” pertence ao município de Tibau do Sul, no litoral sul do Rio Grande do Norte.

por muitos séculos: o remo de uma só peça, mais | primitivo, e o de duas peças, pertencente a ciclo cultural | mais recente. O primeiro é feito pelo desbastamento da | parte superior, que se transforma em cabo, e pelo acha- | tamento da parte inferior, que fica sendo a pá. No segundo | a pá é separada do cabo que nela se insere por cravos de | madeira ou simples amarradio de cordão. (C.C 031 - 25 de janeiro de 1967)

No primeiro fragmento, o produtor trata dos sinais de mudança mais evidentes na comunidade de Tibau do Sul. Embora muitos costumes permaneçam, o gosto estético, as novas formas de comunicação e a inovação nas técnicas e no uso de novos materiais começam a ser incorporados.

No segundo fragmento, o produtor menciona as mudanças que de fato alteraram o modo de vida dos pescadores. A mudança mais significativa foi a substituição do fio de algodão com o qual as redes de pesca eram confeccionadas pelo nylon, um material muito mais prático. Além disso, as embarcações tradicionais, como a jangada, foram sendo trocadas por barcos a motor, mais seguros e eficientes.

É interessante perceber como, nas fases de transição, a sociedade oscila entre os costumes consolidados pela tradição e a sedução pelo novo.

b) Histórias de naufrágios

Relembrar e comentar naufrágios ocorridos na costa brasileira faz parte do cotidiano dos pescadores. Muitos naufrágios, como o que aconteceu no final do século XIX, no litoral de Pernambuco, envolvendo o “Bahia” e o “Pirapama”, sobrevivem na memória popular através de versos cantados (“*Senhor Avelino Freire/ Este moço também ia / Levava tanto dinheiro / Que afundou o Bahia / Escapou uma menina / Em cima de uma tabuazinha / E uma velhinha cega / Num garajau de galinha*”) ou de histórias que nem sempre correspondem à verdade dos fatos. Dois naufrágios envolvendo embarcações chamadas “Bahia” são mencionados em uma das cartas. O missivista procura esclarecer a confusão que a imprensa pernambucana da época estava fazendo entre o afundamento do Cruzador “Bahia”⁷⁷, ocorrido em 1945, no final da Segunda Guerra Mundial e o naufrágio do Vapor “Bahia”⁷⁸, que colidiu com o “Pirapama” no litoral de Pernambuco:

⁷⁷Para saber mais sobre o tema < <http://www.oceanicanet.com.br>>

⁷⁸Para saber mais sobre o tema < <http://www.naufragiosdobrasil.com.br/naufvaporbahia.htm>>

(46)

Sr. Redator, || O encontro, por mergulhadores pernambucanos, | do caso do navio “Bahia”, e a procura de objetos | ainda existentes, vem sendo objeto de frequentes co- | mentários da imprensa nordestina, especialmente de | Recife. || Houve mesmo um jornalista do “Jornal do Co- | mércio” de Recife, que escreveu ter-se verificado a co- | lisão entre o “Bahia” e o “Rio Grande do Sul”. Há | nessa afirmação um duplo equívoco: a pessoa que | nele incorreu estaria aludindo à explosão que levou | a pique o cruzador “Bahia”, em comêços de julho de | 1945, ao largo de Fernando de Noronha, e cujos so- | breviventes em vão esperavam o socorro que lhe | traria o cruzador “Rio Grande do Sul”, navegando na mesma rota sendo, porém, em reduzido número, | recolhidos por um cargueiro inglês. Nem houve abal- | roamento, nem o “Bahia”, cujo casco está sendo agora | visitado, é o mesmo “Bahia” que explodiu. Já li um relato dramático da tragédia do cruzador, por um | dos sobreviventes, publicado por uma boa revista | que desapareceu, “Coletânia”. || Quanto ao outro “Bahia”, o do abalroamento de | março de 1909, na costa pernambucana, há anos pas- | sados publiquei um ou dois artigos em que registrei | as reminiscências do coronel Avelino Alves Freire, um | dos sobreviventes. (C.C 034 - 11 de fevereiro de 1967)

As histórias de naufrágios são contadas e recontadas e, se por um lado a tradição oral vai distorcendo os fatos históricos, por outro lado vai enriquecendo o acontecimento que pode ser recontado em versos da poesia popular, como aqueles citados pelo produtor: “Pirapama vem do norte, O “Bahia” vem do sul [...]” (Anexo B, p. 61)

c) O artesanato de Tibau do Sul

As mulheres praieiras desenvolvem tradicionalmente atividades artesanais. Nas praias do litoral sul a atividade artesanal mais frequente entre elas é a renda de bilro e o labirinto (cf. figuras 16 e 17). No final da década de 60, a arte da renda foi dando lugar ao labirinto, principalmente em Tibau do Sul. Assim como acontece com outras formas de artesanato, a arte do labirinto e da renda é repassada de mãe para filha. No trecho a seguir, o missivista fala sobre esse artesanato:

(47)

Sr. Redator, || Na praia de Tibau do Sul quase já não há ren- | deiras. Falando com exatidão, são apenas quatro as | sobreviventes. Já na praia de Pipa, as rendeiras são | numerosas. Em Tibau o labirinto substitui a ren- | da. A grade, a almofada de bilros. || Tanto o labirinto como a renda são duas espé- | cie do artesanato praiano, em que melhor de revela | o gôsto artístico popular. Talvez fosse melhor dizer | gôsto artístico feminino, porque a renda e o labirin- | to são atividades exclusivamente desempenhadas por mulher. || Já houve quem dissesse que a indústria rendeira | prosperou nas praias, pela inspiração do desenho das | espumas que as ondas estimulam e sugerem. [...] as mães inicia- | vam as filhas no trabalho: a primeira lição, o ABC | da rendeira é saber fazer o “trocado”. As rendas | para principiantes são as mais simples: não têm | traços, nem rosas, nem cravos e são estreitas, por- | tanto com reduzido pares de bilros. || O labirinto é uma espécie de bordado em tecido | pré-fabricado. Escolhida a fazenda, e o modelo, o | trabalho segue em quatro fases: desfiar, encher, tor- | caer, prifilar. (C.C 035 - 12 de fevereiro de 1967)

Figura 14 - Renda de Bilro



Fonte: <http://pccn.wordpress.com/2011/10/18/%E2%80%9Cmemoria-viva%E2%80%9D-resgata-arte-da-renda-de-bilros-em-itabaiana/>

Figura 15 – Renda de labirinto



Fonte: <http://deleite-cultural.blogspot.com.br/2012/03/artesanato.html>

O trabalho das mulheres na atividade pesqueira era bastante limitado. Na pesca do camarão, o trabalho era dividido: os homens pescavam e secavam o camarão e às mulheres era destinada a tarefa de limpar o camarão, retirando-lhe as barbas:

(48)

Entrava pela noite adentro o traba- | lho de consertar, isto é, de tirar a barba | e lavar. Isto é trabalho feminino. Já o | de torrar, em banas [bandas] de lata de queroze- | ne, é trabalho de homem. Sentadas em | tórno da ruma de camarão, as mocinhas | se empenhavam naquele mister de paciên- | cia, que, de tão repetido, acabava por | deixar-lhes em carne viva os dois de- | dos empregados. || (C.C 046 - 11 de abril de 1967)

A distinção entre o trabalho desempenhado por homens e por mulheres parece seguir uma lógica na qual às mulheres cabem as tarefas menos perigosas, mas que exigem muita habilidade com as mãos. Essa divisão está presente em vários modelos de sociedade, como acontece com o trabalho da mulher sertaneja, sobre a qual trataremos na seção sobre a história social das cartas-crônica da 3ª fase.

d) O espírito cooperativo dos pescadores

Uma das características que definia a comunidade de pescadores de Tibau do Sul era o espírito de cooperação que havia entre os membros. Esse espírito de cooperação se manifestava no compartilhamento dos barcos, dos instrumentos de pesca e na divisão dos peixes. Quando o pescador envelhecia e não podia mais trabalhar eram os pescadores mais jovens que lhe forneciam o peixe. Os mais velhos ajudavam em serviços leves e repassavam seus conhecimentos para os mais novos, como mostra o trecho abaixo:

(49)

// Meu filho voltava ontem do “pôrto” contando-me | que vira um velho pescador, meu compadre Manoel | Mirrô chegar e receber de vários companheiros o seu | quinhão de peixe, por êle mesmo escolhido. Nossos | institutos de previdência, já neste instante unificados | no Instituto Nacional de Previdência, são extrema-| mente burocratizados e seus técnicos não perderiam | tempo se quisessem ver como funciona, sem desvios | nem trapanças, essa previdência espontânea do povo. // Quando o pescador já não pode pescar, alquebra- | do pela velhice e pelas duras lidas do mar, seus com- | panheiros, os mais velhos como os mais moços, não | o deixam passar necessidade e assumem o encargo | de fornecer-lhe o pescado indispensável à sua susten- | tação. Uma espécie de aposentadoria. Também êsse | aposentado põe à disposição do grupo todo o cabedal | de sua experiência, todo o seu saber “de experiência feito” | e se ainda pode ajuda a fazer cordas, a empunhar an- | zóis a remendar velas e a concertar redes. É uma delícia vê-lo conversar, lembrando suas aventuras | marítimas, os perigos que enfrentou, o conhecimento que | tem dos peixes, o local onde são encontrados, o tempo em | que aparecem, as iscas preferidas, o jeito de cada pei- | xe puxar a linha. Pela forma da puxada, sabe o peixe que | vai fisgar. Tudo isto ele sabe e transmite aos mais novos. Se | filho de peixe é peixinho, filho de pescador já nasce | pescador. (C.C 037- 15 de fevereiro de 1967)

Os velhos pescadores são muito valorizados nas comunidades praianas e, quando as limitações do corpo os impedem de sair para alto mar, passam a desempenhar outras atividades ligadas à pesca. Com base nas experiências acumuladas ao longo do tempo os velhos pescadores transmitem para as novas gerações tudo que aprenderam sobre a arte da pesca e sobre os perigos do mar.

e) A religiosidade dos pescadores

A religiosidade do povo sertanejo que vê a chuva e a seca como manifestações divinas também é muito forte entre os pescadores. Expostos aos perigos do mar, onde pescam a bordo de embarcações inseguras, esses homens entregam a vida à proteção dos santos e entidades que protegem os marinheiros. Como forma de agradecimento, era tradicional a reza do terço todas as noites na capelinha local:

(50)

SR. REDATOR, || Todas as noites o sino da capelinha, aqui em frente | à nossa casa, toca chamando o povo ao “terço”. É a | expressão com que designam os exercícios religiosos, | mesmo que neles não sejam resados os mistérios do ter- | ço do rosario. (...) O pa- | droeiro daqui é Santo Antônio, cuja imagem de madeira | é bastante antiga e revela exemplar da estatuária portu- | guesa. E como se trata de uma população de pescado- | res, o povo tem uma devoção particular a Nossa Senhora | dos Navegantes, que é uma invocação alitúrgica, pois a | Igreja não conhece esta invocação à Virgem Maria. || Fico escutando o latim: || Regina angeloro || ora por nobris, || Regina patriarcaro || ora por nobris, || Regina santaruana || ora por nobris || E o bendito de Santo Antônio, que tantas vezes tam- | bém cantei: || Antônio boca de cravo || Tem os dentes de cristal || A língua feita por Deus || Para com Jesus falar || Ou êste outro: || Antônio Santo || De Jesus querido || Sempre espero em vós || Ser favorecido || Na pia batismal || Fernando se chamou || pelo seu burel || seu nome trocou || Antônio Santo, || Vossa intercessão || Sempre me ajude || Em toda aflição || São Sebastião é outro santo muito estimado aqui. || Um bendito fala do seu martírio: || Tanto prisioneiro também amarrado || Numa laranjeira de pés transpassados || É o protetor contra peste: || Livrai-nos da peste || São Sebastião || (C.C 041 - 08 de março de 1967)

Em Tibau do Sul, além de Nossa Senhora dos Navegantes, a santa que protege os marinheiros, os moradores são devotos de Santo Antônio, o padroeiro do lugar. Essa devoção aumentou a partir de um fato ocorrido em 1924. Tibau do Sul ficava situado entre o oceano Atlântico e a lagoa de Guaraíras. Às margens dessa lagoa havia um povoado que foi totalmente destruído (exceto a Capela de Santo Antônio) pelas águas de um canal construído pelo DNOCS para ligar a lagoa ao mar. Esse fato passou a ser considerado um milagre, como relata o locutor:

(51)

Quando em 1924 as águas da lagoa de Guaraíras | irromperam pelo canal que o govêrno estava abrindo sob | a chefia do engenheiro Julio de Melo Resende, que fora | colega de meu pai na Escola Militar do Ceará, o povoa- | do foi destruído numa noite, ficando as famílias ao desa- | brigo. Não se sabe porque, ao se aproximar da igreja de | Santo Antônio as aguas fizeram uma curva e a igreja | ficou. De modo que toda a população se mudou para a | colina que ficava a cavaleiro da antiga situação, mas a | capelinha lá ficou, respeitada pela fúria das enchentes e | depois pelas aguas do mar que penetraram, até que a | igreja foi edificada em 1937 (mais de dez anos depois). No | local onde hoje se encontra, o canal conserva ainda | hoje o relevo curvo que tinha feito para não levar a ca- | pelinha. Há coisas que se parecem com coisas, não é? . (C.C 041 - 08 de março de 1967)

Fenômenos como esse contribuem decisivamente para aumentar a fé das pessoas. Acontecimentos dessa natureza, conservados na memória das pessoas e repassados ao longo do tempo, aumentam a crença de que o poder divino não carece de explicações racionais.

f) Os hábitos alimentares dos pescadores

A base da alimentação dos praianos é composta de peixe e farinha. Geralmente cada comunidade possuía uma casa de farinha para produzir a farinha e a goma de tapioca. No trecho abaixo, o locutor relata aspectos que caracterizam os hábitos alimentares dos pescadores:

(52)

Sr. Redator: || De que se alimenta o povo daqui? Vivendo entre | o mar e a lagoa, dois elementos predominam no seu | regime alimentar: peixe a farinha de mandioca. Pei- | xe assado com farinha de manhã. Peixe com pirão ao | meio dia. Peixe assado com batata ou macacheira, à | noite. Três refeições: almôço, jantar e ceia, e não co- | mo aí, que almoço é jantar e jantar é ceia. [...] || A batata, que não é produzida nunca na primeira | metade do ano, é muito servida no almôço e na ceia, | às vezes mesmo só, sem o conduto do peixe. Conduto é qualquer alimento complementar. Quem pode, ser- | ve-se dela também com leite de côco, quase uma pa- | pa. É muito gostosa. Grude e tapioca são também | para estas duas refeições. O pão vem de Pium, duas | vezes por dia. [...]|| É certo que nem todos se alimentam assim. A | probleza [pobreza] é muito grande e há gente que passa fome. | Para ajudar vêm os caranguejos: siri, aratu (do | mangue ou das pedras), goiamum e uçá. Goiamum | é apanhado pelos meninos numas armadilhas de la- | ta de óleo de cozinha, ou enganado por uma haste | de junco, assobiando. Também os peixes mais fáceis | de apanhar, como o coronjo, que fica escondido na | lama. || A partir de maio chega o feijão verde, que subs- | titui o peixe ou a êle se associa. Feijão massaca sê- | co, só com farinha, é também um prato. || Na época das frutas o povo passa melhor, com | dieta mais variada. O caju vale por si mesmo, e traz | também a castanha para fazer farinha, uma delícia | de ceia. A manga, chupada com farinha, engorda que | faz gôsto. [...]JO | caldo de peixe é a sobremesa, porque doce, mamão, | banana, não estão ao alcance de todos. (C.C 043 - 21 de março de 1967)

Em Tibau do Sul as frutas nativas da mata atlântica complementavam a alimentação dos moradores. Algumas espécies típicas, como o cajueiro e a mangabeira são mencionadas na carta-crônica a seguir:

(53)

Para Malembá convergem nestes meses de caju | pessoas de Pernambucozinho, Caruaru, Surubajá, Pa- | tané, Cabaceiras e Tibau. Vão apanhar caju e casta- | nha. Malembá é o maior cajueiral espontâneo que | conheço. Fica no vértice do ângulo que fecha ao nor- | te a lagoa de Guarairas. [...] || Por aqui os cajueiros são esparsos. Mas em Ma- | lembá eles são compactos, juntos, amarrados uns | aos outros. Nas grandes safras, caju é lama. Só se | apanha a castanha. | [...]. Recordo as migrações indígenas, do in- | terior para o litoral em busca de caju, vendo estas | pessoas voltar a Malembá. || Também a cajarana está quase desaparecendo. || Só em Malembá, também. E outro dia chupei uma | com aquêle amargor que às vezes parece doce. [...] || No taboleiro do Piauí encontro outro grupo de | meninos e meninas, com cestas e samburás. Pergun- | to para onde vão. Vão apanhar cauçu. Minha ne- | ta Cristina foi convidada para ir apanhar massaran- | duba e eu concordei. Quando voltou, cansada e se- | denta, trazia a sua cestinha cheia de frutas leitosas. E camboim. Agora

não tem. Mas tem ameixa, que | dá excelente frescor. Já há muito araçá. Manga- | ba, muita. Maria prêta e batanga, não vejo. Guabira- | ba, já vai havendo alguma da chamada “depau”. Da | “rasteira”, não é tempo ainda. Também ainda não é | tempo de ubaia, fruta azeda, mas muito apreciada, | embora muito sujeita a pragas. (C.C 036 - 10 de março de 1967)

Numa comunidade cuja principal atividade é a pesca, o consumo de carnes de boi, de porco ou de carneiro é insignificante. Uma das razões é o alto preço da carne. Como a maioria da população preferia alimentar-se de peixe, só se abatia uma rês⁷⁹ a cada 15 dias, conforme relato abaixo:

(54)

A carne entra esporadicamente na alimentação | dêste povo. Um marchante abate uma rês por quin- | zena e a praxe é vender fiado, para receber quinze | dias depois. É um velho e arraigado costume, que | não mudou com o tempo. Aos domingos são abati- | dos porcos ou bodes, também vendidos pelo mesmo | sistema de crediário quinzenal. || Já disse que há muita fome. Muita gente que faz | apenas uma refeição, a qualquer hora. E mesmo pa- | ra os mais favorecidos, por vezes o horário alimentar | é alterado, dependendo das marés, pois a chegada | dos botinhos ou dos tarrafeiros está na dependência | delas. (C.C 043 - 21 de março de 1967)

Exímios conhecedores da fauna marítima, os pescadores sabiam as espécies de peixe que eram impróprias para consumo humano e aqueles que possuíam propriedades medicinais. Esses conhecimentos, revelados ao produtor durante as longas conversas com os pescadores, é relatado nos trechos a seguir:

(55)

Pará me diz que o peixe pior é | o chamado “pampo-rôla”. Na forma de um peixe até bo- | nito de linhas elegantes. Mas pôsto na panela, a casa fica | empestada de podre. Ninguém aguenta. Panela em que | se pôs êsse peixe perde a serventia. É preciso quebra-la e | jogar fora os cacos. Diz êle que é a gordura do peixe que | produz êsse odor insuportável de “bacalhau ardido”. [...] Outro peixe que não se come é cangulo-fernando. | Peixe miserável. Parece cavaco de pau sêco. Não tem gos- | to de nada. || Tem também o peixe-prego, que ninguém come. É | um estranho peixe, cujas escamas têm saliências seme- | lhantes a cabeças de prego. (C.C 044 - 05 de abril de 1967)

(56)

E os peixes | carregados são evitados em certas situações: alvaco- | ra, cururuca, Guaiuba, cavala. Peixes descarregados: | sioba e garôpa, que é chamada a galinha do mar. To- | dos os carangueijos são carregados, menos um, do | alto mar: o guajá, cujo casco ralado é medicinal. A | escama do camurupim serve para asma. E o ôlho | do peixe em geral serve para estimular o crescimen- | to dos meninos sangados. (C.C 043 - 21 de março de 1967)

⁷⁹Qualquer animal quadrúpede que se abate para a alimentação humana. Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=r%25C3%25AAs>

Não devemos esquecer que os hábitos alimentares dos pescadores também incluem os conhecimentos sobre a fauna marinha. É com base nesse conhecimento que eles classificam os peixes conforme a qualidade da carne. Os peixes de primeira são os de carne nobre e, portanto, são mais apreciados.

f) Abastecimento de água e poços artesianos

Nas comunidades praianas a água potável vem de poços tubulares. Em 1978 a prefeitura de Tibau do Sul perfurou um poço com uma vazão maior para abastecer os moradores de toda a cidade que há vários anos sofriam com a água salobra do único poço da cidade. Numa das cartas, o missivista conta sobre a luta para conseguir a perfuração do poço e descreve a cena das pessoas carregando água:

(57)

Fico aqui olhando, de | manhã cedo, a fila do povo para apanhar | água do pôço tubular. Êste pôço veio | por minhas mãos. O dr. Milton Duarte | era prefeito de Goianinha e, zeloso de sua | administração e do seu nome, procura- | va-me sempre em meu escritório aí, pa- | ra orientá-lo nos problemas legais ou | jurídicos que se apresentavam. Nunca | lhe cobrei nada por isto, mas ganhei-lhe | a gratidão e a amizade. Agora êle es- | tá doente, vou sempre que posso visita- | lo, na esperança de que nossa amizade | se prolongue. Explorei, porém, o dr. Mil- | ton Duarte e juntos fomos muitas ve- | zes ao DNOCS, até que conseguimos a | perfuração do pôço. Vencida esta primei- | ra etapa, a Prefeitura não pôde custear a | instalação, até que Aluizio Alves che- | gou ao govêrno e eu obtive a instalação | definitiva. || Agora a água está aqui, dentro da | rua. (C.C 045 - 06 de abril de 1967)

O acesso à água potável no litoral é tão difícil quanto no sertão. A diferença básica é que, no sertão, os moradores dependem da água da chuva que enche os açudes e faz o rio correr. No litoral, a água está acumulada no subsolo, mas é necessário cavar poços. Como a perfuração e a instalação de poços artesianos dependiam da vontade dos governantes, por muitas gerações os moradores de Tibau do Sul, assim como os sertanejos, carregaram água na cabeça para o consumo da casa.

g) Os hábitos e costumes do homem praiano

Tibau do Sul conservava o costume de tratar de negócios sem a assinatura de papeis. A maioria dos negócios era fechada através de acordos verbais. Ninguém via necessidade de ir ao cartório para legalizar a venda de um imóvel, de um barco ou de pés de coqueiro. Bastava a palavra empenhada, conforme relato a seguir:

(58)

Aqui ninguém sabe o que é habeas- | corpus nem mandado de segurança. Os | agentes policiais nem se dão ao trabalho | de abrir inquérito por qualquer asneira: | uma noite de cadeia, o pagamento da | carceragem é limpar um pedaço de rua | ou lavar o xadrês antes de ir embora. | Também o povo é de si pacato. [...] || O direito do povo é um direito não- | escrito, de normas elaboradas ao correr | dos tempos. (...) Ninguém tomou conhecimento do Có- | digo Civil. Inventário, pra quê? Escritura | de uma casa que se vende, basta pagar | e receber a chave. Demarcação? Basta | uma picada, tirada a olho. O direito de | superfície tem características especiais. Eu | mesmo tenho vários coqueiros em terras | de outras pessoas. Na Pipa, José Hemetério | saiu me mostrando os coqueiros, marca- | dos a ferro, que êle compra em terras | que não são suas. Em Simbauma, quase to- | dos os coqueiros são de Osvaldo Moura, | que não tem um palmo de terra. [...] || Casamento? É preferível o religioso. | Mas a ausência do sacerdote, que não se | encontra por exemplo no dia em que se | vai acertar o casamento, “botar os pa- | péis”, como se diz, leva a pessoa a procurar | o cartório, para não perder a viagem. A | preferência, porém, é pelo vínculo religio- | so. (C.C 047 - 14 de abril de 1967)

Outro costume peculiar conservado durante muito tempo pelos pecadores foi a divisão do peixe “feita pelo olho”. Como não havia balanças, um pescador de idade era encarregado de fazer a partilha do peixe entre os pescadores:

(59)

*O direito que rege a partilha do pes- | cado é imemorial. Recentemente foi in- | troduzido o uso da balança. Mas antes | a partilha era feita a ôlho, pela simples | comparação dos peixes. Curioso é que | sempre a partilha é feita por um pescador | mais velho, estranho ao grupo e dá sem- | pre um jeito de ficar um peixe sobrando, | chamado **cadeira**. A **cadeira** fica para o | partidor. Não me referem caso de dever- | gência por inobservância das regras do | direito de pesca, inclusive uma certa pro- | priedade sôbre o local de aportar a em- | barcação, respeita-se o direito daí resul- | tante. (C.C 047- 14 de abril de 1967)*

f) As casas dos pescadores

Na praia alguns materiais alternativos, como argila e palha de coqueiro, eram utilizados na construção de uma típica casa de pescador, conforme passagem a seguir:

(60)

Na construção | de casas, por exemplo, que | são em grande maioria de | taipa, tudo antes era amar- | rado com cipó. Veio o prego | e associou-se ao cipó, ser- | vindo para prender linhas, | caibros, ripas, enquanto o | cipó é empregado apenas | para amarrar as varas do | taipa aos enxameis. || Caro o tijolo, a alternati- | va aproveita a taipa e a al- | venaria. A parede da frente, | para dar melhor aspecto à | fachada é sempre de tijolo, | enquanto o resto é de taipa. A parede de alvenaria trou- | xe outra inovação: os ar- | madores de rêde na parede | de taipa são enxameis que | ficam descobertos ou mê- | mo um pau recurvo metido | entre êles, formando um | cotovelo. Mas na parede de | tijolo o armador é de ferro, | chumbado a cimento. Êste | material também se asso- | cia ao barro. É a alternati- | va barro-cimento. No levan- | tamento de calçadas o barro | serve para a argamassa in- | terna, enquanto o

cimento é | usado no revestimento ex- | terno, às vezes só no meio- | fio, e no rejunto dos tijolos. || Na cobertura da casa há | alternativa telha-palha. Quan- | do a casa não é toda cober- | ta de telha, dá-se preferên- | cia a esta para a parte que | dá para a rua, cobrindo-se | de palha a puxada, isto é, a | cozinha. (C.C 046 - 19 de janeiro de 1968)

Além de outros fatores, a sobrevivência do homem depende de um abrigo. Em comunidades pobres, as casas são construídas com materiais encontrados no local. No litoral, a palha do coqueiro, facilmente encontrada, era o material usado para cobrir as casas. O costume de dormir em redes, herdado dos índios, exigia a instalação de armadores feitos de madeira. Esse tipo de habitação também pode ser encontrado no interior do sertão e mais do que exemplar de um estilo arquitetônico, simboliza um estilo de vida marcado pela pobreza.

g) O lotemanto do mar

Costume respeitado entre os pescadores é o da posse dos pesqueiros. Pesqueiro é como é chamado o local encontrado por algum pescador com abundância de peixes. Quem acha um pesqueiro torna-se dono, sem que essa propriedade seja questionada pelos outros pescadores. Os pescadores mais experientes são capazes de identificar de qual pesqueiro o peixe foi pescado e também sabem identificar exatamente a localização do pesqueiro na imensidão do mar.

(61)

*Eu não sabia que o mar | é loteado. Aindagorinha | João de Dode estava me | contando: há pescadores tão | experientes entre os que | deixaram a atividade que | quando a gente chega no | porto e tira os peixes do | samburá, êles dizem: êste | peixe foi de tal lugar. E | aí chega meu compadre | Manoel Mirrô, um destes | sábios do mar, conhecedo- | res de seus segredos, expe- | rimentados, nos sinais do | céu, nas direções do ven- | to, nos movimentos da on- | da. [...] Ês- | tes locais ficam pertencentes | aos descobridores, até que | êles os abandonem (**res dere- | licta?**), ou que fiquem em | xira, ou ainda pela invasão | de outros pescadores. Aí fi- | cam sendo coisa de todos. (C.C 047 – 24 de janeiro de 1968)*

É interessante observar que, diferentemente do que ocorre com a posse da terra que implica documentação e demarcação dos limites, no mar a posse de um pesqueiro é uma convenção cujas leis foram arbitradas pelos próprios pescadores.

7.1.2.3 A história social nas cartas-crônica da 3ª fase (1985-2010)

As cartas-crônica da terceira fase relatam velhos costumes de moradores do Seridó. Os primeiros habitantes que chegaram à procura de terras para criar gado e começaram o povoamento das ribeiras do Seridó imprimiram um estilo de vida (valores, cultura, costumes e

hábitos) que foi repassado de geração para geração e se impôs como uma marca da identidade do povo seridoense. Os fatos relatados referem-se, de forma mais específica, aos acarienses, porém os costumes e hábitos são representativos de toda a região. A arte de construir cercas de pedra e de vara; de fazer louça de barro, de engomar roupa, de fazer selas, de curtir couro, etc.; as peculiaridades do universo do vaqueiro e dos criadores de gado (os ferros de ferrar, a capação de animais, a queima do xique-xique para alimentar o gado em anos de seca, as cacimbas), os hábitos alimentares, a religiosidade etc. são aspectos que compõem os temas dessas cartas. Nas cartas da terceira fase, o missivista volta ao tempo para falar de coisas e costumes que não existem mais e só existem na memória daqueles que vivenciaram ou que simplesmente ouviram de outros.

a) A origem da feira de Acari-RN

A feira livre tem tradição milenar e representa uma atividade socioeconômica que muitas vezes coincide com o surgimento de aglomerações humanas. Como atividade social é um local de encontros e conversas; como atividade econômica é o espaço para compra, troca e venda de toda sorte de mercadorias e de gêneros alimentícios. Em 1720, quando a feira surgiu, Acari era um pequeno povoado de poucas casinhas, e a região do Seridó, onde a cidade está situada, começava a se desenvolver em torno da criação de gado. Sobre esse aspecto, Faria (1980, p. 53) destacou que “em 1679 eram doadas as datas de terra do Acauan, no Acari. É de crer que, pisado no rastro do homem, vinha o gado, para garantir a posse”. É com base em anotações feitas pelo historiador Jayme Santa Rosa que o locutor menciona a origem dessa cidade:

(62)

Woden: // Está escrito, Jayme Santa Ro- | sa foi quem escreveu que, em | 1720, na Vila do Acari, levanta- | ram uma latada com forquilhas | e travessas, coberta com ramos | de oiticica, onde se trocavam e | se vendiam utensílios de barro, | couro e palha, frutas silvestres, | mel de abelha, farinha e, no fi- | nal do século, carne, feijão, mi- | lho, aguardente, sal, tempero e | tudo mais. Assim, estava fun- | dada a feira. (C.C 069 -28 de março de 1999)

As instalações da feira eram rústicas e a improvisação refletia a realidade de uma época em que o sertão começava seu processo de povoamento. As feiras tiveram uma importância enorme no desenvolvimento do comércio, pois funcionavam como ponto de venda e troca de mercadorias, das quais a população dependia para viver.

b) A festa de Nossa Senhora da Guia, padroeira de Acari

O surgimento da vila de Acari está diretamente relacionado à construção da capela de Nossa Senhora da Guia, padroeira do lugar, no ano de 1737. Mais de um século depois, exatamente em 1863, foi inaugurada uma grande Matriz para a padroeira e a Capelinha passou a se chamar Igreja do Rosário. A comemoração da festa da padroeira é um evento tradicional que reúne os fieis durante nove dias (de 07 a 15 de agosto). Durante todos esses dias, após a novena, acontece a queima de fogos de artifício, patrocinada pelos “noiteiros” (comerciantes, agricultores, devotos etc.). Na carta-crônica abaixo, o produtor descreve detalhes do prédio original da Matriz e fala da queima dos fogos de artifício, uma tradição cultivada pelos habitantes há muito tempo:

(63)

“Woden, || A igreja matriz do meu lugar, | concluída em 1863 pelo padre | Tomás (1809-1893), menor al- | guns palmos que a matriz do | Ceará-Mirim, tinha um patamar | com piso de tijolo, ocupando to- | da sua largura sendo, no entan- | to, mais comprido do que largo, | na frente do qual havia uma san- | ta-cruz, lugar de oração, com as | características do seu tempo, en- | cimada por uma cruz de madei- | ra fornida, resistente ao tempo e | pintada de azul. || Era ali onde em tempos idos, | findada a novena, o povo se aco- | tovelando para ver a queima de | fogos cuja quantidade variava | segundo as posses e a disposição | dos noiteiros, ditos “noitários”. | Eram fogos de estampido e fo- | gos de vista. Entre os primeiros | estava a girândola metralhando | o silêncio da noite e os foguetões | de se ouvir de longe, a léguas da- | li, estourando cadenciado, por lá | mesmo feitos com o nome de | cabeça-de-gato, pelo seu volu- | me. A menina corria deses- | perada para recolher as tabocas. | Os fogos de vista reduziam-se | às lágrimas, sem cores variadas, | apenas clareando a escuridão. | Exigiam engenho e arte as ro- | das girando e faiscando quando, | de repente, o fogo passava a um | arame correndo no desembesto | - o chamado camaleão - até al- | cançar outras rodas que no fi- | nal expunham a estampa de | Nossa Senhora da Guia. || Os balões por algum tempo | começaram a subir, perdendo-se | de vista, até quando principia- | ram a queimar cercas e pasta- | gens. (C.C 088 - 25 de maio de 2008)

As festas de padroeira em todas as cidades da região do Seridó são cultuadas pelo povo que as considera o acontecimento mais relevante do ano. O fervor dos católicos pelos seus padroeiros e padroeiras é uma tradição passada de geração para geração. Esse comportamento vai ao encontro do que Geertz (2008) destacou a respeito da relação entre símbolos sagrados e *ethos*. Segundo ele, os símbolos sagrados, como a padroeira de uma cidade, sintetizam o *ethos* do povo e “a religião ajusta as ações humanas a uma ordem cósmica imaginada e projeta imagens da ordem cósmica no plano da experiência humana” (GEERTZ, 2008, p 67). A devoção dos fieis e a mobilização do grupo em torno das comemorações religiosas a cada ano mostram uma perfeita integração entre o mundo real e o mundo simbólico.

c) Crenças: a cura da bicheira pela reza

Os rituais de cura com base em rezas fazem parte da cultura de muitos povos. A cura de bicheira pelo rastro do animal é um ritual que faz parte das tradições de benzedeiros e benzedeiras. Conforme a tradição, os homens são mais procurados para benzer “ofendido de bicho mau”, afugentar cobras ou curar pessoas picadas por elas, estancar sangue e curar bicheira. As mulheres se ocupam, principalmente, da cura de crianças com “mal olhado” (NERY, 2006). Nas fazendas de criação de gado do interior nordestino, algumas pessoas desenvolviam o dom de curar bicheira de animais e também de pessoas pela reza. Conforme relato de uma carta-crônica, existiu em Acari um vaqueiro que conhecia reza-forte e exerceu esse ofício a vida toda, embora tenha decidido não repassar seus conhecimentos a ninguém, como mandava a tradição. Os passos do ritual de cura são descritos no trecho abaixo:

(64)

Woden: // Sebastião da Viúva (Sebastião Pereira da | Silva, 1890-1964), | nome de rua em Acari, | agricultor e criador no Sítio | Saco, de profissão vaqueiro, curava | bicheiras no rastro. Identificado | o animal doente, riscava sobre | ele um signo-de-salomão, | apanhando de cada ponta da | estrela um punhado de terra | que sacudiu por cima dos | ombros. Depois era só cobri- | lo com ramos, protegendo-o. | Mas havia um outro tipo de | cura: no rumo, pela reza. Ao | quebrar da barra, repetia o | ofício que uma velha lhe ensi- | nara quando andou pelo | Agreste, de retirada, e que só | podia ser transmitido de ho- | mem para mulher ou de mu- | lher para homem. Um cidadão | da Serra do Cuité foi à sua casa, | valer-se dele, desesperançado, | prestes a barrer a quenga. | Deixara o filho sendo comido | pelos bichos que fervilhavam, | saindo pela boca e pelo nariz. // Caboclo lazarino, sem ter me- | do de burro brabo nem de casa- | mal-assombrada, rastejava, aboia- | va, laçava e derrubava com ma- | estria. Ao morrer, | carregou a reza-forte, que não | disse a ninguém, por conta da | justificativa presa na ponta da | língua: “Quem sabe dessas | coisas nunca vai pra frente.” // Hoje, quase nada mais | existe dos costumes do seu | tempo. Até o aboio sentido já | não ecoa tanto. // Do amigo Paulo Balá.” (C.C 062 - 30 de junho de 1997)

Diferentemente das benzedeiras, que ainda são encontradas em todas as regiões do Brasil (NERY, 2006), os curadores de bicheira pelo rastro praticamente não existem mais.

d) A medicina caseira

O emprego de plantas na medicina caseira dependia basicamente de dois aspectos: os conhecimentos repassados de geração a geração e a as especificidades da flora local. Os conhecimentos sobre as receitas de remédios caseiros chegaram até os sertanejos através de portugueses, índios e negros (NERY, 2006). Na região do Seridó, o azeite da carrapateira (mamona), planta abundante na região, era usado para estancar o sangue de ferimentos, conforme relato a seguir:

(65)

*Derna dos tempos da indiada e | dos vindos pra cá a pulso – uma na- | ção sofredora a morrer de banzo, ca- | da um com suas mezinhas e mais | as dos marinheiros que navegaram | para chegar aqui, derna daqueles | tempos corre entre nós, principal- | mente entre os sertanejos, o conhe- | cimento de remédios caseiros pra tu- | do que é incômodo. [...] Depois até pra | nascer menino, tem mezinha como | tem para abortar. E pra morrer tam- | bém tem. Aquele que está fazendo | quarto com uma vela acesa segu- | rando-a entre as mãos do padecen- | te, na hora do suspiro deste, o cida- | dão empurra seu cotovelo na boca | do estômago, lá nele, moribundo, | ajudando-o a morrer. É assim. || Acidentes de correr sangue, | nuns mais noutros menos, me | aconteceram, eu inda andava de | calça curta. [...] Naquele espaço de tempo, en- | tre os seis e os onze anos, não fui | levado a médico nem me costura- | ram. Uma pape de azeite de carra- | pato, sal e cebola, do conhecimen- | to do meu pai, acudiu nas três oca- | siões. Colocando-a um pano fi- | no atado sobre o ferimento. Um san- | to remédio. || O azeite é obtido da semente do | que chamam carrapato ou carra- | pateira ou mamona (**Ricinus com- | munis**) e que depois de ser pilada, | a pasta resultante é posta em água | quente para flutuar o azeite a ser | colhido. Vende-se em litro. E o sal | vinha da salina e a cebola (**Allium | cepa**) da horta. || Isso era a ciência do povo. || Paulo Bezerra.” (C.C 089 - 14 de março de 2010)*

O sertanejo conhecia vários remédios para estancar sangria de ferimento, mas quando não era possível usá-los, valia a improvisação. Numa época em que a população não contava com os serviços públicos de saúde, era natural tentar resolver problemas mais simples, como os ferimentos na pele, geralmente resultantes de acidentes no trabalho, com o que tinham ao alcance, conforme fato mencionado no trecho abaixo:

(66)

|| Em 1958 - seca malina, um | meu irmão abriu o polegar es- | quero com uma cutilada. O san- | gue corria franco e não havia, de | imediato, uma mezinha para es- | tancar o sangue como o pó do ca- | fé, o esterco do jumento, o leite | do pinhão, a rapa da favela ou | do carnal do couro curtido. En- | tão, um companheiro de traba- | lho - que ali todos eram iguais | - disse assombrado, no vexame: | “Seu Gonzaga, só tem um jeito: | é cabelo” e foi logo lhe cortando | a trunfa com a faca afiada e en- | volvendo o ferimento. Foi santo | remédio. (C.C 084 – 21 de maio de 2006)

O uso medicinal do fumo faz parte dos costumes do homem de antigamente. A infusão de folhas de fumo no álcool é usada para curar frieira e sarna. O fumo torrado foi largamente usado pelo sertanejo para provocar espirros e retir objetos estranhos que as crianças inseriam no nariz. O hábito de mascar fumo também era um hábito entre os sertanejos, conforme relato da carta-crônica abaixo:

(67)

*E aqui vai uma receita: desenrolado o fumo, as folhas abertas | sem as nervuras são levadas ao fogo, numa tacha, com o cuidado de não queimar, torrando-se | com elas uma semente de cumaru (*Amburana cearensis*) que, rica em cumarna, tem cheiro | agradável. O conjunto de*

semente e folhas é amarrado, que nem uma peteca, num couro de | vazios de carneiro, por ser fino, e será então batido a macete até virar pó. Então, passado em | peneira fina, o rejeito volta a ser batido e assim por diante, gerando até a expressão: “É | ‘caboco’, na peleja com a vida tenho apanhado mais do que couro de pisar fumo”. Depois é | juntar uma gota de manteiga do sertão para dar cor e cheiro, umedecendo um pouco, | estando assim pronto para ser tomado às narigadas, de gorgomilo adentro. [...] O pó aspirado provoca espirro, meizinha usada para jogar fora a | semente miúda que o moleque enfiou no nariz. || O hábito de mascar é visto mais entre os viventes dos sítios e fazendas e exclusivo dos | homens, amarelando-lhes os dentes, retraindo as gengivas e prevenindo cáries conforme se | apregoa. || Iaperi Araújo, em A Medicina Popular, assinala que “a infusão com álcool cura a sarna e a | frieira” e seu Lindolfo, um velho jardineiro, para combater o fungo de certas plantas fazia um | caldo de fumo que misturava com água de sabão para aspergir sobre elas. (C.C 085 - 27 de agosto de 2006)

Muitas mezinhas preparadas com fumo, o fumo de rolo vendido nas feiras livres e nas mercearias em cidades do interior, ainda são utilizadas até hoje no sertão.

e) A construção do açude Gargalheira

Localizada em uma região com baixa pluviosidade e rios perenes, Acari, assim como todas as cidades do Seridó que sofriam com a falta de água nos períodos de seca precisaram construir reservatórios de água. A construção de açudes públicos passou a ser uma das principais metas do DNOCS no início do século XX. Segundo Faria (1980) durante os anos de 1912 a 1965 o DNOCS construiu na região do Seridó 28 grandes açudes públicos. Os de maior capacidade de armazenamento foram o Itans (Caicó), o Sabugi (São João do Sabugi) e o Marechal Dutra /Gargalheira (Acari). O açude Gargalheira, referido na carta-crônica abaixo, demorou quase meio século – de 1912 a 1959 – para ser construído. Além de garantir água para a população, o açude passou a ser criatório de peixes e em suas vazantes os agricultores puderam plantar feijão, milho, jerimum, batata-doce etc.

Antes da construção do açude Gargalheira, a população de Acari era abastecida por água de cacimbas e poços cavados às margens do rio Acauã e transportada em latas, barris ou toneis de madeira carregados por jumento, conforme relato a seguir:

(68)

“- Só em 1959 foi que co- | locaram a derradeira pá de | concreto no lombo da parede | do Gargalheira. Zé Gonçalves | suplicara antes: ‘Batiza de Ma- | rechal Dutra!’. Posto o apeli- | do, afinal parição laboriosa se | deu após 50 anos de amajo | conturbado. Mais na frente, | chegou a água encanada tra- | zendo a delícia dos banhos de | chuveiro. || O abastecimento, até, en- | tão, se fazia às custas do passo | lerdo dos jumentos. A água | procedente das cacimbas do | rio, salobra, pesada – para gas- | to – tinha um preço, ficando | mais cara quando apanhada | na lonjura do riacho do Ingá - | água de beber – potável, fina. | Além do burro encangalhado, | carecia dos apetrechos: funil | de flandre, cuia, latas e um par | de

caçambas feito de caixão | de querosene Jacaré, preso | aos cabeçotes por alças de cor- | da de crauá ou relho de couro | cru. Uma tora de mulungu, en- | rolada numa tira de pano, | arrolhava a boca redonda da | lata. || Cristo, alto, magro, quei- | mado do sol, barba branca por | fazer, chapéu de palha com | barbicacho, alpercatas de cor- | reia, chicote ao ombro, vestido | em mescla azul, tinha a sua | freguesia. Sossegado, ia e vi- | nha até quando alguém enti- | cava: “Cristo, cadê o bode?” Aí | o diabo se soltava em figura de | gente: “Está debaixo da saia da mãe”. Então, mingando, a ira | se aplacava entre resmungos e | impropérios. || Mas disse tudo, amigo, o | tempo já vai longe. || Adeus, || Paulo Bezerra.”
(C.C 063 - 15 de setembro de 1997)

Desde o projeto inicial até a inauguração, a construção do açude Gargalheira, para represar o rio Acauã, demorou cinquenta anos. Considerado uma das sete maravilhas do Rio Grande do Norte, sua parede, feita de concreto, possui 25 metros de altura e 250 metros de coroamento, medidas que permitem armazenar até 40 milhões de metros cúbicos e suas águas formam uma trilha no meio da caatinga, como podemos visualizar na imagem abaixo:

Figura 16 - Açude Gargalheira, município de Acari-RN.



Fonte: Arquivo particular da pesquisadora.

f) Os vaqueiros do Seridó

O manejo com o gado nas fazendas do Seridó exigia a presença de vaqueiros encouraçados para conduzir diariamente o gado pela caatinga na busca de pasto. No fim do dia, todo o gado era trazido de volta ao curral, passando antes pela cacimba para beber água. Os vaqueiros tinham especial atenção pela montaria – cavalos, éguas, mulos ou mulas. Na lida das fazendas eram obrigações diárias dos vaqueiros cuidarem dos apetrechos de montaria, conduzir o gado aos pastos, pastorear, encurrular, ferrar, ordenhar as vacas, tratar os animais doentes, queimar xique-xique durante a seca entre outras. O dia-a-dia dos vaqueiros é relatado na carta-crônica abaixo:

(69)

|| “Woden: || Em 1947, ano de bom inver- | no, apareceu uma mazela no ga- | do: o racha e a baba. A providên- | cia foi encurrular todo ele, cam- | peando por serras, grotas e cha- | padas, numa luta pesada de to- | dos os dias, de muitos dias e de | muitos vaqueiros, principiando | quando ainda não clareava o dia | mas o xexéu já cantava nos ga- | lhos da caibreira. Os animais⁸⁰ de | campo, chegados do cercado, to- | mavam cabresto e iam ser lava- | dos, à cuia, na praça da cacimba, | uns com o espinhaço até limpo, | outros com ele muito sujo, por ha- | verem se espojado. [...] Depois vinha a | ração de milho, posta de molho | par amolecer, madrugadinha ce- | do, e dada com sal em mochilas | de couro, umas com fundas de | madeira, penduradas, por trás das | orelhas, com correias de couro | curtido. [...] || Cada animal tinha seu cabres- | to, cada vaqueiro o seu animal, | a sua sela e o seu encouramen- | to, sendo cada uma dessas coi- | sas guardada em lugar certo. A | sela vinha depois do corpo en - | xuto e aí a obrigação de ensebar | o chouriço do rabicho e a trança | de cilha. Botar o freio era por úl- | timo, na hora de montar. Só meu | Pai não cuidava desses afazeres. || Andava-se em burro mulo e em | burra mula, mas havia o tempo | de andar nos cavalos e de mon- | tar nas éguas. [...] “Sebastião, você vai, | com mais três vaqueiros, para a | Volta do Rio, traz o gado que en- | costou na cacimba e faz um cam- | po na Pedra da Obra e nas Qui- | xabeiras; você, Antônio, com | mais dois, sobe pelo Lombo do | Gostoso, desce na bebida do | Olho d’Água que eu, com os ou- | tros, faço o campo da grotta Fun- | da. Vão arrebanhando o gado e | tangendo para o Cardeiro, onde | a gente se encontra. Quem che- | gar primeiro espera pelos ou- | tros”. Aquilo dito, aquilo feito. || Rês por rês era laçada e amar- | rada no mourão. A sujeição co- | meçava por um homem forte, de - | dos em garra metidos na sua ven- | ta, outro mais no espinhaço. Um | golpe de faca na terceira enruga | do céu da boca, fazendo sangrar | e uma colherada de sal em ci- | ma, água de creolina para banhar | os cascos, uma pitada de calome- | lano entre o couro e a cartilagem | da orelha e cal virgem no chão | das porteiras foi o que se fez. (C.C 073 – 19 de novembro de 2000)

Conforme Morais (2008), a pecuária foi a economia fundante da região do Seridó e por meio dela seu espaço foi sendo ocupado desde o século XVII. Nesse cenário, a profissão de vaqueiro se consolidou, uma vez que a atividade de cuidar do gado exigia trabalho árduo e diário, principalmente quando o rebanho adoecia ou quando o ano era de seca.

Figura 17 - Vaqueiros do Seridó com típicos trajes de couro



Fonte: <http://macauemdia.blogspot.com.br/2010/11/pega-de-boi-na-caatinga-resgata-uma.html>.

⁸⁰O produtor refere-se aqui a cavalos e éguas.

g) As cercas de vara e de pedra

Um dos elementos que caracterizam as fazendas do Seridó é a cerca de pedra. Quando os primeiros homens começaram a ocupar as terras do Seridó para criar gado, houve a necessidade de demarcar os limites das propriedades. Além dessa utilidade, as cercas também serviam para proteger os quintais das casas, as cacimbas e confinar o gado. A abundância de pedras na região do Seridó fez com que os fazendeiros optassem pela pedra para cercar as fazendas. Mais segura e resistente, a construção desse tipo de cerca exigia a atuação de pessoas habilitadas para o ofício, pois as pedras eram simplesmente encaixadas sem rejuntamento umas sobre as outras. Aquele que dominava a arte de erguer cercas de pedra era chamado de mestre ou feitor (FARIA, 1980). Em todo o Seridó foram construídas inúmeras cercas de pedra que se conservam até os dias hoje. A arte de construir cerca de pedra é descrita no trecho a seguir:

(70)

“Woden, bom dia. || É natural que não foi o | caboclo brabo quem fincou as | forquilhas da primeira cerca de | varão, pois não carecia do que | cercar. O sujeito que chegou no | coice de uma maromba de gado, | esse, sim, levantou currais e, mais | adiante, fez cercas para fixar os | limites da sua posse, usando | daquilo que dispunha: madeira | pedra ou madeira e pedra. || Quanto ao arame farpado, faz | uns cem anos que chegou. || Determinado o rumo da cerca | a ser levantada, aberto um roço de | duas braças de largura, limpo o | chão, ciscado, rapado o espelho | da terra, aí são riscadas duas | linhas paralelas para, nesse limite, | abrir uma cavagem de chave de | fundura para firmar o alicerce. As | pedras da cerca começam a ser | sentadas na largura que se deseja | até alcançar a altura que se pre- | tende. É o pano da cerca. O feitor | precisa de arte para escolher a | pedra com a cama mais conve- | niente e de face mais favorável, | para conseguir um perfil de- | sempenado, sem bucho nem seio. | O chapéu é o arremate feito com | pedras que deixam uma sobra de | meio palmo para cada lado. || A fazenda Pendenga, duas | léguas do poente de Acari, possui | centenas de braças dessas cercas, | feitas na era de 10 pelo meu pai | (Silvino Balá, 1891-1959) e Chico | Caboclo (Francisco Pereira da | Silva, 1886-1944), amigos e depois | compadres, companheiros de luta | e de capilossada, a 200 réis a braça. [...] (C.C 065 – 07 de junho de 1998)

Figura 18 - Cerca de pedra em “Barra da Espingarda”, município de Caicó-RN



Fonte: <http://janeladaminharua.blogspot.com.br/2009/05/sabores-do-meu-sertao.html>

A atividade da pecuária exigiu a construção de currais e de cercas. Os currais têm inúmeras serventias, e uma delas é separar as vacas dos bezerros na hora da ordenha. As cercas de pedra, as de varas (havia também cercas com a base de pedra e a parte de cima de varas) e bem mais recentemente as de arame farpado foram dominando a paisagem das fazendas, seja para proteger as plantações de invasões ou para manter o gado nos limites das fazendas. Os procedimentos e técnicas para a construção de cercas de vara são descritos na carta-crônica abaixo:

(71)

“Woden, || Antes da necessidade de faz- | er a cerca para demarcar o limite | do seu domínio, o homem | precisou proteger a cacimba | aberta na areia do riacho seco, as | galinhas do terreiro contra a | raposa, a miunça exposta ao | ataque das onças, a vazante, o roçado, a horta e até a própria | casa cercando a sua traseira e | muitas vezes, os oitões; nunca, | no entanto, a frente, esta sempre | livre. Certo é que já existia o cur- | ral onde se ferrava, se assinava e | se capava e onde os bezerros | eram enchiueirados para a | tirada do leite na madrugada se- | guinte. Surgiram então as rama- | das, faxinas, cercas de verão, de | pau a pique, de pedra ou de va- | ra, estas, em mãos caprichadas, | verdadeiras obras de arte. || Estacas de jurema preta, pe- | reiro ou mororó, com 10 pal- | mos, porém, aqui acolá, uma | mais curta, precisando de pon- | teira; cambotas de mofumbo e | de jurema; varas, também de | mofumbo, com 6 palmos e com | o dobro disso, é do que se | carece para fazer uma cerca de | vara de 7 palmos de altura. Os | buracos, com cerca de 2 palmos | um do outro, são cavados com a | folha da alavanca apontada por | bom ferreiro, tendo fundura | variável segundo a natureza do | terreno e um diâmetro que | permita que se retire a terra | cavada com uma quenga. Fin- | cam-se as estacas socadas com | o diamante da alavanca e pe- | dras soltas são postas entre um | buraco e outro, apoiando as | cambotas para que não tenham | contacto com o chão. Filas de | cambotas são arrumadas, todas | com a cacunda para o mesmo | lado e depois as varas mais | cheias, fincando o pé e a ponta | no mesmo sentido. Só na | primeira estaca e na última é | que a ponta da vara se alterna | para um e outro lado. As varas | mais compridas, mais finas e | mais flexíveis fazem a amar- | ração final da cerca, torcidas | umas sobre as outras, como se torciam, em outros tempos, as | cordas de laçar de couro cru. || Depois vieram as cercas de | varas com o pé de pedra e , mais | na frente, com a chegada do | arame farpado que deu origem | às cercas com 4 cintas pregadas | com grampos em mourões e | com as estacas entrançadas, | apareceram as cercas com o pé | de pedra e arame e as com o pé | de vara e arame. E assim, o | Seridó foi sendo cercado e foi se subdividindo, por força dos | inventários, de rota batida em | busca do minifúndio. (C.C 068 – 18 de outubro de 1998)

Os currais são considerados um importante fator no povoamento do Seridó que teve início no século XVII. A construção de currais possibilitou a expansão da pecuária. Segundo Faria (1980, p. 160), “o domínio econômico do curral durou mais de cem anos”. Durante esse tempo, período denominado de o ciclo do couro, a venda do couro curtido era economicamente mais viável do que a venda da carne.

h) O inverno e a seca

Quando a grande maioria da população do Seridó vivia na zona rural⁸¹ e tirava seu sustento exclusivamente do que plantava e colhia, os efeitos da seca eram ainda mais devastadores. Há uma vasta literatura sobre as consequências da seca no semiárido nordestino e sobre a falta de perspectiva da população. A constatação de que o ano será de seca é desalentador para o povo do Seridó, assim como foi nos tempos do povoamento da região, no século XVII. Na carta abaixo, o missivista menciona uma seca bem recente, ocorrida em 1998, e menciona o impacto na economia quando a chuva não vem:

(72)

“Woden, meu abraço: || Certo é que este ano de 98 | passou um fede em todos | quantos se atreveram a deitar | sabedoria sobre insetos e bi- | chos e plantas e sobre o tempo. | É seca grande, redonda, de não | haver para onde retirar uma | rês. O cabelo fino, quem tem, | leva para o abate, bamburran- | do o mercado, sendo essa uma | maneira de reduzir o gado e de | pegar em algum vintém. A ou- | tra é negociar, a qualquer pre- | ço, o gado de solta. || Aqui nas Pinturas, em ja- | neiro, caíram quatro chuvas de | correr goteira, espanando os | duros, enxurrando e apenas | uma de fazer água nos açudes, | não chegando, porém, a cobrir | as vazantes de capim. Muitos | córregos e riachos não corre- | ram e noutros a cabeceira da | cheia cansou pelo caminho, na | areia seca. Quem plantou, per- | deu a semente. A babugem não | chegou a pasto. Fez rama. As | raras chuvas de fevereiro, mar- | ço e abril foram de apagar a | poeira, borrufoando o espelho | da terra. Um papel de cigarro | não se molharia nelas. || A constante saída das fa- | mílias para as cidades continua | esvaziando o campo. Há escas- | sez de braço para o trabalho. | Casas abandonadas, caíndo | por desuso, sem porta, sem | janela e sem telhado, o mato | invadindo, se repetem na soli- | dão da caatinga esturricada co- | mo fantasmas, todas elas, sem | uma voz que responda, lá de | dentro, em noite rica de es- | trelas: “Ô de fora!” Foi o plantio | do algodão que teve fim e está | sendo agora a criação que se | desmantela. Estamos, pois, no | caminho inverso ao dos nossos | antepassados. || E entra era e sai era e con- | tinua o mesmo Mané Luiz. || Que Deus lhe dê saúde e | paciência. || Paulo Balá.” . (C.C 064 – 17 de maio de 1998)

Uma das consequências mais preocupantes da seca é a falta de alimento para o gado. Quando não há pasto, os criadores de gado precisam encontrar alternativas para alimentar o rebanho. Desde muito tempo o sertanejo descobriu o xique-xique e o cardeiro, espécies de cactáceas espinhosas ricas em água e abundantes na região, como uma alternativa. Em tempos de total falta de alimento, o xique-xique tanto serve para o homem quanto para o gado. Apesar de ser nativo, o sertanejo precisava repalantar. Esse procedimento deveria ocorrer antes da chegada das chuvas, conforme menciona a carta-crônica a seguir:

⁸¹Conforme Faria (1980), o censo demográfico realizado em 1960 apontou que 66,13% da população do Seridó habitava na zona rural, vivendo basicamente da agricultura e da pecuária.

(73)

O xiquexique serviu de ali- | mento ao homem em anos de du- | ra precisão não se sabendo se | apenas por aplacar a fome ou se | havia quem comesse até dizer | basta, estirando o couro dos va- | zios. A porção de se comer é a | mais central da galha, cercada por | tecido fibroso a qual, na verda- | de, naqueles tempos andou ma- | tando gente. É que o povo ainda | não sabia cuidar dela. Quando ao | bicho bruto, seja de casco redon- | do ou de casco rachado, tendo o | suficiente para matar a fome atra- | vessa a seca de cabelo fino e lus- | troso. || Essas plantas, que dão um óti- | mo alimento em período crítico, | quando as chuvas chegam, elas | engordam por excesso de hidra- | tação e aí não servem mais ao ga- | do faminto sendo, portanto, o xi- | que-xique magro o bom xique- | xique para esse fim. Para multi- | plicá-lo deveriam ser plantadas | no sistema de estacas ainda no | seco, final de ano, antes das pri- | meiras chuvas, mas nós sertane- | jos, conhecedores e viventes das | secas, pouco cuidamos disso (C.C 084 – 21 de maio de 2006)

Em outra carta-crônica, o locutor apresenta anotações sobre várias secas ocorridas no final século XIX para mostrar que, desde aquela época, o homem seridoense usava o xique-xique como alternativa durante a seca. Há ainda uma descrição de todo o processo que envolve a queima de xique-xique ou o “sodoro”, denominação usada pelos sertanejos para o xique-xique e o cardeiro assados:

(74)

|| “1867 - Retirei as vacas pari- | das para o Acary onde quase se | acaba, mandando o resto em de- | zembro para o trato de xiquexi- | que. 1868 - Janeiro continuou o | trato dos gados até fevereiro. Tio | Chico botou o gado para aqui, | tratar-se com xiquexique... Re- | colhi uma dúzia de bezerras na | Ipueira. Aqui mesmo soltei tra- | tando o resto da seca com xique- | xique. 1875 - Janeiro não apa- | receu chuva. Continuava a quei- | ma de xiquexique. 1877 – Che- | guei aqui em 4 de junho. Tratei | de queimar xiquexique para o ga- | do que estava morrendo todo”. [...] || O cardeiro e o xiquexique são | cactáceas ricas em água, a pri- | meira com 10.72% de proteína e | a segunda com 2.63, como assi- | nala Pimentel Gomes em Forra- | gens Fartas da Seca, sendo uma, | mesmo nos bons tempos, boa | ajuda para engorda e a outra pro- | piciando a produção de leite, mas | ambas, por espinhentas, care- | cendo de ter os espinhos sape- | cados para o gado melhor abo- | canhar. A queima, assim chama- | da, consiste em cortar as galhas | arrumando-as numa coivara, | juntar lenha seca ao seu pé pa- | ra quando botar fogo pegar com | facilidade. Se acaso o vento fal- | tar, chamado no assobio ele vem. | Essas coivaras quando arruma- | das na véspera têm a vantagem | da queima ser feita ainda cedo | do dia seguinte com o sol me- | nos quente. (C.C 084 – 21 de maio de 2006)

É preciso mencionar que até hoje o povo sertanejo continua padecendo com os efeitos da seca e alimentando o gado com xique-xique e cardeiro.

i) As comidas típicas e os hábitos alimentares dos seridoenses

A região do Seridó possui uma culinária tradicional, que funciona como um elemento de identidade do seu povo. A carne de sol, a manteiga do sertão e os queijos de coalho e de

manteiga fazem parte da culinária típica do Seridó. As receitas típicas e o modo de preparação tradicional foram repassados ao longo do tempo entre os membros das famílias seridoenses. Como a pecuária foi a primeira atividade econômica desenvolvida na região do Seridó, acreditamos que esse aspecto tenha influenciado nos hábitos alimentares dos seridoenses, especialmente a predileção pela carne e pelos derivados do leite. Numa das cartas, o locutor fala sobre a alimentação típica dos vaqueiros:

(75)

Com a barriga cheia | de “feijão macassa” temperado | com tempero verde e nata, de carne assada, rapadura e queijo fres- | co, saíam os vaqueiros para o seu | destino. E lá no campo as deter- | minações: (C.C 073 – 19 de novembro de 2000)

O comerciante de carnes é chamado no Seridó de marchante. Profissão predominantemente masculina, o marchante se encarrega de matar a rês, esquartejar e separar as mantas para preparar a carne de sol. A arte de fazer a autêntica carne de sol envolve etapas que são descritas no trecho abaixo:

(76)

O animal manso se abatia a | machado e o arisco a tiro de es- | pingarda carregada com uma ro- | limã. Depois da sangria, tirar o | couro, as vísceras e esquartejar | deixando fora o osso do pesco- | ço. Os quartos, pendurados pa- | ra enxugar, eram despencados o | que significa separar a carne dos | ossos que era então aberta em | mantas finas. Destas, salgadas so- | bre o couro aberto no chão, se | fazia um monte cobrindo-o com | as bordas ditas de couro, como | se fosse uma trouxa, ali ficando | para tomar sol e soltar a salmou- | ra. Daí iam para o estaleiro pe- | gar sol durante o dia e sereno à | noite e sol na manhã seguinte, | virando um lado e outro. Era a | carne de sol, desidratada, seca | enxuta. Vi meu pai fazer tudo is- | so e depois empaiolar a carne da | novilha, que não prestava para | criar, dentro de um caixão, alter- | nando, desde o princípio, uma | camada de carne com uma de | sal grosso. Assim, ela estava uma | carne bem tratada, cheirando, pa | ra ser assada na grelha sobre as | brasas ou cozida no feijão, tem- | pos vindouros. (C.C 068 – 09 de maio de 1999)

Como a carne e o queijo sempre foram alimentos caros, a base da alimentação do seridoense de baixa renda é o feijão com farinha e rapadura. Pequenas porções de carne podem ser adicionadas ao feijão ou feito paçoca. No trecho abaixo, o locutor cita alguns dos hábitos alimentares dos seridoenses:

(77)

- Para matar a fome, o feijão ma- | caça verde, apanhado na vazante ou | seco ao sol e debulhado, ou o guar- | dado em silo de areia ou de zinco, | de um ano para o outro ano, e que | cozinhado apenas em água e no sal | não tem sustança; ou de arranca | comprado nas feiras que, depois de | catado para tirar a pedra que pode | estragar um dente e a sujeira e o ca- | roço chocho, fica de molho à noite | para ser cozinhado no dia seguinte | em panela de barro que Luísa do Sa- | co fazia, e depois ser machado em | alguidar de barro, com colher de pau. | Desse pernoite os mais velhos tira- | ram uma lição: “O caroço limpo se | deposita

no fundo da panela; o su- | jo sobe e bóia... que nem na políti- | ca”. No preparo entra a carne seca, | a costela, o toucinho, o mocotó de | porco e, depois de tudo, o tempero | verde apanhado na horta. || - Do brejo vinha a farinha, com- | panheira do feijão, da fava, do mel | de rapadura, da coalhada, do pirão. [...] - Para eventual quebra-queixo, | uma refeição ligeira fora de casa – o | bocó -, pequeno saco contendo fari- | nha seca, carne magra assada na bra- | sa cortada em pedaços e rapadura em | taco, que se conduzia amarrado nas | correias da garupa da sela ou no bol- | so da carona. E do pilão saía a paço- | ca temperada com cebola roxa. || - Feijão, um tempero de carne, fa- | rinha e rapadura – o dia a dia da me- | sa do sertanejo. O jerimum caboclo | ou de leite, assim como a batata do- | ce estavam presente. (C.C 090 – 28 de novembro de 2010)

Os itens básicos da alimentação do homem sertanejo - o feijão, a farinha, a rapadura e a carne assada na brasa - ainda permanecem, apesar da invasão dos alimentos industrializados que podem ser encontrados com facilidade hoje.

j) Os ferros de ferrar gado

Introduzido pelos portugueses, o costume de marcar o gado com ferro quente sobrevive até hoje. Conforme o costume, são usados dois ferros para marcar o gado. Do lado direito da rês, o ferro identifica o proprietário e do lado esquerdo, o ferro identifica a ribeira⁸² ou cidade onde a fazenda está situada (FARIA, 2006). Ainda segundo o referido autor, cada família possuía seu ferro com uma marca característica e somente os filhos do sexo masculino podiam herdar o ferro do pai. Quanto às mulheres, a filha mais velha recebia o mesmo ferro do pai, acrescido do número um e assim sucessivamente. Quando casava, a mulher passava a usar o ferro do marido⁸³. O ferro da família tinha um desenho comum e cada filho ia acrescentando detalhes para criar o seu próprio ferro.

(78)

“Woden: || No começo dos anos 30, um homem procurou o seu tio Francisco | Raimundo de Araújo, o Ferreiro Velho (1855-1940), antigo administra- | dor do Açude Água Doce levantado por seu pai Félix dos Garrotes (1818- 1905), no final do século anterior, cujas vazantes foram repartidas entre | os filhos que também receberam uma faixa de terra seca, uma boa se- | mente de gado e ferro de marcar, a inquirir sobre o destino deste. O seu | desenho, um risco vertical, saindo à sua direita uma alça curva ascen- | dente, arremedando o número quatro olhado por trás, constituindo, no dizer | sertanejo, o “caixão do ferro” da família maraganha; esbarrando o risco, embaixo, noutro risco horizontal; tem uma puxa- | da à esquerda, no risco vertical, em cima, e no horizontal, um pé à direi- | ta e à esquerda, uma puxada para baixo e outro pé. Eis, pois, o ferro do | açude. Indagado, o velho sábio

⁸² As primeiras fazendas de gado do Seridó estavam localizadas nas margens dos rios, onde as famílias podiam dispor de água para uso próprio e para o gado (FARIA, 2006).

⁸³ Sobre a heráldica dos ferros de ferrar gado cf. SUASSUNA, Ariano. **Ferros do Cariri**: Uma heráldica sertaneja. Recife: Guariba, 1974; FARIA, Oswaldo Lamartine de. **Ferros da Ribeira do Rio Grande do Norte**. Mossoró-RN. Coleção Mossoroense I, Vol. CCXLI, Série C, 1984; MAIA, Virgílio Nunes. **Rudes Brasões**: ferro e fogo das marcas avoengas. São Paulo: Editora Ateliê editorial, 2004.

respondeu que ninguém estava a usá- | lo, às ordens, portanto, do seu sobrinho. Meu pai, agradecido, adiantou: “É que nasceu um menino lá em casa e eu quero passar esse ferro para | ele”. (C.C. 080 - 26 de maio de 2002)

Os ferros de ferrar da família Maraganha, tradicional criadora de gado no Seridó, mencionados na carta-crônica acima, revelam uma tradição conservada ao longo dos tempos em que cada filho nascido deve recebe das mãos do pai um ferro com o qual passa a marcar o próprio gado.

Na figura abaixo, podemos visualizar um alfabeto, com letras maiúsculas e minúsculas, comumente usadas nos ferros de ferrar.

Figura 19 - Abecedário com tipos de letras usados nos ferros de ferrar gado



Fonte: <http://poemia.wordpress.com/2008/05/15/alfabeto-sertanejo/>.

k) Sobre a arte de curtir couro

Por tratar-se de uma região onde a pecuária foi, durante muito tempo, a principal atividade econômica, alguns seridoenses aprimoraram técnicas para curtir o couro, trazida pelos portugueses que povoaram o Seridó. O couro curtido tinha grande utilidade no sertão. Dele eram feitas as botas, as vestes e o chapéu do vaqueiro e todos os apetrechos usados por ele para montar a cavalo: sela, esteira manta, rabicho, rabichola, cilha, losos arreios de cabeça, perneira, guarda-peito e gibão. Os procedimentos da arte de curtir couro, repassada de pai para filho, são descritos a seguir:

(79)

De- | pois da carne tratada, vinha o tra- | balho de espichar o couro. Duas | varas paralelas das garras da ca- | beça às laterais do tronco do ra- | bo e mais duas vizinhas às an- | teriores, agora se cruzando e ou- | tras no sentido transverso, a ní- | vel dos braços e das pernas era | o principal e mais tantas varas | quantas preciso fossem. As de | marmeleiro, para couro de cria- | ção e as de mofumbo, para cou- | ro de gado, verdosas, flexíveis, | eram

cortadas em bico de gaita | interrompido, para se fixar no | furo aberto à ponta de faca, na | beira do couro. Enxuto, onde ca- | chorro não chegasse e vigiado | dos urubus, tiradas as varas, se- | guia então para o curtume. || Numa primeira etapa, o cou- | ro é posto de molho até ficar mo- | le, para ser descarnado, i. é., com | um facão, e é bom que tome o | feitio de arco, ele será rapado so- | bre um cavalete curvo como uma | telha, para retirar todo o langa- | nho e as sobras de gordura. E aí | tem dois caminhos: curtir sem dei- | xar o cabelo ou curtir preservan- | do-o, como se faz com o couro | de bode que se quer para fazer | manta de sela e o de carneiro que | se quer para fazer esteira. Trata- | do pela cinza obtida da queima | da madeira do angico ou da do | juazeiro, esta a melhor de todas, | todo o cabelo cai, sendo o cou- | ro lavado em água limpa. Para cur- | tir de fato, precisa ser passado, co | mo sucede com os apenas des- | carnados, na casca de angico, pi- | lada e seca. Há tanques, substi- | tutos dos potes, com cinza e água | e com água e casca, a quem cha- | mam, a ambas, de golda, onde | os couros demoram dias, refazen- | do-se a golda, se for de precisão | e virando-os – a conhecida vira- | da do curtume. O curtido é en- | tão lavado, outra vez espichado | para não encarquilhar e posto ao | sol para secar (C.C 074 - 24 de dezembro de 2000)

A história oficial registra o ciclo do couro que se desenvolveu com a extensão da pecuária nos primeiros séculos da colonização. Matéria prima para a confecção de vestuário (os vaqueiros usavam roupas de couro dos pés à cabeça para se protegerem dos espinhos da caatinga), de calçados, utensílios de trabalho e utensílios domésticos, o couro produzido no Brasil também foi exportado. Conforme Medeiros (1980), de couro eram feitos os utensílios para carregar água, as portas da cabana, o alforge para levar comida, a mala, a mochila para dar milho aos cavalos, o estrado da cama, as bainhas de facas, entre outros.

1) Costumes dos sertanejos do Seridó

As tradicionais famílias do Seridó se notabilizaram pela rigidez dos costumes. Conforme Medeiros (1980), o Seridó foi povoado por descendentes de portugueses. Uma das primeiras famílias que lá se fixaram para criar gado foi a de Tomás de Araújo Pereira (o primeiro). A família cresceu e um membro da terceira geração, também chamado Tomás de Araújo Pereira, “homem de pequena cultura, mas de grande acuidade intelectual e de rija tempera e severos costumes”, conforme Medeiros (1980, p. 77), ficou conhecido pelo respeito que tinha à palavra empenhada. Esse Tomás de Araújo Pereira defendia que o homem não precisava escrever no papel o acordo ou a promessa feita, a palavra dada era suficiente.

(80)

Nos outros tempos, os ho- | mens fechavam um trato só com | o empenho da palavra, haven- | do, como se sabe, os que davam | como fiança um cabelo de cavanhaque. Depois vieram o pa- | pel e a tinta e aí alguns com- | promissos passaram a ser es- | critos, servindo como exemplo | o que se segue: “Rs 100\$ 000 rs) per- | tencentes ao Snr Manoel Lopes | de Araújo Cananéa para lhe ser | entregue no dia 1 de Agosto de | 1892; e para clareza mandei pas- | sar o presente, em que me as- | signo. Acary, 22 de janeiro de | 1892. Felis de Araújo Pereira

| Filho”. || Por seu lado, Tomaz de | Araújo Pereira (o terceiro) tinha | muito zelo pela palavra dada. | Assim, por estar doente, foi le- | vado ao Brejo de Areia numa re- | de, para não quebrar um trato. | E mais: tutor dos filhos de D. | Maria do Ó de Faria, marcou o | dia de ir prestar- lhe contas, no | Assu. As chuvas caídas subi- | ram as águas do rio Paraú que | ele atravessou a nado, dentro | da noite. No alpendre da casa | do sítio Poassá ouviu, noite | avançada, molhado e com frio, | um comentário que vinha de | dentro, o de haver quebrado | aquele trato, ao que ele, lá de | fora, replicou: “Ainda desta vez | Tomaz de Araújo cumpriu a sua | palavra”. O seu comportamen- | to gerou a expressão de quan- | do as pessoas assumiam um compromisso mas que, nos | tempos de agora, quase não se | escuta: “Isso é palavra de To- | mas de Araújo”. || (C.C. 071 - 22 de agosto de 1999)

A identidade do homem sertanejo foi um dos temas preferidos de Osvaldo Lamartine de Faria, um respeitado estudioso dos costumes do Sertão. Em *Velhos Costumes do meu Sertão* (FARIA, 2006), ele afirma que o exemplo deixado pelos grandes patriarcas da família sertaneja fez do sertão um lugar habitado por homens de bem cuja palavra podia ter mais força e valor do que os documentos legais.

m) Candeeiros e lamparinas

Na carta-crônica abaixo, o missivista relembra os tipos de candeeiros e faróis a querosene com que se iluminavam as casas, antes da chega da energia e mesmo depois dela, pois em lugares afastados da cidade a energia elétrica tardou a chegar. Conforme relata o locutor, houve uma evolução das primeiras lamparinas com pavio de algodão e azeite de carrapato até as lâmpadas a bujão que além de iluminarem mais, não eram apagadas pelo vento. A chegada da energia, porém, acabou com o hábito de contar estrelas, conforme trecho a seguir:

(81)

Um dia desses eu perdi o sono e, no sono perdido, comecei a | me lembrar das coisas de ontem. Assim, eu lhe digo que a ilumi- | nação das casas se fazia graças a uns poucos faróis a querosene | e a um punhado de candeeiros, sendo que cada um tinha o seu lu- | gar de costume: aquele candeeiro era o do salão dos vaqueiros e | aquele farol o da mesa de jantar. A boa luz não dependia apenas | do querosene, comprado em latas e despejado num tambor com | torneira, mas também de pavio. O dos faróis, uma fita larga e es- | pessa, carecia de ser aparado reto, sem fazer bico de gaita, para | que a lingüeta de fogo se fizesse em meia-lua, sem fumaçar e o | dos candeeiros, este torcido de algodão. Candeeiros carregados | acima da cabeça, quando fora de casa, nunca se apagavam ao | vento. Depois chegaram as lâmpadas a pressão, queimando que- | rosene e alumando tudo através de uma camisa incendiada a ál- | cool e, mais na frente, as lâmpadas a bujão. E foram, em eras | mais distantes, as candeias que tiraram a escuridão dos lares. A | lamparina, em litro serrado, constante de uma peça de flandre | traspassada por um pavio, presa a pedaços de cortiça, boiando | em azeite de carrapato, do caritó alumia a simplicidade do quar- | to – a cama, a

rede, o pinico, as malas, as roupas penduradas nos / tornos, as chinelas e o oratório com os santos da devoção, diante / dos quais se tirava, suplicante, o terço, a novena e a ladainha. (C.C. 077 - 10 de junho de 2001)

A iluminação por meio de candeeiros foi exclusiva na maioria das cidades do interior do Nordeste até a década de 60, quando chegou a energia elétrica trazida da usina de Paulo Afonso I, pertencente à Companhia Hidroelétrica do São Francisco. Em 1961, no governo de Aluizio Alves, foi criada a Cosern (Companhia de Serviços Elétricos do Rio Grande do Norte), encarregada de distribuir a energia vinda de Paulo Afonso para o interior do Rio Grande do Norte. Antes disso, a iluminação pública era fornecida por motores elétricos movidos a óleo, ligados às seis horas da tarde e desligados às nove da noite.

n) O rádio no sertão

Numa época em que as notícias demoravam a chegar e as pessoas que moravam na zona rural viviam praticamente isoladas, o rádio veio preencher essa lacuna. As emissoras de rádio começaram a ser criadas no Brasil na década de 20. Nas décadas de 30 e 40 as emissoras de rádio se popularizaram e viveram seu período áureo. Começam a ser transmitidos os programas de radiojornalismo e a radionovela. Na carta-crônica abaixo, o missivista volta ao ano de 1938 para contar como foi a chegada de um rádio à bateria no sítio. A qualidade da transmissão dependia das condições do tempo, mas a novidade serviu para reunir todos na chamada sala do rádio:

(82)

“Amigo velho, aqui neste sovaco / de serra só se sabia de alguma novi- / dade quando trazida por alguém a / cruzar esses caminhos - um masca- / te que fosse, ou por quem, vindo da / rua, chegasse carregado das conver- / sas de dia de feira. || Foi então que, aí pelo ano de / 1938, Alonso Bezerra de Albuquer- / que (11.11.1915-21.10.1985), um / curraisnovense trabalhador, chegou / montado num jumento tangendo na / frente outros jumentos encangalha- / dos que levavam no lombo um rá- / dio, um motor, uma bateria, fios e / lâmpadas elétricas. || Ele mesmo, anos depois, comen- / do paçoca pilada no pilão, acompa- / nhada de banana maçã e arroz de lei- / te, tomava a palavra para relembrar: / “Eu tinha combinado com Silvino / de ir lá fazer umas instalações e fui / determinado a mostrar um bom ser- / viço e vendê-lo. Expliquei que era um / pequeno motor muito simples, com / baixo consumo de gasolina, para car- / regar uma bateria que com o uso a / tendência era arriar. Ela cheia daria / muitas horas de rádio podendo ain- / da ser utilizada para acender algu- / mas lâmpadas em pontos estratégia- / cos da casa. (...) A escuta das estações, to- / das distantes, dependia da qualidade / do tempo, do pipocar das descargas / elétricas: os jornais falados com no- / tícias da Segunda Guerra Mundial / - batalhas, avanços e recuos - e, em / 1939, a transmissão de eventos do / Congresso Eucarístico Nacional, rea- / lizado no Recife. A iluminação, por- / tanto, continua sendo a querosene / com a luz amarela dos candeeiros e / faróis a clarear a escuridão da noite, / mas as “ondas hertzianas”, tal como /

falavam os locutores, traziam as novidades do oco do mundo. (C.C 086 - 22 de julho de 2007)

Depois dos almocreves, caixeiros viajantes e “positivos”⁸⁴ o rádio foi o meio mais utilizado no sertão antigo para conectar as pessoas isoladas nas fazendas, ao resto do mundo.

7.2 A dimensão do texto: evocação ao passado e as lembranças guardadas na memória

A análise do texto partiu da definição de que o traço recorrente mais significativo na carta-crônica é a evocação ao passado por meio da memória.

Para definir o traço recorrente dessa TD tomamos como referência o conceito de TD cuja compreensão passa pelo conceito de historicidade. Coseriu (1978)⁸⁵, citado por Kabatek (2004b) aponta três tipos de historicidade: a primeira é a historicidade da língua dada; a segunda é a historicidade como tradição e a terceira é uma historicidade genérica no sentido de uma pertença à história. O conceito de TD insere-se no segundo tipo de historicidade, pois os textos estabelecem uma relação de tradição com outros textos anteriores. Essa relação pode ocorrer pela repetição de uma determinada finalidade textual, pela repetição de um determinado conteúdo ou pela repetição de certos traços formais. Sobre a repetição de traços formais, Kabatek (2004b) adverte que, embora todo texto possua um vínculo com uma tradição textual, esse vínculo é gradual, pois tanto podem existir formas textuais tradicionais e muito definidas como formas textuais muito pouco fixadas. Nas palavras de Kabatek (2004b, p. 163),

a recorrência de formas textuais compreende uma escala contínua a partir de marcações de tradição mínimas – algo como uma determinada denominação textual ou uma determinada fórmula em um texto ainda não fixado – passando por uma organização formal contínua até chegar a uma completa fixidez do texto.

A evocação ao passado, o traço recorrente mais significativo da carta-crônica, alia-se ao propósito comunicativo que é o de **registrar costumes e tradições do povo potiguar**. Para falar dos costumes e tradições que caracterizam o modo de vida do homem do sertão e do homem praiano, lembranças do passado são evocadas pela memória. Mas é preciso destacar

⁸⁴Espécie de carteiro andante que transportava encomendas e cartas a pé. O positivo “Velho Goteira” é citado em cartas-crônica da 1ª e da 3ª fase.

⁸⁵O livro citado por Kabatek (2004b) é COSERIU, Eugenio. **Humanwissenschaften und Geschichte. Der Gesichtspunkt eines Linguisten**, Det Norske Videnskaps-Akademi-Årbok, Oslo, 1978, 118–130.

que, nas cartas crônicas, o passado é visto de duas formas: o passado é valorizado como um tempo bom que serve de modelo para o presente, mas que não volta e por essa razão precisa ser lembrado (LE GOFF, 2003) ou para ser comparado ao presente. Essa segunda forma inclui o lamento pelo desaparecimento de certas tradições ou de certos objetos que foram substituídos por outros mais modernos.

Como já destacamos no capítulo anterior, o resgate do passado se dá pela memória, individual ou coletiva. As cartas-crônica mantiveram ao longo de quase cem anos a tradição de registrar os costumes e tradições dos antepassados para que não se percam.

Quase todas as cartas-crônica que compõem o *corpus* fazem referência ao passado, ou seja, contam histórias de um tempo anterior ao tempo da escritura. Porém, se fôssemos considerar todas as passagens de texto em que isso acontece, a análise ficaria exaustiva. Como optamos por uma análise qualitativa e como o critério de análise baseia-se na materialidade linguística, optamos por identificar palavras-chave e expressões recorrentes em todas as cartas-crônica cujos significados apontam para o passado e para a memória. Nesse sentido, selecionamos as seguintes palavras-chave que orientaram a seleção dos trechos que serão submetidos à análise: os substantivos **memória, recordação, saudade, tempo, lembrança, ontem, passado**, os verbos **recordar, lembrar, relembrar e rememorar** e o advérbio **antigamente**.

Com base nessas palavras-chave, selecionamos trechos de 43 cartas-crônicas, assim distribuídos:

- a) 16 cartas-crônica da 1ª fase nas quais as referências ao passado foram marcadas pela recorrência às seguintes palavras e expressões: **recordação, memória, no fundo da memória, sentir saudades, saudades passadas, lembrar com saudades, o poder da saudade, lembranças vindas, encontrar na memória, transformar a saudade em lembrança, saudade do tempo que não volta, lembrar com o coração magoado, poder relembrar coisas e pessoas do passado, lembranças que a memória guardou;**
- b) 14 cartas-crônica da 2ª fase nas quais as referências ao passado foram marcadas pela recorrência às seguintes palavras e expressões: **rememorar, começar por lembrar, ainda é recordado, não mudou com o tempo, o tempo passa, mais de um século se passou, fixar as lembranças, recordar, lembrar;**

- c) 13 cartas-crônica da 3ª fase nas quais as referências ao passado foram marcadas pela recorrência às seguintes palavras ou expressões: **costumes do seu tempo, o tempo já vai longe, coisas do passado, tempos idos e vividos, o tempo não volta mais, já faz um bocado de tempo, o tempo impõe mudanças, nada vem de hoje, tudo foi de ontem, tempos mais remotos, tempos depois, os tempos passaram, isso foi ontem, em tempos mais recuados, em outros tempos, coisa de trasantontem, o tempo leva e não traz, ao longo do tempo.**

Os trechos em que o tempo presente e o tempo passado são comparados há uma recorrência a palavras que marcam a oposição entre esses dois momentos: **hoje x ontem e atualmente x antigamente**. Além disso, para referir-se ao tempo passado são empregadas as seguintes expressões: **naquele tempo, outros tempos, daqueles tempos, tempos antigos**. Os verbos **desaparecer** e **rarear** são usados quando o propósito é mencionar objetos ou costumes que não são mais encontrados no presente, pois caíram em desuso quando foram substituídos por outros mais modernos.

Para fins de comparação, mantivemos a divisão da análise com base nas fases geracionais do *corpus*. Nosso objetivo é verificar qual tipo de memória - individual ou coletiva - predomina em cada fase e que palavras ou expressões empregadas na evocação ao passado são mais recorrentes em cada uma das três fases.

Como estamos lidando com “tempo” é importante defini-lo. Uma distinção bastante adequada aos nossos propósitos foi estabelecida por Benveniste ([1974]2006) e citada por Le Goff (2003, p. 213, 214). Segundo Benveniste, o tempo se manifesta de três formas: a) **tempo físico** é “contínuo”, uniforme, infinito, linear e divisível à vontade e sua duração é relativa e se diferencia de indivíduo para indivíduo; b) **tempo crônico ou tempo de acontecimentos** - é socializado, é o tempo do calendário; c) **tempo linguístico** é aquele cujo centro está no presente da instância da palavra, é o tempo do locutor. Nesse sentido, quando mencionarmos **hoje, agora, atualmente**, como por exemplo na passagem: “*Na sua opinião, tudo isso | está torto, salvo si o homem | de hoje não é feito com o mesmo | cabedel dos homens do nosso | tempo*” (C.C 014) estamos nos referindo ao tempo linguístico, o tempo da instância da palavra.

7.2.1 Evocação ao passado nas cartas-crônicas da 1ª fase

Nas cartas da 1ª fase, o passado é evocado predominantemente pela memória individual do autor ou de personagens inseridos na narrativa. Há também uma tentativa de valorização do passado quando comparado ao presente. Para analisar as cartas dessa fase, dividimos os exemplos selecionados em três partes:

a) Lembranças do passado evocadas pela memória individual do autor

Nos oito exemplos que analisaremos em seguida (de 83 até 90), tem-se o registro da memória autobiográfica (HALBWACHS, 2006) do enunciador. As lembranças guardadas na memória dizem respeito fatos vivenciados na infância. Os motivos das lembranças são as viagens no lombo de cavalos ao sertão invernoso, o sorriso das moças do tempo de juventude, os amigos que já morreram, os repentistas e cantadores de viola⁸⁶. Para evocar essas lembranças, as palavras **recordação** e **memória** são recorrentes:

(83)

*Foi uma viagem cheia | de **recordações** de outras viagens, | quando eu e ella ainda moços e os | filhos por crear iamos passar o in- | verno na Cacimba do Meio, onde ti- | nhamos uma fazenda mais bem situ- | ada. [...] Essas coisas todas misturaram-se | agora na minha **memoria** nessa jor- | nada escoteira, sem o alarido dos com- | boeiros tangendo os animaes carre- | gados, a folia dos meninos monta- | dos no meio das cargas de malas | ou mettidos dentro de caçuaes, ou | conduzidos na maçoneta da sella por | algumas pessoa mais cuidadosa. [...] Viagem tristonha, essa minha ul- | tima viagem ao meu sertão velho, | onde, pelos caminhos, á passagem dos | rios, á porteira de tantos curraes e | no alpendre de tantas fazendas, só | encontrava **recordações, memoria de | outras viagens**, quando moços, eu e | minha mulher, iamos passar o inver- | no na Cacimba do Meio, **hoje em po- | der de outros donos, (C.C 005 - 24 de março de 1914)***

(84)

*Todas essas e **tantas outras lembranças me vieram á memoria** desde que comecei a pensar na visita aos meus sobrinhos. Vi coisas e pessoas **d'aquelle passado** como se estivessem presentes. **O poder da saudade** me pos, diante dos olhos e á distancia do ouvido, a balburdia de nossa casa na hora da partida p'ro sertão. [...] Emquanto eu mesmo arrumava as mallas de couro, **me lembrava, com saudades, das viagens da minha meninice.** || Oito dias antes de chegar a conducção, eu os manos e os outros meninos do meu tope, alvoroçados pela alegria de irmos p'ra fazenda, largavamos todos os brinquedos pelos cavallos de talo de carnaúba, nos quaes expernegavamos dentro e fóra de casa, não sem prejuizo da mobília, a aperreio dos bichos caseiros perseguidos pella nossa ilusoria vaquejada. (C.C 012 de 07 de março de 1926)*

(85)

⁸⁶Para evitar que a análise fique extensa e, portanto, exaustiva, quando os trechos selecionados para análise fizerem referência a um mesmo fenômeno, os comentários serão extensivos a todos os exemplos, conforme os exemplos 83 a 90.

Sr. redactor: || **Remexendo hoje n'uma bruaca, onde | estão os meos papeis mais antigos |** encontrei uma carta do compadre Del- | phino que não quero deixar de lhe | mandar, p'ra ser publicada. Eu | e elle sempre fomos muito unidos | **desde o tempo** em que andamos | juntos na escola do mestre Corsi- | no, professor muito conhecido, tan- | tas foram as remoções que soffreu. [...] Não sei como agora, defronte | dela, embebido na sua imagem, | **passados tantos annos** e contra minha | vontade, ainda **encontro na minha memo- | ria a lembrança de d. Ameli- | nha**, com o seu cabello preto, os olhos | pestanudos, o peito de rôla furan- | do o corpinho de cambraia. (C.C 016 – 11 de março de 1926)

(86)

Outro dia li no seu jornal um ar- | tigo em que falava nas origens de | Macahyba. **Muito me lembrei então | daquela terra e da minha mocidade**, | quando ali estive tantas vezes, ne- | gociando o algodão dos meus roça- | dos. || **Bons tempos**. Ainda alcancei o ca- | pitão Francisco Pedro, senhor de en- | genho do Jundiah, que foi com o | major Fabricio, um dos fundadores | da futura cidade. (C.C 021 – 22 de fevereiro de 1938)

(87)

Noite de Natal **lembrei-me** muito | de alguns amigos que já estão com | Deus. Estive, assim, mais perto de | todos e por todos rezei; na hora da | missa, aos santos de minha devoção. || Há pessoas que a gente só vem a | saber o bem que a ellas quisemos de- | pois da morte, essa ausência tão com- | prida que se mede pela eternidade. | A convivência interrompida, mas não | acabada, aumenta, na **recordação** de | cada dia o tamanho das sombras que- | ridas. **Mas tudo passa sobre a terra; até | as grandes dôres que se transformam | em saudade, na lembrança de todos | os dias**. (C.C 017 – 11 de janeiro de 1938)

(88)

Penso que nelle e nos ramos do com- | panheiro, moram felizes, hoje como | hontem, alguns daquelles passaros e | seus descendentes, cantando para os | peccadores a sua alegria innocente. || **Lembrando-me com saudade da- | quelles robustos páu-d'arcos, lembrei- | me tambem com o coração maguado, | do velho amigo que já se foi e das | derradeiras historias que delle ouvi e | das quaes acabo de contar uma pe- | quena parte**. (C.C 019 – 25 de janeiro de 1938)

(89)

A chuva está caindo lá fóra, en- | quanto á luz do meu velho candieiro | de kerozene, vou traçando estas li- | nhas tremulas e um tanto exaltadas | **pelo alvoroço de saudades passadas, | e as esperanças de quem já não de- | via tel-as**. || **Lembro-me das moças do meu | tempo, tantas que já se foram e de | muitas não esqueço o sorriso que me | deram e se apagou**. (C.C 024 – 15 de março de 1938)

(90)

Sr. Redactor: Que há de fazer um | velho senão **recordar o passado**, vol- | tando muitas vezes ás mesmas recor- | dações que, aqui e alli, **a memoria** | não deixou completar e até alterou, | numa traição de inimiga? Na car- | ta que escrevi sobre João Bilro do | Japy **esqueci** alguns versos que agora | **me acodem á lembrança** e não quero | deixar de trasladar com mêdo de **es- | quece-los para sempre**. (C.C 018 - 18 de janeiro de 1938)

Ao tratar da memória individual, Le Goff (2003) adverte que ela depende de vivência, pois só guardamos na memória aquilo que vivenciamos. Por essa razão, nos trechos apresentados acima predominam os substantivos **recordação, lembranças, saudade** e o verbo **lembrar**. O passado só pode ser revivido, ou seja, só pode ser trazido ao presente via memória. Um indivíduo só lembra e só sente saudades do que vivenciou, mas, apesar disso a memória individual não é fechada nem isolada, no sentido de pertencer somente àquele indivíduo que recorda o passado. Conforme Halbwachs (2006) em alguns casos, para evocar nosso próprio passado, necessitamos do auxílio das lembranças de outras pessoas que vivenciaram os mesmos fatos.

Sobre esse aspecto, é interessante observar que, nas cartas-crônicas da 1ª fase (esse aspecto também ocorre com as cartas-crônicas da 2ª e da 3ª fases), o passado não é somente evocado pelo autor. Há na narrativa a presença de outras vozes que se manifestam e que também evocam o passado, das quais trataremos em seguida.

b) Lembranças evocadas por personagens que falam na narrativa

As lembranças do trecho (09) a seguir são de uma personagem feminina chamada Joaquina, sobrinha do enunciador. Joaquina, personagem citada em várias cartas-crônicas da série publicada em 1926 no jornal *Diário de Natal* (Propriedade da Imprensa católica), é o símbolo da mulher sertaneja de seu tempo. Joaquina é a sertaneja que casa e passa a se dedicar ao marido, aos filhos e aos cuidados com a casa. O trecho selecionado é parte de uma carta pessoal que Joaquina escreveu ao enunciador e publicada na íntegra (cf. Anexo B, p. 23 e 24). Neste trecho, Joaquina recorda os momentos felizes antes do casamento e de como o aboião⁸⁷ do marido traziam lembranças boas do inverno no sertão:

(91)

*Quem o ouve, porém, en- / contra no **milagre da recordação** o con- / solo de sentir também no fundo da me- / moria a alegria de lembranças felizes. / Quantas vezes, ouvindo Felinto aboiar, / **me tenho lembrado do** alvoroço da terra / nas primeiras chuvas, do rumorejo dos / rios cheios, da verdura repentina dos / campos e das serras, do canto dos sa- / pos festejando as primeiras águas, e / sentindo o cheiro das madrugadas de / maio, vindo das flôres que incensam, / nesse mez, as varzeas e os taboleiros / do sertão. (C.C 011 – 04 de março de 1926)*

⁸⁷Canto dolente e monótono, geralmente sem palavras, com que os vaqueiros guiam as boiadas ou chamam as reses; aboiado. Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=aboião>.

Nos dois trechos a seguir (92 e 93), a enunciação é feita por personagens inseridos na narrativa. Esses personagens fizeram parte das experiências de vida do autor e as lembranças são narradas em discurso direto. Sobre essa questão cabe uma referência à concepção bakhtiniana de dialogismo. Bakhtin (1988) defende que o enunciado só pode ser interpretado se estiver relacionado ao permanente diálogo que existe entre os discursos que caracterizam uma comunidade, uma cultura, uma sociedade. O discurso é heterogêneo porque é preche de outros discursos proferidos ao longo do tempo por outros sujeitos.

Nas cartas-crônicas, o discurso do autor está entremeadado ao discurso de vários personagens cujas histórias ele guardou na memória, mas apela para outras vozes que se responsabilizam pelos enunciados. Portanto, o dialogismo, como fenômeno constitutivo da linguagem, revela-se na bivocalidade, na polifonia, nas formas de discurso relatado – direto e indireto e indireto livre - e também nos discursos que não se manifestam por formas linguísticas (FIORIN, 1999).

No trecho a seguir, o locutor passa a palavra ao professor José Quirino, um monarquista convicto. A forma verbal “conheci” na primeira pessoa do singular marca a fala do professor por meio do discurso direto. Em sua fala, ele recorda as disputas políticas entre conservadores e liberais. A alternância dos partidos no poder refletia diretamente na vida dos eleitores. Aqueles que estavam na oposição sofriam toda a sorte de perseguições, embora esse tempo traga saudades e seja lembrado com tristeza, conforme relata o autor antes de passar a palavra ao professor:

(92)

[...] Seu feitio está completamente | mudado, a começar pelo ar de | tristeza, que sempre lhe traz o | semblante anuviado e a constan- | te amargura com que se refere | ás cousas do presente. || Tem saudades da monarchia | e dos homens daquela epoca, | como si elles fossem feitos de | outra carne e tivessem uma al- | ma diferente. [...] Conheci conservador, que so | tinha por si a noite e o dia | e preferia comer xiquexique e | palmatoria a votar com o parti- | do Liberal, por emprego ou di- | nheiro. || Todos, de um partido ou de ou- | tro sustentavam a pisada p’ra | não passar pela vergonha de | ser comparado a cavallo cabeador, | como naquelle tempo se cos- | tumava dizer dos políticos que | viravam casaca. (C.C 015 – 18 de abril de 1926)

No trecho abaixo o autor das cartas-crônicas não é o responsável pela enunciação. Quem enuncia é um personagem real, conhecido como Fabião das Queimadas⁸⁸. A inserção

⁸⁸O poeta e repentista Fabião Hermenegildo Ferreira da Rocha (1848 – 1928), conhecido por Fabião das Queimadas em referência ao local de nascimento, “Queimadas”, no município de Santa Cruz, distante 115 km

de sua fala em discurso direto pode ser considerada uma estratégia discursiva usada para mostrar que está sendo fiel às palavras tais como lhe foram pronunciadas no passado e guardadas na memória:

(93)

*“Saberá | Vossa Mercê que, assim como me vê, | prêto, com a camisa por fóra das cal- | ças, pé no chão e sem vintem na al- | gibeira, me considero a creatura mais | feliz do mundo; e toda essa felicida- | de veio da mulher com quem casei. | Que mulher p’ra me querer bem! | Sendo alva e, dizem que bonita, gos- | tou da minha cadencia e da minha | voz e por cima de tudo foi minha | mulher. Tivemos muitos filhos ma- | chos e muitas filhas femeas. Todos | moram á distancia do meu grito. De | manhã cêdo, quando appareço no ter- | reiro da casa, vão chegando todos do | mais velho ao mais moço, filhos e | netos, e eu vou abençoando um por | um com uma alegria tão grande que | ás vezes sinto até um nó na gargan- | ta e um orvalho nos olhos, que não | chego a saber bem se é **saudade do | passado que não volta** ou mêdo de | já estar muito perto de viajar na | terra dos pés juntos”.* (C.C 018 -18 de janeiro de 1938)

É preciso mencionar que no momento da escritura dessa carta-crônica, Fabião das Queimadas já havia morrido. Portanto, a fala do cantador provém da memória individual do autor. Com relação à presença de dois locutores em um mesmo enunciado, Maingueneau (1997) afirma que, no discurso direto, é possível falar em hierarquia de locutores, pois mesmo havendo dois locutores diferentes em um enunciado, somente um deles irá produzi-lo.

c) Ontem x hoje: a valorização do passado

Nos 05 (cinco) trechos a seguir, o passado e presente são comparados, principalmente para mostrar que o passado é melhor que o presente. Conforme Le Goff (2003), a distinção entre passado e presente, operação fundamental da consciência da ciência histórica, é um elemento essencial na concepção de tempo. O homem é fascinado pelo passado porque, diferentemente do presente e do futuro, o passado não pode ser mudado (LE GOFF, 2003) e eu acrescentaria que, se o homem não pode mudar o passado, só lhe resta recordá-lo.

Para proceder à comparação entre passado e presente, identificamos a recorrência de **hoje** em oposição a **ontem**, e **antigamente** em oposição a **atualmente**, conforme destaques em negrito nos cinco fragmentos selecionados abaixo:

de Natal, era escravo, mas juntou dinheiro com a cantoria e conseguiu comprar sua carta de alforria e a de sua mãe. (CASCUDO, 2005)

(94)

*Hoje, por toda parte, conforme li | nos artigos já referidos, cada vez a | vida fica mais curta por motivos, a | acreditar nos livros alli citados, pro- | venientes de falta de esgôtos, agua de | má qualidade, casas pouco arejadas, | alimentação de carne de gado e ainda | outras causas que seria desnecessario | accrescentar. || Cá na minha opinião, sem funda- | mento, tudo isso está torto, salvo | se o homem dessas grandes cidades | não é feito do mesmo cabedal. ||A razão porque **hoje se vive menos** | provém, principalmente, do abuso do | café, do fumo e da bebida. || **Actualmente**, um rapaz de vinte | annos já está com os nervos frouxos | e antes dos trinta já não póde segurar | um cigarro entre os dedos nem levar | á boca um copo dagua sem derra- | mar pelo menos metade. || E' difficil encontrar um homem de | vinte e cinco annos com a cabeça preta | e os cabelos inteirados; quasi todos | antes dessa idade estão carécas e com | a barba e o bigote pintando, coisa | que **antigamente** sò se dava dos cin- | coenta em vante. (C.C 006 - 14 de abril de 1914)*

No exemplo acima, o motivo da comparação é a vitalidade e a longevidade dos homens de antigamente em relação aos de hoje. São apontadas duas causas para explicar essa distinção. Para a ciência, o estilo de vida e os vícios têm encurtado a vida do homem de hoje, mas para o produtor a razão é que o homem da cidade não é feito do mesmo cabedal⁸⁹ do homem sertanejo de antigamente.

Outro aspecto comparado é a iluminação elétrica *versus* iluminação a gás, conforme exemplo abaixo:

(95)

*Naquelle tempo, tão recuado na dis- | tancia dos annos, si a luz da noite não | vinha da lua e das estrellas, as cidades, | villas e povoados sertanejos ficavam na | escuridão esperando que Deus quisesse | accender essas lamparinas do céu. **Hoje**, | quase por toda parte, é a mão do ho- | mem que accende a luz com o simples | manejo de uma tarracha embutida na | parede. [...] Na minha caturrice de apego a todos | os costumes do meu sertão antigo, tem | me acontecido, ainda agora, sentir sauda- | des no meio de tanta claridade das ca- | sas mal alumizadas de outros tempos | em que essa quase escuridão de bocca | da noite fazia mais conchegadas as | pessoas da familia e o silencio nocturno | tornava cada habitação um logar de | descanso espirital e de reparação das | forças gastas na labuta de todo dia. [...] Perdoe, Sr. Redactor, esse desabafo de | um sertanejo que, na peregrinação destes | dias, não tem feito senão resuscitar o | sertão da mocidade, tão manso e tão | bom que chega a me lembrar das fo- | gueiras que já não se accendem e do | aboio que ainda não ouvi, como quem | se lembra da felicidade perdida e nun- | ca mais encontrada. (C.C 010 – 21 de fevereiro de 1926)*

No exemplo acima, o “apego a todos os costumes do sertão antigo” explica porque o autor diz sentir saudades do tempo em que as fazendas e vilas eram iluminadas pela luz da lua e das estrelas e o interior das casas pelas lamparinas a gás. Nesse tempo, o sertão que só existe na sua memória era um lugar manso e bom e a escuridão fazia parte desse cenário. Outro aspecto que é alvo de comparação é a forma como certas doenças eram curadas. Além disso, o

⁸⁹ Nesse contexto o termo “cabedal” deve ser entendido como força, energia, vitalidade.

autor procura deixar claro que os homens de antigamente adoeciam menos, pois eram mais fortes do que os homens de agora.

Na carta-crônica a seguir, temos o relato, em forma de discurso indireto, da conversa médico x paciente. O paciente, um sertanejo de hábitos tradicionais, conta para o médico sobre as mezinhas usadas no sertão. Há uma clara defesa em favor do uso de remédios caseiro. No passado era mais fácil cuidar das doenças e ninguém sentia falta dos remédios manipulados pelos farmacêuticos e vendidos nas boticas, como acontece hoje:

(96)

*Na sua opinião, tudo isso | está torto, salvo si o homem | de **hoje** não é feito com o mesmo | cabedel dos **homens do nosso | tempo**. Meu compadre referiu, então, | que **hoje**, por assim dizer, só | si toma remedio de bottica. **An- | ticamente**, si o doente estava | se abraçando em febre, e | tinha muita sede, uma xaropada | de quinaquina ou de raiz de | angelica punha-o de pé em vinte | e quatro horas.[...] O doutor Heitor achou graça | e ainda teve paciencia p'ra | ouvir, não deixando, em todo | caso, de perguntar que mezinha | a mulher lhe tinha dado p'ras | outras vertigens, pedindo, em | seguida, que lhe contasse como | o sertanejo se tratava **actualmente** | nas molestias e se **ainda** | **conservava a mesma fortaleza dos | tempos antigos**. (C.C 014 – 11 de abril de 1926)*

Na carta-crônica a seguir, a comparação é entre os vaqueiros de antigamente e os vaqueiros de hoje. Os vaqueiros de hoje estão substituindo as indumentárias de couro por calça e paletó de mescla. Esse hábito é criticado, pois antigamente todos os vaqueiros se vestiam com roupa de couro e nenhum deles se atrevia a entrar na caatinga sem a roupa de couro, apropriada para esse fim.

(97)

*A labuta do sertanejo está tão | mudada que **vale a pena gravar no | papel** o que ella foi, pois de outra | maneira não podemos comprehen- | der a utilidade de certos objectos, | **hoje esquecidos e que foram, entre- | tanto, indispensáveis no seu tempo**. [...] **Naquelle tempo nenhum se | atrevia a ir para o campo como vão | os mofinos de hoje com calça e pa- | letó de mescla**. Iam todos encoirados || dos pés á cabeça, porque o matto | era muito e so podiam rompel-o de- | fendidos pela perneira, rolada ou de | bico, guarda peitos, a véstia, o cha- | péu de coiro enterrado na cabeça e | seguro pelo barbicaixo, que se fir- | mava no queixo por uma abertura | estrita e de comprimento não mui- | to maior do que bastante para | passar nessa parte do rosto. Pa- | go já estou de sobra **pelo contenta- | mento de poder recordar coisas e | pessoas do passado e escrever as | lembranças que a memoria guardou | destinadas á construcção da historia | de nossa terra**, para a qual não ha- | verá pedras inúteis. (C.C 020 – 15 de fevereiro de 1938)*

No último exemplo, embora as palavras ontem x hoje ou atualmente x antigamente não apareçam, fica clara a comparação entre o presente e o passado. A carne de sol, um dos alimentos mais consumidos pelos sertanejos, está sumindo porque, atualmente as terras foram

tomadas pelo plantio de algodão e o gado ficou sem pasto. Além disso, os mestres fazedores de carne de sol que existiam no passado também estão desaparecendo.

(98)

Há muitíssimos annos que o | sertanejo quase não come carne, | nem de gado, nem de ovelha, nem de | bode. Tanto a cabra como a ovelha, | que por aqui chamamos de criação ou | miunça, estão se acabando por cau- | as do avanço da agricultura do al- | godão; e assim sendo, o seu preço é | tão caro que só os abastados podem | compral-a. [...]Em | outros tempos, o seu preparo era uma | habilidade que todo mundo não tinha. | Havia até homens conhecidos como | tendo bôa mão para salgar as man- | tas, empilhal-as e estendel-as nos | caibros armados alto, sobre forqui- | lhas. Muitos não admittiam ajudan- | tes, somente elles despencavam os | quartos trazeiros e dianteiros da rez, | suspensos no alpendre da casa, ou | em outro lugar sombreado. (C.C 023 - de 08 de março de 1938)

Nos fragmentos da 1ª fase selecionados, fica claro o propósito do autor em trazer para a história o registro das lembranças de outros tempos que ficaram guardadas na memória (cf. C.C 020 – 15 de fevereiro de 1938). As lembranças, evocadas pela memória individual, quer seja do autor ou de personagens inseridos na narrativa, são linguisticamente marcadas por expressões ou termos que remetem ao tempo passado.

Há, ainda, uma tentativa de valorização do passado como um tempo melhor que o presente, por isso as lembranças do passado guardados na memória são recordadas em tom saudosista.

7.2.2 A evocação ao passado nas cartas-crônicas da 2ª fase

Nas cartas-crônicas da 2ª fase, a evocação ao passado está relacionada ao processo de mudança decorrente do progresso científico e tecnológico que começava a alterar o modo de vida das pessoas, especialmente nas pequenas comunidades no interior do Brail. Na segunda metade do século XX, Tibau do Sul também passa a se inserir na nova ordem: a popularização do automóvel, novos materiais para a confecção dos instrumentos de trabalho, a obtenção de alimentos industrializados etc. Conseqüentemente, muitos costumes e tradições dos pescadores vão sendo substituídos. É o novo tomando o lugar do antigo. Nesse sentido, o propósito do produtor das cartas-crônicas é resgatar, principalmente com base nas conversas com os pescadores, as lembranças de costumes e hábitos antigos que ficaram no passado e precisam ser registrados. O produtor enfoca as mudanças que são ocasionadas pela passagem do tempo. Por isso, há uma predominância na comparação entre passado e presente. Nessa fase, as palavras e expressões recorrentes para evocação do passado são: **antigamente em**

oposição à atualmente, recordar, lembrar, tempo (o tempo passa), lembranças. O verbo **desaparecer** é recorrente e aponta para a oposição entre o presente e o passado.

a) Passado x presente: o desaparecimento das coisas

A lembrança do passado revela um presente que ameaça a permanência de costumes e tradições. Apesar dessa ameaça, nem todas as mudanças são assimiladas e hábitos da vida cultural dos pescadores se mantêm. No fragmento abaixo, retirado da primeira carta-crônica da série “Cartas da Praia” escrita de 1967, o produtor fala sobre mudanças e resistências. Porém deixa claro que se antigamente as mudanças ocorriam lentamente, hoje há uma maior condescendência em aceitar as inovações, principalmente se essas mudanças trazem benefícios e facilitam a vida.

(99)

Antigamente as comunidades | isoladas conservavam por várias gerações seus hábitos, | suas técnicas de cultura material e seus padrões culturais. | Quando, porém, o processo de mudança se inicia, as coi- | sas se misturam e até que se verifique o processo de assi- | milação total, coexistem traços da cultura local ao lado | da cultura invasora, os quais vão sendo imperceptivelmen- | te aceitos. [...] Aqui na praia onde me encontro vou encontrando a | cada passo os sinais da mudança. Mudança para a qual | estamos contribuindo todos os que nos empenhamos na | melhoria de condições da vida das populações antes aban- | donadas. || Há todavia princípios que permanecem intactos: os há- | bitos de repouso, do emprego da energia e horário de tra- | balho, os alimentos e sua preparação, a medicina caseira, | o vestuário das pessoas mais idosas, os grupos infantis | e sua dinâmica. || Mudam, porém, a olhos vistos, as técnicas instrumen- | tais, o gosto estético, as comunicações. (C.C 026 – 25 de janeiro de 1967)

Há uma consciência de que as mudanças são inerentes ao tempo e mesmo que haja resistência à “cultura invasora”, ela se impõe. Esse é um dos motivos para retomar e relembrar o passado, principalmente porque muitas coisas estão desaparecendo.

Nos três fragmentos abaixo, o produtor demonstra preocupação com a preservação de espécies e menciona exemplares da fauna ameaçados de extinção. Animais silvestres abundantes no passado, como a nambu e a rolinha cascavel estão rareando. O camarão, um dos itens da economia local, também está desaparecendo:

(100)

*A nambu, especialmente a nambu-pedrês, também | é relógio. De quando em vez, escuta-se o assobio, | longo e sibilante: está marcando o tempo. || Eu não posso deixar de anotar estas coisas, que | muitas nem são novidades para mim. **Apenas as re- | memoro, pelo tempo que saí daqui.** [...] Voltando ao jumento, nosso irmão, como está | qualificado num livro do sacerdote cearense, que tem | um nome de muita responsabilidade (chamava-se An- | tônio*

Vieira), recordo agora uma palavra de Osval- / do Lamartine. Dizia-me êle, numa de suas últimas / vindas a Natal, que a maior tristeza das noites ca- / ricas era despertar ou deitar-se e não escutar o / canto de um galo ou o zurro de um jumento. (C.C 033 – 01 de março de 1967)

(101)

*Vejo com tristeza que muitas espécies / de animais vão **desparecendo**. A rolinha-cas- / caval, ou palo-cafofa, que a gente via nos / terreiros, quase entrando dentro de casa, / vai rareando cada vez mais. (C.C 043 de 15 de abril de 1967)*

(102)

***Hoje** só se encontra camarão nos / viveiros, onde êles se vão refugiar e on- / de, sob o olhar dos vigias, não pode ser / capturado por pescadores da lagoa. || Quando era abundante, o camarão / constituía uma atividade rendosa. **Hoje** / quase não existem mais redes de camarão, / a não ser lá pelo Mari, nos confins da / Guaraíra. (C.C 041 de 11 de abril de 1967)*

O tempo também fez desaparecer objetos antes presentes nas atividades da comunidade. O pilão⁹⁰ parece ser um dos símbolos dessa mudança. Quando a população passou a ter acesso à farinha de milho industrializada e ao café moído, o pilão perdeu sua função e foi desaparecendo.

(103)

De primeiro a gente acordava aqui com os pilões / batendo. Eram as donas de casa madrugadoras, pilan- / do o milho que punham de molho, à boca da noite, / para fazer cuscus de manhã. [...] Encho a boca / d'água ao relembrar o nosso café, isto é, a nossa pri- / meira refeição, quando vinha cuscus para a mêsa, fei- / to de milho maduro, desolhado em casa, pilado por / suas mãos, molhado com leite de côco que ela mesma / raspava e espremia. || Assim, na vida da gente, assim no uso das coisas. **O tempo passa, leva as nossas criaturas e os nossos / pilões. (C.C 037 – 30 de março de 1967)**

A passagem do tempo ocasiona mudanças nas atividades práticas do dia-a-dia. Uma delas é a substituição de utensílios domésticos e instrumentos de trabalho. O produtor menciona o desaparecimento do pote de barro, do cabaço⁹¹ e do ferro de engomar que “se punha perto do fogo para esquentar”.

O cavalo também perdeu sua função como meio de transporte, pois foi irremediavelmente substituído pelo automóvel, bem mais acessível no final da década de 60. Conforme observou Le Goff (2003), embora inovações desse tipo sejam socialmente desejáveis, não há como apagar da memória hábitos e costumes que fazem parte da história e da cultura dos antepassados.

⁹⁰Instrumento feito de madeira que serve para triturar ou amassar alimentos. Muito usado para pilar milho, café e carne seca, o pilão compõe-se de duas partes: o recipiente onde a comida é colocada e a mão do pilão, com a qual se bate no alimento para tritirá-lo.

⁹¹Utensílio feito do fruto da cabaceira.

(104)

*Antigamente o pote e o ca- | baço eram os recipientes indispensáveis | para apanhar água e uma boa fonte de | briga para os meninos era quebrar | o pote ou o cabaço do outro, com uma | rebolada certa. As mulheres equilibra- | vam o pote sobre a cabeça com uma ro- | dilha bem feita. Agora na fila, quase | não vejo pote nenhum. [...] E o ferro de engomar? Hoje ninguém | encontra mais aquele ferro, simples chapa | metálica que se punha perto do fogo pa- | ra esquentar e cuja temperatura se veri- | ficava levando a mão à boca com um de- | do molhado em saliva. Este ferro **desapa- | receu**. E quando vejo passar aqui na porta | os automóveis de pessoas que estão ve- | raneando lá embaixo na praia, os jeeps | de Febrônio Soares e Vicente Massena, | **vêm-me à lembrança a versalhada** em que | o cavalo era o primeiro sinal de eman- | cipaço econômica do rapaz, versos que | me são lembrados por minha comadre | Lica: [...] Na festa de | Santo Antônio, era de ver a orgulhosa os- | tentação dos cavaleiros, de parelhas, es - | quipando em seus cavalos, sela roladei- | ra enfeitada, colchinho de pelos de al- | godão, estribos reluzentes, esporas bri- | lhantes, rebenque trançado, peitoral com | coração no peito do animal, arreios ta- | cheados. **Encanto de todos nós, meninos | daquele tempo que vai mudando. || E ficamos lembrando estas coisas.** | (C.C 040- 06 de abril de 1967)*

Alguns tipos de facas, bastante comuns no passado, como o trinchete⁹² também desapareceram de modo que hoje só se encontram as peixeiras, comuns entre os pescadores, conforme fragmento abaixo:

(105)

*Há muita pei- | xeira. Não há mais aque- | las facas grandes, feitas | para venda nas feiras, cha- | madas faca-de-ferreiro. O | **trinchete desapareceu**. (C.C 048, 10 de fevereiro de 1968)*

Nos exemplos anteriores, tratamos de objetos que desaparecera e, portanto, passaram a ser matéria da memória. Porém, nem todas as mudanças são aceitas pela comunidade. No fragmento abaixo, o enunciador se ampara na memória histórica para mostrar que, mesmo já tendo se passado um século depois da implantação do novo sistema de pesos e medidas, a comunidade de Tibau do Sul, assim como muitas outras comunidades no interior do Nordeste brasileiro, continua usando o sistema métrico tradicional e utilizando denominações de padrões monetários antigos, conforme passagem abaixo:

(106)

*Houve uma revolução chamada “Que- | bra-quilo”: o povo não aceitava o novo sistema de pesos e medidas adotado pelo Governo Imperial. **Mais de um século passou**, e o sistema métrico decimal ainda não foi plenamente reconhecido. Mais | de vinte passaram desde a adoção do Cru- | zeiro como padrão monetário, mas o povo | ainda fala em **pataca e vintém**, em cru- | zado e “destões”, em **conto-de-réis e cem- | mil-réis**. (C.C 044 de 21 de abril de 1967)*

⁹²Faca de ponta fina e relativamente curva, us. por sapateiro. Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=trinchete>.

Podemos ver que nesse caso não houve ruptura com o passado, pois o tempo não alterou os hábitos e os costumes do grupo. A manutenção dos mesmos costumes ao longo do tempo é uma forma de impedir as mudanças e de manter viva a identidade do grupo. As denominações para pesos e medidas usadas no passado foram mantidas, talvez como forma de resistência, como fizeram os antepassados com o movimento do “quebra-quilo”⁹³.

b) Lembranças do passado evocadas pela memória coletiva

É desejo de toda comunidade que seu patrimônio cultural e arquitetônico seja preservado. Na carta-crônica do exemplo 107, os pescadores participantes de uma roda de conversa rememoram o tempo de existência de um Cruzeiro na praia de Pipa e sua importância como símbolo do patrimônio daquela praia. As lembranças evocadas são compartilhadas pelo grupo e fazem parte da memória coletiva da comunidade. Histórias sobre o avanço do mar e sobre as várias vezes em que o Cruzeiro precisou ser mudado de lugar para não ser destruído pelas águas fazem parte da memória coletiva do grupo. Muitas dessas lembranças não foram vivenciadas pelos presentes, mas foram conservadas na memória e repassadas ao longo do tempo.

(107)

*Ali, à nossa esquerda, está o cruzeiro | ancestral, anterior à capela. Cruzeiro que vem | vindo de lá pra cá, isto é, de suas posições suces- | sivas de onde o mar o vem empurrando . “Mais de | duzentos anos” – diz José Inquim. “Quando eu | cheguei aqui, em 1962, já me diziam que ele era | antigo, muito mais de cem anos. [...] Ninguém toma conhecimento do precioso exemplar barroco, escondido por entre carra- | pateiras, sem qualquer proteção. || Eu acho que é preciso **preservar essas riquezas | do nosso patrimônio artístico**, e ninguém mais | qualificado para isto do que os vigários locais, | pois a opção preferencial pelos pobres, ainda que | exclusiva, nada sofreria por estes pequenos cui- | dados em **guardar alguma coisa do “ontem”** | material e artístico da Igreja. (C.C. 050 – 07 de setembro de 1980)*

Com base nesse exemplo, podemos confirmar uma das constatações de Halbwachs (2006), ou seja, a memória individual se alimenta tanto das vivências próprias quanto das lembranças do grupo. Nesse sentido, a memória coletiva é um suporte para a memória individual.

⁹³Movimento popular que ocorreu nos estados da Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte em 1873. Resultou de uma onda de protestos contra a implantação de um novo sistema de pesos e medidas, principalmente o sistema métrico em substituição às antigas medidas lineares – a vara, o côvado e a jarda – e as medidas de volume – a onça, a libra e os arreteis. Os líquidos eram medidos às canadadas e aos quartilhos e os grãos e as farinhas em selamins, quartas e alqueires (GOHN, 2003)

c) Lembranças evocadas pela memória individual

Numa comunidade de pescadores, muitos deles se transformam em personagens da história local pelos feitos, pela coragem, pelo senso de humor etc. Dois deles (Antonio Paulino e o velho Peixoto) são lembrados durante as conversas narradas nas cartas-crônica. Lembranças de fatos da vida desses dois pescadores ficaram guardadas na memória individual de membros da comunidade, conforme as que foram reproduzidas nos dois fragmentos a seguir:

(108)

Estava o velho Antonio / Paulino numa bodega, quando chega uma pessoa pa- / ra comprar uma chupeta, um bubu para a criança / que não queria dormir. Depois que a pessoa saiu, êle comentou: || - Êstes meninos de hoje têm muito denço. / Quando eu era menino minha mãe amarrava um pe- / daço de pano num taquari, molhava em garapa de / açúcar bruto e quando chegava eu já tinha comido / até o pano... (C.C 034 – 02 de março de 1967)

(109)

A conversa de hoje foi aqui debaixo de uns pés de / fícus, ainda não muito ruídos pelos lacerdinhas, e / que pela sombra acolhedora é o Grande Ponto dos mo- / radores desta praia. Enquanto um grupo jogava ba- / ralho, outro ia conversando comigo. E o tema eram / os cações. Começou por lembrar o cação que uma vez / assaltou o velho Peixoto, que embora morto há uns / vinte anos, é ainda recordado por suas piadas e seus / repentes. (C.C 035 – 04 de março de 1967)

Esses dois exemplos atestam uma característica da memória individual: a fragmentação do registro. Diferentemente da história que pretende dar conta de todos os fatos, a memória individual é seletiva, e, segundo Seligmann-Silva (2003, p. 65), o registro da memória é “calcado na experiência individual e da comunidade, no apego a locais simbólicos e não tem como meta a tradução integral do passado”. É nesse sentido que os pescadores selecionaram passagens aleatórias da vida desses dois sujeitos

7.2.3 A evocação ao passado nas cartas-crônicas da 3ª fase

Se nas cartas-crônica da 2ª fase, há uma preocupação com o processo de mudança que se inicia, nas cartas-crônica da 3ª fase, constatam-se que muitos dos costumes e hábitos do sertanejo ficaram no passado, por isso é preciso registrar as lembranças, pois esse **tempo** não volta mais. Essa certeza se caracteriza pela comparação entre o passado e o presente que é marcado pelo desaparecimento de objetos, de profissões, de rituais de cura etc. O lamento pelas coisas que se perderam no tempo pode ser sintetizado na seguinte passagem retirada da **C.C 057** (anexo D, p. 91) “Está bem visto que o tempo impõe mudanças, no entanto, é

preciso preservar os valores que os homens de ontem nos legaram – patrimônio da terra e da gente – quer sejam de ordem material ou de costumes”.

A valorização do passado e a necessidade de preservar a tradição pelo registro são mais nítidas nas cartas-crônica desta fase. O progresso científico e tecnológico já consolidados no final do século XX mudaram definitivamente muitos aspectos da vida do homem sertanejo e a memória é essencial para fazer esse resgate do passado. Defendemos que esse apego ao passado não deve ser entendido como uma rejeição ao progresso, mas como respeito às tradições⁹⁴.

a) Tempo idos e vividos: a evocação ao passado pela memória individual

Nas cartas-crônicas dessa fase o termo recorrente é o **tempo**. Não o tempo presente, mas os tempos recuados que não voltam mais. No fragmento abaixo, o produtor recorda uma figura emblemática no Seridó, o vaqueiro Sebastião da Viúva, conhecido pela arte de curar bicheira pelo rastro do boi, costume antigo que se perdeu no tempo:

(110)

Caboclo lazarino, sem ter me- | do de burro brabo nem de casa- | mal-assombrada, rastejava, aboia- | va, laçava e derrubava com ma- | estria. Ao morrer, | carregou a reza-forte, que não | disse a ninguém, por conta da | justificativa presa na ponta da | língua: “Quem sabe dessas | coisas nunca vai pra frente.” || Hoje, quase nada mais | existe dos costumes do seu | tempo. Até o aboio sentido já | não ecoa tanto. (C.C 051 – 30 de junho de 1997)

Sobre a reza-forte a tradição diz que ela tinha que ser passada de homem para mulher ou de mulher para homem, do contrário perdem toda a sua força (FARIA, 2006).

No fragmento abaixo, as lembranças individuais, que também podem ser amparadas pela historiografia a quem cabe o registro das datas, evocam o término da construção do açude Gargalheiras em Acari. As águas ali represadas possibilitaram à população o acesso à água encanada:

(111)

Só em 1959 foi que co- | locaram a derradeira pá de | concreto no lombo da parede | do Gargalheira. Zé Gonçalves | suplicara antes: ‘Batiza de Ma- | rechal Dutra!’. Posto o apeli- | do, afinal parição laboriosa se | deu após 50 anos de amajo | conturbado. Mais na frente, | chegou a água encanada tra- | zendo a delícia dos banhos de | chuveiro. [...] || Mas disso tudo, amigo, o | tempo já vai longe. (C.C 052 – 15 de setembro de 1997)

⁹⁴Alguns consideram o apego às coisas do passado como atraso. Sobre essa questão cf. o cap. “Os prejuízos da memória e a tempestade do progresso” (MACEDO, 2012).

O produtor também relembra a questão envolvendo o nome do açude. Batizado oficialmente de Marechal Dutra, em homenagem ao presidente do Brasil na época da inauguração, o povo nunca acatou esse nome e a memória coletiva consolidou “Gargalheira” como o nome de fato.

Muitos cenários são referência para as memórias evocadas nas cartas-crônica. A fazenda Pinturas, de propriedade da família do autor das cartas-crônica e onde ele viveu na infância, é um desses cenários. Para Halbwachs (2006), há entre memória e espaço uma relevante relação. Segundo ele, o contexto espacial é referência para a memória, pois não seria possível retomar o passado “se ele não estivesse conservado no ambiente material que nos circunda” (HALBWACHS, 2006, p. 170). Foi no espaço da fazenda que na década de 40 trabalhou um artesão fazendo “apetrechos” de couro. As vestes dos vaqueiros - chapéu, perneira, guarda-peito e gibão – e as indumentárias para as montarias - esteira, manta, rabicho rabichola, cilha, sela, loros, os arreios de cabeça – confeccionados por ele ganharam fama pelo acabamento. O produtor guardou da memória um acontecimento passado em 1944, ano bom de inverno. Um repórter do Rio de Janeiro apareceu na fazenda em um automóvel, coisa rara na época, para fotografar um grupo de vaqueiros encourados⁹⁵. Destaca-se nessas lembranças à menção ao bom inverno de 1944. Isso prova que a chuva também é uma referência das mais significativas na evocação da memória, como podemos conferir no fragmento abaixo:

(112)

*Na era de 40 foi de armas | e bagagens para as Pinturas le- | vando os trastes dos quais sua | arte carecia e lá ficou por lon- | go tempo trabalhando em so- | la, fazendo consertos e peças | novas como um liforme de cou- | ro, novinho em folha. Ali en- | tão, alguns ajudantes voluntá- | rios principiaram a tirar correia, | pontear, fazer cabresto, peia e | trança, dar nó de rosa, apren- | dizado que, para uns, logo veio | a ser substituído por outro e de | outra natureza, longe dali. Da | correia da espora ao chapéu, | passando por todos os outros | apetrechos de que se precisa pa- | ra um vaqueiro está montado, | tudo passava pelas mãos habi- | lidosas deles: esteira e manta, | rabicho e rabichola, cilha, sela e loros, os arreios de cabeça, | perneira, guarda-peito e gibão.|| Uns vaqueiros se achavam | no sítio Saco do Juazeiro – e is- | so foi no mês de São João de | 1944, ano bom de inverno -, nos | acertos finais para a pega de | uma vaca que corria desembes- | tada com a sua cria. Escutou- | se o barulho de um carro - fru- | ta rara – e logo um jipe apare- | ceu fazendo poeira. Esbarrou | mais na frente e voltou de ré, | parando em frente da casa. De- | le desceu um passageiro, que | pela encadernação não era do | Seridó, deu as horas a todos e | indagou quem ali era o chefe. | Indicado este, a ele se apresen- | tou como repórter, pedindo li- | cença para fotografar o grupo, | o que foi feito. [...] || **Daqueles tempos, amigo | velho, restam ainda essas lem- | branças...** (C.C 059 – 05 de setembro de 1999)*

⁹⁵ Vestidos com roupas de couro.

As anotações feitas pela mãe do locutor no período de 1940 a 1943 sobre o acerto de contas feito entre ela e uma afamada engomadeira da cidade de Acari são o ponto de partida para a evocação de memórias da infância, conforme trecho abaixo:

(113)

De Cândida Belém, mora- / dora da antiga rua dos Alpendres, tida e havida como grande engoma- / deira, encontro anotações da minha mãe, em conta de “Deve e haver” | sobre engomado, que vão de 5 de julho de 1940 e 14 de agosto de 1943. | A roupa engomada, cheirando, algumas peças azuladas pelo anil, che- / gava arrumada numa tábua, na cabeça de um portador. || Mas isso tudo, meu velho, foi ontem...” (C.C 063 – 28 de outubro de 2001)

A roupa, cheirosa e alvejada com anil, depois de passada era entregue na casa do freguês. O locutor lamenta que costumes como esses estejam se perdendo no tempo.

Outras lembranças individuais do locutor remontam ao tempo em que o fumo de rolo vendido nas feiras era medido em “vara” e em “quarta”. Ele lembra um tempo em que o hábito de fumar era coisa de homem e mulher que fumava em público não era considerada pessoa respeitável. Só as mulheres de vida desregrada tinham esse mau hábito.

(114)

Em outros tempos mulher fumar era um | indicativo de vida desregrada, desmoralizante, havendo severas críticas àquela postura e, na | medida em que o vício foi se espalhando, a incidência de tumores malignos dos pulmões, | antes quase só incidentes nos homens, aumentou entre elas. [...] O fumeiro, a vender fumo nas feiras do sertão, dispunha de uma medida linear chamada de | quarta, que vem a ser 1/4 de uma vara, antiga medida de 1 metro e 10. Um cutelo curvo, | com cabo no dorso, cujo gume era limpo passando-o num pedaço de cana de açúcar, servia | para cortar o fumo e havia sempre um fogo aceso, ora um pau seco de pinhão (Jatropha| mollissima), ora uma corda grossa de agave (Agave sisalana), para os fumantes acenderem os | seus cigarros avaliando-se a qualidade do fumo aos tragos e às baforadas. ||Mas tudo isso, caboclo, é coisa de trasantontem, quando se amarrava cachorro com lingüiça e | o sertão estava vivo. (C.C 071 - 27 de agosto de 2006)

É válido mencionar que nas cartas-crônica da 2ª fase o produtor também relembra tempos antigos nos quais as medidas tinham várias outras denominações: cereais eram medidos em cuia e o azeite e o óleo eram vendidos às canadas.

c) Passado x presente e o desaparecimento das coisas

O desaparecimento de costumes, de certos objetos de profissões como a dos mestres fazedores de cercas de pedra também é tema das cartas-crônica desta fase. Nos quatro fragmentos a seguir a memória tenta recuperar o que o tempo apagou, como os mestres na arte de construir cercas de pedra:

(115)

*A fazenda Pendenga, duas | léguas do poente de Acari, possui | centenas de braças dessas cercas, | feitas na era de 10 pelo meu pai | (Silvino Balá, 1891-1959) e Chico | Caboclo (Francisco Pereira da | Silva, 1886-1944), amigos e depois | compadres, companheiros de luta | e de capilossada, a 200 réis a braça. (...) Toda essa conversa fiada foi | para lhe dizer que artista dessa | arte virou fruta rara. Mestre | Estevam – o espanhol, Mestre | Domingos – daqui mesmo, os | Trajano, e outros mais, se foram. | **Como em tantas outras artes, já | não se acha um oficial de mão | cheia porque todas elas são coisas | do passado, dos tempos idos e | vividos e que não voltam mais.** (C.C 053 – 07 de junho de 1998)*

Típicos da cultura nordestina, os utensílios de barro também estão desaparecendo. As panelas foram aos pouco sendo substituídas pelas feitas de alumínio, material mais leve e inquebrável. Os potes também perderam espaço nas casas sertanejas, substituídos pelos filtros e pela geladeira nas localidades com energia elétrica. As panelas de barro são lembradas porque o homem do sertão considera que o alimento preparado em panelas de barro tem mais sabor, conforme excerto abaixo:

(116)

*Você sabe muito bem que os teréns de barro usados nas casas ser- | tanejas **estão em desaparecimento**, como por exemplo os alguidares, | panelas e potes mas também sabe que uma galinha torrada em panela | de barro tem mais gosto assim como o feijão cozinhado nela tem, e se | for dormido de um dia para o outro ai dobram os encantos.* (C.C 064 – 25 de novembro de 2001)

Outro item transformado em peça de museu é a cuspeira, citada na carta-crônica abaixo. A cuspeira era uma forma de coibir o mau hábito das pessoas antigas de cuspirem no chão.

(117)

Em | tempos mais recuados havia as cuspeiras⁹⁶ e uma vi em casa da mi- | nha avó materna, de ágata em duas peças, hoje no Museu Municipal. | Do mesmo modo, e para o mesmo fim, pequenos caixões contendo | areia eram colocados nos chão das barbearias e das bodegas. (C.C 066 – 08 de setembro de 2002)

A cacimba foi uma das alternativas encontradas pelo sertanejo para obter água no leito dos rios secos. Havia cacimbas exclusivas para o gado e outras para o consumo humano. No fragmento abaixo, o produtor relembra um tempo em que as cacimbas eram uma riqueza no solo seco do sertão. Depois dos açudes e da água encanada nas casas da cidade, as cacimbas foram rareando, pois surgiram alternativas mais viáveis:

⁹⁶ Espécie de escarradeira, colocada na sala ou nos quartos da casa para evitar que as pessoas cuspiassem no chão, hábito comum no sertão antigo, principalmente entre os fumantes.

(118)

As cacimbas de gado, tal co- | mo eram em outros tempos, vão | rareando. (...) Conheci, nos nossos pagos, | velhas cacimbas francas d'água: | a do Cardeiro e a da Volta do Rio; | a de Tomé, nas Pinturas, a de | Valdivino, no Saco e a da Pen- | danga, todas no mesmo riacho; | a das Barrentas onde mataram | um homem afogado depois de | ferir-lhe o pescoço a tesoura; a | da Pedra d'Água; a da Vaca Bra- | va; a da serra da Formiga Preta | e outras tantas mais. || Delas, o povo também bebia, | lavava e cozinhava e era muita | gente a viver no sertão daque- | les tempos. || É que, passando por aqui, me | vieram todas essas lembranças. (C.C 068 – 19 de fevereiro de 2006)

Faria (1980), um dos grandes estudiosos dos costumes do sertão, afirma que a luta do homem seridoense para conseguir água começou pelas cacimbas. Quando não havia mais água, nem para os bichos nem para a gente, o homem cavava a terra em busca do molhado.

No fragmento a seguir, o produtor relembra um tipo de preparação tradicional do queijo de coalho em vasilhas de barro. O leite era posto para qualhar em alguidares de barro altos, o que deixava o queijo mais saboroso. Esse tipo de vasilha fazia parte das quinze peças de barro que compunha parte do enxoval dos noivos de antigamente:

(119)

*Já faz um bocado de tempo | que, dos apetrechos requeri- | dos para o casamento do ho- | mem do sertão, além do mobi- | liário comum (cama, mala, a | mesa substituindo a esteira, | tamboretas e guarda-louça) | fazia parte a chamada louça de | barro, cuja unidade – a carga - | se compunha de quinze peças | distribuídas entre alguidares, | tijelas, caco de torrar café, | panelas – uma de coar o dito -, chaleira, a cuscuzeira e, con- | soante a encomenda, um pi- | nico igualzinho, em serventia, | aos de louça ou ágata da casa | do povo lorde. (...) Postas a enxugar | ao sol, essas peças eram quei- | madas no meio do tempo, sem | forno especial, cobertas com | esterco de gado ao qual se | ateava fogo. Em vasilhas da | mesma lavra, com coisa de uns | dois palmos de altura e um de | boca, se despejava o leite coa- | do, juntando a ele, em seguida, | certa quantidade de soro. Era a | maneira de obter a coalhada | para o queijo a ser feito no dia | seguinte, o **queijo tal como os | de antigamente**, legítimo de | Braga, de coração encarnado. || De barro também era feito | o mealheiro que um dia, | empazinado de tanta moeda, | era quebrado. [...] || **Passaram-se os tempos e lá | se foram as louceiras e os | queijos de manteiga.** (C.C 054 – 19 de julho de 1998)*

(120)

*Não se ignora, nem você nem eu, | do costume de se comer sentado no | chão, tendo por mesa um pano qual- | quer ou uma esteira de carnaúba. | **Aquilo era um costume apreciado pe- | la minha avó materna**, a professora | regente da Cadeira Elementar Femi- | nina do Grupo Escolar Tomás de | Araújo de Acari [...] - **Não se admira que o costume | chegado de longe, tenha permaneci- | do ao longo do tempo** mesmo em fun- | ção de lares mais pobres, até quando | as mesas compridas foram chegan- | do servidas de bancos e tamboretas. [...] E do pilão saía a paço- | ca temperada com cebola roxa. || - Feijão, um tempero de carne, fa- | rinha e rapadura – o dia a dia da me- | sa do sertanejo. O jerimum caboclo | ou de leite, assim como a batata do- | ce estavam presentes. E isso me faz | lembrar o desapontamento*

triste e / lastimoso da comadre da minha mãe / ao ver o prato de batata sendo reti- / rado da mesa no fim do almoço: “Ai / meu Deus, e eu nem vi a batata”. (C.C 075 - 28 de novembro de 2010)

d) O tempo e a memória

A noção de tempo, na concepção de Halbwachs (2006), é algo relativo, porque em algumas circunstâncias um minuto pode representar uma eternidade ou um período longo pode parecer curto demais. Às vezes nossa vontade é que o tempo passe o mais rápido possível, outras que passe devagar. Em momentos de felicidade extrema queremos que o tempo pare. O autor referido acima lembra que “a sucessão do tempo, sua rapidez e seu ritmo, não é senão a ordem necessária segundo a qual se encadeiam os fenômenos da natureza” (HALBWACHS, 2006, p. 113). Além desse aspecto, as durações e a divisão do tempo são convencionalizadas pelos costumes e representam a ordem em que os fatos da vida social acontecem.

Essa consciência, no entanto, não impede que lamentemos o tempo que passou e que não volta, mas que pode ser preservado na memória individual e coletiva. Nos dois fragmentos abaixo, o passado é reverenciado como modelo e o lamento pelo que passou é revelado pelas expressões grifadas em negrito que finalizam as duas cartas-crônica:

(121)

*Está bem visto que **o tempo / impõe mudanças, no entanto, / é preciso preservar os valores / que os homens de ontem nos le- / garam – patrimônio da terra e / da gente** – quer sejam de ordem / material ou de costumes, como / por exemplo o espírito da Lei / número 7, de 4. 3. 1832, no qual / preceitua o seu artigo 8: “... se- / rá obrigado a ter limpas as fren- / tes de suas casas ... nas quatro / festas principais de cada ano, / sob pena de pagar ... duzentos / réis...” // De modo que **nada vem de / hoje, tudo foi de ontem.*** (C.C 057 – 28 de março de 1999)

No fragmento acima, o produtor relembra uma lei muito antiga na cidade de Acari que obrigava os moradores a pintarem a frente das casas, especialmente antes da festa da padroeira, no mês de agosto.

(122)

*“Há entre o tem- / po e o homem / Contradições bem fatais: / O tempo faz e não diz / O homem diz e / não faz. / O homem traz e não le- / va / **O tempo leva e não traz**”.* (C.C 073 - 25 de maio de 2008)

Para finalizar a análise dessa dimensão, selecionamos um fragmento que deixa bem claro o propósito de registrar as lembranças guardadas na memória das “coisas dos tempos idos e vividos, que se foram e não voltam nunca mais”:

(123)

*Foi que dei por acabado “Novas | Cartas”, depois toquei pra frente as | respostas que um curioso farejador | desses sertões fazia a si mesmo so- | bre o gado Malabar, aí me derreei | sobre versos e mais versos, uns mais | ou menos, outros vá lá que seja e ou- | tros ruins, cuidando de não assassi- | nar com tanto descaramento a nos- | sa língua, **tudo coisas dos tempos idos | e vividos e que se foram e não vol- | tam nunca mais e**, agora por derra- | deiro estou pegado no Diário de um | parente, que vai de fevereiro de 1933 | a março de 1934, tempo em que nas- | ci e andava nos cueiros. (C.C 074 – 14 de março de 2010)*

A análise da dimensão do texto com base na categoria memória evidenciou as lembranças de tradições e costumes que caracterizam o passado em dois espaços distintos: o sertão e o mar. Nesses dois espaços destacam-se dois tipos humanos – o sertanejo e o pescador. Separados por espaços geográficos marcados por costumes e hábitos relativos às atividades desenvolvidas em cada um deles, as histórias contadas revelam que há entre esses dois tipos humanos muito mais semelhanças que diferenças. A coragem para domar o ambiente de trabalho é uma das semelhanças. O sertanejo resiste e sobrevive a anos de seca; o pescador enfrenta a fúria do mar para sobreviver.

As distinções encontradas dizem respeito ao sentimento com que cada cronista/missivista se refere ao passado. Nas cartas-crônica da 1ª fase, a evocação ao passado é feita de forma mais saudosista, por isso um dos termos recorrentes é a palavra **saudade**. Das lembranças evocadas predominam as que se originam da memória individual. O passado volta na saudade das brincadeiras da infância, das viagens no lombo de cavalos, da carne de sol, dos cantadores e repentistas, das festas, das moças da juventude, de amores que não floresceram etc.

Nas cartas-crônica da 2ª fase, o enfoque é o desaparecimento de costumes e tradições que estão sendo substituídos por outros, em face das mudanças e inovações que começam a ser experimentadas a partir da segunda metade do século XX. Mais do que de lamento, o sentimento é de preocupação, porque o tempo vai mudando, como o gosto estético, a substituição do cavalo pelo automóvel, a popularização do rádio, o gosto musical, a modernização das técnicas de pesca, a substituição da jangada por barcos mais velozes, movidos a óleo diesel, a utilização de novos instrumentos de pesca. Embora algumas dessas mudanças sejam positivas, não se pode apagar o passado e a sua história.

As cartas-crônica da 3ª fase recorda um tempo no sertão que não existe mais. O **tempo** é a palavra recorrente. O sertão das cercas de pedra, das louceiras, dos mestres seleiros, das engomadeiras, da cuspidreira, do queijo de coalho feito em alguidades de barro que ficou para trás, aliado à certeza de que “nada vem de hoje, tudo foi de ontem” (cf. C.C 057) e de que “o tempo leva e não traz” (cf. C.C 073) impõe o registro do passado guardado na memória. Portanto, o registro das lembranças evocadas pela memória, quer sejam alimentadas pela memória coletiva do grupo ou pelos registros historiográficos, é uma forma de preservar o passado com seus costumes e tradições.

7.3 A norma e a forma: as regularidades do discurso e a historicidade dos textos

Nesta dimensão optamos por analisar os elementos que constituem as regularidades da TD carta-crônica sem uma separação rígida entre as categorias da norma e da forma.

A norma deve ser entendida como uma repetição de modelos regulares que estão associados à tradição e à cultura de fala ou de escrita. A forma, por sua vez, está relacionada aos elementos que Maingueneau (2011, p 81) denominou de paratexto. O paratexto é formado por um “conjunto de fragmentos verbais que acompanham o texto propriamente dito”. Esses fragmentos, segundo o autor, tanto podem ser unidades mais amplas, como prefácios, ou unidades menores, como um título, uma assinatura, uma data, uma rubrica, notas de rodapé e comentários na margem do texto ou aspectos mais gráfico como tipo de letra, destaques em itálico ou negrito. É importante esclarecer que alguns elementos da forma são ocasionais, ou seja, podem aparecer ou não em gêneros da mesma espécie, como por exemplo, os subtítulos.

Não consideramos produtivo, no caso específico do nosso objeto de estudo, proceder, num primeiro momento, à separação dessas duas categorias de análise. Como argumento, verifiquemos o caso do gênero carta. Dizemos que um texto X é uma carta, quando nele identificamos os seguintes elementos: local e data, saudação inicial, o corpo (conteúdo temático), despedida e assinatura. Não é necessário, no entanto, que todos esses elementos ocorram ao mesmo tempo, pois a falta de uma assinatura, por exemplo, não interferirá na identificação por parte dos leitores, pois outros elementos normativos do gênero concorrem para esse reconhecimento.

Especialmente no caso da carta-crônica a presença de títulos, um elemento considerado como pertencente à forma, é o termo mais recorrente e faz parte da tradição do gênero. Diferentemente do que acontece com a assinatura e com as expressões de abertura e fechamento, elementos previstos pela norma, mas que não estão presentes em todos os textos

analisados, o título é recorrente em todas as cartas. Os títulos, mais do que outros elementos característicos dos gêneros epistolares, fazem parte da tradição da carta-crônica.

7.4 Elementos recorrentes da norma e da forma

Para operacionalizar a análise, selecionamos quatro elementos que dizem respeito à norma e à forma e que são recorrentes nas cartas-crônica: **termo de abertura** - marca de identificação do destinatário e o grau de proximidade entre os interlocutores; **termo de fechamento ou saudação final** - composta de expressões de despedida e de fechamento da carta; **título** - podem antecipar o conteúdo da carta; **assinatura** - sinaliza para a autoria da carta e, por fim, **local e data** - situam o texto em um tempo e lugar determinados.

Fizemos uma análise comparativa desses quatro traços recorrentes - normativos e/ou formais para observar as mudanças que afetaram o gênero ao longo do tempo e identificar o(s) termo(s) que se repetem em todos os textos da TD.

Esclarecemos que essa opção metodológica não significa negar que alguns elementos do paratexto (diagramação, formato da letra, travessões, aspas, extensão do texto, organização do texto na página em colunas, imagens etc.) sejam puramente formais.

Os quatro elementos - termos de abertura, termos de fechamento, assinatura e títulos foram organizados em quadros a fim de facilitar a identificação dos termos recorrentes e dos termos que sofreram mudanças ao longo da história:

a) **Recorrência dos termos de abertura (saudação inicial) que identificam os destinatários das cartas-crônica:**

Quadro 8 - Termos de saudação inicial

Termos de abertura (saudação inicial)						
1ª Fase	Recorrência	2ª Fase	Recorrência	3ª Fase	Recorrência	
Sr. Redator	25	Sr.	23	Woden	15	
		Redator		Woden velho de guerra	01	
				Seu doutor jornalista	01	
			Ausência de saudação	02	Amigo velho	01
		Meu caro amigo			01	
		Meu caro Woden			01	
		Woden, amigo velho			01	
		Ausência de saudação			02	

Fonte: Autora (2012).

Com base nas informações do quadro acima, verificamos que nas cartas-crônica da 1ª e da 2ª fases, o termo de abertura recorrente é “Sr. Redator”. Esse tratamento revela um menor grau de cumplicidade entre os interlocutores. Nas cartas-crônica da 3ª fase, há uma mudança significativa na forma de tratamento, pois, ao referir-se ao destinatário pelo primeiro nome ou ao chamá-lo de “amigo”, constata-se um alto grau de cumplicidade e informalidade na relação entre o produtor e seu destinatário. “Woden”, o primeiro nome do jornalista responsável pela coluna em que as cartas-crônica são publicadas, é a forma mais recorrente.

Uma possível hipótese para a mudança de tratamento entre os interlocutores na 3ª fase poderia ser o local em que essas cartas-crônica foram publicadas. Enquanto a maioria das cartas-crônica da 1ª fase saía na 1ª página e as da 2ª fase no interior do jornal, às vezes na página de classificados, às vezes no caderno de domingo, as cartas-crônica da 3ª fase sempre foram publicadas em uma coluna de opinião. Acreditamos que nesse espaço do jornal, há mais abertura para as manifestações de subjetividade, como a que possibilita a demonstração de relações de amizade entre o colunista e seus leitores⁹⁷.

b) Recorrência dos termos de fechamento (saudação final)

Quadro 9 - Termos de fechamento

Termos de fechamento (saudação final)					
1ª Fase	Recorrência	2ª Fase	Recorrência	3ª Fase	Recorrência
1. Constante leitor	08	1. Ausência de Despedida	25	1. Do amigo	01
2. Respeitador e creado	03			2. Adeus	01
3. Ausência de despedida	14			3. Até outra vista	01
				4. Cordialmente	01
				5. Dê lembranças a quem indagar por mim	01
				6. Seu amigo	01
				7. Abraço-lhe	01
				8. E você, como vai?	01
				9. Até outro dia, cabra velho	01
				10. Adeus, até outro dia	01
				11. Ausência de despedida	15

Fonte: Autora (2012).

⁹⁷A coluna “Jornal de WM” sempre publica cartas e bilhetes. Há cartas e bilhetes antigos, que ele encontra guardados nas gavetas e cartas recentes, todas publicadas na íntegra.

Os termos de despedida, que juntamente à assinatura marcam o fechamento do texto nas cartas em geral, não são recorrentes nas cartas-crônica. Das 75 cartas-crônica analisadas, em 54 delas esse termo não foi usado.

Nas cartas-crônica da 2ª fase não identificamos nenhum termo de despedida. Nas da 1ª fase, o produtor usou “Constante leitor” em 08 (oito) cartas publicadas em 1914 e “Respeitador e creado”, em 03 (três) cartas publicadas em 1926. No restante não identificamos a presença de termos de despedida.

Nas cartas-crônica da 3ª fase, identificamos 10 tipos de expressões de despedida que revelam o grau de intimidade entre o produtor e o destinatário. Mesmo assim, prevaleceu a ausência desse termo.

c) Recorrência da assinatura: a marca de autoria

Quadro 10 - Assinaturas identificadas nas três fases

Assinatura					
1ª Fase	Recorrência	2ª Fase	Recorrência	3ª Fase	Recorrência
Jacyntho Canella de Ferro ⁹⁸	25	Hélio Galvão	24	Paulo Balá	02
				Paulo de Balá	01
		Ausência de Assinatura	01	Paulo Bezerra	08
				Ausência de assinatura	14

Fonte: Autora (2012).

Os gêneros epistolares de forma geral trazem a assinatura do produtor do enunciado no final do texto, pois se trata de um elemento previsto na norma desse gênero. Há exceção a essa regra quando, por razões pessoais, alguém prefere ocultar-se, como acontece com as cartas anônimas.

Para falar de assinatura como um dos elementos que faz referência direta ao indivíduo que produziu o enunciado, vamos retomar alguns conceitos que têm por base a noção de polifonia de Bakhtin (2010). Maingueneau (1996) afirma que foi Ducrot (1987) que deu início à distinção entre sujeito falante e locutor. O sujeito falante é quem produz o enunciado a partir de seu trabalho mental; o locutor deve ser entendido com a instância que assume a responsabilidade do ato de linguagem. Nessa mesma perspectiva, Maingueneau (1996) propõe

⁹⁸Ao longo do tempo a grafia do nome vai perdendo letras, muda para Jacintho Canella de Ferro e Jacinto Canela de Ferro.

a distinção entre autor e escritor. O escritor equivale ao sujeito falante, é o sujeito que produz o enunciado. O autor não tem existência independente de seu papel enunciativo. Assim, autor e locutor são equivalentes. O fato de um escritor atribuir a autoria de um enunciado a um pseudônimo é, segundo Maingueneau (1996, p 87):

revelador do corte que o discurso literário estabelece entre a instância produtora e a instância que assume a enunciação. Assinar por pseudônimo é construir ao lado do “eu” biográfico a identidade de um sujeito que só tem existência na e pela instituição literária. O recurso ao pseudônimo implica a possibilidade de isolar, no conjunto ilimitado das propriedades que definem o escritor, uma propriedade particular, a de escrever literatura, e de fazer dela o suporte de um nome próprio.

Nas cartas-crônica da primeira fase, o escritor, Eloy de Souza, usa o pseudônimo “Jacinto Canela de Ferro”, que passa a ser a instância que assume a responsabilidade pelo enunciado. No caso dessas cartas-crônica, a distinção entre escritor e autor é evidente se considerarmos que Eloy de Souza era um sujeito muito culto, no entanto o *ethos* do narrador, ou seja, do autor dos textos é de um sertanejo quase ignorante, conforme sua fala nas duas passagens abaixo:

(124)

*O meu compadre dis-| se o nome do bicho, mas è tão a-| travessado que **lingua de sertanejo** | sem **grammatica não pode pronunciar**. (C.C. 001 - 03 de fevereiro de 1914)*

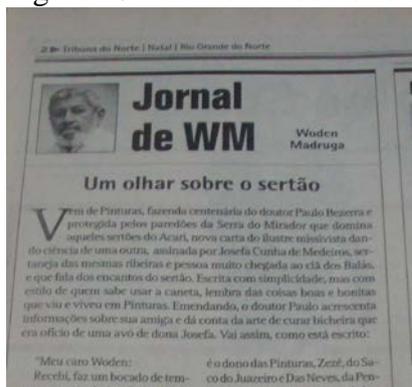
(125)

*Os meus confrontos são todos de | acordo com a **minha ignorancia**, por | isso, mal comparando, o que eu vi | deu-me a impressão de casa sem mu- | lher, ou fazenda sem dono. (C.C 003 - 12 de fevereiro de 1914)*

Nas cartas-crônicas da 1ª fase, o escritor ou sujeito falante não coincide com o locutor, instância responsável pelo enunciado. Ao contrário disso, na 2ª e 3ª fases, o escritor é o sujeito falante. Ou seja, o eu que fala é o eu dos dois escritores, sujeitos dos enunciados.

Um dado bastante significativo é a ausência de assinatura verificada nas cartas-crônica da 3ª fase. Entendemos que, especificamente no caso das cartas dessa fase, o fato serem publicadas numa mesma seção e de o colunista apresentar sempre um texto introdutório no qual cita o nome do autor (cf. figura), pode ser o motivo da ausência de assinatura. Não devemos esquecer, que, conforme já mencionou Marcuschi (2002), a ausência de elementos como esses não interferem na identificação do gênero.

Figura 20 – Texto introdutório nas cartas-crônica da 3ª fase



Fonte: *Tribuna do Norte*, Natal-RN. Disponível em:
<http://tribunadonorte.com.br/columa/2010/data/16-4-2006>

d) Recorrência do título: o elemento constitutivo da TD carta-crônica

O título é o elemento mais recorrente da TD carta-crônica, por isso podemos afirmar que ele é o elemento constitutivo dessa TD. Em todas as cartas-crônica analisadas, os títulos aparecem destacados em negrito e centralizados. Há títulos em caixa alta ou somente com a primeira letra maiúscula, mas de modo geral todos os títulos se destacam do restante do texto pelo tamanho da letra. Sobre essa questão, é preciso esclarecer que depois da primeira década do século XX, quando as primeiras cartas-crônica foram publicadas, a imprensa já contava com recursos inovadores que, segundo Martins; Luca (2008) permitiram uma melhor qualidade de impressão, uma maior variedade de tipos de letras e a presença de ilustrações, principalmente nos anúncios. Nessa fase as tipografias existentes em Natal ainda não possuíam tecnologia suficiente para a inserção de fotografias.

Como veremos nas imagens na página a seguir, os títulos das cartas-crônica nas três fases são centralizados e destacados, tanto pelo negrito quanto pelo tamanho das letras:

Figura 21 - Título das cartas-crônica da 1ª fase (série de 1914)

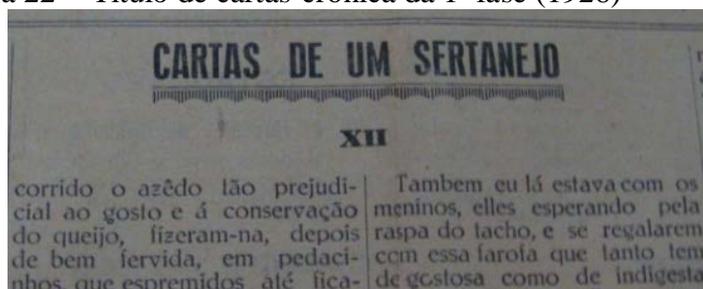


Fonte: *A República*, Natal-RN, 1914.

Todas as cartas-crônica publicadas em 1914, como o exemplar da figura 20 acima, receberam esse mesmo título (Cartas de um desconhecido) e foram grafados com a mesma fonte e com essa forma de apresentação.

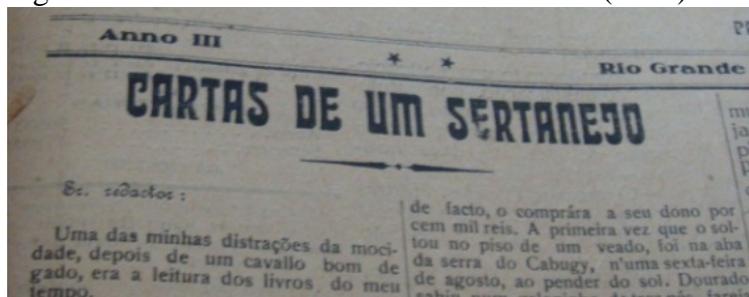
As cartas-crônica da série de 1926 receberam o título: Cartas de um sertanejo. Algumas cartas receberam numeração (números romanos) a fim de indicar a cronologia de publicação. Identificamos dois tipos de letras diferentes usados na escrita dos títulos, como mostram as figuras 22 e 23 a seguir:

Figura 22 - Título de cartas-crônica da 1ª fase (1926)



Fonte: *Diario de Natal* (Propriedade do “Centro da Imprensa Catholica”), Natal-RN, 1926.

Figura 23 - Título de cartas-crônica da 1ª fase (1926)



Fonte: *Diario de Natal* (Propriedade do “Centro da Imprensa Catholica”), 1926.

Em todos os títulos das cartas-crônica da série de 1938 – Cartas Sertanejas – foi adotado o mesmo padrão de letra, conforme mostra a figura a seguir:

Figura 24 - Título de cartas-crônica da 1ª fase (série de 1938)



Fonte: *A República*, Natal-RN, 1938.

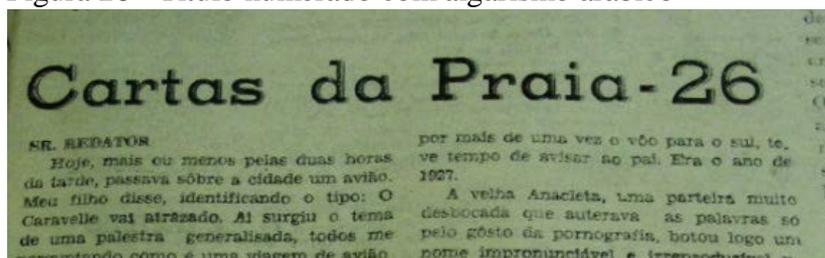
Das 25 cartas-crônica que compõem a amostra da 2ª fase, 24 receberam o mesmo título: “Cartas da Praia”. Somente em um exemplar identificamos o termo “cartas da praia” como subtítulo (figura 28). Os títulos dessa série de carta aparecem numerados, porém não há uniformidade em relação ao estilo numérico, ora as cartas aparecem com numeração romana (figura 25), ora com numeração arábica (figura 26). Também não há uniformidade quanto ao tipo da fonte, pois as letras, ora são grafadas em caixa alta, ora em letras minúsculas.

Figura 25 - Título numerado com algarismo romano



Fonte: *Tribuna do Norte*, Natal-RN, 1967.

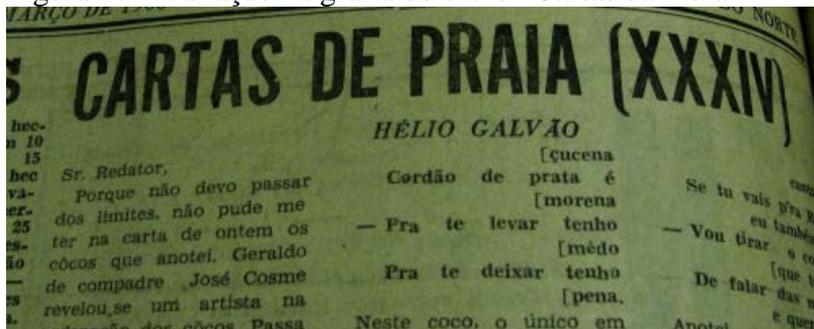
Figura 26 - Título numerado com algarismo arábico



Fonte: *Tribuna do Norte*, Natal-RN, 1967.

Também observamos variação da preposição “da” e “de”. Uma das hipóteses é que essa variação seja resultado de um equívoco de digitação, pois só encontramos uma ocorrência, como podemos confirmar na figura 27 abaixo:

Figura 27 - Variação na grafia do título “Cartas da Praia”



Fonte: *Tribuna do Norte*, Natal-RN, 1968.

Em um único exemplar, como já mencionamos, o produtor utiliza um título que antecipa a temática da carta e o termo “Cartas da Praia” aparece como subtítulo, conforme figura a seguir:

Figura 28 - Carta-crônica da 2ª fase com título e subtítulo



Fonte - *Tribuna do Norte*, Natal-RN, 1980.

As cartas-crônica da 3ª fase, diferentemente dos exemplares da 1ª e da 2ª fases possuem títulos que antecipam o conteúdo da carta. Quanto ao aspecto gráfico, seguem o mesmo padrão das anteriores, com títulos destacados e centralizados, conforme imagem da figura 29 abaixo:

Figura 29 - Título de uma carta-crônica da 3ª Fase



Fonte: *Tribuna do Norte*, Natal-RN, 1997.

É importante ressaltar que, o que estamos considerando como título nas cartas-crônica que compõem a amostra da 1ª e da 2ª fases (figuras de 20 a 26) poderiam também identificar uma seção no jornal, pois comumente os títulos são únicos e a repetição de um mesmo nome pode caracterizar uma seção. No entanto, o fato de as cartas-crônica ocuparem páginas diferentes no jornal e o fato de alguns exemplares serem numerados, demonstra uma tentativa do produtor de identificar cada texto. Em função disso, consideramos mais coerente atribuir-lhe o status de título.

No quadro 11 a seguir, indicamos todos os títulos das cartas-crônica que compõem o corpus analisado:

Quadro 11 - Títulos identificados nas três fases

Títulos				
1ª Fase	Recorrência	2ª Fase	Recorrência	3ª Fase
Cartas de um desconhecido	08	Cartas da Praia	24	1. Do Vaqueiro, do nhambu e da vergalha do boi; 2. Do Cristo do Ingá; 3. Da arte de construir cercas de pedra; 4. A arte das louceiras do Seridó;
Cartas de um Sertanejo	07	Cartas da Praia: O cruzeiro barroco	01	5. Da arte de fazer cercas no Seridó;
Cartas Sertanejas	10			6. Da arte de fazer a legítima carne de sol; 7. De como começou a feira de Acari; 8. De Paulo Balá a cultura popular; 9. Da arte dos mestres seleiros do Seridó; 10. Arte de vaquejar o gado; 11. A sabedoria das cartas e dos bilhetes; 12. Quando se acendem os candeeiros; 13. A difícil arte de engomar; 14. Das panelas de barro e das chaleiras de flandre; 15. A arte dos ferros de ferrar boi; 16. Dos usos e costumes de ontem; 17. Onde se ensina a delicada arte de capar; 18. Da arte de abrir cacimbas; 19. Fumo, coisa do cão 20. Um olhar sobre o sertão; 21. Xiquexique: riqueza do sertão; 22. O rádio no sertão; 23. O encanto da festa da padroeira; 24. Das mezinhas santas do sertão; 25. Comendo no sertão II.

Fonte: Autora (2012).

Os dados mostram claramente que o título é a manifestação linguística mais recorrente nas cartas-crônica. É a forma evocada como uma tradição do gênero. De certo, a indicação de títulos para as cartas-crônica tem relação com a crônica, um gênero que apresenta título como um elemento obrigatório. O título, portanto, é parte constitutiva da carta-crônica e pode ser tomado como um elemento da historicidade, por meio do qual os textos estabelecem uma relação de tradição entre si.

Quanto à natureza dos títulos, na 1ª fase, cujas cartas-crônica fazem parte de três séries, escritas em anos diferentes, foi atribuído um título específico para cada série, respectivamente: *Cartas de um desconhecido*, *Cartas de um sertanejo* e *Cartas sertanejas*. Na primeira fase, somente as cartas da segunda série (1926), intituladas “Cartas de um sertanejo” apareceram numeradas, seguindo a cronologia de publicação.

Todas as cartas-crônica que compõem a 2ª fase receberam o mesmo título: *Cartas da Praia*, porém aparecem numeradas, também seguindo a ordem cronológica em que foram publicadas. Há sequências com numerais romanos e sequências com numerais arábicos (cf. figuras 26 e 27).

Nas cartas-crônica da 3ª fase, os títulos passam a ser únicos, ou seja, cada carta traz um título diferente, geralmente relacionado à temática da carta (cf. quadro 11).

e) Local e data

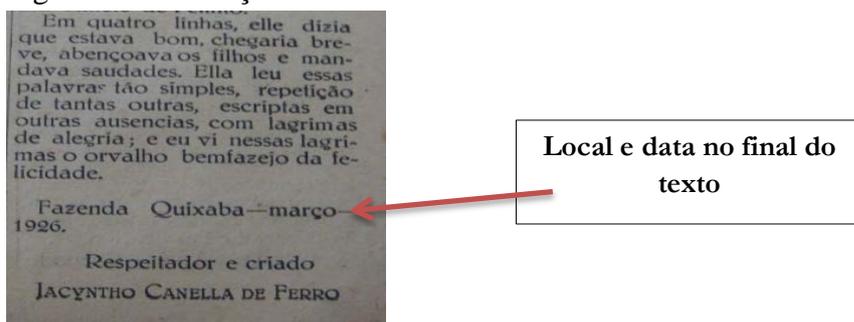
A indicação do local e data da escritura do texto, que se refere ao local e ao tempo em que o texto foi produzido, aparece em alguns exemplares. Nas cartas-crônica da série “Cartas de um sertanejo”, que contituem parte da amostra da 1ª fase, o produtor indica alguns locais de onde as cartas foram remetidas: *Cidade de Jardim (C.C 09)*, *Parelhas (C.C 010)*, *Angicos (C.C 011)*, *Fazenda Quixaba (C.C 012, 013, 014 e 015)*. Ao lado do local, segue a indicação do dia, mês e ano.

Nas cartas-crônica da 2ª fase, a indicação do local não está expressa, embora a praia de Tibau do Sul seja descrita como o local de produção dos textos, como na seguinte passagem: *Aqui na praia onde me encontro, vou encontrando a cada passo os sinais de mudança (C.C. 026)*.

Nas cartas da 3ª fase, o produtor inclui em algumas cartas informações sobre data: *Abraço-lhe em 12 de 12 de 2000, (C.C 061)* e sobre local e data: “*Troca Tapas, 28 de agosto de 2002 (C.C 066)*; *Sítio de pai Mané, 5 de janeiro de 2006 (C.C 068)*; *Pinturas, 25 de março de 2006 (CC 069)*.

Como podemos verificar, a indicação de local e data não é um elemento obrigatório, embora sua inclusão seja significativa. Outro dado identificado é que, a indicação de local e data, podia ser inserida tanto no início quanto no fim do texto. No exemplo abaixo, essa informação aparece no final do texto:

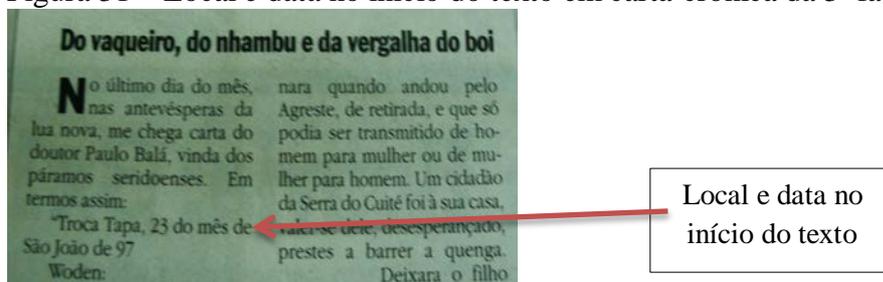
Figura 30 - Indicação de local e data no final do texto em carta-crônica da 1ª fase



Fonte: *Diario de Natal* (Propriedade do “Centro da Imprensa Catholica”), 1926.

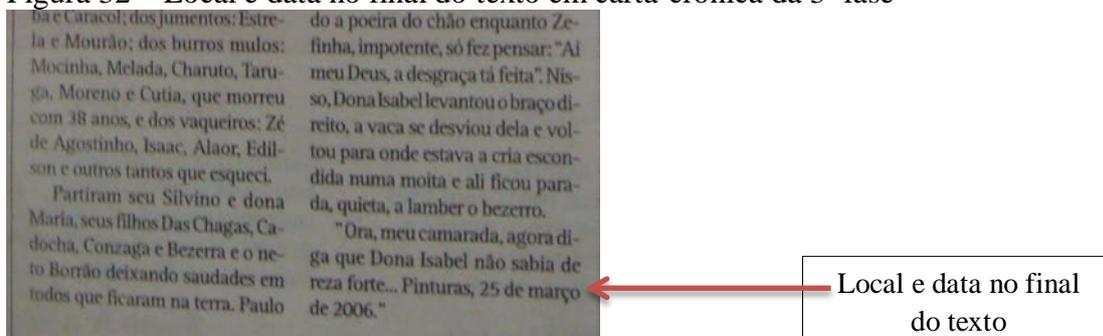
Já nas cartas-crônica da 3ª fase, essa informação ora é colocada no início do texto, seguindo o modelo prototípico das cartas pessoais, como na figura 31, ora no final, como mostra a figura 32:

Figura 31 – Local e data no início do texto em carta-crônica da 3ª fase



Fonte: *Tribuna do Norte*, Natal-RN, 1997.

Figura 32 – Local e data no final do texto em carta-crônica da 3ª fase



Fonte: *Tribuna do Norte*, Natal-RN, 2006.

As análises das instância norma e forma nos revelaram que o título se contitui em elemento normativo da carta-crônica, ou seja, dentre os elementos prototípicos da epistolaridade o título está presente em todos os exemplares do *corpus*. Com relação aos demais elementos prototípicos da epistolaridade – local e data, saudação inicial e saudação final e assinatura, constatamos que eles não aparecem em todos os exemplares.

Como já mencionamos anteriormente, a ausência de um ou outro elemento no texto da carta-crônica não compromete sua epistolaridade. E mesmo se o texto não apresentar nenhum desses elementos, a presença do título nomeando o gênero como “carta”, especificamente nas cartas-crônicas da 1ª e da 2ª fases, é suficiente para sua identificação por parte dos leitores.

Não podemos esquecer que a falta de rigidez em relação às formalidades previstas pelos gêneros epistolares deve-se à natureza literária da carta-crônica. Essa condição possibilita aos produtores a manifestação do estilo individual (BAKHTIN, 2003).

Constatamos também que as cartas-crônica da 1ª e da 2ª fase seguem um mesmo padrão na forma de atribuição de títulos, ou seja, os produtores repetem o mesmo título para identificar a série de cartas e dessa forma prender a atenção do leitor. De certa forma, esse é um elemento que reforça a TD. No entanto, as cartas da 3ª fase apresentam uma mudança significativa, pois passam a trazer títulos únicos, numa clara demonstração de que a TD mudou.

Quanto às formas de abertura e de tratamento dispensado ao destinatário das cartas, podemos observar que as cartas das 1ª e 2ª fase mantêm a formalidade, ao adotarem o termo “Sr. redator”. Mais uma vez, o produtor das cartas da 3ª fase rompe com a tradição da forma “Senhor redator” e a substitui por expressões mais coloquiais e informais, que revelam o grau de intimidade entre o produtor e seu destinatário.

É importante mencionar que o fato de as cartas-crônica da 3ª fase serem remetidas a um colunista do jornal, e o fato de tratar-se de uma coluna de opinião em que são mencionados uma grande variedade de assuntos, permita uma relação menos formal entre os interlocutores.

Essas mudanças provam que os gêneros e as TD, como entidades sócio-históricas, estão em contante transmutação, muito embora precisem manter certos padrões de regularidade para assegurar sua existência no mundo discursivo.

Para finalizar este estudo, passaremos às considerações finais com o propósito de retomarmos os resultados obtidos nas análises desenvolvidas. Considerando, ainda, que este estudo não esgotou todas as possibilidades de estudo, apresentaremos outras propostas de pesquisa que podem ser desenvolvidas com base no *corpus* coletado.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As escolhas que foram feitas nesta pesquisa para estudar o objeto que selecionamos - a carta-crônica - não esgotaram, nem poderiam, as possibilidades para outras investigações. O percurso teórico-metodológico traçado, com o objetivo de descrever o gênero e estudar o seu percurso histórico, tomando-o como TD, abriu caminhos que não tínhamos previsto quando elaboramos nosso projeto de pesquisa.

O primeiro aspecto que chama atenção do pesquisador que se propõe a estudar um gênero epistolar é perceber que o termo “carta” é genérico e não remete a um gênero de discurso específico. É por isso que, ao longo do tempo, as cartas foram se atrelando a atividades específicas ligadas aos diversos domínios discursivos. Essa possibilidade de transformar-se, transmutar-se, reelaborar-se para atender a propósitos comunicativos diferentes se explica pela extrema versatilidade dos gêneros, e, especialmente da carta. As cartas são extremamente plásticas, pois se moldam a diversas situações nas e pelas quais os indivíduos precisam estabelecer contato com os seus pares nas diversas esferas de atividade. Mas não é só isso, há algumas situações prototípicas, em domínios mais formais e institucionalizados nos quais certos tipos de acordos e de comunicados somente podem ser intermediados por meio de cartas.

Os textos que assumem formas da epistolaridade possuem certas características formais prototípicas, já consolidados historicamente. Como os gêneros epistolares são variados e em grande quantidade, e como cada domínio discursivo possui modelos relativamente estabilizados de cartas, propomos como ponto de partida para estudá-las os agrupamentos com base nos domínios discursivos em que diferentes gêneros epistolares são produzidos e circulam.

Bezerra (2011), em consonância com outros teóricos dos gêneros, afirma que, no mundo real, os gêneros discursivos não atuam sozinhos, mas interrelacionados com outros. Nesse sentido, para caracterizar a carta-crônica, foi necessário analisá-la relacionando-a com gêneros dos discursos literário e cotidiano e com outros gêneros epistolares do domínio jornalístico.

O passo seguinte foi, com base na teoria enunciativa de Bakhtin (2003, 2010), caracterizar e descrever os elementos que fazem parte da constituição desse gênero híbrido e ainda não descrito. Nessa perspectiva procuramos responder a questões que nos levassem a conhecer, do ponto de vista linguístico-discursivo, os elementos que diferenciam a carta-crônica de outros gêneros epistolares que circulam no jornal. Os resultados da análise comparativa entre a carta-crônica, a carta do leitor e a carta aberta, três gêneros epistolares

típicos do jornal, revelaram que o propósito comunicativo e a predominância da narrativa são os dois critérios que determinam o *status* desse gênero, situado entre as práticas discursivas do jornalismo e da literatura.

As reflexões sobre as relações que o gênero carta-crônica estabelece com outros gêneros e sobre sua constituição nos levaram a rever os conceitos de transmutação e de hibridização. A motivação partiu de uma reflexão apresentada por Araújo (2006), a respeito da relação entre transmutação e hibridismo. A dúvida desse autor era: o hibridismo é um fenômeno resultante da transmutação? Chegamos à conclusão, com base nos argumentos defendidos por Bakhtin (2010) sobre o romance polifônico, que o hibridismo, entendido como mistura de gêneros, de fato resulta da transmutação.

Em decorrência disso, apresentamos uma proposta de revisão do conceito de transmutação apresentada por Zavam (2009, 2012). A autora, considerando a transmutação como um fenômeno constitutivo dos gêneros, defende que toda e qualquer mudança que afete os gêneros em seu percurso histórico resulta do fenômeno da transmutação. Não obstante os avanços apresentados para as pesquisas sobre a história dos textos e os ganhos que nossa pesquisa alcançou com a proposta da autora, passamos a defender, com base nos dados analisados na presente tese, que, após estabilizarem-se os gêneros podem sofrer mudanças e podem atualizar-se sem, necessariamente misturarem-se com outros gêneros. Se compararmos exemplares de um mesmo gênero, o anúncio, por exemplo, produzidos em tempos diferentes, podemos observar mudanças que atualizam o texto ao seu momento histórico. Isso não significa que necessariamente todo gênero atualiza-se por meio da hibridização, ou seja, mesclando-se com outros gêneros.

Concordamos que não há gêneros puros, pois todo gênero surge de um outro (TODOROV, 1980), porém os gêneros, ao se estabilizarem, passam a conservar características próprias que facilitam sua identificação e produção por parte dos usuários.

Em função disso, propusemos uma nova classificação que dê conta de explicar as diversas formas pelas quais os gêneros podem atualizar-se. Concordamos com a classificação de Zavam (2009, 2012) com relação à transmutação criadora, pois os gêneros podem originar outros e com relação à transmutação inovadora externa, pois os gêneros podem reelaborar-se misturando-se com outros. Mas, como entendemos que a transmutação implica mistura de gêneros, ou seja, que a hibridização decorre da transmutação e como é possível no percurso histórico que um determinado gênero se renove sem hibridizar-se, propomos que a categorização **transmutação inovadora interna**, definida por Zavam (2009, 2012), possa ser compreendida como uma forma de **renovação sem hibridização**.

Assim, todos os gêneros estariam submetidos a dois fenômenos que lhe são constitutivos: o fenômeno da **transmutação**, que envolve qualquer tipo de atualização com mescla de gêneros e o fenômeno da **renovação sem hibridização**, quando, comparando um mesmo gênero ao longo do tempo, as mudanças não são ocasionadas por mescla de gêneros, mas se resumem a adequações para atender a novas contingências (históricas, sociais, culturais, políticas etc.).

As análises nos mostraram também que a compreensão do gênero carta-crônica passa pela observação das relações que ele estabelece com outros gêneros. Apresentando características de carta e de crônica, por sua vez um gênero híbrido. Os gêneros de carta que estão em relação direta com a carta-crônica são aqueles que circulam nos domínios cotidiano (carta pessoal); jornalístico (carta do leitor) e literário (carta-literária). A carta-crônica compõe-se de elementos oriundos desses três mundos discursivos: conserva o coloquialismo típico da carta pessoal e também da crônica; mistura ficção e realidade, resultante do hibridismo entre os domínios jornalístico e literário e, finalmente, à semelhança dos gêneros literários como o romance, transmutam vários outros gêneros. Entendemos que os gêneros transmutados que nós identificamos na análise dos dados (notícia, caso, reza forte, ditados populares, poema, repente, anedota, dedicatória, carta familiar) contribuem para reforçar a natureza híbrida, plástica e versátil da carta-crônica e de tantos outros gêneros epistolares.

Além desse aspecto, observamos que alguns dos gêneros transmutados estão diretamente relacionados com práticas discursivas típicas de determinadas culturas, como o caso, o repente, o ditado popular, a reza forte etc. que são exemplos representativos da cultura sertaneja.

A segunda parte da análise consistiu em estudar a carta-crônica como uma TD, numa perspectiva diacrônica. Essa perspectiva exigiu a adoção de um quadro teórico-metodológico capaz de assegurar a observação de aspectos relativos à história dos textos. O aporte teórico foi o conceito de Tradição Discursiva (KABATEK, 2004a,b) e o caminho metodológico que adotamos tomou como modelo a proposta de Zavam (2009) para a análise diacrônica de gêneros. Embora tenhamos adaptado o modelo aos objetivos desta pesquisa e às especificidades de nosso objeto de estudo, mantivemos os dois pilares centrais para uma análise diacrônica: a dimensão do contexto e a do texto. Para operacionalizar a análise, o *corpus* foi dividido em três fases que correspondem, respectivamente, à cronologia de publicação das cartas-crônica (início do século XX, meados do século XX e final do século XX e primeira década do século XXI) e aos espaços que ambientam as narrativas: sertão – mar – sertão.

Na dimensão do contexto, privilegamos a história social como uma categoria de análise. Selecionamos relatos sobre fatos e pessoas que marcaram a história do Rio Grande do Norte, quer sejam aspectos mais gerais ou aspectos mais localizados, típicos de um determinado grupo (os vaqueiros, os artesãos, os mestres seleiros, as louceiras, os pescadores etc.) ou de um determinado lugar (uma feira, uma praça, um vilarejo, uma vila de pescador, uma fazenda etc.). As análises mostraram que as cartas-crônica podem ser consideradas como uma rica fonte através da qual é possível reconstruir aspectos do entorno sócio-histórico em que elas foram produzidas e circularam.

Para analisar a categoria do **texto**, foi necessário identificar o traço definidor dessa TD, ou seja, o elemento que pode ser considerado o traço de evocação. As análises mostraram que a evocação ao passado é o traço de repetição que relaciona esses textos ao longo de sua história. Falar do passado, seja por meio da memória individual dos produtores, seja por meio da memória coletiva, é o traço recorrente da carta-crônica.

A memória revelou lembranças de tempos antigos, de tradições e costumes que ficaram guardados, mas precisam ser registrados para não se perderem. É nesse sentido que podemos afirmar que o propósito comunicativo das cartas-crônica é registrar o passado, enquanto ele ainda está vivo na memória, para preservá-lo.

Os dados analisados nos levaram a concluir que, embora todas as cartas-crônica priorizem o passado, visto como modelo para o presente, em cada uma das fases as lembranças são materializadas de forma distinta e refletem o momento histórico da escrituração, afinal de contas toda crônica se propõe a ser “crônicas de seu tempo”. Portanto, a análise das cartas-crônica da 1ª fase revelaram as saudades que o narrador sente de fatos vivenciados durante a infância: os amigos, as moças, as viagens a cavalo, as fazendas de criação de gado, os vaqueiros, os repentistas, a carne de sol, as mezinhas etc. São lembranças evocadas predominantemente pela memória individual do autor.

Nas cartas-crônica da 2ª fase, há uma constatação do momento de mudança pela qual a sociedade passa e, conseqüentemente, essas mudanças são responsáveis pelo desaparecimento de costumes e tradições que são substituídos por outros. As lembranças surgem mais pela observação de um novo cenário no qual faltam elementos do passado. As saudades carregam um sentimento de preocupação, porque o tempo muda o gosto estético, os hábitos tradicionais, os costumes cultivados pela tradição. O produtor lembra, por exemplo, que em Tibau do Sul não se vêem mais jangadas, pois elas foram substituídas por barcos movidos a óleo diesel. Da mesma forma, não existem mais redes de pesca feitas com fio de algodão, pois

foram substituídas por redes de *nylon*.. Embora algumas dessas mudanças sejam positivas, lamenta-se que o passado e a sua história sejam apagados.

Por fim, as cartas-crônica da 3ª fase revelaram as lembranças de um sertão que já não existe mais, a não ser nos registros que a memória pode fazer. Observamos que o produtor refere-se ao passado como um tempo que precisa ser valorizado, pois “tudo vem de ontem”, ou seja, tudo o que temos e somos e todos os valores que aprendemos são herança dos antepassados. O sertão retratado nas cartas-crônica da 3ª fase é utópico, por isso não pode se perder na memória daqueles que ainda lembram as histórias do sertão e dos sertanejos de antigamente.

As últimas instâncias de análise, a norma e a forma, revelaram que, apesar de um recorte temporal pequeno, algumas mudanças foram significativas. Com relação às formas de saudação inicial, o tratamento “Sr. Redator” recorrente nas duas primeiras fases, foi substituído por expressões informais, como “Caro amigo” que revelam uma relação de cumplicidade entre os interlocutores.

Com relação à norma, entendida como uma repetição de modelos regulares que estão associados à tradição e à cultura de fala ou de escrita, o traço recorrente mais produtivo da carta-crônica é a presença de títulos. Todos os exemplares do corpus apresentam título, a despeito da falta de assinatura, de saudação final e de local e data que verificamos em vários exemplares do *corpus*.

Como mencionamos no primeiro parágrafo destas considerações, esta análise destacou somente os aspectos previstos pelos objetivos traçados. Porém, outras possibilidades de pesquisa podem ser vislumbradas, entre as quais destacamos:

- a) A natureza linguística (ortográfica/lexical) desse corpus merece um estudo a parte;
- b) Há bastante material para investigar formas de letramento, como, por exemplo, o valor da palavra empenhada que dispensa o registro escrito;
- c) O estudo do *ethos* dos enunciadores das cartas-crônica. As imagens que constroem de si pode ser tema de uma tese;
- d) A heterogeneidade discursiva mostrada e constitutiva. Há uma grande quantidade de vozes que enunciam;
- e) O estudo do léxico do sertão e do litoral;

- f) O estudo da *dêixis*. Em um levantamento feito nas cartas-crônica da 1ª fase, para a escrita de um artigo (inédito), identificamos uma quantidade bastante produtiva de dêiticos discursivos de lugar e tempo, mas certamente há outros tipos de dêiticos, como os de memória que podem ser analisados em pesquisas futuras. .

Essas sugestões de continuidade da pesquisa mostram que os resultados obtidos são apenas uma forma particular de olhar esse objeto e que outras reflexões podem ser feitas, pois as possibilidades são inesgotáveis.

REFERÊNCIAS

- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2002.
- AMARAL, Aracy (Org.). **Correspondência de Mario de Andrade e Tarsila do Amaral**. São Paulo: Edusp. 2001.
- AMORIM, Marília. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006, p. 95 -114.
- ANDRADE, Maria Lúcia C. V. de Oliveira. Tradições discursivas em cartas de leitores na imprensa paulista: estudo dos papéis sociais e formas de tratamento numa perspectiva diacrônica. I **Simpósio Mundial de Estudos da Língua Portuguesa (SIMELP)**. São Paulo: Unisul, v.1, 2008a.
- ANDRADE, Maria Lúcia C. V. de Oliveira. Cartas do leitor: a interatividade na correspondência publicada em jornais. **Revista da ANPOLL**, v. 01, n. 25, p. 138-165, 2008b.
- ANDRADE, Maria Lúcia C. V. de Oliveira. O gênero crônica e a prática escolar. **Filologia e linguística portuguesa**. n. 6, p. 267-279, 2004
- ARAÚJO, Júlio César. Um percurso teórico-metodológico para o estudo de constelações de gêneros. **Linguagem em (Dis)curso**, vol.12, n.1, p. 187-212, 2012a.
- ARAÚJO, Júlio César. Do propósito comunicativo ao processo formativo: focalizando o conceito de constelação de gêneros. In: FIGUEIREDO, Débora de Carvalho; BONINI, Adair; FURLANETTO, Maria Marta; MORITZ, Maria Ester Wollstein. (Org.). **Sociedade, cognição e linguagem: apresentações do IX CELSUL**. Florianópolis: Insular, p. 41-66, 2012b.
- ARAÚJO, Júlio César. Transmutação de gêneros na web: a emergência do chat. In: MARCUSCHI, Luis. A.; XAVIER, Antônio. C. (Org.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2010, p. 109-134.
- ARAÚJO, Júlio César. "Pra tã c a galera vc tem q abreviar muito": o internetês e as novas relações com a escrita. In: DIEB, Messias. (Org.). **Relações e saberes na escola: os sentidos do aprender e do ensinar**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 119-134.
- ARAÚJO, Júlio César. **Os gêneros chats: uma constelação de gêneros na Internet**. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) - Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.
- ARAÚJO, Júlio César. A organização constelar do gênero chat. In: **XX Jornada Nacional de Estudos Linguísticos**. João Pessoa: ANAIS. João Pessoa: Ideia, p. 1279-1292, 2004.
- ARAÚJO, Júlio Cesar; BIASI-RODRIGUES, Bernardete. Questões de estilo no gênero chat aberto e implicações para o ensino de língua materna. In: ARAÚJO, Júlio César (Org.) **Internet e ensino: novos gêneros, outros desafios**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 78-92.

ASKEHAVE, Iner; SWALES, John. Identificação de gênero e propósito comunicativo: um problema e uma possível solução. In: BEZERRA, Benedito G.; BIASI-RODRIGUES, Bernardete; CAVALCANTE, Mônica M. (Org.) **Gêneros e sequências textuais**. Recife: EDUPE, 2009, p. 221-246.

AZEVEDO, Jucicléa M. de. Culinária do Seridó: um elemento de identidade territorial. In: MACEDO, Helder Alexandre M de; Marcos Antônio A. de ARAÚJO; Rosenilson da S. SANTOS (Orgs.) **Seridó Potiguar: tempos, espaços, movimentos**. João Pessoa-PB: Ideia, 2011, p. 187-202.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5ª ed. Tradução Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, [1929] 2010.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 4ª ed. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, [1979] 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance**. São Paulo: Unesp, Hucitec, 1988.

BAKHTIN, Mikhail e VOLOSHINOV, Valentin N. **El signo ideológico y la filosofía del lenguaje**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1976.

BARBOSA, Afrânio; LOPES, Célia. (Org.). **Críticas, queixumes e bajulações na Imprensa Brasileira do Século XIX: cartas de leitores**. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Letras/FAPERJ, 2006.

BARROS NETO, João P. **Administração Pública no Brasil: uma breve história dos Correios**. São Paulo: Annablume, 2004.

BAZERMAN, Charles. Systems of genre and the enactment of social intentions. In: **Genre and the new Rhetoric**. 1994, p. 79-101. Disponível em: <<http://education.ucsb.edu/bazerman/chapters/chapters1.html>> Acesso em: 31 out. 2011.

BAZERMAN, Charles; DIONÍSIO, Ângela Paiva e HOFFNAGEL, Judith Chambliss (Org.). **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005.

BENEVIDES, Gilmar. **Helio Galvão: o saber como herança**. Natal: Moura Ramos, 2007.

BENVENISTE, Émile. A linguagem e a experiência humana. In: **Problemas de Linguística Geral II**. 2ª ed. Campinas-SP: Pontes, [1974] 2006.

BEZERRA, Benedito G. Agrupamento de Gêneros: discutindo terminologias e conceitos. In: **Anais do VII Congresso Internacional da Abralín**. Curitiba: 2011, p. 602-610

BEZERRA, Benedito G. Colônia de gêneros: o conceito e seu potencial analítico. In: IV SIGET, 2007. **Anais do IV Simpósio Internacional de Estudos de Gênero Textuais**. Tubarão/SC: UNISUL, 2007, p. 715-728.

BEZERRA, Paulo. **Cartas dos Sertões do Seridó**. Natal: Lidador, 2000.

BEZERRA, Paulo. **Outras Cartas do Sertão do Seridó**. Natal-RN, Editora do autor, 2004.

BEZERRA, Paulo. **Novas Cartas dos Sertões do Seridó**. Natal-RN: Editora do autor, 2009.

BHATIA, Vijay. K. Análise de gêneros hoje. In: BEZERRA, Benedito G; BIASI-RODRIGUES, Bernardete; CAVALCANTE, Mônica Magalhães (Org.). **Gêneros e sequências textuais**. Recife: EDUPE, 2009, p.159-195.

BHATIA, Vijay. K. **Words of written discourse: a genre-base view**. London: Continuum, 2004.

BHATIA, Vijay. K. Applied genre analysis: analytical advances and pedagogical procedures. In: JOHNS, A. M. (ed.) **Genre in the classroom: multiple perspectives**. Mahwah, Nj: Lea, 2001, p. 279-283.

BHATIA, Vijay. K. Integrating products, processes, purposes and participants in Professional writing. In: CANDLIN, C. N. e HYLAND, K. (E) **Writing: texts, processes and practices**. New York: Longman, 1999, p. 21-39.

BIASI-RODRIGUES, Bernardete. A trajetória do gênero anúncio em jornais cearenses dos séculos XIX e XX. In: Júlio César Araújo; Bernardete Biasi-Rodrigues; Messias Holanda Dieb. (Org.). **Seminários linguísticos: discurso, análise linguística, ensino e pesquisa**. Mossoró: **Edições UERN**, 2010, p. 17-33.

BONINI, Adair. Mídia / suporte e hipergênero: os gêneros textuais e suas relações. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada** [online]. Minas Gerais: v.11, n.3, p. 679-704, 2011.

BONINI, Adair. Os gêneros do jornal: o que aponta a literatura da área de comunicação no Brasil? **Linguagem em Dis(curso)**. Tubarão-SC: v. 4, n. 1, p. 205-23, jul./dez., 2003.

BRANDÃO, Helena H. Negamine; ANDRADE, Maria Lúcia V. C. O. Cartas da administração privada e cartas particulares: estudo da organização discursiva. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.). **História do Português Paulista**. Campinas: UNICAMP, 2009, p. 721-733.

BRAIT, Beth; MELO, Rosineide de. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In: BRAIT, Beth (Org.) **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 61-78.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. São Paulo: Educ, 1999.

BYINGTON, Silvia I. **Pentimentos modernistas: as cores do Brasil na correspondência entre Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade**. Dissertação. (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura. Rio de Janeiro: PUC, 2000.

CANDIDO, Antônio. A vida ao rés-do-chão. In: CÂNDIDO, Antônio [et all]. **A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas-SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, p. 13-22.

CARDOSO, Marília Rothier. Carta de leitor: reflexões a partir de uma seção do arquivo de Pedro Nava. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádía Battella (Org.) **Prezado Senhor, Prezada Senhora: estudos sobre cartas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História da Cidade do Natal**. 3ª ed. Natal: RN Econômico, 1999.

CASTRO, Hebe. História Social. In: CARDOSO, Ciro F. e VAINFAS, Ronaldo.(Org.) **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CHARTIER, Roger. **La correspondance: les usages de la lettre au XIX Siècle**. Paris: Fayard, 1991.

COSERIU, Eugenio. **Lingüística del texto: Introducción a la hermenêutica del sentido**. Edición, anotación y estudio previo de Óscar Loureda Lamas. Madrid: Arco/Libros S.L., 2007.

COSERIU, Eugenio. Criatividade e Técnica Linguística: os três níveis de linguagem. In: COSERIU, Eugenio. **Lições de Linguística Geral**. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1980.

COSERIU, Eugenio. **Teoria da linguagem e linguística Geral**. Trad. Agostinho Dias Carneiro. Coleção Linguagem 3. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1979.

COSTA, Rafael R. de; ARAÚJO, Júlio César. A reelaboração do gênero telenovela na migração entre suportes visuais. **Anais do VII Congresso Internacional da Abralin**. Curitiba: 2011. Disponível em: <www.julioaraujo.com> Acesso em: 12 set. 2011.

COSTA, Rafael Rodrigues da. **A TV na web: percursos da reelaboração de gêneros audiovisuais na era da transmídia**. 2010. 173 f. Dissertação. (Mestrado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

DEVITT, J. Amy. Intertextuality in tax accounting: generic, referential and functional. In: BAZERMAN, C.; PARADIS, J. G. (Ed.) **Textual dynamics of the professions: historical and contemporary studies of writing in professional communities**. University of Wisconsin Press, Madison, WI. 1991, p. 336-357.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987

FAIRCLOUGH, Noam. **Analyzing discourse: textual analysis for social research**. London, New York: Routledge, 2003.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. Curitiba: Criar Edições, 2006.

FARIA, Oswaldo L. de. **Velhos costumes do meu sertão**. Natal: Nordeste Gráfica, 2006.

FARIA, Oswaldo L. de. **Sertões do Seridó**. Brasília: Gráfica do Senado federal, 1980.

FERNANDES, Anchieta. Imprensa Oficial surge com Diário do Império. In: **Suplemento Nós do RN**. Natal: Diário Oficial do Estado do Rio Grande do Norte. Ano II, n. 22, set.2006. Disponível em: < <http://www.dei.rn.gov.br/>> Acesso em: 29 de set. 2011.

FIORIN, José Luiz. O romance e a representação da heterogeneidade constitutiva. In: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristovão; Gilberto de CASTRO (Org.). **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba, Editora da UFPR, 1999, p. 127-164.

FIX, Ulla. O cânone e a dissolução do cânone. A intertextualidade tipológica – um recurso estilístico “pós-moderno”? **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 261-281, jan./jun. 2006.

GALVÃO, Hélio. **Cartas da Praia**. Natal-RN: Scriptorin Candinha Bezerra: Fundação Helio Galvão, 2006.

GALVÃO, Walnice Nogueira e GOTLIB, Nádya Battella (org.) **Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GASPAN-JASMIN, Élise. **Lampião: senhor do sertão: vidas e morte de um cangaceiro**. Trad. Maria Celeste Franco F. Marcondes e Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. 1ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOHN, Maria da Glória. **História dos movimentos e lutas sociais: a construção da cidadania dos brasileiros**. 3 ed. São Paulo: Loyola, 2003.

GOMES, Maria Carmen A. Considerações sobre gêneros híbridos, mídia e mudança social. **Trabalhos em Linguística Aplicada**. Campinas, v. 41, p. 9-22, jan./jun. 2003. Disponível em: <<http://www.iel.unicamp.br/revista/index.php/tla/article/view/2232/1744>> Acesso em: 24 set. 2012.

GOMES, Edna Maria R. de Sá. Arquivo confidencial. In: ARAÚJO, Humberto H. de (Org.) **Histórias de letras: pesquisas sobre a literatura no Rio Grande do Norte**. Natal: Scriptorin Candinha Bezerra; Fundação Helio Galvão, 2001, p. 95-118.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da Esfera Pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. 2 ed. Trad. Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro Editora, 2006.

HANKS, William F. O que é contexto? In: BENTES, Anna Cristina; RESENDE, Renato C; MACHADO, Marco Antonio R. (Org.) **Língua como Prática Social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2008.

KABATEK Johannes. **Tradições discursivas e a mudança linguística**. Texto apresentado no encontro PHPB em Itaparica-BA, set. 2004a, p. 1-23. Disponível em: <<http://www.kabatek.de/discurso/itaparica.pdf>> Acesso em: 15 de out. de 2008.

KABATEK Johannes. Sobre a historicidade de textos. Trad. José da Silva Simões. **Linha d'Água**, nº 17, p. 160 - 167, nov. 2004b. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlc/lport/linhadagua/images/arquivos/LD/17/traducao2004.pdf>> Acesso em: 15 out. 2012.

KEWITZ, Verena e SIMÕES, Jose da Silva. Normas linguísticas, história social, contatos linguísticos e tradições discursivas: transformando encruzilhadas em novos caminhos para a

construção de *corpora*. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira (Org.) **História do Português Paulista**. Vol. I. Campinas: UNICAMP/Publicações IEL, 2009, p. 699-720.

KOCH, Ingedore V.; BENTES, Ana Cristina; CAVALCANTE, Mônica. M.

Intertextualidade: diálogos possíveis. São Paulo: Cortez, 2007.

KOCH, Ingedore V.; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, Peter. Tradiciones discursivas y cambio lingüístico: el ejemplo del tratamiento *vuestra merced* en español. In: KABATEC, Johannes. **Sintaxis histórica del español y cambio lingüístico**: nuevas perspectivas desde las Tradiciones Discursivas. Frankfurt am Main/Madrid: Vervuert-Iberoamericana, 2008, p. 53-88

KOCH, Peter. Diskurstraditionen: zu ihrem sprachtheoretischen Status und ihrer Dynamik. In: FRANK, Barbara; HAYE, Thomas e TOPHINKE, Doris (Org.). **Gattungen mittelalterlicher Schriftlichkeit**. Tübingen: Narr, 1997, p. 43-79.

KRESS, G.; van LEEUWEN, T. **Reading images: the grammar of visual design**. London, Routledge, 1996.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão [et al.]. 5 ed. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2003.

LIMA-NETO, Vicente e ARAÚJO, Júlio César. Por uma rediscussão do conceito de intergenericidade. In: **Linguagem em (Dis)curso**. Tubarão-SC; v. 12; n. 1; jan./abr. 2012, p. 273-297. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ld/v12n1/v12n1a13.pdf>>. Acesso em 24 de setembro de 2012> Acesso em: 24 set. 2012.

LOPES, Ana Keyla C. **Uma colônia de gêneros anúncio**. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística) Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

LOPES, Célia Regina dos Santos. Tradição textual e mudança linguística: aplicação metodológica em cartas de sincronias passadas. In: MARTINS, Marco Antônio e TAVARES, Maria Alice. **História do português brasileiro no Rio Grande do Norte**: análise linguística textual da correspondência de Luís da Câmara Cascudo a Mário de Andrade – 1924-1944. Natal-RN: EDUFURN, 2012, p. 19-53.

LOPEZ, Telê A. Uma ciranda de papel: Mario de Andrade destinatário. In: GALVÃO, Walnice Nogueira e GOTLIB, Nádia Battella (org.) **Prezado senhor, prezada senhora**: estudos sobre cartas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 275-285.

MACEDO, Muirakytan K de. **A penúltima versão do Seridó**: uma história do regionalismo seridoense. Natal; Campina Grande: EDFURN; EDUEPB, 2012.

MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. In: BRAIT, Beth (Org.) **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 151-166.

MACHADO, Irene. Os gêneros e a ciência dialógica do texto. In: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristovão; CASTRO, Gilberto de (Org.). **Diálogos com Bakhtin**. Curitiba, Editora da UFPR, 1999, p. 225-272.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Trad. Cecília P. de Souza e Silva e Décio Rocha. 6 ed. São Paulo: Editora Cortez, 2011.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso Literário**. Trad. Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.

MARCUSCHI, Luiz A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz A. A questão do suporte dos gêneros textuais. **DLCV: Língua, Linguística e Literatura**. João Pessoa: v. 1, out. 2003, p. 9-40.

MARCUSCHI, Luiz A. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTINS, Sylvia J. de A. **A linguagem de Drummond na crônica: um estudo linguístico estilístico**. 1984. Tese. (Doutorado em Letras) Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, UNESP-Araraquara, 1984.

MEDEIROS, José Augusto B. de. **Seridó**. Brasília: Gráfica do Senado Federal, 1980.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petropolis: Vozes, 1985.

MEYER, Marlyse. Voláteis e versáteis: de variedades e folhetins se fez a chronica. In: CÂNDIDO, Antônio [et all]. **A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas-SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, p. 93-133.

MILLER, Carolyn R. Genre as Social Action. In: FREEDMAN, A. e MEDWAY, P. (Org.) **Genre and the new rethoric**. London: Taylor e Francis, 1994, p. 23 -42.

MORAES, Marcos Antônio. **Câmara Cascudo a Mario de Andrade: cartas de 1924 a 1944**. São Paulo: Global, 2010.

MORAES, Marcos Antônio. “Orgulho de jamais aconselhar”: Mario de Andrade e os moços. In: GALVÃO, Walnice Nogueira e GOTLIB, Nádia Battella (Org.). **Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 287-295.

MORAIS, Ione R. D. A Construção do Seridó. In: MAIA, Amélia de S. R. e MACEDO, Helder Alexandre M. de (Org.). **Bom dia sertões**. Natal: FAPERN, 2008.

NERY, Vanda C. Albieri. Rezas, Crenças, Simpatias e Benzeções: costumes e tradições do ritual de cura pela fé. In: **Anais do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Brasília-DF, 2006. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/trabalhoscompletosbusca1.htm>> Acesso em: 09 mai. 2012.

NOBRE, Kennedy C.; BIASI-RODRIGUES, Bernardete. Sobre cadeia de gêneros. **Linguagem em (Dis)curso**. v.12, n.1, p. 214-230, 2012.

OESTERREICHER, Wulf. Zur Fundierung von Diskurstraditionen. In: Thomas Haye/Doris Tophinke (Org.) **Gattungen mittelalterlicher Schriftlichkeit**. Tübingen: Narr, 1997, p. 19–41.

ORLIKOWSKI, Wanda J. e YATES, Joanne. Genre repertoire: the structuring of communicative practices in organizations. In: **Administrative science quarterly**, n. 39, p.541-574, 1994.

PAGANO, A. S. Gêneros híbridos. In: MAGALHÃES, C. (Org.). Reflexões sobre a Análise Crítica do Discurso. **Estudos Linguísticos**. v. 2. Belo Horizonte: POSLING-UFMG, p. 83-103, 2001

PAIVA, Francis. A. A leitura de gênero textual multimodal: a hipertextualidade do infográfico. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN. 6., 2009, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: UFPB, 2009. v. 1. p. 3666-3674.

PEIXOTO, Marcos. **Extensão Rural no Brasil: uma abordagem histórica da Legislação**. Brasília: Centro de estudos do Senado Federal, 2008. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/senado/conleg/textos_discussao/TD48-MarcusPeixoto.pdf> Acesso em: 08 nov. 2012.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2008.

POSSENTI, Sírio. **Os limites do discurso**. Curitiba: Criar Edições, 2002.

RIZZINI, Carlos. **O jornalismo antes da tipografia**. São Paulo: Editora Companhia Nacional, 1977.

ROCHA, André C. **A epistolografia em Portugal**. Coimbra: Almedina, 1965.

RODRIGUES, Ângela C. S; LIMA-HERNANDES, Maria Célia e SPAZIANI, Lúcia. Graus de imperatividade em cartas brasileiras. In: CASTILHO, Ataliba (Org.). **História do português paulista**. Campinas: 2009, p. 255-265.

RODRIGUES, Maria Coeli Saraiva. **Multimodalidade e tradição discursiva: um estudo sobre o gênero anúncio publicitário**. 2011. 163 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (Org.). **Gêneros, teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 152-183.

ROSSETI, Regina e VARGAS, Herom. A recriação da realidade na crônica jornalística brasileira. **UNirevista**, v. 1, n 3, jul. 2006. Disponível em: <www.unirevista.unisinos.br> Acesso em: 28 mar. 2012.

SCHLIEBEN-LANGE, Brigitte **Traditionen des Sprechens. Elemente einer pragmatischen Sprachgeschichtsschreibung**. Stuttgart: Kohlhammer, 1983.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento. In: **História, Memória, Literatura: o testemunho na era das catástrofes**. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2003, p. 59-88.

SILVA, Jane Quintiliano Guimarães. **Um estudo sobre o gênero carta pessoal: das práticas comunicativas aos indícios de intertextualidade na escrita do texto**. 2002. 2009 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

SILVA, Vera Lúcia Paredes. Variações tipológicas no gênero textual carta. In: KOCH, Ingedore V.; BARROS, Kazue S. Monteiro de. **Tópicos em linguística de texto e análise da conversação**. Natal: Editora da UFRN, 1997, p. 118-124.

SILVA, Adriano Wagner da; MEDEIROS, Gabriel L. P. de. A integração do território do Rio Grande do Norte pelos açudes e estradas de ferro. **Revista Fazendo História**. Ano I, ed I: 2008, p. 61-83 . Disponível em: < <http://www.cchla.ufrn.br/fazendohistoria>>. Acesso em: 28 set. 2011.

SILVEIRA, Alex do S. da e LIMA, Rosângela D. W. G. de. Saúde Pública, atraso e reabilitação nacional: República Velha e depois... **Revista Espaço Acadêmico**, n. 35, abr. 2004. Disponível em:< http://www.espacoacademico.com.br/035/35esilveira_lima.htm> Aceso em: 16 out. 2012.

SIMÕES, José da Silva; KEWITZ, Verena . Tradições discursivas e organização de corpora. In: AGUILERA, Vanderci. (Org.). **Para a história do português brasileiro**. Vozes, veredas, voragens. Tomo II. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2009, v. VII, p. 467-530.

SIMÕES, José da Silva; KEWITZ, Verena. Traços linguístico-discursivos em *corpora* do Português Brasileiro. **Estudos Linguísticos XXXV**, 2006, p. 1018-1027.

SIMÕES, José da Silva. **Cartas Paulistas dos séculos XVIII e XIX: uma contribuição para os corpora do PHPB**. v.1, São Paulo: Associação Editorial Humanitas, publicação em CD-ROM, 2006.

SOUSA, Maria Margarete Fernandes. **A organização textual-discursiva dos anúncios de turismo no Ceará**. 2005. 212 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

SOUZA, Eneida Maria de. **Correspondência de Mario de Andrade e Henriqueta Lisboa**. São Paulo: Edusp/Peirópolis, 2010.

SOUZA, Eneida Maria de. A dona ausente: Mario de Andrade e Henriqueta Lisboa. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Battella (Org.). **Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 297-306

SOUZA, Itamar de. **A República Velha no Rio Grande do Norte (1889-1930)**. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1989.

SOUZA, Eloy de. **Memórias**. 2. ed. Brasília: Gráfica do Senado Federal, 2008.

SOUZA, Eloy de. **Cartas de um Sertanejo**. Brasília: Gráfica do Senado Federal, 1983.

SOUZA, Eloy de. **Cartas de um Desconhecido**. Seleção, prefácio e notas de Raimundo Nonato. Natal: Fundação José Augusto, 1969.

SPINUZZI, Clay. Describing Assemblages: Genre Sets, systems, Repertoires, and Ecologies. **Computer Writing and Research Lab**. 2004. Disponível em: <<http://www.dwrl.utexas.edu/sites/default/files/040505-2.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2011.

SWALES, John M. **Research genres: explorations and applications**. New York: Cambridge University Press, 2004.

SWALES, John M. **Genre analysis: English in academic and research settings**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

SWALES, John M.. Repensando gêneros: nova abordagem ao conceito de comunidade discursiva. In: BEZERRA, Benedito Gomes; BIASI-RODRIGUES, Bernardete; CAVALCANTE, Mônica Magalhães (Org.). **Gêneros e seqüências textuais**. Recife: EDUPE, 2009, 197-220.

TÁVORA, Antonio Duarte F. A subsunção da categoria suporte de gêneros pela noção de interação. **Linguagem em (dis) curso**. Tubarão-SC; v. 12, n. 1, jan./abr. 2012, p. 299-324.

TÁVORA, Antonio Duarte F. **Construção de um conceito de suporte: a matéria, a forma e a função interativa na atualização de gêneros textuais**. 2008. Tese (Doutorado em Linguística). Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

TEIXEIRA, Maria da Conceição R. A filologia textual: o revelar de aspectos da história. Cadernos do XII CNLF, Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2008. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/xiicnlf/>>. Acesso em: 03 out. 2012.

TODOROV, Tzvetan. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

TRINDADE, Sérgio Luiz Bezerra. **Introdução à História do Rio Grande do Norte**. Natal: Sebo Vermelho, 2007.

ZAVAM, Áurea. Transmutação: criação e inovação nos gêneros do discurso. In: **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 12, n. 1, p. 251-271, jan./abr. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ld/v12n1/v12n1a12.pdf>>. Acesso em: 24 set. 2012.

ZAVAM, Áurea. Por uma abordagem diacrônica dos gêneros á luz da concepção de trição discursiva: um estudo com editoriais de jornal. 2009. 420f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

WAHL JORGENSEN, Karin. Understanding the conditions for public discourse: four rules for selecting letters to the editor. In: **Journalism Studies**, Philadelphia, Routledge. v.3, n.1, , p. 69-81, 2002.

WERNECK, Maria Helena. “Veja como ando grego, meu amigo”. Os cuidados de si na correspondência machadiana. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádya Battella (org.) **Prezado senhor, prezada senhora: estudo sobre cartas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 137-146.

YATES, Simeon. J. Computer-Mediated Communication: the future of the letter? In: BARTON. D.; HALL, N. (Ed.). **Letter writing as a social practice**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2000. p. 233-251.